



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Interlocuções entre a meritocracia e o *coaching*:

uma análise das relações de poder

AMANDA BORBA RAMOS SILVA

UBERLÂNDIA, 2021

AMANDA BORBA RAMOS SILVA

Interlocuções entre a meritocracia e o *coaching*: uma análise das relações de poder

Interlocutions between meritocracy and *coaching*: an analysis of power relations

Dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para obtenção do título de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia.

Orientador: Profa, Dra. Renata Fabiana Pegoraro

Co-orientador: Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke

UBERLÂNDIA, 2021

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 2021	<p>Silva, Amanda Borba Ramos, 1991- Interlocuções entre a meritocracia e o coaching [recurso eletrônico] : uma análise das relações de poder / Amanda Borba Ramos Silva. - 2021.</p> <p>Orientadora: Renata Fabiana Pegoraro. Coorientador: João Fernando Rech Wachelke. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.616 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Psicologia. I. Pegoraro, Renata Fabiana, 1974-, (Orient.). II. Wachelke, João Fernando Rech, 1982-, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Psicologia. IV. Título.</p> <p>CDU: 159.9</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nome: Silva, Amanda Borba Ramos

Título: Interlocuções entre a meritocracia e o *coaching*: uma análise das relações de poder

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra.: Marili Peres Junqueira

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Assinatura:

Profa. Dra.: Fabíola Rodrigues Matos

Instituição: Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Assinatura:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umuarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 383, PGPSI				
Data:	Sete de dezembro de dois mil e vinte e um	Hora de início:	19:30	Hora de encerramento:	21:46
Matrícula do Discente:	11912PSI001				
Nome do Discente:	Amanda Borba Ramos Silva				
Título do Trabalho:	Interlocuções entre a meritocracia e o coaching: uma análise das relações de poder				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Desafios do Cuidado na Rede de Atenção Psicossocial				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Fabiola Rodrigues Matos - UEMG; Marili Peres Junqueira - INCIS/UFU; Renata Fabiana Pegoraro, orientadora da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que a Prof.^ª Dr.^ª Fabiola Rodrigues Matos participou da cidade de Montes Claros - MG, a Prof.^ª Dr.^ª Marili Peres Junqueira - INCIS/UFU, a Prof.^ª Dr.^ª Renata Fabiana Pegoraro, e a discente Amanda Borba Ramos Silva participaram da cidade de Uberlândia - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr.^ª Renata Fabiana Pegoraro apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Renata Fabiana Pegoraro, Professor(a) do Magistério Superior**, em 07/12/2021, às 21:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabíola Rodrigues Matos, Usuário Externo**, em 07/12/2021, às 21:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marili Peres Junqueira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 07/12/2021, às 21:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3156080** e o código CRC **8E40D4C0**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu quero agradecer as minhas amigas. Posso dizer, sem me preocupar com as palavras, que sem vocês essa dissertação não teria sido possível. Renata Elisa, Michelle Marques, Lívia Focchi, Fernanda Utumi e Gabriela Guedes. A Renata eu agradeço imensamente todo o suporte, as palavras acolhedoras, as boas discussões e indagações. Sem você o processo de apropriação do espaço de pesquisadora e psicóloga não teria sido o mesmo. A Michelle agradeço por sempre me lembrar que a vida é muito mais do que a academia e por ampliar a forma como penso o mundo, principalmente por se fazer presente nos momentos em que eu esqueço disso. A Lívia, agradeço o colo, o carinho e a paciência, assim como pelo compartilhamento dos momentos de desespero, de medo e angústia. Sinto-me extremamente grata por ter podido dividir com uma amiga tão querida um dos processos tão difícil. A Fernanda agradeço o companheirismo nos estudos, as ótimas leituras e discussões, assim como os momentos em que conversamos sobre as dificuldades. A Gabriela agradeço por ter sido uma peça chave e cotidianamente presente até mais da metade do processo dessa dissertação.

Agradeço aos meus orientadores, Renata e João, por terem embarcado em um trabalho que não é, exatamente, referente as suas áreas de pesquisa. Ao João, obrigada pelas correções, pelas dicas, conversas, suportes, disponibilidade, enfim, por toda presença e aprendizado que foi todo esse processo. A Renata agradeço especialmente a disponibilidade por embarcar nessa nos “5 minutos finais do segundo tempo” e ter sido uma figura essencial para conclusão desse trabalho.

Agradeço a todos os professores e espaços de compartilhamento de estudos que eu não conhecia e que busquei auxílio ao longo desse processo. Principalmente a Marili e aos professores do LEDIF, que mesmo sem me conhecer, me acolheram e foram essenciais nas indicações de leituras e nas discussões.

Agradeço a minha família. Aos meus pais, que mesmo sem entender e muitas vezes discordando dos caminhos que meu pensamento percorre, nunca deixaram de acreditar em mim. Um mestrado não teria sido possível se vocês não tivessem me apoiado durante toda a graduação. A minha avó Joice, pessoa muito amada que nunca deixou de estar amavelmente presente. Obrigada por terem compreendido a minha ausência.

Agradeço ainda ao CNPq pela bolsa de estudos (abril/2019 a maio/2020) que possibilitou durante um período dedicação integral ao desenvolvimento da pesquisa.

Muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa busca apresentar a temática da meritocracia, considerando seus aspectos teórico-conceituais no que se refere a reverberações sociais, econômicas, históricas e culturais, os quais são abordados pelas referências bibliográficas que discorrem sobre o fenômeno. Com o objetivo de compreender o discurso e as práticas meritocráticas, escolheu-se a FEBRACIS, para se observar de que modo uma instituição de *coaching*, que se autodeclara meritocrática promove esta socialmente e possui materiais acessíveis publicamente. Para isto, enquanto metodologia optou-se pela análise documental e a análise temática como ferramenta metodológica associada à análise documental, para o aprofundamento nos materiais, sendo estes dois livros, “O poder da ação” (Vieira, 2015) e “O poder da autorresponsabilidade” (Vieira, 2017a), assim como o site instituição, fontes que possibilitaram um aprofundamento do objetivo. Os materiais escolhidos abordam de forma acessível e ampla as técnicas, ferramentas e conceitos do método CIS, proposta de modelagem institucional e o conceito de autorresponsabilidade, o qual aproxima-se de modo mais veemente da meritocracia. Destes materiais, aplicados os métodos, foram extraídos resultados que indicaram haver, nos discursos e práticas institucionais, um conjunto de técnicas, ferramentas e conceitos que visam à construção de um indivíduo específico, o super-humano, possível a partir da jornada do progresso humano, a qual engloba o método CIS. Não obstante, nos resultados observou-se a relevância exercida pelo criador do método e presidente da instituição. Com isso, na discussão, foi analisado a função do presente na instituição, a relevância da religião e da ciência nos discursos e práticas institucionais e no método CIS, assim como a jornada do progresso humano e suas quatro etapas (consciência, autorresponsabilidade, visão positiva de futuro e as ferramentas poderosas de progresso). Para a discussão, foram utilizados conceitos de Michel Foucault no intuito de problematizar os pontos ressaltando, considerando sua função disciplinadora. Por fim, conclui-se que houve uma contribuição aos estudos sobre a meritocracia e que fora possível observar de que modo as práticas e discursos do método CIS, da instituição cooperam para a constituição de um indivíduo de sucesso por meio do adestramento, da docilização de corpos úteis, voltando-se para produtividade e competitividade.

Palavras-chave: meritocracia; *coaching*; mecanismo disciplinar; controle; docilização.

ABSTRACT

This research seeks to present the theme of meritocracy, considering its theoretical-conceptual aspects with regard to social, economic, historical and cultural reverberations, which are addressed by bibliographical references that discuss the phenomenon. In order to understand meritocratic discourse and practices, FEBRACIS was chosen to observe how a coaching institution, which declares itself meritocratic, promotes it socially and has publicly accessible materials. For this, as a methodology, we opted for document analysis and thematic analysis as a methodological tool associated with document analysis, to deepen the materials, these two books, "The power of action" (Vieira, 2015) and "The power of self-responsibility" (Vieira, 2017a), as well as the institution website, sources that made it possible to deepen the objective. The chosen materials address, in an accessible and broad way, the techniques, tools and concepts of the CIS method, institutional modeling proposal and the concept of self-responsibility, which is closer to meritocracy. From these materials, after applying the methods, results were extracted that indicated that there was, in institutional discourses and practices, a set of techniques, tools and concepts aimed at building a specific individual, the super-human, possible from the journey of human progress, which encompasses the CIS method. However, the results showed the relevance exerted by the creator of the method and company's president. Thus, the discussion analyzed company's president role in the institution, the relevance of religion and science in institutional discourses and practices and in the CIS method, as well as the journey of human progress and its four stages (awareness, self-responsibility, positive vision of the future and the powerful tools of progress). For the discussion, Michel Foucault's concepts were used in order to problematize the highlighted points, considering their disciplining function. Finally, it is concluded that there was a contribution to studies on meritocracy and that it was possible to observe how the practices and discourses of the CIS method, the institution cooperate for the constitution of a successful individual through training, from the docilization of useful bodies, turning to productivity and competitiveness.

Key-words: meritocracy; coaching; disciplinary mechanis; control; docilization

Sumário

1. Introdução.....	8
1.1 A noção de meritocracia: o termo e sua emergência.....	12
1.2 Afinal, o que é meritocracia?.....	18
1.2.1 Ideologia do mérito.....	21
1.2.2 Meritocracia como ordenação social.....	27
1.2.3 O indivíduo do mérito.....	46
1.3 Breve desenvolvimento sociohistórico das características meritocráticas.....	51
1.4 O <i>coaching</i>	70
1.5 A FEBRACIS.....	84
1.6 Objetivos.....	96
1.6.1 Objetivo Geral.....	96
1.6.2 Objetivos Específicos.....	96
2. Metodologia.....	97
2.1 Tipo de estudo.....	97
2.2 Procedimentos de análise.....	99
2.3 Aspectos conceituais a partir de Michel Foucault.....	105
3. Resultados.....	117
3.1 Resumo dos materiais analisados.....	117
4. Análise.....	159
4.1 Sobre o indivíduo.....	159
4.2 Dos discursos.....	169
4.2.1 A religião e o presidente da instituição.....	169
4.2.2 Sobre a ciência.....	180
4.2.3 O método CIS.....	189
4.3 Das práticas: Ferramentas poderosas de progresso.....	218
5. Considerações Finais.....	233
6. Referências.....	236
7. Apêndices.....	248
7.1 Apêndice 1.....	248
7.2 Apêndice 2.....	260

1. Introdução

O primeiro contato da pesquisadora para com a temática da meritocracia ocorreu em 2015, ano no qual se desenvolveu uma pesquisa de iniciação científica que utilizou de questionários de opinião pública enquanto ferramenta. Tais questionários obtinham informações sociodemográficas (idade, escolaridade, raça, renda e afins) e traziam afirmações às quais remetiam a meritocracia no intuito de averiguar a aderência da população local as crenças e valores meritocráticos. Nesta pesquisa quantitativa, cruzaram-se os dados obtidos sobre renda e escolaridade às afirmativas meritocráticas, sendo que houve aderência a tais crenças. Devido a tal aderência, compreendeu-se que novas pesquisas sobre a temática poderiam contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno.

A presente pesquisa propõe abordar a chamada ideologia do mérito (McNamee & Miller Jr., 2014; Littler, 2018). O ponto de início se dá a partir do próprio vocábulo, posto que desde o final da década de 50 a palavra começava a ser veiculada na Inglaterra (Young, 2001; Celarant, 2009), adentrando no vocabulário brasileiro a partir dos anos 2000 (Barbosa, 2003). As contradições e peculiaridades que constituem a meritocracia não se restringem ao termo, tangenciam ainda as limitações de sua concepção enquanto uma ideologia, dada a amplitude de diferentes fenômenos sociais, econômicos, históricos, políticos e subjetivos em que as crenças meritocráticas são situáveis, como afirma Littler (2018) ao considerar a meritocracia como um modo de ordenação social.

O conjunto de crenças propagado pela meritocracia traz em seu bojo uma proposição lógica na qual os indivíduos são merecedores, dignos de recompensas a partir da sua capacidade de contribuir em algum aspecto ético e moralmente valorizado, como, no caso, a produtividade e a eficiência (McNamee & Miller Jr., 2014). Tal lógica parte primordialmente de uma compreensão moderna do indivíduo enquanto ser autônomo, principal responsável

pelos seus ônus e bônus, direcionador de seu destino e parte do progresso social (McNamee & Miller Jr., 2014). Com isso, o progresso social vincula-se a perspectivas de avaliação do desempenho individuais, ou seja, à capacidade produtiva de cada indivíduo em provar seu valor por meio de seus esforços e habilidades (Barbosa, 2003).

No desenvolvimento da pesquisa, em um primeiro momento foi executada uma revisão das principais referências bibliográficas sobre a meritocracia visando compreender as origens do termo, suas características basilares e presença em discursos da atualidade (Seção 1.1). A partir de tal revisão, na seção 1.2 busca-se apresentar de que modo a meritocracia é descrita enquanto uma ideologia (1), um modo de organização social (2) e as características atribuídas ao indivíduo do mérito (3). Cada um dos três aspectos mencionados é abordado em subseções.

Na seção 1.2.1 buscou-se pontualmente discorrer sobre como a ideologia compreendida (Walker, 1995; Eagleton, 1997) e suas aproximações com as percepções de Foucault (1979/2019a; 2014) sobre a verdade, o poder e o discurso. Na seção 1.2.2, para se pensar os atravessamentos entre a meritocracia e a organização social (Littler, 2018), é abordada a relação entre indivíduo e sociedade (Weber, 2004; Elias, 1994; Giddens, 2003; Leme, 2006).

Nesta seção, busca-se ainda explicitar suas implicações na exclusão (Sawaia, 2001; Wanderley, 2001; Veras, 2001), na desigualdade e na mobilidade social (Nascimento, 1994). Já na seção 1.2.3 visou-se apresentar as características do indivíduo meritocrático a partir de suas características (Barbosa, 2003; McNamee & Miller Jr., 2014) e a compreensão de virtude (Maquiavel, 1532/1996; Sadek, 1999).

Considerando os entrelaçamentos individuais, sociais e ideológicos da meritocracia, em seguida, faz-se um breve desenvolvimento de suas aproximações sócio-históricas, visando

apresentar de que modo o indivíduo moderno se constitui e é constituído a partir de processos sócio-históricos (Seção 1.3). Neste intuito, discorre-se brevemente sobre o indivíduo moderno (Kant, 1784/1990; Hall, 2006) e os aspectos históricos (Hobsbawm, 2016) e socioeconômicos que o constituem (Smith, 1999; Weber, 2004; Scalón, 1999; Foucault, 1979/2008a; Dardot & Laval, 2016).

Nos estudos sobre a meritocracia pode-se observar que o indivíduo meritocrático é esforçado e preza pelo aprimoramento de suas habilidades (McNamee & Miller Jr., 2014), este deve ser produtivo, autônomo, competitivo, empreendedor e tendo o trabalho como ponto central de sua vida (Barbosa, 2003). Nota-se que o discurso do *coaching* possui aproximações com as crenças meritocráticas apresentadas ao construir ferramentas, técnicas e uma teoria que visa um desenvolvimento humano correspondente às demandas de produtividade contemporâneas (Grant, 2005). Com isso, fez-se necessário compreender o que é, quais as características e como foram constituídas as práticas do *coaching* (Seção 1.4)

Para este trabalho, o objeto empírico delimitado foi a instituição Federação Brasileira de *Coaching* Integral Sistêmico (FEBRACIS), posto que esta possui documentos públicos acessíveis, uma proposta metodológica para suas práticas e um arcabouço conceitual, observáveis no método CIS (Seção 1.5). Considerando tais aspectos, foram selecionados para análise os livros “O poder da ação” (Vieira, 2015), “O poder da autorresponsabilidade” (Vieira, 2017a) e o *website* institucional.

Desta forma, o estudo tem como objetivo geral identificar as aproximações entre o discurso do *coaching* e da meritocracia (Seção 1.6). Entende-se que o fenômeno do *coaching* correlaciona-se às duas facetas apresentadas pela meritocracia. A primeira diz respeito ao reconhecimento individual a partir de ideais do desenvolvimento humano de habilidades a partir do trabalho duro enquanto ética que leva ao progresso humano (McNamee & Miller Jr.,

2014), já a segunda refere-se às implicações sociais da meritocracia, a qual emerge como um dispositivo de formação de um homem que é “empresa de si mesmo” (Dardot & Laval, 2016). Dentre os objetivos específicos pretendeu-se analisar as práticas e discursos da FEBRACIS.

Enquanto metodologia, optou-se pela análise documental apresentada por Cellard (2012) e Spink, Ribeiro, Conejo e Souza (2014), utilizando-se da análise temática enquanto ferramenta para o tratamento dos dados (Souza, 2019) (Seção 2). A partir das ferramentas utilizadas pode-se extrair enquanto resultados uma interpretação dos materiais analisados (Seção 3). Dos procedimentos da análise temática ainda foi possível delimitar os temas utilizados na análise, a saber: o tipo de indivíduo almejado, o método CIS e suas etapas do progresso humano e a relevância da função de Paulo Vieira nas técnicas, conceitos e ferramentas do CIS e da instituição.

Tais temas forneceram uma base para organização e descrição dos materiais na análise (Seção 4). Na análise buscou-se apresentar as aproximações entre a meritocracia e o indivíduo de sucesso delineado e moldado pela FEBRACIS, focalizando suas práticas e discursos. Para isto, recorreu-se aos escritos de Foucault (2014), especificamente sobre o poder e os mecanismos disciplinares, no intuito compreender as relações de poder que perpassam tal formação. A partir disto, nas considerações finais (Seção 5), são expostos as contribuições do trabalho e seus limites, ressaltando-se as possibilidades do que ainda pode ser desenvolvido a despeito da meritocracia e do *coaching*.

1.1 A noção de meritocracia: o termo e sua emergência

Uma parte majoritária da literatura que aborda a meritocracia credits a criação do termo a Michael Young, sociólogo inglês, que em 1958 publica a distopia “*The Rise of Meritocracy*”. O livro possui similitudes com a sociedade atual, mas, apesar de ter como objetivo chamar atenção para os possíveis desdobramentos da denominada ideologia do mérito, a história se afasta das realidades sociohistóricas que precederam seu lançamento. Como respalda Celarant (2009), “publicado há 90 anos, este livro levantou todas as questões sobre estratificação por meio de sua fantasia inesquecível. Mas a história real da “meritocracia” traiu a visão de Young” (Celarant, 2009, p. 2)¹². Em 2009, ano da citação de Celarant, o livro completava 51 anos, ainda assim, as questões sobre estratificação e as reverberações da publicação demonstram ter contundência.

Young (1958) discorre sobre a evolução da sociedade democrática britânica desde o ano de 1870 até o imaginário ano de 2033. O autor produz um recorte histórico ressaltando que “não há revoluções, há apenas o acréscimo lento de mudanças incessantes que reproduzem o passado enquanto o transformam” (Young, 1958, p. 13). Nessa sociedade, que mistura ficção com o real, a forma primordial de organização e hierarquização dos indivíduos é a soberania do mérito, principalmente por meio do sistema educacional, sendo esse termo compreendido como recompensa de ações e desempenho individuais, confluentes com valores dignificados no recorte sociohistórico de sua distopia.

Assim, Young (1958) faz um percurso no qual retoma o contexto socioeconômico a partir da Revolução Francesa, buscando focalizar por meio de um personagem questionador a visão do homem sobre o homem, os critérios para se pensar a sociedade e as alterações na

1 Published 90 years ago, this book raised all the issues of stratification by means of its unforgettable fantasy. But the actual history of ‘meritocracy’ betrayed Young’s vision (Celarant, 2009, p.2).

2 Para a presente pesquisa, as citações em inglês e espanhol foram traduzidas pela autora e acompanham seus respectivos originais em nota de rodapé.

organização social. Se antes olhava-se para o nascimento, para linhagens hereditárias no intuito de delimitar o lugar social ocupado pelos indivíduos, com o advento da modernidade valores como liberdade individual e igualdade civil passam a ser os novos imperativos defendidos.

A distopia de Young (1958) coloca a instauração da aristocracia de talentos, que parte de um homem livre, autônomo e igual perante seus semelhantes, em que a posição social seria uma recompensa a partir do mérito individual, pela sua inteligência e esforço, passíveis de serem avaliados a partir da eficiência acadêmica, posto que os melhores indivíduos para a sociedade são aqueles que obtêm os melhores desempenhos.

Ainda que o crédito pela criação do termo meritocracia seja atribuída a Young, Kynaston (2013, apud Littler, 2018) observa que o termo em si foi cunhado por Alan Fox, em 1957. Ao escrever sobre classes sociais e igualdade em um pequeno jornal inglês da época, a autora traz que “no entanto, o termo foi de fato usado dois anos antes por Alan Fox em ‘classe e igualdade’ para o jornal *Socialist Commentary*, como observou recentemente o historiador britânico David Kynaston no *Modernity Britain: Opening the Box, 1957-1959*”³.

Entretanto, o termo meritocracia ganha real aderência e amplitude perante a sociedade a partir do best-seller de Young, principalmente nos EUA e no Reino Unido. Allen (2011) auxilia ao pontuar que “na literatura de pesquisa e no discurso cotidiano, a meritocracia assume a forma de um ideal abstrato contra o qual se pode julgar a imperfeição atual de uma sociedade específica”⁴ (p. 2), assim como o próprio Young, ao declarar que cunhou “uma palavra que entrou em circulação geral, especialmente nos Estados Unidos”⁵ (Young, 2001).

3 However, the term was in fact used two years earlier by Alan Fox in ‘Class and Equality’ for the jornal *Socialist Commentary*, as the British historian David Kynaston recently noted in *Modernity Britain: Opening the Box, 1957–59* (Littler, 2018, apud Kynaston, 2013).

4 In the research literature, and in everyday discourse, meritocracy takes the form of an abstract ideal against which one can judge the present imperfection of a particular society (Allen, 2011, p.2)

5 Coined a word which has gone into general circulation, especially in the United States (Young para o *The Guardian*, 2001).

Conforme a meritocracia institui-se cada vez mais como um critério em processos de avaliação, de desempenho e de hierarquização das pessoas, torna-se também um objeto direto de estudos e de pesquisas, como mostram os trabalhos de McNamee e Miller Jr. (2014), Littler (2018), Hayes (2012), Bovens & Wille (2017), Frank (2016), Barbosa (2003), Guinier (2015), Kreimer (2000), Liu (2016), Rivera (2015) e Bloodworth (2017), que, em sua maioria, são estudos estadunidenses e britânicos.

O termo e seu ideal foram abraçados pela população, ainda que abstratamente, e servem de justificativa para que seja possível fazer uma leitura “apaziguante” e logicamente coerente com os valores morais individualistas e progressistas das condições desiguais de existência na sociedade. Em um artigo que escreveu para o jornal inglês “The Guardian”, em 2001, Young discorreu que seu livro tinha como intuito ser uma sátira negativa, um aviso, para a população sobre os caminhos que a meritocracia estava galgando, entretanto, ele percebe que criou uma palavra que se popularizou de modo positivo e passou a ser utilizada principalmente por políticos contemporâneos, como Tony Blair, o qual critica nesse artigo.

É interessante ressaltar que Young foi um sociólogo inglês, barão de Dartington e político filiado ao Labour Party até 1950, onde idealizou o manifesto do partido de 1945 “Let us face the future”, publicado ao final da Segunda Grande Guerra, no qual preza pela paz e pela melhora da qualidade de vida da população britânica, que tanto sofreu com as consequências nocivas do confronto. Por meio de um discurso forte e afetuoso voltado para o cuidado do povo e para liberdade, denuncia o poder das elites econômicas prevalecentes da guerra e as contradições socioeconômicas do seu país.

O livro de Young é desenvolvido em um primeiro momento com bases sociológicas e históricas, visando fazer uma crítica cientificamente embasada sobre a estruturação que a sociedade inglesa constituiu desde 1870. O próprio discorre que:

O que sustentava meu argumento era uma análise histórica não controversa do que vinha acontecendo com a sociedade há mais de um século antes de 1958, e mais enfaticamente desde a década de 1870, quando a escolarização se tornou obrigatória e a entrada competitiva no serviço público se tornou a regra⁶ (Young, 2001).

Entretanto, apesar de sua trajetória política, acadêmica (sua *alma mater* é a tradicionalmente prestigiada *London School of Economics*) e de possuir um título nobre valorizado socialmente em sua cultura, seus pensamentos são desconsiderados pelo estrato acadêmico de sua época. Como traz Celarent (2009, p. 2), “os estudiosos ignoraram o livro, mas a nova palavra entrou no idioma da noite para o dia”⁷. Então, o autor transforma sua obra em uma distopia, em uma ficção, mas o termo meritocracia é absorvido pelos indivíduos no cotidiano, sendo necessário questionar essa alteração no âmbito social e sua rápida absorção.

Ressaltar a trajetória do termo e do seu autor torna-se relevante por dois aspectos: primeiro, pela sua irônica contradição já na sua difusão, posto que seu autor possui méritos individuais consideráveis, dada sua trajetória política, social e acadêmica, mas, ainda assim não teve sua obra sequer valorizada academicamente, o que contradiz o próprio conceito de meritocracia, o qual estabelece exatamente a valorização dos seus indivíduos por seu desempenho ao serem capazes de tornar concretos seus talentos, esforços, inteligência.

Um segundo aspecto interessante é que o termo foi incorporado ao discurso cotidiano das pessoas de modo praticamente natural e contrário ao intuito do autor, afinal, estabelece-se que foi da “noite para o dia”. Entende-se que, em 1958, ainda não havia as praticidades de disseminação instantânea da informação como se dá na atualidade, logo, torna-se relevante

6 Underpinning my argument was a non-controversial historical analysis of what had been happening to society for more than a century before 1958, and most emphatically since the 1870s, when schooling was made compulsory and competitive entry to the civil service became the rule (Young for The Guardian, 2011).

7 Scholars ignored the book, but the new word entered the language overnight (Celarent, 2009, p.2)

questionar quais os meios e condições sociohistóricas fizeram-se presentes para que fosse possível uma absorção tão facilmente acrescentada ao linguajar corriqueiro inglês.

Com isso, a aceitação natural do termo, dos valores e ideais meritocráticos conflui, por exemplo, com o discurso proferido por políticos americanos e ingleses em diferentes épocas (Reagan, Thatcher, Blair⁸), os quais exaltam a valorização do indivíduo, da liberdade, do mérito, talento e desempenho. Assim, o momento histórico de inauguração do termo meritocracia em 1958 é permeado por alterações sociais, econômicas, culturais e políticas.

Além disso, confluía com valores éticos e morais que já estavam conscientemente presentes nos indivíduos e nas relações sociais, propiciando um cenário adequado para a incorporação do termo no discurso popular com certa facilidade. Em outras palavras, a estrutura econômica da sociedade a partir de 1958 possuía em seu bojo relações que valorizavam o progresso socioeconômico por meio do desempenho que enxerga no indivíduo sua fonte de prosperidade, de talento, esforço e habilidade.

É válido ressaltar que, apesar do termo meritocracia ter sido incorporado por americanos e ingleses, no que tange à sociedade brasileira Barbosa (2003) traz que a meritocracia é:

Uma palavra quase “escondida” na língua portuguesa [...] pouco utilizada no falar cotidiano e não aparece no maior e mais popular dicionário da nossa língua, o famoso Aurélio. [Em sua dimensão conceitual] a meritocracia aparece diluída nas discussões sobre desempenho e sua avaliação, justiça social, reforma administrativa e do Estado,

8 “There is no such thing as society: there are individual men and women, and there are families”. (Thatcher Interview for Woman's Own) .“ I do not know anyone who has got to the top without hard work. That is the recipe. It will not always get you to the top, but it should get you pretty near, but everyone needs just a little bit of luck” (Thatcher, TV Interview for Italian Television - RAI). "I hope we once again have reminded people that man is not free unless government is limited. There's a clear cause and effect here that is as neat and predictable as a law of physics: As government expands, liberty contracts." (Reagan). Fontes: <https://www.reaganfoundation.org/> ; <https://www.margaretthatcher.org/>

neoliberalismo, competência, produtividade e etc., e nunca de forma clara e explícita. E, para culminar, não há do ponto de vista histórico, quase nenhuma preocupação da sociedade civil com essa questão, tampouco trabalhos e pesquisas sobre o tema (Barbosa, 2003, p. 21)

Ao considerar que o livro “Igualdade e Meritocracia” (Barbosa, 2003) citado acima foi publicado pela primeira vez em 1999, desde então, ainda que o caráter implícito da meritocracia mantenha suas características diluídas nos discursos mencionados, percebe-se que houve um aumento das pesquisas e trabalhos que utilizam especificamente o termo. Isto é possível de ser exemplificado a partir dos trabalhos de Minasi, Vecchi e De Sá (2013), de Borba (2017), Soares e Baczinski (2018), Guilherme (2018), Béhar (2019) entre outros, que exploram o fenômeno da meritocracia defendendo-o ou questionando-o. Seja como for, há atualmente um debate sobre a meritocracia.

Em suma, a meritocracia emerge enquanto fenômeno, socialmente aceito, observando-a em campos discursivos e não discursivos heterogêneos, de modo explícito, como nos mencionados discursos políticos, ou implícito, como conjunto de crenças pouco questionado, ainda que perceptível por meio de sistemas de hierarquização e a avaliação. É considerada uma ideologia (McNamee & Miller Jr., 2014; Littler, 2018), que propõe um sistema de hierarquização social pautado em uma caracterização singular, de como serão distribuídos os ônus e bônus materiais e imateriais do progresso social a partir da avaliação e responsabilização individual. Enfim, um sistema que eleva o mérito ao âmbito ideológico visando supostamente, maior igualdade, mas que, para isso, paradoxalmente desconsidera aspectos socioeconômicos, culturais e psíquicos, mascarando o viés de exclusão social que a meritocracia sustenta.

1.2 Afinal, o que é meritocracia?

Você deve lutar pela xepa da feira e dizer que está recompensado

Você deve estampar sempre um ar de alegria e dizer: tudo tem melhorado

Você deve rezar pelo bem do patrão e esquecer que está desempregado

Você merece, você merece.

Gonzaguinha – Comportamento Geral

A música de Gonzaguinha apresenta poeticamente as contradições da lógica meritocrática e a existência de desigualdades sociais geradas pela sua hierarquização. Há uma luta, um esforço, dos indivíduos pela produção da existência nas mais diversas camadas sociais, que nas mais baixas se dá até pela xepa da feira, ou seja, por aquilo que é descartado, que não possui mais valor comercial, mas que se apresenta enquanto forma de “recompensa” e subsistência de indivíduos. Explicita ainda a discrepância existente entre a valorização dos crescimentos socioeconômicos e as condições sociais, sendo possível interpretar ironicamente que se há crescimento econômico no país, há o benefício de toda sociedade.

No livro Young (1958) define mérito enquanto “inteligência + esforço”. A palavra meritocracia remete à aglutinação de “mérito” e o sufixo de origem grega “-cracia”, denota poder, força e governo. Assim, o termo relaciona um governo pautado no mérito individual, em sua soberania enquanto critério de diferenciação social e o poder que esta possa mobilizar entre os sujeitos. A diferenciação, ao passo que exclui uma grande parcela dos indivíduos, torna poucos outros dignos de reconhecimento, sendo tal reconhecimento um veículo do poder.

Nesse sentido, McNamee e Miller Jr. (2014) retiram o termo da ficção de Young e dão um contorno a partir da realidade social norte-americana, com enfoque no aspecto cultural que permeia o conhecido “*American Dream*” e seu vínculo com os pressupostos

meritocráticos. Para propor tal discussão explicitam a diferença entre mérito enquanto característica individual e enquanto forma de organização social. Em suas palavras, o mérito é uma característica dos indivíduos, meritocracia é uma característica das sociedades como um todo. Para os autores meritocracia refere-se a um sistema social como um todo no qual os indivíduos progridem e ganham recompensas em proporção direta aos seus esforços e habilidades individuais (McNamee & Miller Jr, 2014). Com isso, o mérito individual é utilizado como critério da distribuição social em um sistema, interferindo assim nas relações de poder existentes a partir da distribuição de recompensas dadas características individuais.

Soares e Baczinski (2018) discorrem que:

A palavra mérito significa ser digno de algo, conseguir recompensas por meio de esforço individual. Nesse contexto, o ideal da meritocracia trata-se de uma ligação direta entre mérito e poder, ou seja, em um modelo meritocrático ideal cada um seria premiado de acordo com as suas virtudes, independentemente de sua classe social, etnia ou qualquer outro fator que não seu próprio mérito. No entanto, a meritocracia pregada pelo sistema capitalista em que vivemos está longe de ser ideal, pois trata-se somente de mais um meio de dominação ideológica das classes dominantes sobre as classes inferiores (Soares e Baczinski, 2018, pp. 36-37)

Como apontam Soares e Baczinski (2018), o ideal meritocrático de que poderia haver uma maior distribuição de poderes se esvai uma vez que, ao ser se integrar aos mecanismos do sistema capitalista, a meritocracia é utilizada como ferramenta de dominação ideológica. Logo, os critérios de avaliação do que é digno de mérito são estabelecidos pelos valores de uma classe dominante. Para Barbosa (2003), a meritocracia pode ser compreendida em seu “aspecto afirmativo” (produtivo), que organiza os indivíduos a partir de avaliação do desempenho. Em contrapartida, no seu “aspecto negativo”, considera a meritocracia enquanto

um conjunto de valores que rejeita toda e qualquer forma de privilégio hereditário e corporativo, que avalia e valoriza as pessoas independentemente de sua trajetória e biografia social, ou seja, “nessa sua dimensão negativa, a meritocracia não atribui importância a variáveis sociais como origem, posição social, econômica e poder político” (Barbosa, 2003, p. 22)

Deste modo, existem três aspectos que tangem a meritocracia os quais merecem ser ressaltados e articulados, sendo estes: o mérito individual, a meritocracia como mecanismo de ordenação social e a ideologia meritocrática. É no indivíduo que se localiza o esforço e a habilidade presentes no cerne do pensamento meritocrático, sendo características que ao dignificarem o homem, passam a estabelecer uma relação entre mérito e poder. O poder meritocrático parece ser algo que é diretamente vinculado ao indivíduo, exercido por este, mas, sua atribuição, aquilo que valida seu reconhecimento, é social. Assim, não é possível se pensar a meritocracia sem a associar ao social, pois, sem esta perspectiva não há mérito, não há o que recompensar, o que diferenciar, logo, o poder agencia ainda valores da ideologia do mérito.

Para além de um conjunto de valores que buscam reconhecer a individualidade do homem considerando suas habilidades e esforços, observa-se que na modernidade tal reconhecimento passa a ser utilizado enquanto critérios de hierarquização e diferenciação no social. Em outras palavras, tais valores têm uma função enquanto mecanismo de regulação social a partir do momento que se associam e são utilizados no cotidiano. Neste sentido a ideologia do mérito é utilizada como arcabouço de ideais para ordenação do social, o qual, invariavelmente, mobiliza relações de poder. Logo, como no *American Dream* e no *self made man* resgatados por McNamee e Miller Jr. (2014), existe um ensejo social que possibilita considerar certas habilidades e qualidades como meritórias e que, por meio da manifestação da ideologia do mérito, é possível a estruturação de um sistema social meritocrático, um

alinhamento social de percepção de mundo, que dá bases éticas e morais para uma mesma percepção de mérito, de indivíduo, de progresso social, de liberdade e desigualdade.

Entretanto, dentro desse proposto sistema de distribuição social, como pontuou Barbosa (2003), observa-se que a distribuição de poderes por meio do mérito não é justa como pretende se expor. Ao argumentar sobre o aspecto negativo, ou seja, aquilo que a meritocracia desconsidera, Barbosa (2003) apresenta um de seus paradoxos, que desconsidera fatores históricos sociais, entre outros, para se pautar no esforço e a habilidade individual. Tal lógica do discurso meritocrático se detém na eficiência e na justiça (Sandel, 2020), posto que almeja um sujeito produtivo e competitivo, independentemente de aspectos como raça, gênero ou afins, como o autor expõe “seria errado discriminar o candidato mais qualificado com base em preconceito de raça, religião ou sexo e contratar uma pessoa menos qualificada no lugar dele” (p. 51), nesta perspectiva, a única discriminação que a meritocracia promove é a “discriminação por conquista” (p. 52).

Tal percepção, que dá base à ideologia do mérito, é questionada quando se observa que apenas o esforço e as habilidades não são critérios os quais definem a igualdade de oportunidade e a mobilidade social. Para além, ao desconsiderar fatores estruturais da sociedade (como os históricos) retira-se da discussão aspectos explícitos no campo social atualmente, que influenciam tanto na mobilidade quanto nas oportunidades, como por exemplo, a herança familiar (em termos econômicos e culturais) o sexismo, o racismo e as classes.

1.2.1 Ideologia do mérito

As pesquisas e estudos teóricos apontados abordam a meritocracia enquanto uma ideologia. Entretanto, o próprio conceito de ideologia fora contestado e considerado evasivo

por muitos estudiosos (Walker, 1995). A não unificação entre o significado e o uso do termo ideologia é possível de ser observado a partir de Eagleton (1997), o qual traz catorze significações comumente usadas, sendo elas:

- a) o processo de produção de significados, signos e valores na vida social,
- b) um corpo de ideias característico de um grupo ou classe social,
- c) ideias que ajudam a legitimar o poder dominante,
- d) ideias falsas que ajudam a legitimar o poder dominante,
- e) comunicação sistematicamente distorcida,
- f) o que confere certa posição a um sujeito,
- g) formas de pensamento motivadas por interesses sociais,
- h) pensamento de identidade,
- i) ilusão socialmente necessária,
- j) a conjuntura de discurso e poder,
- k) o veículo pelo qual os atores sociais entendem o mundo,
- l) conjunto de crenças orientadas para a ação,
- m) confusão entre realidade linguística e linguagem fenomenal,
- n) oclusão semiótica (Eagleton, 1997, p. 15)

Dentro desta gama de possíveis significações, percebe-se que a meritocracia se estabelece em uma conjuntura de discurso e poder, a qual abarca um processo de produção de significados e valores da vida social, assim como, ao observar sua função, características e estrutura dentro do sistema social interfere na identidade do sujeito dado sua característica discriminatória, a qual coopera para a legitimação de ideias e poderes dominantes. De modo mais sucinto, Thompson (2010) compreende a ideologia a partir de sentidos que estabelecem e sustentam relações de dominação.

A partir desse viés, a ideologia meritocrática se constrói ao trazer de modo sutil valores de uma classe dominante enquanto base a ser seguida por outras classes que compõem a estrutura da sociedade atual, sendo determinante nas ações e identidade dos indivíduos. Em outras palavras, coopera na legitimação do poder político, econômico e social através de um conjunto de crenças que se constitui a partir das possibilidades de vida de tal classe e, assim, faz com que a massa de indivíduos compreenda isto enquanto um processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade naturalmente desigual.

Entretanto, a meritocracia não se encontra presente apenas no campo de ideias, enquanto um conjunto de crenças, de valores, que terão como consequência um conjunto de práticas, sendo também determinada por como as práticas se dão e influenciam seus possíveis rearranjos. Não obstante, é atravessada por fatores socioeconômicos e culturais que não fazem parte do seu discurso basilar, como alterações de mercado, movimentos sociais e etc. Para além, na perspectiva de dominação entre classes o poder é percebido apenas em sua faceta negativa, de opressão, sem ser considerada sob a perspectiva de sua positividade, do espaço de produtividade e engajamento que a meritocracia pode proporcionar.

Foucault (1979/2019a, p. 44) considera a ideologia como um conceito “difícilmente utilizável”, posto que “está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade”, aproximando a ideologia da concepção de uma ideia falsa. O filósofo entende que a importância da verdade se encontra na compreensão histórica de como foram produzidos “efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos”, mas que, ao serem visualizados nesta perspectiva binária, institui uma aproximação que torna necessário um verdadeiro que seja posto em oposição ao falso. Em outras palavras, existem verdades que atuam como determinantes do que será parte do arcabouço de ideias dominantes (produzido historicamente e advindo de uma falsa consciência) e daquilo que é negado do discurso, ainda que componha uma verdade, ou parte desta.

Para além, “a ideologia está em posição secundária com relação a alguma coisa que deve funcionar para ela como infraestrutura ou determinação econômica, material etc” (Foucault, 1979/2019a, p. 44), ou seja, se limita ao campo das ideias e demanda que haja estruturas que são construídas a partir do conjunto de crenças dominantes em determinado momento histórico. Com isso, Foucault afasta sua concepção de poder do conceito de ideologia e o aproxima da compreensão que possui de verdade e de poder, em suas palavras:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] A verdade é deste mundo, ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como sanciona outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro” (Foucault, 1979/2019a, p. 52)

Logo, a verdade é construída pelo poder, produzida por múltiplas coerções e representada por meio de mecanismo e instâncias que tornam discursos falsos ou verdadeiros, incluindo os métodos para fazer aparecer a verdade e, por sua vez, o poder. Nesse sentido, para além da bibliografia que explicita a meritocracia enquanto uma ideologia, pode-se compreender o discurso meritocrático como uma forma de verdade, que, em sua lógica, valida mecanismos e instâncias que determinam o que é valorizado/desvalorizado enquanto ação individual, o que é considerado uma qualidade, como a capacidade de esforço e coloca um oposto, como a preguiça, enquanto defeito.

Assim, as técnicas e procedimentos de avaliação e hierarquização meritocráticos são portadores e reprodutores de uma verdade, fazem parte de um regime de verdade, logo, produzem efeitos de poder, cooperando na regulação social. Inclusive, nesse aspecto Foucault (2014) ressalta que algo ao ser considerado verdadeiro, seu discurso reverbera efeitos específicos de poder, de modo que a importância da verdade na estruturação social e do seu papel econômico-político não pode ser desconsiderada. Para além, a formação de regimes de verdade não é algo alheio, aleatório historicamente, mas “foi uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo” (Foucault, 2014, p. 54). A partir do exposto, entende-se que a meritocracia, enquanto um fenômeno científico é moderno, seu discurso nasce dentro da hegemonia capitalista e, ao disseminar uma verdade carregada de poder, possui efeitos na estruturação social e econômico-político.

Milanovic (2020) discorre sobre o capitalismo meritocrático liberal, o qual possui os EUA como seu principal representante (já há cerca de 30 anos) e que remete ao sistema de trocas e produção de serviços e mercadorias em que a forma “como as mercadorias e os serviços são produzidos e trocados (‘capitalismo’), como são distribuídos entre os indivíduos (‘meritocrático’) e quanto existe aí de mobilidade social (‘liberal’)” (Milanovic, 2020, p. 21). Com isso, a meritocracia diz sobre como será distribuição das mercadorias e serviços que são “produzidos em um sistema que se pauta principalmente nos meios de produção de propriedade privada, em que o capital contrata mão de obra livre e cuja coordenação é descentralizada” (Milanovic, 2020, p. 21), o qual comporta certa mobilidade social por meio de sua característica de possuir carreiras abertas para talentos, não oferecendo barreiras de ordem legal para a mobilidade social, admitindo plenamente herança de patrimônio.

Para o autor, nos EUA houve a transição do capitalismo social-democrático (*Welfare State*) para o meritocrático liberal, ocorrendo por um período o acasalamento não preferencial e o preferencial, havendo um aumento da desigualdade social, que, conforme o capitalismo

meritocrático liberal se estabelece e a homogamia passa a ser sua principal tendência, estagnando-se, ou seja, a desigualdade se estabiliza em um patamar elevado e a mobilidade fica precária (Milanovic, 2020). Assim, indo ao encontro do aspecto negativo da meritocracia apresentado por Barbosa (2003), o qual desconsidera fatores hereditários, socioeconômicos e históricos, pode-se afirmar que “o capitalismo meritocrático liberal apresenta características que levam a um aumento da desigualdade social” (Milanovic, 2020, p. 31) e que, alguns de seus aspectos de desigualdades “podem ser moralmente aceitáveis, e até mesmo, em alguns casos, desejáveis” (p. 32), como, por exemplo, a transmissão de capital humano entre gerações.

A ideia que sustenta a meritocracia apresenta brechas contundentes, já que sua ética e moral comportam a desigualdade social e, como mencionado, até desejam, a diferenciação que leva a esta. Entretanto, a ideologia se pauta em justiça e igualdade de oportunidades que não considera os efeitos de uma desigualdade ocasionada pela transmissão intergeracional de capital humano. Exemplo disto é que tal transmissão tende a cristalizar a distribuição de privilégios adquiridos, diminuindo as possibilidades de mobilidade social e aumentando a desigualdade (Milanovic, 2020). Littler (2018) pontua que apesar de ser necessário diferenciar o sistema social meritocrático de sua ideologia, ambos se encontram intimamente ligados, posto que é precisamente a ideologia que constrói um sistema de crenças que influencia na dinâmica do poder que sustenta seu caráter de sistema social:

A meritocracia precisa ser compreendida enquanto um discurso ideológico, como um sistema de crenças que constitui uma visão geral de mundo e sustenta uma dinâmica particular de poder [...] Analisar a ideologia pode, portanto, ser utilizado tanto para compreender a prática institucional quanto as normas discursivas [...] compreender como a disputa pelo significado geram lutas para assegurar a hegemonia ou para

assegurar mais formas de dominação social, político, de poder econômico e controle⁹
(Littler, 2018, p. 25)

Nesse sentido, a meritocracia, por meio de sua ideologia, propõe valores e crenças que estruturalmente não se originam nesta, posto que, como fora apresentado por Milanovic (2020), o capitalismo meritocrático liberal se faz mais perceptível há cerca de apenas 30 anos, mas sua constituição, seus valores, sua proposta de subjetividade a partir de uma aristocracia de talentos já se encontravam presentes mesmo no capitalismo clássico. Logo, pode-se pontuar que existem fatores macrossociais, estruturais e ideológicos, os quais influenciam nos processos de subjetivação dos indivíduos, em suas ações e processos relacionais, e constroem um sistema sedutor o qual traz recompensas culturais, simbólicas e materiais.

1.2.2 Meritocracia como ordenação social

Considerando o exposto sobre a relação entre a meritocracia e o indivíduo, e compreendendo estes enquanto elementos que tangenciam a estrutura e ação na sociedade, brevemente recorre-se a teóricos clássicos como Marx e Weber e seus contemporâneos, como Elias e Giddens para buscar explanações sobre o modo que se dá a relação entre sociedade e indivíduo, em seus aspectos micro e macrossociais. De um modo sucinto, como aponta Leme (2006), ao dar enfoque aos fatores estruturantes da sociedade, Marx considera a sociedade capitalista como uma sociedade de classes que precisam ser superadas, sendo dividida entre a classe detentora dos meios de produção e o proletariado. Nessa configuração ocorre a dominação de uma classe sobre a outra a partir da alienação e exploração do trabalho não

⁹ Meritocracy needs to be understood as an ideological discourse, as a system of beliefs which constitute a general worldview and uphold particular power dynamics [...] Analysing ideology could therefore be used to understand both institutional practice and discursive norms. [...] to how struggles over meaning were contests to secure hegemony or to secure more dominant forms of social, political and economic power and control (Littler, 2018, p. 25)

pago, na qual o dinheiro se torna forma de existência social que atribui valor a mercadoria e ao trabalho.

Já Weber, ainda de acordo com Leme (2006), analisou e interpretou as ações dos indivíduos, visando compreender suas motivações. O teórico considera que estas são orientadas e organizadas pelo cálculo racional (visando um fim ou por valores) centrado no poder legal. Para além, outros fatores que influenciam a organização social são a tradição e o carisma. Em sua pesquisa sobre as particularidades do capitalismo no ocidente, Weber (2004) compreende o *ethos* protestante enquanto um dos racionalizadores da vida e que contribui para formação de um espírito do capitalismo, logo, de sua evolução. Tal *ethos* protestante possui como parte de sua moral a predestinação (convicção religiosa) e a noção de trabalho como vocação, havendo uma racionalização que se desdobra também nas atividades econômicas, com isso, fatores como eficiência, riqueza e produtividade passam a ser associados ao trabalho do indivíduo (Weber, 2004).

Em ambas as perspectivas clássicas há algum modo de controle e normatização dos indivíduos por meio de uma estrutura e uma ideologia as quais são determinantes para suas condutas. Teóricos contemporâneos como Elias e Giddens dão continuidade à discussão. Elias (1994), ao discorrer sobre a sociedade dos indivíduos busca superar a dicotomia que é posta quando consideramos o ser humano singular enquanto indivíduo e, como oposto, a sociedade enquanto a somatória, coletânea, de indivíduos. Elias (1994) explora como os seres humanos ligam-se de modo dinâmico por meio de suas relações, afinal, não haveria um como uma pessoa se reconhecer enquanto unidade autônoma caso não houvesse outras pessoas a partir das quais ela passa a ter a possibilidade de se diferenciar. Elias (1994) vai além, pontuando que

O indivíduo só pode ser entendido em termos de sua vida em comum com os outros. A estrutura e a configuração do controle comportamental de um indivíduo dependem da estrutura das relações entre os indivíduos [...] embora a sociedade, as relações entre as pessoas, tenha uma estrutura e regularidade de tipo especial, que não podem ser compreendidas em termos de indivíduo isolado, ela não possui um corpo, uma “substância” externa aos indivíduos (Elias, 1994, pp. 56-57)

O indivíduo, ao ser compreendido relacionalmente, é atravessado por fatores que são determinantes, determinados e em constante micromutação, a qual confere uma percepção de regularidade sociohistórica, ainda que não completamente subjetiva, posto que há mobilização e novas relações de poder as quais criam produções inéditas. Como expõe Koury (2013), a obra de Elias foca principalmente a relação entre poder, comportamento, emoções e conhecimento nos processos sociais e históricos, neste sentido, Elias buscou discutir os acontecimentos históricos do *habitus* europeu, conceito que para o sociólogo caracteriza a dinâmica relacional que se estabelece para que a estrutura psíquica individual molde-se a partir das atitudes sociais. Como coloca o comentarista, o *habitus* resulta “de uma dinâmica configuracional de interdependência e equilíbrio de tensões entre os indivíduos e as redes social e cultural e entre os processos de distinção e hierarquia desenvolvidos em uma sociabilidade dada” (Koury, 2013, p. 84).

Assim, de modo sucinto, compreende-se a partir de Elias (1994), que na relação estrutura-ação, indivíduo-sociedade, os indivíduos se deparam com uma estrutura dada, ao mesmo tempo que possuem a capacidade de intervir nesta estrutura e criar novos modos de reação a esta, havendo, concomitantemente, uma dinâmica em que o indivíduo tem sua ação moldada pela estrutura ao mesmo tempo que ações podem alterar e intervir nas estruturas, normas e regras sociais. Em outras palavras, o indivíduo existe nas relações com os outros, relação que possui uma estrutura particular em uma dada sociedade (Leme, 2006).

Outro teórico que buscou superar a dicotomia estrutura-ação fora Giddens (2003), sociólogo inglês do século XX que desenvolveu a teoria da estruturação. A teoria da estruturação é uma estratégia metodológica para análises institucionais a qual parte da reflexão de um conhecimento de uma dada estrutura e de uma interpretação da ação para se ter acesso ao agente (indivíduo que age), sendo assim uma ferramenta para se pensar os ambientes microsociais por meio do acompanhamento da prática discursiva e da ação (O'Dwyer & de Mattos, 2010).

Entende-se que Giddens (2003) não desconsidera os poderes coercitivos da estrutura e não exime os indivíduos da consciência das consequências de suas ações, em outras palavras, as consequências das ações não derivam inteiramente das ações individuais, já que a autonomia individual não é plena, tanto quanto não é possível dizer que a estrutura defina o todo social. Assim, o agente tem um papel e formas de interpretar o ambiente social, que não são indiferentes às composições estruturais de cada sociedade (O'Dwyer e de Mattos, 2010).

Aproximando-se de Elias (1994), para Giddens (2003) a teoria da estruturação compreende que não deve haver um dualismo entre sujeito e objeto social, mas sim uma dualidade, sendo que seu método propõe analisar tais relações que constroem tanto objetos sociais, quanto a subjetividade. O autor considera o sujeito como descentrado, o que não implica uma desconsideração dos aspectos subjetivos, significando que quando as práticas sociais penetram no tempo-espço se posicionam na raiz do objeto social, assim como da subjetividade e, é por meio da intersecção entre o significar e o fazer, que os agentes criam novas concepções de práxis.

Ao considerar os atores humanos como agentes Giddens (2003) adota uma perspectiva modificada da psicologia do ego para relacioná-la com um de seus conceitos, o de rotinização. O autor argumenta que tudo que é feito habitualmente (rotina) faz parte de um cotidiano que é

elemento básico da atividade social, ou seja, atividades repetitivas que fornecem material de caráter recursivo da vida social, caráter recursivo o qual remete a recriação constante das propriedades estruturadas da atividade social.

Os atores sociais não vivem tais aspectos de modo inconsciente ou mesmo apenas através de uma consciência discursiva do que é dito e feito, não obstante Giddens (2003) propõe que há uma reflexividade por parte dos atores que engloba tudo que é vivido, sendo esta consciente discursivamente de modo parcial, pois, para além da capacidade individual do que é possível de ser organizado discursivamente existem aspectos que são de ordem do que fora denominado como consciência prática, ou seja, as ações cotidianas que não são pensadas, mas que fornecem uma resposta coerente para manutenção do agente no social.

Com isso, observa-se que é necessário considerar a constituição social e o indivíduo em sua subjetividade a partir de uma dinamicidade, demandando um olhar atento desde aspectos mais simplórios da rotina humana até a manutenção e reprodução de aspetos estruturais, em uma relação que pode ser pensada a partir de seus aspectos passivos e ativos.

Neste contexto, é possível ao indivíduo interpretar a meritocracia como uma aristocracia de talentos, pois a estrutura historicamente apresenta características que, ao valorizar o trabalho como faz o *ethos* protestante, possibilitam tais crenças, discursos e práticas serem coerentes com acessos a oportunidades e mobilidade social existentes no capitalismo, ainda que isto não se dê de forma igualitária para todos os indivíduos. Visando apropriar-se das ideias supracitadas, considera-se que rotinização se apresenta como uma técnica de poder preconizada pela meritocracia, à qual propõe um conjunto de ações que cooptam o tempo dos indivíduos em prol da produtividade e eficiência socialmente determinada, de modo minucioso por meio de seus hábitos.

A dinâmica entre as ações, a produtividade e a estrutura, parecem ter possibilitado o surgimento de um atual discurso meritocrático centrado na autonomia individual e na afirmação de que a sociedade fornece as oportunidades necessárias para mobilidade social para aqueles que dedicarem seus esforços e habilidades no progresso humano. A meritocracia estabelece critérios para os valores que interferem na distribuição de renda (exaltando o desempenho de habilidades técnicas e acadêmicas) e postulando que o acesso a recursos materiais e imateriais, assim como a qualidade de vida, estão diretamente vinculados à avaliação e valorização de determinadas habilidades, presentes nas estruturas sociais. Ao traçar os aspectos que compõem a dita ideologia do mérito é possível observar o foco no indivíduo e em sua subjetividade, já que, a partir do discurso do esforço e aprimoramento pessoal, propõe determinadas estratégias para condução das condutas.

A meritocracia, enquanto um conjunto de práticas e discursos que é utilizado para diferenciar, discriminar e hierarquizar os indivíduos se apresenta como um mecanismo que, ao recompensar valorativamente o indivíduo, inclui poucos e exclui a grande maioria, posto que visa a seleção dos melhores, ou mesmo do único indivíduo que seja considerado como o melhor. Com isso, torna-se necessário explorar o que se caracteriza por exclusão social.

Sawaia (2001) situa que a exclusão é um tema da atualidade, usado hegemonicamente em diversas áreas do conhecimento, como a sociologia e a psicologia. Conceito que, ao ser tratado a partir de diferentes enfoques, permeia as discussões sobre desigualdade social, pobreza, mobilidade social, subjetividade e nos processos que levam indivíduos a serem empurrados para margem da sociedade. Assim, “mesmo os estudiosos da questão concluem que do ponto de vista epistemológico, o fenômeno da exclusão é tão vasto que é quase impossível delimitá-lo” (Wanderley, 2001, p. 17). Wanderley (2001) acrescenta ainda que existem valores e representações do mundo que acabam por excluir as pessoas, sendo estes

não rejeitados não apenas física, geográfica, materialmente, do mercado e de suas trocas, mas também excluídos culturalmente.

Nesta perspectiva, a partir de Nascimento (1994) o conceito de exclusão social está mais próximo, como oposição, ao de coesão social, ou, como sinal de ruptura, do de vínculo social. Por similitude, encontra-se próximo, também, do conceito de estigma e mesmo, embora menos, do de desvio. “Neste caso [...] a diferença reside no fato de que o excluído não necessita cometer nenhum ato de transgressão, como o desviante. A condição de excluído é-lhe imputada do exterior, sem que para tal tenha contribuído direta ou mesmo indiretamente” (Nascimento, 1994, p. 30). Em suma, a discussão sobre a exclusão social tangencia-se a outros fenômenos sociais, como a coesão, o vínculo, o desvio, a pobreza, a mobilidade e a desigualdade social. Não obstante, não se limita ao social, interferindo também em processos de subjetivação, na identidade e na alteridade.

Como complementa Nascimento (1994),

Dito de outra forma, trata-se de uma representação que tem dificuldades de reconhecer no outro direitos que lhes são próprios. Compreendendo, ademais, a auto-representação do excluído que, desta forma, ao romper o vínculo societário, desenvolve vínculos comunitários particulares, como forma de sobrevivência social. Sinais de uma coesão social fragmentada ou da multiplicidade de princípios de solidariedade em um mesmo espaço social (Nascimento, 1994, p. 31).

Para o autor a exclusão social é um fenômeno que remete as inequidades sociais, a injustiça social, sendo na contemporaneidade associado ao processo de gestação da sociedade moderna entre os séculos XVII e XVIII, objeto permanente de estudo e debate entre cientistas sociais e filósofos desde aquela época, o qual vez ou outra refluí, para em seguida ressurgir com novo ímpeto e novas vestes (Nascimento, 1994).

Wanderley (2001) aponta que indivíduos à margem social, os que desviavam a norma, povoaram historicamente os espaços sociais constituindo universos estigmatizados que atravessam os séculos, assim, a exclusão não é um fenômeno que atinge apenas os países considerados como pobres, mas que possui uma complexidade sociohistórica a qual deve ser resgatada em análises do fenômeno. Ressalta ainda o lastro histórico de um destino excludente de parcelas majoritárias da população mundial, seja devido a restrições impostas pelo mundo do trabalho ou por situações decorrentes de modelos e estruturas econômicas que geram desigualdades absurdas de qualidade de vida.

De um modo geral, de acordo com Zioni (2006) até o início da década de 70 as visões liberais e psicologizantes percebiam as más condições de vida pelo viés da culpabilização do indivíduo. A partir deste viés a exclusão social não era uma discussão preponderante para a sociedade industrial moderna e demandaria apenas intervenções pontuais, corretivas. Ainda de acordo com a autora, a partir da década de 70 considera-se a exclusão como inadaptação social, enfocando principalmente indivíduos com deficiências físicas, mentais ou idosos, em suma, aqueles que não eram sujeitos economicamente ativos. Sua inadaptação era considerada como um problema social que diz sobre a organização social e suas disfunções, não remetendo a aspectos individuais, mas qualificando tais indivíduos como inadaptados aos rumos da modernidade. Situa-se que:

Sob esse rótulo estão contidos inúmeros processos e categorias, uma série de manifestações que aparecem como fraturas e rupturas do vínculo social (pessoas idosas, deficientes, desadaptados sociais; minorias étnicas ou de cor; desempregados de longa duração, jovens impossibilitados de aceder ao mercado de trabalho; etc.)

(Wanderley, 2001, p. 17)

Diferentemente dos indivíduos inadaptados, Veras (2001) pontua que historicamente no Brasil, até a década de 70, a pobreza e a marginalidade, também associadas à exclusão, eram consideradas enquanto processos de desorganização social transitórios, gerados por processos migratórios, adaptações, invasões e sucessões que gradativamente iriam se adaptar ao cenário urbano. Tal orientação advém da influência de perspectivas socioeconômicas de estudiosos liberais americanos da Escola de Chicago e

como se estivéssemos em uma arena naturalizada, onde competidores teriam as mesmas chances na luta pelo espaço, os mais aptos ganhariam melhores posições nesse ambiente construído e disso resultariam zonas segregadas [...] os mais pobres excluir-se-iam de um dos anéis urbanos e imediatamente passariam para o próximo e, gradativamente, os melhores lugares estariam ocupados pelos "vencedores". Zonas de desorganização moral, zonas de habitação operária, processos de desadaptação de novos habitantes (Veras, 2001, p. 28)

Logo, tais problemas sociais expressos pela exclusão seriam naturalmente solucionados com a distribuição dos indivíduos por mecanismos de competição, ou seja, de habilidades e esforços individuais em seu desenvolvimento, assemelhando-se à meritocracia. Zioni (2006) ao citar Silver (1995) pontua que dentro do paradigma da especialização, de orientação liberal, parte-se da perspectiva da diferenciação social como experiência individual, para se pensar os indivíduos que ficam a margem social a partir de critérios de eficiência ou de liberdade de escolha, o que remonta a uma compreensão do fenômeno que culpabiliza o indivíduo.

Percebe-se as aproximações entre a compreensão liberal de exclusão até a década de 70 e a meritocracia, ambas consideram o indivíduo enquanto ponto focal da sociedade e prioridade em relação aos fatores sociais, já que recai sobre o indivíduo o viés da liberdade

individual enquanto autonomia e responsabilidade individuais. Há uma visão de que haveria uma ordem natural do desenvolvimento a partir da competição que diferenciaria e distribuiria as pessoas, resolvendo as questões sociais de inadaptividade, aptidão, desvio ou transgressão.

Entretanto, Veras (2001) explicita que o debate liberal não era o único presente na época. Outros debates enraízam a pobreza e a exclusão subjacente às contradições do modo de produção capitalista, que considera os indivíduos como parte de um exército de reserva de força de trabalho, como indivíduos que buscam melhores condições de vida, mas integram as forças produtivas de modo desigual, sujeitos despojados dos direitos mínimos de vida digna, sem cidadania, excluídos dos benefícios urbanos.

Wanderley (2001) explicita que a partir dos anos 80 novas relações políticas, econômicas e sociais se estabeleceram, ocorrendo o esgotamento de um modelo socioeconômico, o do *Welfare State*, e o fim de uma forma de inteligibilidade do mundo, findando um sistema de proteção social. Assim, encerra-se um sistema socioeconômico que busca intervir sobre as problemáticas da exclusão social de modo direto, em contrapartida, prevalece o ideário liberal de que o indivíduo é o responsável por sua condição de vida. A autora continua ao trazer que a internacionalização da economia e a crise do Estado-providência, fora ampliada pela transformação das relações entre economia e sociedade (crise do trabalho) e dos modos de constituição das identidades individuais e coletivas (crise do sujeito). Nesse sentido os problemas sociais se acumulam, justapondo aqueles que possuem uma renda elevada (ou relativamente) àqueles que são excluídos do mercado e por vezes da sociedade (Wanderley, 2001).

Enquanto produto do funcionamento de um sistema (e não uma falha deste), a exclusão social estabelece uma íntima relação com a inclusão por meio de processos sutis e dialéticos, pois a exclusão só existe em relação a inclusão e como parte constitutiva desta,

processo o qual envolve o homem por inteiro e sua relação com os outros (Sawaia, 2001).

Neste sentido, em uma sociedade que tem enquanto condição mecanismos de desigualdades há a necessidade de exclusão para que haja a inclusão, logo, todos os indivíduos estão inseridos de algum modo, nem sempre decente ou digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico (Sawaia, 2001).

Na atualidade a exclusão social é considerada como um termo inadequado por alguns autores contemporâneos, como Castel (1995, apud Wanderley, 2001), crítico da visão de exclusão social, desconfia da heterogeneidade de seus usos e de uma visão autonomizada de situações que só tem sentido quando colocadas em um processo. Na perspectiva de desfiliação social, Castel compreende que o fenômeno da exclusão é atravessado pela falta de acesso a recursos materiais e o vínculo social. Assim, de acordo com o autor, a ruptura de pertencimento não necessariamente implica um rompimento completo do vínculo social, mas sim uma instabilidade ou precariedade de vínculos relacionais que fornecem sentido ao indivíduo. Nesta visão não há excluídos, todos estão incluídos, posto que é pouco provável sair de uma sociedade estruturada pelo mercado.

Sawaia (2001) acrescenta que a dialética exclusão/inclusão gesta subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado. Não sendo atravessadas apenas por aspectos econômicos, tais subjetividades determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência (Sawaia, 2001). Assim, a exclusão social pode ser entendida como uma construção social, ou seja, um produto histórico de mecanismos sociais, e não um estado resultante de atributos individuais e coletivos cuja visibilidade estava bastante associada, no Brasil, a uma distribuição perversa de renda (Zioni, 2006).

Sawaia (2001) refere-se ainda ao ponto de análise do sofrimento ético-político e sua relação com a exclusão social. Ressalta que os aspectos materiais não são os únicos que interferem nos processos de exclusão dos indivíduos. Epistemologicamente, tal perspectiva significa colocar no centro das reflexões sobre exclusão, a ideia de humanidade e como temática o sujeito e a maneira como se relaciona com o social (família, trabalho, lazer e sociedade), de modo que, ao falar de exclusão, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e de direitos sociais (Sawaia, 2001, p. 98).

Desse ponto de vista, Sawaia (2001) pensa no indivíduo em seus aspectos relacionais, sem perder de vista a interlocução com o social e econômico. É no sujeito, por meio dos afetos reverberados, que são vividas as diversas formas de exclusão, mas este indivíduo não pode ser pensado enquanto ponto de origem desse sofrimento, sua gênese se encontra nas intersubjetividades delineadas socialmente. Nesse sentido, estudar a exclusão pela ótica das emoções dos que a vivem é pensar sobre o cuidado que o Estado tem com seus cidadãos, sendo indicadores de descompromisso do homem pelo estado, pela sociedade e por ele mesmo, em outras palavras, o sofrimento humano tem que ser questionado para além de um discurso moralista e culpabilizador que busca apenas evidenciar o sofrimento.

No que se refere à meritocracia, como já fora explanado, assim como a exclusão, esta permeia discussões sobre desigualdade social, pobreza e mobilidade social, entrelaçando-se em seus mecanismos, processos e estruturas sociais. Deste modo, a meritocracia opera por meio de mecanismos de exclusão/inclusão, agenciando valores e representações de mundo que interferem para além do campo material e econômico, assim como atua sobre a identidade dos indivíduos. Entretanto, apesar de a meritocracia visar um discurso de justiça e igualdade social, ao promover por meio de seus valores e representações o homem do desempenho, estes interferem na subjetividade, na sociabilidade, na afetividade, em suma, na relação

indivíduo consigo, com o mundo e com o outro ao promover uma diferenciação comparativa, competitiva e, ao ser meritória (inclusão), também define o que não é meritório (exclusão).

Castel (2003, apud Zioni, 2006), considera que a desfiliação faz parte de transformações nos sistemas de regulação social, “uma transformação gerada por uma nova fase do capitalismo. Considerada, ainda, que parte importante dessa população ‘excluída’ seria composta por trabalhadores que foram inutilizados pela atual conjuntura tecnológica e econômica” (p. 24). Martins (1997, apud Zioni, 2006) pontua que

a sociedade moderna está criando uma grande massa de população sobrando que tem pouca chance de ser de fato reincluída nos padrões atuais de desenvolvimento econômico [...] o período de passagem do momento da exclusão para o momento da inclusão está se transformando num modo de vida, está se tornando mais do que um período transitório (Martins, 1997, citado por Zioni, 2006, p. 33).

Neste trecho Martins aponta para um importante espaço ocupado pela meritocracia: o mecanismo que dá uma explicação para a desigualdade com a promessa ideológica do “vir a ser” incluído por meio da competitividade, do esforço e da aptidão. Esta é a promessa da meritocracia, a de que há a possibilidade de inclusão caso se esforce e desenvolva habilidades, sendo o modo de vida mencionado justamente identificado como o período de dedicação e de desenvolvimento de humano, o que, como apontou Martins, acaba ocasionando uma não inclusão permanente, ou seja, uma manutenção de repetidas tentativas de inclusão. Com isso, o período transitório cria aspectos de constância e a exclusão se sobressai perante a inclusão.

Nascimento (1994) considera que a moderna revolução científico-tecnológica traz consigo reformulações profundas não apenas nas relações de trabalho, mas na natureza mesmo do mundo do trabalho. De acordo com o autor, há uma menor demanda por pessoas para assegurar a reprodução ampliada da sociedade, constituindo um processo de substituição

(e ampliação) da inteligência, posto que a automação, a telemática, a biogenética e os novos materiais tornam um contingente humano cada vez mais dispensável ao processo produtivo, aumentando a desigualdade social em termos de renda *per capita* e estilo de vida.

Assim, ao abordar a exclusão social na atualidade torna-se imprescindível observar as alterações no mundo do trabalho (desemprego e precarização) como problemas centrais (Wanderley, 2001), posto que a precariedade de trabalho e renda passa a ser observada enquanto um fato que pode conduzir à perda de vínculos sociais e a crises de identidade (Zioni, 2006). Socialmente, observa-se que há uma maior demanda por habilidades específicas, prevalecendo níveis acirrados de competitividade e uma exclusão social cada vez mais multifacetada, a qual engloba indivíduos que fogem aos padrões da norma, assim como aqueles que, de diferentes formas e níveis, são incluídos ou excluídos nas diversas camadas sociais a partir de critérios de diferenciação e produtividade econômica.

A sociedade moderna é concebida como uma sociedade aberta, de grande mobilidade social, em que os indivíduos se constituem como personagens centrais. Sua ideia fundante é a da universalidade, ou seja, há uma igualdade jurídico-política, em que a lei única considera os homens iguais. Se contrapondo a igualdade jurídico-política, há a esfera da desigualdade no acesso aos bens materiais e simbólicos. Ainda que esta esfera seja pré-existente à sociedade moderna, nesta ela é completamente reformulada (Nascimento, 1994)

Ainda de acordo com Nascimento (1994), a desigualdade social na sociedade moderna tem várias conotações. Uma de suas conotações é positiva, na medida em que nela reside o processo de concorrência e desenvolvimento, nela se situa o eixo da inovação tecnológica e do dinamismo social e econômico (Nascimento, 1994). Com isso, é justamente a existência da desigualdade entre os indivíduos que garante a existência mobilidade social dinâmica, posto que atribui-se ao indivíduo a responsabilidade pelo lugar que ocupa na escala social,

garantindo assim um espaço profícuo para o mecanismo meritocrático. Em sua faceta negativa, a desigualdade se opõe ao ideário da igualdade, já que há uma desigualdade dinâmica e constante, o que gera a existência de grupos sociais que são colocados no espaço da pobreza absoluta e, sobretudo, na fronteira da sobrevivência (Nascimento, 1994).

No intuito de melhor delimitar a desigualdade social e a pobreza, Nascimento (1994) traz que a primeira refere-se à distribuição diferenciada (numa escala de mais a menos) das riquezas produzidas ou apropriadas por uma determinada sociedade, entre os seus participantes. Já a pobreza, por sua vez, remete a situação em que membros de uma determinada sociedade se encontram despossuídos de recursos suficientes para viver dignamente ou que não têm as condições mínimas para suprir as suas necessidades básicas, acrescentando ainda que vida digna e necessidades básicas constituem, sempre, definições sociais e históricas, variando, portanto, no tempo e no espaço. Assim, Nascimento (1994) aborda a pobreza enquanto uma destituição material, mas também simbólica. Neste sentido, as possibilidades de ascensão por mérito tornam-se precárias, considerando que a destituição material e simbólica impossibilitam a aquisição de um conhecimento tecnológico e intelectual demandado por um mercado de trabalho competitivo.

Neste cenário a meritocracia opera como uma forma de regulação dos critérios de mercado e mecanismos de distribuição social, interferindo na identidade dos indivíduos. Como coloca Nascimento (1994), tais formas de inclusão/exclusão dão contornos de uma cidadania fragmentada, hierarquizada, neste sentido, a meritocracia cumpre a função de classificação dos sujeitos, distribuindo-os nas mais diversas camadas sociais a partir de critérios de valorização do que é socialmente meritório para o mercado em dado momento sociohistórico.

O processo de avaliação e distribuição meritocráticos repete-se, daí a ideia de haver uma constância de novas demandas mercadológicas a serem correspondidas. Enquanto mecanismo presente em diversos dispositivos sociais, o processo de avaliação meritocrático repete-se mesmo para aqueles os quais foram bem avaliados, tendo de manter-se atentos para alterações das habilidades demandadas, um constante desenvolvimento de si e de submissão aos processos avaliatórios. O ápice do processo avaliatório meritocrático culmina nos excluídos modernos, que são “um grupo social que se torna economicamente desnecessário, politicamente incômodo e socialmente ameaçador, podendo, portanto, ser fisicamente eliminado” (Nascimento, 1994, p. 47), ou seja, aqueles indivíduos que não conseguem adequar-se as demandas do mérito.

Assim, a exclusão é um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. De um modo geral, o indivíduo que é dito excluído não corresponde apenas às pessoas em condição de pobreza material, mas também aqueles que são deixados à margem social por possuírem características que não fazem parte da norma e que possuem seus vínculos sociais abalados. Em outras palavras, aqueles sujeitos que são discriminados devido a sua etnia, raça, religião, nacionalidade, gênero, sexualidade e afins (Zioni, 2006).

Nesse sentido, percebe-se a importância de considerar a exclusão de acordo com sua complexidade para se pensar nas suas correlações com a meritocracia. Assim não se pode dissociar a meritocracia de aspectos éticos e de desigualdade social, já que seus valores e crenças se fazem presentes na estrutura social, nas empresas, no governo etc., como fora pontuado por Barbosa (2003), de modo que se configura, enquanto sistema de ordenação social, como um mecanismo que reforça desigualdade e interfere na subjetividade e na alteridade.

Interessante ressaltar que tais aspectos que levam a exclusão social são aqueles os quais são considerados como irrelevantes para ideologia do mérito, havendo um contra-argumento por meio de seu discurso individualista, ou seja, entende-se que tais características não se interpõe aos talentos, habilidades e esforços individuais. Entretanto, como se observa, tais fatores interferem diretamente na desigualdade e, por sua vez, na mobilidade social. A partir da perspectiva de Zioni (2006) o enfraquecimento da participação dos indivíduos nas redes sociais fundamentais gera a exclusão social, que pode ser associada à pobreza, mas não se reduz a ela, sendo que na sociedade atual existem mais desigualdades do que aquelas produzidas pela sociedade industrial. Logo, compreende-se que a pobreza, a desigualdade e a exclusão interferem nas possibilidades de ascensão social por mérito.

Um aspecto problemático que pode ser atribuído à meritocracia é que, enquanto critério de seleção no social, esta demanda que haja desigualdade. Kreimer (2000) coloca que o princípio seletivo a partir do mérito funciona enquanto uma forma de seleção e exclusão social, posto que converte relações de conhecimento em relações de poder, transformando as diferenças de classe em distinções de talento, inteligência e esforço, o que legitima as diferenças de classes em nome da ciência e do capital cultural herdado. De Borba (2017) complementa que enquanto um sistema de ordenação social como uma relação política, de daquilo que é fruto da vida em sociedade, sendo válido ressaltar que com isto a meritocracia preconiza e necessita da competitividade entre os sujeitos. Certo aspecto perverso da competitividade meritocrática aparece quando Kreimer (2000) aponta que:

Os sistemas de seleção não apenas produzem “eleitos”, isto é, pessoas que - pelo menos reconhecidamente - ocuparão posições de acordo com seu “mérito”. Sua função produtiva se estende ao inumerável conjunto de excluídos que não foram vitoriosos nos chamados testes de “capacidade”, ou que nem sequer concordaram com eles (Kreimer, 2000, p. 11)

Com isso, há uma função produtiva da meritocracia ao excluir uma parcela da população, não se tratando apenas de selecionar os melhores, mas de justificar um processo de desigualdade social existente e impulsionar uma lógica de funcionamento baseada na competitividade, como um impulsionador para que o indivíduo se mantenha produtivo. Ao contextualizar socioeconomicamente o perfil de sujeito ideal preconizado pela meritocracia na concorrência de livre mercado capitalista, nota-se que caberá a este angariar as qualidades demandadas pelo mercado de trabalho.

Em sua qualidade autônoma, o indivíduo deverá exercer um empreendedorismo de si, ou seja, possuir um foco no investimento de si, para que atinja os critérios competitivos que a própria ideologia do mérito impõe a partir do seu princípio de seleção dos melhores. Tal perspectiva conflui com o que se percebe atualmente no neoliberalismo. Littler (2018, p. 2) pontua que este indivíduo serve como um álibi para a plutocracia e como uma chave ideológica para a reprodução da cultura neoliberal, a qual proclama que há uma igualdade de oportunidades inerente a todos. Discorre que:

Fomos encorajados a acreditar que, se nos esforçarmos o suficiente, podemos conseguir: que raça, classe ou gênero não são, em um nível fundamental, barreiras significativas para o sucesso. Para liberar nosso talento interno, precisamos trabalhar duro e comercializar-nos da maneira certa para alcançar o sucesso¹⁰ (Littler, 2018, p. 2)

O neoliberalismo necessita desse indivíduo competitivo, consumidor, mas que também se torna produto, objeto de consumo, incitado e respaldado pela meritocracia, pois, como colocam Dardot e Laval (2016) parte do que constitui a dinâmica necessária ao neoliberalismo recai sobre um de seus pilares: a concorrência. Para os neoliberais, a concorrência é

¹⁰ We have been encouraged to believe that if we try hard enough we can make it: that race or class or gender are not, on a fundamental level, significant barriers to success. To release our inner talent, we need to work hard and market ourselves in the right way to achieve success (Littler, 2018, p. 2)

importante não apenas pelo seu papel no funcionamento do livre-mercado, mas também pelo seu efeito disciplinador como estímulo ao bom desempenho, e, ao contrário do que é posto pelo pensamento liberal, não se dá de modo natural. Parte do que já foi apresentado sobre a meritocracia a explicita enquanto um mecanismo que atua sobre a concorrência em sua dita ideologia.

Resumindo, a meritocracia tem sua função na manutenção das relações de poder presentes nas formas de organização social, estrategicamente se apresenta como um mecanismo que regula a concorrência entre os indivíduos, ao dizer, caso a caso, quais serão os critérios utilizados para determinar sua seleção ou exclusão. Com isso, a partir do que Dardot e Laval (2016) colocam, percebe-se que o sistema de avaliação concorrencial proposto pela meritocracia pode ser considerado um dos fatores que permeia o social e influencia nos modos de subjetivação dos sujeitos ao glorificar os indivíduos bem-sucedidos e excluir os que desistem ou não se enquadram nas demandas de desempenho.

Desta forma, como será apresentado na seção seguinte, há um a descrição de Barbosa (2003) sobre como o sujeito meritocrático deve ser, quais habilidades e características deve possuir. O esforço daqueles que instituem o trabalho como valor é determinado pela competitividade, entretanto, a concorrência é que um dos pilares do sistema capitalista em sua atualização neoliberal. Assim, a concorrência não é natural, avaliação de desempenho não é necessária para existência dos sujeitos, é apenas um dos pilares do modelo de troca e produção da vida na atualidade e, com isso, parece que fora necessária a estruturação de tecnologias as quais produzissem não apenas estruturas correspondentes, mas também sujeitos.

1.2.3 O indivíduo do mérito

Com isso, faz-se necessário questionar as formas que a ideologia meritocrática constrói para que seja possível sustentar as engrenagens de tal dinâmica de poder que toma características hegemônicas. Ainda que a aceitação social do discurso meritocrático não possa ser generalizada, percebe-se que este é disseminado por estar presente no corpo de crenças e práticas dos sujeitos em seu cotidiano. Logo, a consequente disseminação de seu conjunto de crenças é um fator que interfere na constituição subjetiva dos indivíduos, delimitando valores morais e éticos, habilidades e características de personalidade específicas e que compõe parte do que Sawaia (2001) delimitou como sofrimento ético-político.

O sujeito proposto pela meritocracia deve possuir características que foram denominadas por McNamee e Miller Jr (2014) como “Being Made of the right stuff”, ou na tradução livre, “Ser feito da coisa certa”, que se refere a características como talento inato, trabalho duro e atitude certa. Assim, na meritocracia o indivíduo para ser considerado digno de mérito deve possuir características como inteligência, esforço e habilidade. É possível fazer uma interlocução entre McNamee e Miller Jr. (2014) e o poder que os valores meritocráticos são associados a partir do pensamento de Maquiavel (1532/1996).

Em linhas gerais, para Sadek (1999), Maquiavel no clássico “O Príncipe” propõe uma reinterpretação do mito da deusa Fortuna que não abarca a moralidade cristã de sua época. Em sua interpretação, a deusa, que simbolicamente representa a riqueza, o poder, bens e glória, seria passível de ser conquistada pelo homem que fosse virtuoso, ao contrário da perspectiva cristã de que os homens eram dominados por Fortuna. Virtude, neste caso, refere-se ao homem que utiliza sua força para lutar pelo que almeja, sendo o poder fundado nesta força que não apenas se refere ao físico, mas a sabedoria de uso.

A força explica o fundamento do poder, porém, sem virtude não há sucesso, sendo este que possibilita a manutenção do poder, possuindo nas virtudes suas ferramentas (Sadek, 1999). Para Maquiavel (1532/1996) o príncipe não é apenas aquele que determina a ordem, mas deve possuir virtudes exemplares e honrar “os homens virtuosos e os que se excedem em alguma arte. Deve encorajar os seus cidadãos a acreditar que podem exercitar suas atividades em calma, seja no comércio, na agricultura ou em qualquer outra” (p. 112). Ao pontuar sobre a calma, Maquiavel (1532/1996) faz referência a apropriação de posses dos camponeses pelo principado, ou seja, considerava ser necessário respeitar a propriedade construída pelo cidadão. Para além, sua colocação também busca valorizar aqueles homens que apresentarem talentos, estes devem ser bem quistos, devidamente bonificados e, com isso, o governante poderá mais facilmente manter seu poder através da boa relação com seu povo (Maquiavel, 1532/1996).

Maquiavel (1532/1996) parte de uma lógica racionalista que busca a verdade concreta para argumentar que à fortuna não deve caber manutenção do governo e que à sorte cabe uma responsabilidade parcial (acontecimentos que podem não ser benéficos), enquanto que o livre arbítrio cabe ao homem, o qual deve utilizá-lo de modo sábio. Maquiavel (1532/1996) expõe que uma das virtudes do governante deve ser saber adaptar-se ao seu tempo, construindo as mais variadas estratégias para manutenção e estabilidade de seu poder a partir das necessidades postas, mesmo que isso signifique não ter posturas consideradas como boas (como ser impetuoso), mas que se deve “aparentar possuir as qualidades valorizadas pelos governados. O jogo entre aparência e essência sobrepõe-se à distinção tradicional entre virtudes e vícios” (Sadek, 1999, p. 23).

A obra e o pensamento de Maquiavel (1532/1996) datam de 1532 e apresentam aproximações com as características que autores hodiernos associam ao sujeito da meritocracia. De acordo com Maquiavel (1532/1996), seja príncipe ou cidadão comum, o

homem deve possuir virtudes, um olhar sábio e estratégico para os contextos de seu tempo que valorize seus talentos, que lhe trarão fortuna, logo, poder, bens, riquezas, sendo que não se deve contar apenas com a sorte e com a estabilidade das estruturas e relações. Tais aspectos confluem, em partes, com o que McNamee e Miller Jr. (2014) expõe como características básicas do sujeito meritocrático.

Desta forma, o indivíduo virtuoso, ou seja, aquele dotado de talento, de uma atitude certa pautada em um saber e que tem ações em prol da sua sociedade deve ser valorizado, encorajado, ter sua liberdade e propriedade privada respeitadas, sendo devidamente recompensado por suas virtudes com poder, bens e glória. É válido ressaltar que tais caracterizações são postas a partir do olhar que caberia ao governante sobre os governados, neste sentido, o jogo das aparências se sobressai ao das essências, priorizando uma arte de governar que percebe a necessidade de estratégias para manutenção de estabilidade do governo de um povo, ou seja, de seu controle, suas possibilidades de governança. O governante deve, pelo menos, aparentar possuir as virtudes que reconhecerá e recompensará nos governados. Logo, o modo de governar, no caso, absolutista, demonstra haver relações de poder que agenciam os valores (virtudes) de uma dada época e que são determinantes para as condutas dos indivíduos.

Das virtudes modernas relacionadas a meritocracia, McNamee e Miller Jr. (2014) explicitam que “identificamos quatro ingredientes principais na fórmula americana para “ser feito das coisas certas”: talento, atitude certa, trabalho duro e caráter moral”¹¹ (p. 23). Acrescentam ainda, que deve haver oportunidades para que o sujeito possa explorar o que a combinação dos pressupostos meritocráticos pode trazer, posto que estes não bastam caso o indivíduo esteja angariando possibilidades sozinho, ou seja, “não é a capacidade inata sozinha, ou o trabalho duro sozinho, ou o estado de espírito adequado que faz a diferença.

11 We have identified four key ingredients in the American formula for being made of the right stuff: talent, the right attitude, hard work, and moral character (McNamee & Miller Jr., 2014, p. 23)

Pelo contrário, é a combinação de oportunidades e esses outros fatores que faz a diferença”¹² (p. 45).

De modo mais descritivo, Barbosa (2003) discrimina as características que o indivíduo deve possuir para estar de acordo com os princípios da meritocracia, sendo estas:

Autônomo, competitivo, empreendedor, criativo, esforçado, tendo o trabalho como valor central de sua existência, o *self-made man* por excelência do credo norte-americano. Mais ainda, tal discurso põe sobre os ombros dos indivíduos a responsabilidade exclusiva pelos resultados de suas vidas, ignorando quaisquer outras variáveis. Por essa lógica, o progresso e o fracasso das pessoas são vistos como diretamente proporcionais aos talentos, às habilidades e ao esforço de cada um, independentemente do seu contexto (Barbosa, 2003, p. 26)

Com isso, a meritocracia não apenas se institui enquanto uma ideologia presente em uma dinâmica de poder de dominação no qual o mérito individual serve de crivo para avaliação da distribuição de ônus e bônus sociais, hierarquicamente. Para além institui um sujeito específico, com condutas específicas, que deve ser correspondido. Não obstante, esse sujeito se configura como o empreendedor de si do credo americano, Littler (2018) acrescenta que a ideologia e o sistema social meritocráticos não podem ser separados de uma compreensão de como ele funciona em relação às questões contextuais de redistribuição e reconhecimento econômico e cultural e de como o sucesso social é demarcado e recompensado financeiramente e culturalmente.

Ainda assim, meritocracia parece fazer parte do consenso aceito pelos indivíduos, ao ponto de se manter quase implícita. Os indivíduos veem nela um sistema sedutor, uma aristocracia de talentos, que, aparentemente, separa as antigas aristocracias baseadas no

¹² It is not innate capacity alone, or hard work alone, or the proper frame of mind alone that makes a difference. Rather, it is the combination of opportunity and these other factors that makes a difference (McNamee & Miller Jr., 2014, p.45)

privilégio hereditário e as democracias atuais (Barbosa, 2003). Percebe-se que um aspecto presente no discurso meritocrático é o enaltecimento do progresso e desenvolvimento social a partir da recompensa individual e sua compreensão enquanto um critério justo para seleção social, posto que tal discurso visa, supostamente, uma sociedade mais igualitária e com oportunidades de mobilidade social. Littler (2018) complementa ao trazer que a meritocracia nos dias de hoje envolve a ideia de que independentemente da sua posição social ao nascer, a sociedade fornece oportunidades e mobilidade suficientes para a ascensão do talento daqueles que se esforçam.

Littler (2018) diferencia a meritocracia enquanto um sistema social de seu discurso ideológico. A meritocracia, enquanto sistema social, se baseia na ideia de que “indivíduos são responsáveis por trabalhar duro para ativar seu talento e, portanto, poucos dentre a maioria chegarão a posições sociais para as quais são adequados e adequadamente recompensados” (Littler, 2018, pp. 24-25)¹³. O sistema tem como princípios básicos a mobilidade social e a igualdade de oportunidades. Com isso, não é questionada a necessidade de meios mais equitativos de distribuição econômica e cultural, pelo contrário, “aqueles que “alcançam” passam mais privilégios para seus filhos, contribuindo assim para blocos sociais desiguais” (Littler, 2018, p. 25)¹⁴, construindo um ciclo que pouco diz sobre a igualdade de oportunidades, mas que interfere na mobilidade social.

Partindo dos diferentes momentos históricos do capitalismo e dando enfoque à distribuição de renda, a desigualdade entre renda e capital e a formação de classes, Milanovic (2020) argumenta como neste sistema de organização social uma das características que interfere na distribuição de renda é a homogamia, ou seja, o acasalamento preferencial entre pessoas ricas em uma renda que advém do capital de investimentos e ricas em renda do

¹³ Individuals are responsible for working hard to activate their talent and thus one in which the majority will arrive at social positions for which they are suitable and appropriately rewarded (Littler, 2018, p. 24-25)

¹⁴ Those who ‘achieve’ pass on more privilege to their children, thus contributing to unequal social starting blocks (Littler, 2018, p. 25)

trabalho, sendo esta última correlata, para o autor, ao capital humano. Em outras palavras, pessoas que além de terem bons rendimentos de investimentos financeiros, também possuem salários altos devido ao seu capital humano e passam intergeracionalmente seus privilégios para seus filhos.

Com isso, percebe-se que a meritocracia tem uma dimensão individualista, o qual culpabiliza os indivíduos por seus ônus e bônus e preconiza por um indivíduo específico, o da produtividade e eficiência, virtudes da modernidade. Relacionando-se as virtudes individuais ao poder e a ideologia, a meritocracia passa a ser um fator de ordenação social, logo, interfere em fenômenos sociais, como a desigualdade, a mobilidade e a exclusão social. Assim, apesar do foco individualista, Rivera (2015) ressalta a influência social da meritocracia, em que o mérito é “uma construção social incorporada em crenças culturais de nível social sobre o que vale a pena em um determinado tempo e lugar”¹⁵(p. 21). Nesse âmbito, as crenças culturais trazidas com a meritocracia situam-se em um dado momento histórico que será determinante para sua emergência, estruturação e funcionamento.

1.3 Breve desenvolvimento sociohistórico das características meritocráticas

Como foi explicitado, a alteração dos valores que caracterizava a distribuição dos indivíduos dentro dos estratos sociais é possível ser historicamente situada. Seu início deu-se a partir da transição da aristocracia hereditária, de sangue e com qualidades divinas, para a aristocracia de talentos, do homem livre, em outras palavras, a aristocracia do denominado antigo regime começa a decair com a ascensão da burguesia e da modernidade, no século XVIII. Para além das alterações socioeconômicas, começa a emergir um novo sujeito e

¹⁵ A social construction embedded in societal-level cultural beliefs about what constitutes worth in a given time and place (Rivera, 2015, p. 21)

identidade, o qual, de acordo com Hall (2006, p. 25) compreende o nascimento de um sujeito a partir de sua esfera individual, o sujeito do iluminismo.

As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes acreditava-se que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais. O status, a classificação e a posição de uma pessoa na ‘grande cadeia do ser’ – a ordem secular e divina das coisas – predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano. O nascimento do ‘indivíduo soberano’, entre o humanismo renascentista do século XVI e o iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado (Hall, 2006, p. 25)

De acordo com Kreimer (2000) o mérito na aristocracia antiga era “uma qualidade ligada ao brilho do nascimento que se revela no valor em combate e na riqueza econômica”¹⁶ (p. 142). Como o mérito aristocrático remetia ao brilho do nascimento, a riqueza econômica e o valor apresentado em combate (correlato a valorização da força física) estes eram compreendidos enquanto consequência do nascimento, o que negativava a relação existente entre riqueza material enquanto fonte de acesso ao poder, pois, na ordem da lógica aristocrática a riqueza era condicionada ao nascimento (e não o inverso), em outras palavras: “sou rico pois mereço isto dado o valor divino hereditário que possuo”, ao contrário de “sou rico pois sou consequência de um monopólio hereditário dos bens econômicos e materiais”. Com isto, dentro da hierarquia “socialmente justa” da aristocracia divina, o lugar do indivíduo bom, virtuoso, era saber e respeitar o lugar de cada um, pois sua condição natural era compreendida a partir de sua condição de nascença. Assim, “nas sociedades feudais, por exemplo, o princípio do “direito por nascimento” e a ideia do “direito divino dos reis” foram

¹⁶ una cualidad vinculada al lustre de nacimiento que se pone de manifiesto en el valor en el combate y en la riqueza económica (Kreimer, 2000, p. 142)

usados para justificar o poder e o privilégio da nobreza sobre plebeus e camponeses”¹⁷

(McNamee & Miller Jr., 2014, p. 3).

No intuito de melhor contextualizar sócio-historicamente a condição humana neste período, Hobsbawm (2016) traz que, em 1780,

Qualquer que fosse seu status, as atividades comerciais e manufatureiras floresciam de forma exuberante. O Estado mais bem sucedido da Europa no século XVIII, a Grã-Bretanha, devia plenamente o seu poderio ao progresso econômico, e por volta da década de 1780 todos os governos continentais com qualquer pretensão a uma política racional estavam consequentemente fomentando o crescimento econômico, e especialmente o desenvolvimento industrial [...] pois, de fato, o “iluminismo”, a convicção no progresso do conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza – de que estava profundamente imbuído o século XVIII – derivou sua força primordialmente do evidente progresso da produção, do comércio, e da racionalidade econômica e científica que se acreditava estar associada a ambos (Hobsbawm, 2016, p. 47)

A filosofia iluminista do século XVIII traz que, com a razão, o homem sai de sua “menoridade”. Para Kant (1784/1990), essa menoridade está associada a uma instituição da racionalidade humana, ou seja, busca afirmar o indivíduo enquanto um ser, uma unidade, que, por meio dos preceitos iluministas, tem a possibilidade de sair de sua dependência do pensamento das instituições de poder do século XVIII e atingir a razão, a qual, supostamente, lhe traria autonomia. Ao que parece, um ser racionalmente autônomo, uma máxima individualista e uma racionalização da vida.

Tal discussão sobre o iluminismo se faz pertinente dada à gênese que representa sobre tal imperativo da razão, da liberdade individual, sobre a culpa do sujeito perante uma

¹⁷ In feudal societies, for instance, the principle of ‘birthright’ and the idea of ‘the divine right of kings’ were used to justify the power and privilege of the nobility over commoners and peasants (McNamee & Miller Jr., 2014, p.3)

“inferioridade” caso não se porte de modo racional e a explicitação de um posicionamento drástico sobre aqueles que não se moldam a partir da razão, intitulando tais indivíduos como seres “preguiçosos e covardes” (Kant, 1784/1990).

Com isso, percebe-se que no século XVIII o mundo ocidental passava por uma série de mudanças significativas em diversos âmbitos, como o social, científico, econômico, cultural e na percepção do que é o indivíduo. Assim, a criação de formas racionais e científicas de compreensão do humano e do social são preponderantes para se considerar a constituição do homem moderno, o qual se pauta na perspectiva de liberdade e valorização individual. Para esclarecer, Hobsbawm (2016) discorre que:

É significativo que os dois principais centros dessa ideologia [iluminista] fossem também os da dupla revolução [francesa/burguesa e industrial]. [...] Um individualismo secular, racionalista e progressista dominava o pensamento “esclarecido”. Libertar o indivíduo das algemas que o agrilhoavam era o seu principal objetivo: do tradicionalismo da ignorante da Idade Média, que ainda lançava sua sombra pelo mundo, da superstição das Igrejas (distintas da religião “racional” ou “natural”), da irracionalidade que dividia os homens em uma hierarquia de patentear mais baixas e mais altas de acordo com o nascimento ou algum outro critério irrelevante. A liberdade, a igualdade e, em seguida, a fraternidade de todos os homens eram seus slogans. No devido tempo se tornariam slogans da revolução francesa. O reinado da liberdade individual não poderia deixar de ter as consequências mais benéficas. Os mais extraordinários resultados podiam ser esperados – podia de fato já ser observados como provenientes – de um exercício irrestrito do talento individual em um mundo de razão (Hobsbawm, 2016, p. 48)

Por meio do que foi exposto pode-se situar neste momento histórico um palco social no qual os valores que nos dias atuais sustentam a ideologia do mérito já se apresentavam. A

valorização do talento individual, da liberdade e igualdade, remontam então à instauração do capitalismo e da modernidade, que se concretiza na revolução industrial enquanto modelo econômico, ao iluminismo que se estrutura como filosofia racionalista de toda uma época e às alterações sociais situáveis a partir da revolução francesa. Pode-se perceber que os primórdios basilares da meritocracia se entrelaçam diretamente com uma proposta econômica e política, aparentemente em um momento histórico específico. Hobsbawm (2016) respalda tal proposição quando coloca que:

Não é propriamente correto chamarmos o “iluminismo” de uma ideologia da classe média, embora houvesse muitos iluministas – e foram eles os politicamente decisivos – que assumiram como verdadeira a proposição de que a sociedade livre seria uma sociedade capitalista. Em teoria seu objetivo era libertar todos os seres humanos.

Todas as ideologias humanistas, racionalistas e progressistas estão implícitas nele, e de fato, surgiram dele [...] embora os novos homens racionais o fossem por habilidade e mérito e não por nascimento, e embora a ordem social que surgiria de suas atividades tenha sido uma ordem capitalista e “burguesa” (Hobsbawm, 2016, p. 49)

Com a instauração desta compreensão de indivíduo, de uma ordem econômica pautada no livre mercado, McNamee e Miller Jr. (2014) pontuam que “com o declínio do feudalismo e a ascensão das economias de mercado, surgiram mercados livres. Os indivíduos poderiam possuir suas próprias terras, ser seus próprios chefes e subir com base em seus próprios esforços”¹⁸ (p. 9). Assim, o capitalismo preconiza pela liberdade econômica, sendo que um livre mercado necessita de pessoas igualmente livres para poder sustentar sua proposta (re)produtiva, ainda que, historicamente, tal percepção de controle e de liberdade individuais tenham tomado características singulares.

¹⁸ With the decline of feudalism and the rise of market economies, free markets emerged. Individuals could own their *own* land, be their *own* bosses, and move up on the basis of their *own* efforts (McNamee & Miller Jr., 2014, p. 9)

Apesar desta idealização da liberdade econômica e individual, de Borba (2017) pontua que com a ascensão da sociedade burguesa capitalista não houve uma desconsideração perante a valorização de marcas e títulos, mas que na “nova” sociedade tais aspectos apenas mudam de nome e classe detentora. Se antes os indivíduos eram divinamente castigados ou abençoados a partir do nascimento (sendo este seu mérito individual), de sua capacidade em combate e em suas riquezas econômicas, “se o católico venceu o céu com boas ações, o cidadão moderno aspirará a “salvar-se” na terra, ocupando na sociedade um lugar que, em princípio, parece determinado pela conjunção de conhecimento e eficiência, estritamente referida ao universo do trabalho”¹⁹ (Kreimer, 2000, p. 5). Com o advento da racionalidade iluminista, dos avanços industriais e científicos, da economia, da igualdade civil e da liberdade individual do século XVIII, o mérito e demérito transmutam-se ética e moralmente, posto que a salvação, o balanço das boas ações humanas em vida, passa a ser atribuído ao âmbito do trabalho enquanto uma recompensa, tendenciosamente econômica.

Em “A teoria dos sentimentos morais”, Adam Smith (1999), filósofo e economista do século XVIII, debruçou-se sobre os aspectos sociais de sua época no intuito de esclarecer a natureza humana. Discorre que é merecedora de recompensa a ação, a conduta, que “se ofereça como sentimento próprio e aprovado desse sentimento [a gratidão] que mais imediata e diretamente nos incita à recompensa, ou a fazer o bem ao outro” (p. 82). Com isso, a gratidão do outro, o reconhecimento externo, é que determinará se a ação é digna ou não de recompensa. Smith (1999) ainda coloca que “recompensar é remunerar, devolver o bem pelo o que se recebeu” (p. 82), sendo associado ao interesse do agente em gerar felicidade ao outro.

Para Smith (1999), o mérito é compreendido enquanto uma simpatia direta perante conduta do agente, mas também pela simpatia indireta que gera, entendida enquanto a identificação do indivíduo que recebe a ação para com a conduta do agente. Acrescenta ainda

¹⁹ si el católico ganaba el cielo con buenas acciones, el ciudadano moderno aspirará a ‘salvarse’ en la tierra, ocupando en la sociedad un lugar que em principio parece determinado por la conjunción de un saber y de una eficiencia referida estrictamente al universo del trabajo (Kreimer, 2000, p. 5)

que a perspectiva oposta (o ressentimento pelo outro) emergirá como merecedor de castigo, ou seja, alguma forma de punição. De um modo geral, o pensamento da época correlacionava a ideia de merecimento a recompensas (remuneração), reconhecimento social, gratidão e felicidade às possibilidades de relações identificatórias entre os valores individuais, em outras palavras, caso a conduta de um agente se assemelhasse aos valores daquele que recebe a ação pode-se considerar que haveria uma maior probabilidade da ação ser percebida como digna de recompensas.

Neste momento histórico, é possível observar que os valores econômicos capitalistas, assim como os valores sociais de liberdade individual e da razão encontravam-se em ascensão. Neste sentido, McNamee e Miller Jr. (2014) complementam ao pontuar que “*Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, foi adotada nos Estados Unidos como a Bíblia informal do capitalismo de livre mercado americano. Enfatizou os princípios do interesse *próprio* racional, da concorrência *individual*, da propriedade *privada* e do *laissez-faire*”²⁰ (grifos dos autores, p. 8).

Entende-se que a importância das obras de Adam Smith se encontra no fato de que o economista percebe o futuro e o progresso da nação a partir do foco dado às ações individuais, como se o futuro de si e dos outros que compartilham esta sociedade estivesse no desenvolvimento deste indivíduo competente, talentoso, esforçado no trabalho, eficiente no ganho de riquezas (materiais e imateriais) que, por meio de seu trabalho, tornam também o livre mercado fonte de riquezas que podem ser compartilhadas e divididas a partir do mérito de cada um. Com isto, cada indivíduo é remunerado com recompensas na medida em que se esforça pelo desenvolvimento da sociedade como um todo, o qual tem seu espaço de expressão no progresso do mercado econômico.

20 *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, became adopted in the United States as the informal bible of American free-market capitalism. It emphasized rational *self*-interest, *individual* competition, *private* ownership, and *laissez-faire* principles (McNamee & Miller Jr., 2014, p.8)

Weber (2004) traz que há uma conexão entre a conduta humana, no caso a ética racional da ascese protestante, e o desenvolvimento de um *ethos* do sistema econômico (um espírito econômico) capitalista no ocidente, os quais interferem na estratificação social do seu meio. Weber (2004) aponta como o *ethos* protestante foi racionalizador e contribuiu para a evolução do capitalismo, a partir de uma ética que direcionava psicologicamente e moralmente os indivíduos. Tal ética era pautada na valorização do trabalho e na recusa do ócio e do luxo, desenvolvendo um *ethos* capitalista o qual determinava que ao ser eficiente em um trabalho o indivíduo era considerado como um predestinado de Deus, habilidade que determinaria sua vocação divina (Leme, 2006).

Diferentemente do feudalismo que associava o nascimento como algo divino para a diferenciação dos indivíduos, o vínculo com o divino se mantém, mas agora é associado à habilidade, talento e produtividade. Desta forma, como resume Bourdieu (2007) o *ethos* burguês capitalista possui afinidade estrutural com sistemas éticos ou religiosos que conjuga a ascese protestante e a estrutura socioeconômica capitalista, posto que há uma exaltação do trabalho, tanto quanto do acúmulo de capital e no qual a salvação divina advém dos esforços e das habilidades enquanto algo inato.

Tal inatismo possui suas bases no “divinismo” que é atribuído ao indivíduo por parte da moral religiosa, de uma ética que embasa a conduta, e implica apenas o indivíduo no processo de constituição de si e do que constitui sua vida, sendo associadas a perspectiva de mérito, como o sociólogo coloca “se ele [o burguês] tornou-se pobre, foi por sua culpa; se enriqueceu, atribui o mérito a si próprio. E face da divindade, ele estabelece suas próprias responsabilidades” (Bourdieu, 2007, p. 10). Com isso, não apenas a pessoa divinamente nasce melhor que as outras, de modo que suas habilidades são consideradas únicas, apresentando resquícios da diferenciação de nascença presente no feudalismo. Para além, tais discussões desconsideram as influências do social na constituição do sujeito e sobre como são produzidos

sociohistoricamente tais talentos e habilidades, sobre as influências hereditárias, familiares, econômicas e afins.

Leme (2006) sintetiza as aproximações entre o *ethos* capitalista e a ética protestante ao trazer que

Foi possível compreender o desenvolvimento do espírito do capitalismo por causa da nova característica que foi introduzida ao mundo do trabalho, ou seja, há uma fundamentação cujas origens são a moral religiosa, que por sua vez, influencia nos estilos de vida e trabalho dos indivíduos refletindo diretamente na forma, no modo de aplicação e de condução dos negócios (Leme, 2006, p. 22)

De acordo com Weber (2004), ainda que a burguesia, enquanto classe, tenha emergido antes do capitalismo, esta se liga estreitamente à origem da organização capitalista do trabalho, pois o capitalismo burguês se apropria, se associa a outras esferas de conhecimento técnico produzido pelo homem, como a ciência, e fornece-lhes direcionamentos econômicos. Ou seja, o uso dos conhecimentos passa a ter incentivos econômicos. Não obstante, sua concretização também dependeu de alterações no sistema legal, ainda que o desenvolvimento do racionalismo econômico é parcialmente dependente da técnica e do direito racionais, mas é ao mesmo tempo determinado pela habilidade e disposição do homem em adotar certos tipos de conduta racional prática (Weber, 2004).

Neste prelúdio de modernidade, nota-se que a passagem histórica da ética e moral feudal para a ascensão protestante no ocidente se dá devido à alteração de poder entre classes sociais, ocorrida a partir das mudanças econômicas, políticas, filosóficas e sociais do século XVIII, as quais imbuem o sujeito movido pela razão de uma maior autonomia perante sua salvação e apropriação terrena de suas ações, principalmente por meio do trabalho. A compreensão do que é meritório passa a ser determinada na relação entre os indivíduos e o

meio social, imbricada pelo conjunto de valores do *ethos* burguês. Este início do sistema socioeconômico capitalista fornece um cenário fecundo para o florescimento das características meritocráticas, posto que a responsabilização atribuída ao indivíduo, somada às possibilidades de mobilidade social por meio de ganhos econômicos, implica que a partir de suas próprias ações (que englobam esforço e habilidade) o indivíduo pode angariar recompensas materiais e imateriais, sendo digno devido a sua própria razão.

Em outras palavras, os elementos que compõem a meritocracia possuem lastro sociohistórico, esta pode ser percebida como a conjunção dos valores supracitados em um arranjo de crenças, que influenciará na percepção de quais qualidades e ações individuais são boas e dignas de recompensas. Esta é, nos dias atuais, utilizada de modo análogo ao “sangue divino” feudal, ou seja, justifica as desigualdades sociais, de raça, de gênero e econômicas e afins. Com isso,

A desigualdade é vista como justa, porque todos presumivelmente têm uma chance igual (ou pelo menos adequada) de ter sucesso, e o sucesso é determinado pelo mérito individual. O sistema supostamente funciona porque é visto como um incentivo individual para alcançar o que é bom para a sociedade como um todo; isto é, aqueles que são mais talentosos, os que trabalham mais e os mais virtuosos recebem e devem receber mais recompensas²¹ (McNamee & Miller Jr, 2014, p. 4).

O discurso apresentado pela meritocracia traz que há justiça perante a seleção a partir das desigualdades e que essa se dá na valorização e recompensa das características individuais que são benéficas para a sociedade como um todo. Entretanto, como observado, o que de fato se percebe é que a meritocracia se apresenta como uma das ferramentas que coopera para que

21 Inequality is seen to be fair because everyone presumably has an equal (or at least an adequate) chance to succeed, and success is determined by individual merit. The system supposedly works because it is seen as providing an individual incentive to achieve what is good for society as a whole; that is, those who are most talented, the hardest working, and the most virtuous get and should get the most rewards (McNamee & Miller Jr., 2014, p.4)

seja possível a uma classe que não possui os mesmos recursos da classe dominante imbua seus pressupostos. Isso embasa a crença de possibilidade de ascensão econômica e mobilidade social a partir da meritocracia.

No que tange à mobilidade social, Scalón (1999) traz que “uma sociedade pode ser definida como [...] justa ou injusta, igual ou desigual, de acordo com o grau de fluidez de sua estrutura de estratificação social, ou seja, de como são distribuídas as oportunidades de alcançar posições sociais” (p. 18). Para a autora, é a partir das fraturas na estrutura social, observáveis por meio do estudo da mobilidade social, que se percebe as desigualdades nas oportunidades de “aquisição de bens e valores e estratégias de manutenção e reprodução das posições sociais” (p. 18). Ademais, entende-se que a aquisição de riquezas e poder dependem das condições sociais, “que não se restringem às qualidades pessoais” (p. 18), com isso, os sucessos e fracassos podem ser observados a partir de seus padrões e sistematizações, sendo estes últimos resultantes das realizações individuais (talento) e dos processos sociais.

Para além, os estudos de Pastore e Silva (2001) demonstram que não são apenas os aspectos individuais e sociais que interferem na mobilidade social, além destes, percebe-se a necessidade de pesquisas e estudos atentos perante fatores longitudinais, intrageracionais, intergeracionais, culturais, tecnológicos, educacionais, políticos e econômicos, logo, a mobilidade social se apresenta enquanto um campo de estudo complexo, sendo um disparate reduzi-lo a aspectos individuais, como o esforço e a habilidade, ou mesmo produzir assertivas fugazes como “é possível chegar lá” (ou seja, ter mobilidade socioeconômica) como é propagado pelo discurso meritocrático.

No intuito de melhor ilustrar a dimensão da mobilidade social, Ribeiro (2000), ao discutir os estudos de Pastore e Silva (2001) e Scalón (1999) em seu artigo, pontua que, apesar de haver mobilidade social no Brasil, esta é rígida, “ou seja, as chances relativas de

mobilidade para as classes mais privilegiadas, não são, nem de longe, distribuídas igualmente para indivíduos com origem nas diversas classes sociais” (p. 183) e que, em relação à desigualdade existente em países europeus, os níveis brasileiros são exorbitantes. Esta afirmativa coloca que, ao menos no Brasil, é possível avançar brevemente dentro da escala de classes socioeconômica, mas, ser proveniente de uma classe baixa e ascender para uma classe alta é pouco provável. A complexidade dos fatores interferentes na desigualdade de chances ou de acesso as possibilidades de mobilidade social, como, por exemplo, as origens de classe do indivíduo, possuem maior preponderância do que o esforço ou a habilidade.

Em seu estudo Scalón (1999) aponta as convergências e divergências das definições de classe em Marx e Weber, considerando as transformações sócio-históricas e discorre que para Weber classe é um conceito puramente econômico que “reconhece várias formas de diferenciação social, que podem estar baseadas em status, prestígio e outros fatores adscritos, tais como etnia, sexo, etc” (p. 33), sendo que Weber enfatiza a ascense protestante e sua ideologia como determinantes para um estilo de vida que influenciou a ordem capitalista, pelo menos nos EUA, o qual, como já fora mencionado, é um dos “berços” também da meritocracia.

Já para Marx, Scalón (1999) esclarece que mesmo reconhecendo a existência de várias classes, estas ainda aparecem como fragmentos entre a burguesia e o proletariado, não refletindo a pluralidade de classes existentes na atualidade e que a especialização presente na divisão social do trabalho provocou uma fragmentação da classe trabalhadora, “uma vez que gerou diferenças tanto em termos de recompensas econômicas como em termos de autonomia, estabilidade e condições de trabalho” (p. 35). Para além, a autora resume que enquanto as relações de classes para Marx se distinguem no processo de produção, para Weber, estas relações se distinguem pelas “chances de vida estabelecidas no mercado” (p. 36).

O mercado, para meritocracia, emerge enquanto um “espaço” no qual a distribuição de indivíduos e bens é livre, natural, denominado por autores como Littler (2018) e McNamee e Miller Jr. (2014) como “*playing field*”, onde ocorre um nivelamento natural, espontâneo, de oportunidades, um “chão” que respeita o princípio da igualdade entre os homens. Como Littler (2018) coloca “a ideia de igualdade de condições é significativa na medida em que equivale ao ‘chão’ [para todos] como igual, mas também é significativa na medida em que não leva em consideração outras formas-chave de diferenciação”²² (p. 31). Assim, fica a cargo do mercado naturalmente distribuir sujeitos, ativos econômicos, oportunidades que aderem às crenças propagadas pela meritocracia.

Sobre o mercado, Foucault (1979/2008a) o delimita enquanto “um lugar e mecanismo de formação da verdade” (p. 42) o qual emerge a partir do século XVIII e “deve-se deixá-lo agir com o mínimo possível de intervenções [governamentais], justamente para que possa formular a sua verdade” (p. 42). Com isso, o mercado é possuidor de mecanismos naturais que regulam espontaneamente os valores dos produtos a serem consumidos em uma sociedade capitalista, mais especificamente, em uma sociedade caracterizada pelo liberalismo na qualidade de sistema socioeconômico. No que refere ao âmbito social, Foucault (1979/2008a) esclarece ainda que o liberalismo interfere nos indivíduos “na medida em que eles próprios estão ligados a essa naturalidade econômica, em que sua quantidade, sua longevidade, sua saúde, sua maneira de se comportar se encontram em relações complexas e entrelaçadas com esses processos econômicos” (p. 30)

A meritocracia, ao disseminar a crença de que o indivíduo conseguirá diversas possibilidades de mobilidade social a partir de seu esforço e habilidades (adquiridas e inatas), permite crer que o mercado regulará as recompensas, sendo que para meritocracia o produto é o próprio indivíduo, o qual se torna passível de ser estipulado um valor correspondente às

²² the idea of the level playing field is significant in that it figures ‘the ground’ as equal [for everyone], but it is also significant in that it does not take other key forms of differentiation into account (Littler, 2018, p. 31)

suas contribuições para a nova dinâmica da produção cotidiana da vida e da dinâmica capitalista liberal.

Assim, a meritocracia se apresenta enquanto uma das estratégias de um sistema socioeconômico, possuidora de uma lógica que dá estabilidade a uma estrutura desigual de distribuição dos recursos materiais e imateriais entre diferentes estratos sociais. Deste modo conflui mais para uma eventual cristalização da mobilidade social do que para uma maior possibilidade de angariar melhores condições de vida, posto que, ao desconsiderar em sua equação os fatores referentes às possibilidades de desenvolvimento do indivíduo, exclui do cálculo as influências econômicas, familiares, educacionais, sociais e etc, mas perversamente responsabiliza o indivíduo por seu valor para a lógica do sistema.

No que se refere à estratégia, Dardot e Laval (2016) a caracterizam de duas formas, primeiro em seu sentido mais comum sobre os meios escolhidas para se atingir um objetivo, uma finalidade. A segunda forma, os autores recorrem ao conceito de estratégia em Foucault (1979/2008a), o qual coloca que “a lógica da estratégia tem por função estabelecer quais são as conexões possíveis entre termos díspares e que permanecem díspares [...] A lógica da estratégia é a lógica da conexão do heterogêneo, não é a lógica da homogeneização do contraditório” (p. 58).

Dardot e Laval (2016) cooperam na contextualização histórica ao trazer que em 1980, época em que governavam Reagan e Thatcher, ocorria uma série de mudanças, entendidas enquanto uma “resposta política à crise econômica e social” (p. 189), as quais possuíam como principais características a alteração dos modos de exercício do poder governamental, assim como uma subordinação a uma “racionalidade política e social articulada à globalização e à financeirização do capitalismo” (p. 190). Os autores discorrem ainda que a ocorrência de tais

alterações foi necessária para a implantação geral de uma nova lógica normativa capaz de incorporar e reorientar duradouramente políticas e comportamentos.

É a partir desta necessidade de reorientação e implantação que a estratégia se torna pertinente, posto que neste novo cenário socioeconômico e político as estratégias passam a ter como objetivo a manutenção da lógica de mercado e da financeirização das práticas do Estado e dos indivíduos, para que seja possível sustentar a concorrência necessária ao mercado, esta já não sendo mais percebida como natural. Na contemporaneidade, a estratégia neoliberal, para Dardot e Laval (2016), se caracteriza como “um conjunto de discursos, práticas e dispositivos de poder visando à instauração de novas condições políticas, a modificação das regras de funcionamento econômico e a alteração das relações sociais de modo a impor esses objetivos [neoliberais]” (p. 191). Objetivos estes que necessitam “criar situações de mercado e formar indivíduos adaptados às lógicas de mercado” (p. 191). Em outras palavras, a partir de 1980, “a concorrência se constituiu como nova norma mundial a partir de certas relações entre as forças sociais e certas condições econômicas” (p. 192).

Ainda de acordo com Dardot e Laval (2016), estes explicitam que foi necessário pensar em estratégias que buscaram a alteração da conduta humana, inclusive em sua subjetividade, para que os indivíduos se engajassem em corresponder a esta nova demanda capitalista, atingida por meio,

de técnicas e dispositivos de disciplina, isto é, de sistema de coação, tanto econômicos como sociais, cuja função era obrigar os indivíduos a governar a si mesmos sob a pressão da competição, segundo os princípios do cálculo maximizador e uma lógica de valorização de capital [...] a progressiva ampliação desses sistemas disciplinares, assim como sua codificação institucional, levaram à instauração de uma *racionalidade* geral, uma espécie de novo regime de evidências que se impôs aos governantes de todas as

linhas como único quadro de inteligibilidade da conduta humana (Dardot e Laval, 2016, pp. 193)

Nesta lógica, o indivíduo meritocrático se caracteriza enquanto uma das “engrenagens” da economia mercadológica, sendo assim, se transforma em uma fonte de capital. Em outras palavras, há

um capital que é praticamente indissociável de quem o detém [...] a competência do trabalhador é uma máquina, sim, mas uma máquina que não se pode separar do próprio trabalhador [...] uma máquina entendida no sentido positivo, pois é uma máquina que vai produzir fluxos de renda” (Foucault, 1979/2008a, pp. 308-309).

Assim, o indivíduo serve como máquina para a dinâmica capitalista. Foucault (1979/2008a) acrescenta que essa máquina-indivíduo possui uma utilizabilidade, obsolescência e duração de vida, afinal, o corpo humano tem uma existência finita. Para além, a concepção de capital torna-se “concepção do capital-competência [...] de sorte que é o próprio trabalhador que parece como uma espécie de empresa para si mesmo” (Foucault, 1979/2008a, p. 310).

Com isso, “a razão econômica aplicada a todas as esferas da ação privada e pública permite eliminar as linhas de separação entre política, sociedade e economia”, assim, “a concorrência introduzida pelos consumidores é a principal alavanca para a “responsabilização”, portanto, para o bom desempenho dos assalariados nas empresas”. Nessa sociedade do consumo de si, dos outros e das coisas, resta ao indivíduo ser “o único responsável por seu destino, a sociedade não lhe deve nada; em compensação, ele deve mostrar constantemente seu valor para merecer as condições de sua existência” (Dardot e Laval, 2016, p. 213).

Sobre a meritocracia, Bell (1972) traz que o “guardião dos portões” da mobilidade social e, por sua vez, da entrada no “playing field”, é a educação, que por meio do desenvolvimento de habilidade técnicas e conhecimentos agrega valor individual com a aquisição do que Gary Becker (1993) denominou de “capital humano”, o qual se refere ao acúmulo de conhecimentos acadêmicos e habilidade individuais, e considera que “educação e treinamento são os investimentos mais importantes em capital humano”²³ (p. 17). No que se refere ao valor demonstrado pelo indivíduo, Foucault (1979/2008a) traz que a teoria do capital humano possibilitou reinterpretar em termos econômicos todo um campo que “até então, podia ser considerado, e era de fato considerado, não-econômico” (p. 302), como o comportamento humano.

Ainda de acordo com Foucault (1979/2008a), para o liberalismo o indivíduo possuía uma relação com o mercado caracterizada por uma parceria no processo de troca, sob esta ótica, o indivíduo era considerado enquanto *homo oeconomicus*. Por sua vez, na perspectiva neoliberal, o *homo oeconomicus* é um empresário de si mesmo. A leitura de Foucault sobre os estudos de Becker (1993) coloca que o homem deixa de ser apenas um dos termos da troca em uma relação monetária, mas passa a ser um produtor de sua própria satisfação a partir do consumo.

Ao abordar a lógica social do consumo, Baudrillard (1995) discorre que a felicidade constitui uma referência absoluta nesta sociedade do consumo, que se revela enquanto equivalente da salvação, sendo correlato, na sociedade moderna, ao mito da igualdade. O autor explicita que o mito da igualdade é uma transformação, herança da Revolução Francesa e Industrial do século XVIII, e que sua força ideológica não deriva da capacidade natural de cada indivíduo de realizar algo por si mesmo, mas sim de fatores sociohistóricos que equiparam a felicidade a um bem-estar passível de ser mensurado por meio de signos e

23 Education and training are the most important investments in human capital (Becker, G., 1993, p.17)

objetos. Na sociedade do consumo, a felicidade “surge primeiramente como uma exigência da igualdade” (Baudrillard, 1995, p. 48), devido a tal característica, a felicidade se funda em princípios individualistas. Em outras palavras, traz que há uma transferência de “uma igualdade real, das capacidades, responsabilidades e possibilidades sociais, da felicidade (no sentido pleno da palavra) para a igualdade diante do objeto e outros signos evidentes do êxito social e da felicidade” (Baudrillard, 1995, p. 48).

De acordo com o autor, se na aristocracia antiga existia a salvação pela graça do nascimento, com o advento da sociedade burguesa a salvação passa a ser por meio de obras. A legitimidade hereditária não deixa de possuir um valor (seja de sangue ou de cultura), inclusive, faz parte do que Baudrillard (1995) denominou como “estatuto”, o qual se refere ao “para além” das funções do objeto, ou seja, a sua capacidade única de simular a essência social. Baudrillard (1995) traz que a lógica da sociedade de classes impõe a salvação por meio dos objetos, ou seja, a salvação pelo consumo, que atinge um estatuto de graça pessoal, de dom e predestinação, entretanto, “este ainda continua a ser privilégio das classes superiores que, por outro lado, comprovam a sua excelência no exercício da cultura e do poder” (p. 59), com isso, há uma manipulação da produção e dos significantes sociais.

Para Baudrillard (1995), o *homo oeconomicus* busca, acima de tudo, a própria felicidade, os objetos que lhe proporcionarão o máximo de satisfação, sendo homem dotado de necessidades que o impelem para o consumo de objetos, fonte de sua satisfação, só que “as necessidades visam mais os valores que os objetos e a sua satisfação possui em primeiro lugar o sentido de uma adesão a tais valores” (p. 69), logo, a escolha do consumidor por um estilo de vida é inconsciente e automática, determinada por uma sociedade em particular.

Nesta sociedade neoliberal, o homem, consumidor-produtor, competência-máquina, empresário de si mesmo, é o capital humano detentor das características que lhe fornecerão

recompensas econômicas a partir de seu mérito, do seu desempenho individual e detentor de habilidades inatas e adquiridas. Correlacionando-se com o explicitado por Baudrillard (1995), a felicidade deste homem reside também no consumo de si, já que adere a signos e objetos que buscam impulsionar seu próprio desenvolvimento, como se dá, por exemplo, em diferentes modos de educação e treinamentos.

A partir de Foucault (1979/2008a), que se debruçou sobre o conceito de capital humano de Becker, entende-se que a formação de capital adquirido que produzirá renda depende de investimentos educacionais, o que não se limita ao aprendizado educacional formal ou formação profissional, mas também, por exemplo, pelo tempo de investimento dos pais gasto para com os filhos. É válido notar que a forma de descrição da relação com filhos, familiares, amigos, enfim, relações sociais de um modo geral, passam a ter descrições que fornecem uma conotação econômica às relações que antes eram parte de relações não-econômicas, ou seja, há uma “política de economização de todo um campo social de guinada de todo campo social para a economia” (Foucault, 1979/2008a, p. 332).

Por fim, observa-se que a meritocracia se constituiu historicamente com o rearranjo de valores da antiga aristocracia para a nova sociedade burguesa e que, com o desenrolar sociohistórico e econômico das sociedades ocidentais, uma nova perspectiva de sujeito e identidade emergiram. Com isto, aspectos como a liberdade, a igualdade, a razão e o *ethos* protestante, pertinentes à ética e à moral vinculam-se a concepções de merecimento, felicidade e salvação de modo financeirizado. No imperativo mercadológico da atualidade pode-se observar a presença do conjunto de crenças meritocráticas, a qual, de um modo geral, institui a associação entre o desempenho do indivíduo e a nova lógica concorrencial capitalista, gerando uma percepção generalista entre as possibilidades de mobilidade social e o capital humano apresentado pelo indivíduo. Logo, torna-se pertinente questionar de que

modo as aproximações entre o neoliberalismo e a meritocracia transparecem por meio dos discursos e práticas cotidianas.

Desta forma, a ideologia da meritocracia se estrutura e é estruturada em conjunto com outros elementos que propiciam a construção de uma perspectiva de quais habilidades os indivíduos devem possuir para serem capazes de se estabelecer socioeconomicamente, assim como delimita os talentos que devem ser valorizados dentro da sociedade e expõe que o esforço, enquanto uma forma de ascetismo, é um fator preponderante para ser possível alcançar o sucesso e ser bem-sucedido, ou seja, ser digno de mérito para não sofrer sanções como exclusão social. A partir desta perspectiva, observa-se que a concorrência existente no mercado de trabalho e a avaliação de desempenho, sendo assim, faz-se necessário uma maior compreensão destas ferramentas e técnicas que foram socialmente construídas para corresponder às novas demandas mercadológicas e criar este novo modelo de indivíduo que corresponderá a tais demandas.

No presente trabalho, entende-se que a perspectiva de desenvolvimento humano proposta pelo *coaching* emerge enquanto uma das formas de resposta ao cenário concorrencial por meio de um aparato de técnicas que visa a construção deste indivíduo produtivo e digno de mérito. Com isso, para ser possível compreender o fenômeno do *coaching*, é preciso recorrer a pesquisas e estudos teóricos desenvolvidos por seus próprios praticantes, os quais contextualizem e caracterizem sua prática em relação as estruturais econômicas atuais.

1.4 O *coaching*

De acordo com Bachkirova, Cox e Clutterbuck (2010), em seus primórdios, na década de 30, o termo *coaching* era utilizado para se referir ao treinador ou instrutor que propunha a

estruturação de um conjunto de atividades voltadas para o aprimoramento das habilidades técnicas de atletas, restringindo-se a área esportiva. Ao longo do século XX, principalmente entre as décadas de 60 e 70, a prática amplia-se para campos organizacionais, sendo utilizada em processos específicos de treinamento em empresas e desenvolvimento das habilidades e desempenhos dos indivíduos e equipes, principalmente com foco na formação de líderes.

Cerca de vinte anos depois, ao longo da década de 80, McLean (2012) acrescenta que houve a real ascensão do *coaching* no meio organizacional e pontua que, na contemporaneidade, a prática é reconhecida enquanto um empreendimento multimilionário, dada a sua efetividade em ajudar o desenvolvimento de líderes, essenciais ao progresso empresarial em todos os níveis organizacionais, assim como um meio de trabalhar com indivíduos que se encontram em processos normativos de transição da vida.

Para Bachkirova, Cox e Clutterbuck (2010, p. 1), na atualidade o *coaching* é compreendido como “um processo de desenvolvimento humano que envolve interação estruturada e focada e o uso de estratégias, ferramentas e técnicas apropriadas para promover mudanças desejáveis e sustentáveis em benefício do *coach* (o treinador) e *coachee* e potencialmente para outras partes interessadas”²⁴, sendo necessário acrescentar que o *coachee* é a denominação atribuída àqueles indivíduos que se submetem ao processo de *coaching*.

Grant (2005), considerado um dos principais teóricos sobre a temática, compreende que o *coaching* é,

Uma metodologia genérica usada para melhorar as habilidades, o desempenho e o desenvolvimento de indivíduos. É um processo sistematizado pelo qual os indivíduos são ajudados a explorar problemas, estabelecer metas, desenvolver planos de ação e, em seguida, agir, monitorar e avaliar seu desempenho, a fim de alcançar melhor seus

²⁴A human development process that involves structured, focused interaction and the use of appropriate strategies, tools and techniques to promote desirable and sustainable change for the benefit of the *coachee* and potentially for other stakeholders” (Bachkirova, Cox e Clutterbuck, 2010, p. 1)

objetivos, e o papel do treinador é facilitar e orientar o *coachee* por esse processo (Grant, 2005, p. 4)²⁵

A partir disto, o *coaching* pode ser considerado uma prática moderna, que emerge como uma adaptação de perspectivas do treinamento físico de atletas que visavam o desempenho em competições. É apresentado como uma metodologia sistematizada, composta de estratégias, ferramentas e técnicas que propõem uma prática direcionada para o cumprimento de metas e objetivos a partir da avaliação do que é problemático dentro da perspectiva empresarial.

Para isso, o *coach* interage com o *coachee* estabelecendo um plano de ação objetivo e estruturado buscando um aprimoramento de habilidades, desempenhos e adaptabilidade dos indivíduos a partir dos seus desejos ou do desejo das instituições que tenham interesse. Em outras palavras, o desenvolvimento humano é percebido como um aprimoramento progressivo e linear (como no desenvolvimento das habilidades de atletas) do que surge como demanda pelas empresas e organizações.

Enquanto uma resposta a essas demandas, construiu-se um arcabouço de conhecimentos pautados em outras disciplinas, sendo uma prática e teoria denominada por seus estudiosos como interdisciplinar e multiteórica, com profissionais que advêm de “uma variedade de profissões”, os quais constantemente adaptam “conceitos, ideias e ferramentas práticas” de outras áreas, como é exposto por Bachkirova, Cox e Clutterbuck (2010, pp. 1-2).

Ainda de acordo com os autores, ao profissional do *coaching* é demandado um amplo conhecimento de diversas áreas e, preferencialmente, uma formação acadêmica anterior à prática (Bachkirova, Cox & Clutterbuck, 2010). Nos dias atuais, há universidades que possuem formações com titulação acadêmica em *coaching*, como a Florida Christian

²⁵A generic methodology used to improve the skills and performance of, and enhance the development of, individuals. It is a systemised process by which individuals are helped to explore issues, set goals, develop action plans and then act, monitor and evaluate their performance in order to better reach their goals, and the *coach*'s role is to facilitate and guide the *coachee* through this process (Grant, 2005, p. 4)

University, que oferece formações inclusive em nível de doutoramento²⁶. Com isso, os profissionais possuem variadas formações, como, por exemplo, Administração, Psicologia, Educação etc., os quais articulam conhecimentos importados destas áreas para compor sua prática e desenvolvimento de um corpo teórico. Brock (2012, apud Reis, 2014) identifica como raízes que fomentaram o processo de formação do material teórico “educação, psicoterapia, estudos de comunicação, movimento de autoajuda, teoria de sistemas sociais, motivação atlética, teorias de desenvolvimento adulto, movimento holístico, administração e liderança” (p. 26).

A interdisciplinaridade possibilitou que o *coaching* não se limitasse apenas ao meio organizacional, ainda que, de acordo com Karawejczyk e Cardoso (2012, p. 48), independentemente do modelo teórico, o processo visa atender a demandas de segmentos do mercado ou ajustar-se a alguma aplicação. Assim, os tipos de *coaching* desenvolveram-se para outras “áreas de trabalho”, como o “*coaching* de vida”, “*coaching* executivo”, “*coaching* de equipe”, “*coaching* de carreira” e “*coaching* de liderança” (Karawejczyk & Cardoso 2012). Com isto, o foco da prática amplia-se sobre questões subjetivas e comportamentais dos indivíduos, tanto quanto sobre problemáticas do âmbito institucional e organizacional.

Torna-se necessário ao profissional que atuará neste meio corresponder às demandas organizacionais, sobre tal aspecto Karawejczyk e Cardoso (2012) complementam que “o profissional deve possuir o máximo de competências possíveis. [Sendo que] o desenvolvimento de novas competências ocorre através de atualizações constantes, sejam profissionais ou pessoais, por meio da aquisição de novas atitudes, habilidades e conhecimentos” (p. 47).

Grant (2005) pontua que apesar de observar a interdisciplinaridade como algo positivo, os programas de treinamento de *coaches* não possuem um corpo comum de

26 Informações recuperadas do veículo de comunicação oficial: <https://floridachristianuniversity.edu/en/deegres/bachelor/#toggle-id-3>

conhecimento estruturado, posto que “atualmente, a maioria deles é baseada em sistemas de propriedades idiossincráticas individuais e tem pouca ligação com as bases de conhecimento mais amplas” (p. 9)²⁷, acrescenta ainda que este também se torna um entrave para que o *coaching* corresponda aos critérios necessários para vir a ser considerado uma profissão.

No que tange à interdisciplinaridade, Fazenda (2008) explicita que esta é expressa pelo seu movimento, pela relação de metamorfose que pode haver entre duas disciplinas ou mais. Descreve-a enquanto uma busca pelo conhecimento não dissociada da materialidade, do cotidiano e de seus atores, posto que pretende compreender objetos sociais complexos em seus pontos de encontro e desencontro.

A interdisciplinaridade é então um modo de produção de conhecimento pautado na exploração das fronteiras entre as disciplinas e a interação entre elas (Satolo, Bernardo, Lorenzani & Morales, 2019), o que mostra contundência na crítica feita por Grant (2005) ao questionar a interdisciplinaridade presente em alguns programas de *coaching*. É válido acrescentar que a estagnação e o fechamento de uma teoria infringem a caracterização de interdisciplinaridade apresentada, o que compromete este princípio, caro à teoria do *coaching*, e as possibilidades de atualização dos profissionais em questão, posto que suas ferramentas, técnicas e conceitos provêm das diversas disciplinas supracitadas. Assim, o que se compromete não são apenas as habilidades práticas do profissional, mas principalmente as possíveis consequências, ainda desconhecidas, para aqueles que procuram tais serviços e se deparam com uma metodologia de práticas adaptadas precariamente de outras áreas.

Japiassu (1976) aponta que a interdisciplinaridade surge como um protesto contra um saber fragmentado, contra a construção de epistemologias que se apartam e setorizam a dinâmica social concreta, avessa a um conformismo de ideias impostas e situações adquiridas. Percebe-se que o desenvolvimento do *coaching* não surge enquanto pesquisa ou busca por

²⁷ At present the majority of these are based on individual idiosyncratic proprietary systems, and have little linkage to the broader established knowledge bases. This kind of training will be a major barrier to the professionalism of *coaching* (Grant, 2005, p.9)

compreensão de um fenômeno social, político ou econômico, mas, ao contrário, conforma-se com as ideias impostas pelas organizações e sistematiza uma adaptação conceitual e prática com a finalidade de corresponder a compreensão mercadológica do que deve ser ampliado no campo de atuação dos trabalhadores. Isso é perceptível a partir da afirmação de Reis (2014), que explicita que a razão da ampliação do *coaching* para os meios organizacionais se deu devido a necessidade de mudanças no papel do líder, com isso, programas de liderança começaram a lidar com temas voltados ao *coaching*, pois “o novo líder precisava unir o desenvolvimento organizacional com a psicologia” (p. 27).

Em suma, em conformidade com as necessidades postas pelas organizações, pode-se afirmar que as bases do que é denominado *coaching* têm como propósito gerar mudanças, de um modo geral, subjetivas e comportamentais, o que é difundido por meio de um discurso que tem o “objetivo de ensinar as pessoas a aprenderem a partir de perguntas abertas que ajudam o *coachee* a aumentar a percepção sobre o seu estado atual e sobre possibilidades para o futuro” (Reis, 2014, p. 27). Ou seja, o processo de *coaching* determina que as “possibilidades para o futuro” serão descobertas nas sessões de *coaching* por meio de perguntas sobre os desejos de indivíduos que buscam concretizar, a partir daquilo que é determinado pelo indivíduo como insuficiente.

Para isso, o *coaching* propõe um amplo espectro de técnicas, práticas e diferentes abordagens, mas que possuem um objetivo comum: foco no aprimoramento de uma performance direcionada para o alcance de resultados por meio de uma dedicação e esforço por parte do indivíduo. Como colocam Bachkirova, Cox e Clutterbuck, (2010) o *coaching* é “reconhecido como um meio eficaz para aumentar o desempenho, alcançar resultados e otimizar a eficácia pessoal”²⁸. A partir disto, observa-se que o crescimento de uma demanda de mercado por um indivíduo mais produtivo pode ser correspondido por meio das técnicas de

²⁸ recognized as a powerful vehicle for increasing performance, achieving results and optimizing personal effectiveness (Bachkirova, Cox e Clutterbuck, 2010, p.1)

construção de habilidades e perspectiva de desempenho do *coaching*, instituindo assim uma nova perspectiva de como os indivíduos devem desenvolver-se e quais devem ser seus parâmetros de progresso.

Não obstante, “os consumidores de serviços de treinamento se tornaram progressivamente mais sofisticados” (Grant & Cavanagh, 2004, p. 2)²⁹. Oliveira-Silva, Werneck-Leite e Carvalho (2018), ressaltam que a amplificação da prática nos EUA e na Europa é acompanhada pelo desenvolvimento de estudos teórico-científicos na área, “porém, no Brasil, este aspecto é ainda incipiente, uma vez que a prática tem crescido num ritmo mais acelerado do que a teoria, de forma que produções nacionais sobre *coaching* ainda são extremamente escassas” (p. 370).

A carência de produção científica da área no Brasil, somado ao não consenso de uma definição do que concerne à prática, é entendido pelos estudiosos da área enquanto fase do processo de desenvolvimento da mesma (como observado em Reis, 2009; Bachkirova, Cox e Clutterbuck, 2010 & Grant & Cavanagh, 2004), porém, tal aspecto torna complexo delimitar a confiabilidade da área e seus praticantes. Como colocam Oliveira-Silva et al. (2018) há a “necessidade de relatos sobre um panorama do que é o *coaching* e como ele pode ser analisado a partir de uma perspectiva acadêmica, de modo a se diferenciar das práticas genéricas e comerciais que atualmente costumam representar o *coaching* no Brasil” (p. 364)

Desta forma, um aumento significativo da prática do *coaching*, a qual não acompanha o desenvolvimento de um saber cientificamente confiável e delimitado, quando correlacionado à ideologia do mérito, demonstra que ambos têm crescido sem estudos os quais possibilitem tanto analisar suas possíveis correlações, quanto averiguar sua função e influência sobre os sujeitos e a sociedade. Para além, a precariedade da confiabilidade teórica

²⁹ Consumers of *coaching* services have grown progressively more sophisticated (Grant & Cavanagh, 2004, p.2)

e possíveis comprometimentos de apropriações conceituais e técnicas demandam maiores pesquisas.

Ao que parece, almeja-se um desenvolvimento humano voltado para produtividade e competitividade que advém de uma demanda organizacional, a qual coloca no indivíduo a responsabilidade por uma resposta a demandas político-econômicas que o mercado impõe as empresas e instituições. Como coloca Ozelame (2017), no cenário político-econômico atual a concorrência, a dinamicidade mercadológica, o avanço tecnológico e cultural, demandam que haja perspicácia por parte das empresas, para que seja possível acompanhar as mudanças e garantir sua manutenção no mercado, sendo que as empresas com melhores resultados são aquelas que desenvolvem as habilidades de seus colaboradores em todas as áreas.

Assim, a necessidade de aprimoramento e desempenho não emerge do indivíduo, mas, aparece no indivíduo como uma forma de sintoma das demandas concorrenciais e aprimoramento tecnicista presentes no mercado neoliberal. Ou seja, parece que o desejo de desenvolvimento empresarial produz um desejo de desempenho no indivíduo, pois, a não produção de novas habilidades pode colocar em xeque suas possibilidades de permanência no mercado de trabalho, logo, de manter suas condições de (re)produção vida. Compreende-se o *coaching* enquanto uma ferramenta que tem cooperado para a responsabilização do indivíduo e manutenção do *modus operandi* de um sistema socioeconômico pautado em uma concorrência constante e desigual. Considerando a carência de pesquisas e desenvolvimento teórico já apresentados, parece que tal prática do *coaching* está desenvolvendo-se sem uma ciência de sua função perante a estrutura social.

Em consequência disso, empresas apresentam cada vez mais estruturas enxutas e visam meios de alavancar seus resultados econômico-financeiros (Karawejczyk & Cardoso, 2012). Nesta esteira, um meio encontrado pelas empresas foi o aprimoramento do desenvolvimento de habilidades dos colaboradores, sendo o *coaching* compreendido enquanto

uma ferramenta e metodologia que possibilita tal empreitada (Karawejczyk & Cardoso, 2012). Sobre tal aspecto, é possível observar que a perspectiva da meritocracia se apresenta de modo a corroborar para a mesma empreitada. Barbosa (2003, p. 81) coopera ao pontuar que “[...] para a alta administração, a implantação da meritocracia é a solução imaginada para o aumento dos resultados organizacionais e a sobrevivência no mercado”.

De acordo com Batista e Cançado (2017) “mais de 40% dos *chief executive officers* (CEO) e 90% dos altos executivos americanos já usaram a técnica [do *coaching*]. Na Inglaterra, segundo a *Bristol University*, 88% das organizações também são adeptas da prática” (p. 27). Para além, discorrem que o *coaching* movimentou, em 2008, nos Estados Unidos, 2,4 bilhões de dólares, o que demonstra a explicitação de McLean (2012) de que é possível observar uma “explosão do *coaching*” desde os indivíduos ou instituições que solicitam seus serviços quanto daqueles que o ofertam.

Com a demanda por melhores qualificações e habilidades no mercado de trabalho nacional e internacional, o aumento de indivíduos que buscam formação em *coaching*, seja no intuito de oferecer serviços de consultoria ou como um meio de agregar valor seu ao próprio capital humano, demandado ao exercício de suas funções e manutenção de sua empregabilidade. Resultados como os apresentados pelo *Global Coaching Survey Report* (Frank Besser Consultant, 2009), corroboram para a afirmação supracitada, ao demonstrar que em 2009 havia no Brasil cerca de 1000 *coaches* executivos, os quais frequentaram alguma instituição de formação e/ou eram integrantes de associações da área.

Ainda que neste período o relatório tenha caracterizado o número de *coaches* no Brasil enquanto baixo, discorre que a presença de associações “sugere que os órgãos de treinamento estão moldando ativamente o desenvolvimento e a compreensão do treinamento de uma maneira mais local”³⁰(Frank Besser Consultant, 2009, p. 10). No que tange ao cenário

³⁰ suggests that *coaching* bodies are actively shaping the development and understanding of *coaching* in a more local way (Frank Besser Consultant, 2009, p. 10)

mundial, a pesquisa trouxe que existiam por volta de 44.000 *coaches*, sendo que 80% destes estavam localizados na Europa, Austrália e América do Norte (Frank Besser Consultant, 2009).

Um estudo apresentado pela *International Coaching Federation* (IFC) em 2012 trouxe que existiam cerca de 47.500 *coaches* globalmente, enquanto que na América Latina somavam-se 2.600 profissionais. A mesma instituição publicou uma nova pesquisa em 2016, a qual aponta a presença de 64.100 sujeitos em âmbito global que atuam enquanto *coaches*, destes 5.000 situavam-se na América Latina, apresentando assim um aumento de 34,94% em um período de apenas cinco anos no mundo e um aumento de 92,3% na América Latina.

Torna-se válido ressaltar que a IFC é considerada a maior associação de *coaching* em nível global, a qual desenvolve pesquisas e produções teóricas sobre a área no intuito de melhor delimitá-la e fornecer credibilidade para o meio (*The Association for Coaching*, 2015). Karawejczyk e Cardoso (2012) acrescentam que dadas as necessidades humanas de realização e conquista, há uma previsão da Sociedade Brasileira de *Coaching* de que, até 2020, haja cerca de 30 mil membros cadastrados no Brasil.

Ademais, a procura pelo *coaching* se justifica, de acordo com Oliveira-Silva et al. (2018) devido as mudanças no mercado de trabalho que fazem com que as pessoas busquem um melhor desempenho, assim como pela popularidade que o *coaching* ganhou em decorrência dos resultados positivos gerados por meio de seus métodos de desenvolvimento pessoal e organizacional. Entretanto, entende-se que estas demandas por mudanças se dão devido ao grande avanço tecnológico e um aumento da competitividade gerada no mercado, portanto “é capaz que o *coaching* esteja sendo visto como uma ferramenta capaz de auxiliar as pessoas a lidar com esse novo contexto de trabalho” (Oliveira-Silva et al., 2018, p. 369).

Logo, observa-se que este tem se apresentado enquanto efetivo, ou seja, de fato gera resultados almejados em termos de ganhos em relação ao desempenho e os resultados

necessários. O embasamento do *coaching* em disciplinas como a psicologia, educação e desenvolvimento humano, somado a uma perspectiva mercadológica cada vez mais competitiva e uma compreensão de produtividade que demanda um pleno engajamento por parte dos colaboradores, coopera para que os valores de mercado e organizacionais influenciem na vida dos indivíduos, assim há uma ampliação do âmbito empresarial para o individual, uma incorporação de seus preceitos na vida cotidiana.

Em suma, a proposta prática do processo do *coaching* envolve diretamente o aprimoramento de habilidades e desempenho que se iguala à ideologia do mérito por meio de uma sistematização da demanda orientada para atingir os melhores resultados e delimita seu foco no indivíduo. Como coloca Ozelame (2017)

É fundamental compreender sobre as ferramentas de *coaching* atualmente aplicadas nas empresas, demonstrar o que se tem de novo no universo da gestão de pessoas, identificar os seus benefícios, não somente para os líderes, mas também para os colaboradores, cujo desempenho superior vem trazer melhores resultados econômico financeiros às companhias (Ozelame, 2017, p. 2)

A partir de Loli e Treff (2018) tem-se que as reestruturações organizacionais e as mudanças tecnológicas corroboraram para uma maior flexibilização das relações de trabalho, ocorrendo um crescimento significativo da independência dos trabalhadores em relação aos arranjos de carreiras tradicionais. Em outras palavras, atualmente a carreira não é mais apenas compreendida como um desenvolvimento linear e limitada a um ou mesmo poucos empregos ao longo da vida, mas como uma sequência de experiências que comporta alterações de trajetórias, agregando demandas de adaptação do mercado.

A independência do trabalhador em relação à organização, disseminada de modo discursivamente positivo pelos adeptos do *coaching*, coloca que este indivíduo tem de ser constantemente um empreendedor de si e precise incorporar valores empresariais ao seu

cotidiano, posto que a dinamicidade das relações de trabalho, do mercado e das organizações obriga o trabalhador a agregar em si as habilidades que serão valorizadas pelas instituições e manejar seus riscos.

Bernardo e Pereira (2017) discutem que a própria denominação “colaboradores” pode ser contextualizada historicamente enquanto um discurso contemporâneo do capitalismo, que visa enfraquecer os instrumentos legais que protegiam minimamente os trabalhadores da exploração. É fornecida uma conotação de independência ilusória ao trabalhador, posto que este ainda depende da venda de sua força de trabalho para reprodução da vida cotidiana. Nesta perspectiva, isto se dá por meio do compartilhamento de uma ideologia de que seria possível para diferentes classes compartilharem interesses comuns, confluindo com o discurso meritocrático de mobilidade social e sua característica de exclusão dos fatores socioeconômicos e culturais ao discriminar o desempenho individual.

Para além, ainda de acordo com Bernardo e Pereira (2017) a incorporação de tal discurso legitimou modelos de organização do trabalho pautados na desregulamentação das relações de trabalho e na “flexibilidade dos contratos”. Pereira (2018) pontua que isso corrobora com a busca das empresas por trabalhadores mais competitivos e eficientes e que culmina em uma “volatilização dos salários, piora das condições laborais e desmantelamento da proteção social, ao mesmo tempo em que se ampliam as exigências de produtividade, tanto em quantidade como em qualidade” (p. 210).

Oliveira-Silva et al. (2018) pontua que o meio pelo qual o *coach* instrui o *coachee* é por meio da denominada prática não-diretiva, pautada em perguntas abertas as quais visam que o indivíduo que esteja passando pelo processo se responsabilize pelas suas mudanças, sendo protagonista ao criar seu próprio plano de ação e estabelecer suas metas, assim o *coach* é considerado enquanto um guia. Para os autores, essa perspectiva é o que distingue a disciplina do *coaching* de um processo de aconselhamento e de treinamento instrucional.

O *coachee*, correlato ao sujeito meritocrático, caracteriza-se enquanto um sujeito autônomo, o qual busca o serviço do *coach* para investir em seu próprio desenvolvimento, empreendendo em si mesmo. Entende-se assim que o processo de *coaching*, ao visar o desenvolvimento e apropriação de resultados por parte do *coachee*, corresponde enquanto uma ferramenta, um conjunto de técnicas que propicia a construção de indivíduos que correspondam à perspectiva da meritocracia.

Para além, Ozelame (2017) traz que,

Por ter como pontos principais o foco, a ação e resultados, o *coaching* faz com que os componentes da equipe busquem as respostas aos questionamentos feitos pelo seu líder (*coach*). O importante é que faça este colaborador (*coachee*) refletir, pensar, pesquisar, estudar, investigar para obter a resposta e por consequência aprimorar e expandir suas competências aumentando seu potencial (Ozelame, 2017, p. 2)

Posto que o *coach* é apenas o profissional que conduz o processo, que pode ser individual ou em equipe, para Oliveira-Silva et al. (2018) “o próprio aprendiz é quem organiza a agenda e ele mesmo é quem determina quais metas serão atingidas” (p. 365). Observa-se assim um processo de instrução para o desenvolvimento de habilidades necessárias à organização, mas que são compreendidas primordialmente sob a ótica do investimento do trabalhador em si. O aprimoramento de seu desempenho é importante também para o progresso e ganhos para organização, ainda que o discurso difundido priorize os ganhos individuais dentro de uma perspectiva de trabalho flexível. Assim, esse indivíduo pode ser considerado enquanto um sujeito meritocrático, pois terá as habilidades necessárias e provará o seu esforço por meio do desempenho apresentado, sendo o *coaching* uma proposta de ferramenta que coopera para a construção do sujeito meritocrático e manutenção de sua ideologia.

Para reforçar tal afirmação, torna-se interessante observar as semelhanças existentes entre o perfil almejado de profissional nos dias atuais e o sujeito meritocrático. No que tange ao profissional que o *coaching* visa construir, Karawejczyk e Cardoso (2012) o descrevem como segue:

Criativo, habilidoso, perceptível a novas situações, ágil nas respostas e ainda deve manter o nível de conhecimento atualizado, buscando atividades complementares a sua formação, ou seja, para ser um bom líder o profissional deve possuir o máximo de competências possíveis. O desenvolvimento de novas competências ocorre por meio de atualizações constantes, sejam profissionais ou pessoais, por meio da aquisição de novas atitudes, habilidades e conhecimentos (Karawejczyk & Cardoso, 2012, p. 47)

Com isso, pode-se observar que a descrição do profissional almejado pelo *coaching* é consideravelmente semelhante com o ideal de sujeito meritocrático já apresentado por Barbosa (2003), ambos devem ser criativos, autônomos, habilidosos etc. Não obstante, ao comparar os dois fenômenos, o do *coaching* e da meritocracia, percebe-se que os valores trazidos pela ferramenta do primeiro são compreendidos enquanto uma proposta que visa corresponder e responder da forma mais eficiente possível às perspectivas de organização social concorrenciais, estabelecidas pelo segundo.

Outro aspecto que corrobora para que seja possível fazer as primeiras aproximações entre a meritocracia e o *coaching* é a compreensão de que a primeira é uma proposta de critérios para avaliação de indivíduos e uma perspectiva que entende o progresso a partir do aumento da produtividade do desempenho, sendo que, como expõe Ozelame (2017) “o *coaching* deve ser aplicado em situações diversas dentro das empresas, tais como: avaliação de desempenho, *breakdowns* (colapsos), promessas quebradas, solicitações para *coaching*, necessidades de novas competências e necessidades nos negócios, como, por exemplo, maior qualidade e custos mais baixos” (p. 5)

Por fim, no presente trabalho buscar-se-á colaborar com o avanço dos conhecimentos sobre o *coaching* e a meritocracia. Para isso, propõe-se a análise dos discursos, práticas e conceitos da instituição de formação em *coaching* FEBRACIS, no intuito de melhor delimitar como se dão os enunciados difundidos e suas possíveis implicações sociais. A escolha da instituição enquanto objeto de estudo se deu considerando a diversidade de informações públicas e seus suportes. No *website* institucional é possível ter acesso a informações sobre a proposta metodológica e seu criador, assim como descrições dos cursos, a estrutura das unidades institucionais, *e-books* gratuitos, *podcasts*, vídeos, entre outros. A instituição, tendo seu criador como autor, ainda publicou livros sobre, por exemplo, o desenvolvimento humano, liderança e seu método, os quais serão abordados na seção seguinte.

1.5 A FEBRACIS

Criada em 1998, a Federação Brasileira de *Coaching* Integral Sistêmico (FEBRACIS), inicialmente denominava-se Instituto Paulo Vieira. Em seu vídeo institucional de 2019³¹, esta é descrita enquanto a maior instituição de *coaching* do mundo e Paulo Vieira, seu fundador, como o criador do “Método CIS (*Coaching* integral sistêmico), o maior treinamento de inteligência emocional de toda a América Latina” (Vieira, 2015, p. 15), “tido como o futuro do *coaching* por conseguir, em um prazo muito menor, produzir resultados muito maiores e efetivos do que o *coaching* tradicional”¹. Entretanto, ainda que se auto-intitule como uma Federação compreende-se que esta é apenas constituída quando há a união de grupos, organizações ou sindicatos antes autônomos, que mantém sua nomenclatura e passam a possuir uma autoridade comum, com objetivos comuns, associados em uma unidade, a Federação. No caso da FEBRACIS compreende-se que seu criador se apresenta como uma

31 Disponível em: <https://www.febracis.com.br/sobre/>. Acessado em 07/01/20.

autoridade máxima, e não a instituição apenas, e que, para além, construiu filiais de sua empresa pelo país, não havendo uma associação entre organizações.

Ainda que não haja uma explicitação científica (ou de outra ordem) pertinente sobre nenhum dos dados apresentados pela FEBRACIS, esta faz uso constante de superlativos relativos de superioridade, conotando uma intensificação da imagem pública institucional e de Paulo Vieira, como se observa também em “Paulo Vieira, o maior e mais experiente *coach* do Brasil”¹. Percebe-se que há entre Vieira, suas publicações editoriais, a reprodução massiva de sua imagem, e a instituição FEBRACIS uma vinculação que torna tênue a linha entre o profissional de *coaching* e a instituição, ainda que esta seja descrita, novamente, enquanto uma Federação.

Vinculação que apresenta utilidades, pois por meio de estratégias de marketing alavanca a imagem comercial ora da instituição, ora do próprio Paulo Vieira, dando enfoque aos livros escritos por Vieira, os cursos (ministrados pelo mesmo) e outros produtos comercializados pela instituição. Outras formas de divulgação e captação de clientela podem ser consideradas, como o canal de divulgação na plataforma *YouTube* com diversos vídeos disponíveis, a exposição dos “Cases de Sucesso” e os meios de comunicação diretos, como diários contatos via endereço eletrônico e telefônico para que efetuem cadastro na página oficial da instituição.

Paulo Vieira, PhD em Master *Coaching* pela Florida Christian University, “com formação em Gestão de Pessoas, Administração, Marketing, Programação Neurolinguística e com mais de 8 mil horas de sessões de *coaching* de experiência, presidente da Federação Brasileira de *Coaching* Integral Sistêmico (FEBRACIS)” (Taunay, Souza & Vieira, 2014, p. 7) descreve sua trajetória pessoal como uma “história de superação”, discorre que descobriu

ser seu próprio “sabotador” após “uma série de privações entre os 17 e 30 anos” e um momento de “renascimento”, precedido por um acidente automobilístico.

Ao unir a visão de autossabotagem aos estudos desenvolvidos sobre “como a cabeça humana funcionava”, Vieira pontua que, apenas um ano após iniciar práticas pautadas em tais estudos, mudanças pessoais o possibilitaram alcançar os bens materiais que almejava, como aquisição de imóvel particular, automóveis e “tudo isso de modo mais ou menos consistente, bem consistente até”³², sendo tal história utilizada recorrentemente em vídeos de acesso amplo. Descreve-se como um indivíduo “doentamente persistente”, considerando este o fator preponderante para o seu sucesso individual, confluindo com o que pontua ser seu lema: “tem poder quem age”³². Apesar do título de criador do método CIS, Vieira não se autointitula como um “sujeito inteligente”, mas descreve que seu sucesso individual está intimamente vinculado às trocas e trabalho conjunto dos indivíduos que compõem seu cotidiano profissional e pessoal.

Pode-se observar que a descrição da trajetória individual de Paulo Vieira (PV) ilustra o que fora apresentado por Barbosa (2003), McNamee e Miller Jr. (2014) e Littler (2018), ou seja, PV se apresenta como um sujeito que possui uma inteligência, que se esforça (doentamente persistente), sendo competitivo e autônomo, posto que constrói uma narrativa da sua história pessoal que apresenta as pessoas do seu entorno de modo secundário. É dado enfoque ao poder, associado as suas ações individuais, responsabilizando-se pelos seus ônus e bônus, e descrevendo sua história de superação como um *self made man*, o qual, após uma série de dificuldades romantizadas consegue, meritocraticamente, alcançar o que almejava, tornando-se uma pessoa de sucesso.

32 Material disponível em entrevista de Paulo Vieira para o canal “papo foda”. Disponível em sua mídia de comunicação oficial na plataforma Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=XXIbFHEyFjI>

Nessa empreitada de desenvolvimento material e humano, Vieira é autor dos best-sellers o “Poder da ação” (2015), “Fator de Enriquecimento” (2016) e “Poder e Alta Performance” (2017b) de acordo com o ranking de livros mais vendidos no ano de 2018 da Revista Veja³³. Em 2019, de acordo com a Nielsen-Publish News³⁴, o livro “O poder da autorresponsabilidade” (2017a) encontrava-se na 3ª posição entre os mais vendidos do ano e o “Poder da ação” (2015) ainda ocupava o 5º lugar nesta mesma lista. Em termos quantitativos, a FEBRACIS declara que foram mais de um milhão de exemplares vendidos, não especificando o título. Ainda assim, é possível observar o alcance popular dos livros escritos pelo autor do método CIS. Para além dos títulos citados, Vieira possui mais oito livros publicados, como “Criação de Riqueza” (2019), “Foco na prática” (2017c) e “O Poder da ação para crianças” (2018), escrito em parceria com o cartunista Maurício de Souza.

Além das publicações editoriais, na página oficial da instituição é possível ter acesso gratuito a 20 e-books que abordam temáticas como a gestão de si, inteligência emocional, vícios emocionais, liderança, foco e afins³⁵, assim como testes sobre domínio e inteligência emocional. Atualmente, a instituição FEBRACIS possui matriz em Fortaleza (CE) e outras 39 unidades em 22 Estados do território nacional e mais quatro unidades internacionais em Luanda, Boston, Orlando e Lisboa. Em entrevista², Vieira pontua que no total possui cerca de 700 funcionários e seguirá ao longo dos anos, “dobrando de tamanho”.

De acordo com as informações disponíveis no *website* oficial, sua preponderância e amplitude é demonstrada por meio de qualificações além da geográfica, dado que em termos espaciais possui mais de 30 mil m². No que tange ao alcance da difusão de seu método e formação de novos *coach* expõe que houve 300 turmas de formação, sendo 18 mil *coachs*

33Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/os-10-livros-de-negocios-mais-vendidos-de-2018-quantos-voce-leu/>

34Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/nielsen/2/2019/12/1/0/0>

35Disponível em: <https://www.febracis.com.br/materiais-gratuitos/>. Acessado em 11/02/2020

treinados com método CIS, mais de 310 mil sessões de *coaching* realizadas e mais de 600 mil pessoas foram “impactadas pelo método CIS³⁶”.

A FEBRACIS não disponibiliza apenas a formação em *coaching* por meio de seus cursos e palestras, mas também apresenta o denominado “ecossistema de empresas”, formado por dez empresas voltadas para o desenvolvimento do *coach* (incluindo a faculdade FEBRACIS), o CISEducar (formação socioemocional para crianças e famílias), Geração de Riqueza, CIS Assesment, entre outros, abarcando sua perspectiva integralista de ajudar seus clientes a atingir a alta performance nas diversas áreas da vida.

Paulo Vieira descreve que inventou a “fórmula do sucesso. Infalível. É um binômio: crescer e contribuir”. Explicita que criou uma matriz, por meio de um cálculo matemático o qual “descreve como a pessoa é” (matriz de plenitude) e que por meio deste mapa é possível observar quais são os “quadrantes de plenitude” que devem ser desenvolvidos pelo indivíduo para que este alcance suas metas, enriqueça, mas que também “impacte a vida daqueles que estão ao seu redor”. Assim, Vieira coloca que quando há o desejo de prosperar demasiadamente em todos os âmbitos da vida e de contribuição para a sociedade, entra-se em um “quadrante de plenitude”, o qual é descrito como um “estado de fluxo de realização onde as coisas acontecem”.³⁷

Vieira ainda explicita que dorme “pensando em como ganhar mais e prosperar” e em como “ajudar pessoas”, para além, coloca que uma “dica” para indivíduos prosperarem é o autoquestionamento, pois “se as coisas não estão dando certo é porque tem algo errado em você, e não nos outros. Se você não tá ganhando dinheiro, tem algo errado em você e não nos

36Disponível em: <https://febracis.com/>. Acessado em: 11/02/2020

37Material disponível em entrevista de Paulo Vieira para o canal “papo foda”. Disponível em sua mídia de comunicação oficial na plataforma Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=XXIbFHEyFjI>. Minutagem: 8’25”

outros. Se o seu casamento não tá bom, se alguma coisa não tá bem, se sua empresa não tá bem, o problema não está nos outros, está em você”³⁸.

No portal online, as informações são expostas de modo espetacularizado, como é explanado pela FEBRACIS, seu objetivo é “impactar vidas”³⁹, sendo isso feito por meio de frases que remetem a grandiosas alterações na condição de vida dos indivíduos, seja profissional, subjetiva ou relacional, como “FEBRACIS. Mudando vidas a partir do *coaching* integral sistêmico”, ou mesmo “alcance os resultados que você busca em sua vida pessoal e profissional”. Assim como as outras assertivas, a apresentação de dados quantitativos ocorre sem fontes de referências que garantam sua validade científica, ainda que sejam explicitados como diferenciais oferecidos pela instituição.

O discurso de grandiosidade, transformação e potencialidade com ares de “extraordinário” não se limitam à descrição da instituição, metodologia e seu fundador. Presentes também na missão e valores institucionais, a primeira possui como objetivo “transformar e potencializar vidas e negócios, por meio da metodologia do *coaching* integral sistêmico, construindo um mundo extraordinário e abundante”. Enquanto que os valores são pautados em uma integridade e ética com princípios judaico-cristãos, descritos como “autorresponsabilidade, crescer e contribuir: amor ao próximo e a si mesmo, entrega extraordinária, lucro extraordinário”.

Ressalta-se que foi encontrado apenas um relatório de pesquisa (2014), publicado no *website* da FEBRACIS e desenvolvido pela mesma, o qual não faz menção aos números citados, apenas busca apresentar o método CIS, não tendo sido publicado em periódico científico. Desenvolvida por Taunay, Souza e Vieira (2014)⁴⁰, a pesquisa busca comprovar a

38Material disponível em entrevista de Paulo Vieira para o canal “papo foda”. Disponível em sua mídia de comunicação oficial na plataforma Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=XXIbFHEyFjI>. Minutagem: 8’56”

39 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ckmWacRBBTo>. Acessado em 07/02/20.

40 Estudo disponível em: <https://febracis.com.br/arquivo/pesquisa-metodo-cis.pdf>. Acessado em 11/02/2020

eficácia do método CIS, compreendido enquanto “uma metodologia de desenvolvimento pessoal orientada à conquista de objetivos, desenvolvimento da inteligência emocional e mudança de estilo de vida, baseado na metodologia de *coaching* e conhecimento de neurociências, operando no âmbito do paradigma holístico (sistêmico)” (p. 2).

De acordo com os autores, o “paradigma holístico” pauta-se em estudos da física moderna complementados com a perspectiva biomédica de atenção à saúde. Consideram a ampliação do modelo biopsicossocial para o “biopsicossocialespiritual”, no qual “o biológico, o psicológico, o social e o espiritual são dimensões distintas, dinâmicas e interativas do ser humano” (Taunay, Souza & Vieira, 2014, p. 3). Vieira (2017a) acrescenta que o método CIS busca expandir a visão do *coaching* tradicional a partir de enfoques relacionais e emocionais do indivíduo.

A pesquisa desenvolvida pela instituição (Taunay, Souza & Vieira, 2014) fora de caráter quantitativo, longitudinal e descritivo. Pautou-se na participação voluntária de 67 indivíduos que compuseram a turma 127 do método CIS. As aplicações de questionários foram feitas em dois momentos distintos, o primeiro no início do curso e o segundo um ano após a conclusão do mesmo. Com o objetivo de averiguar os impactos e eficácia do método no bem-estar subjetivo, depressão e ansiedade, os questionários eram compostos por um questionário geral sobre dados demográficos e socioeconômicos e outros dois instrumentos, a Escala de Satisfação com a Vida e a Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão. De acordo com os resultados obtidos, ainda que os autores discorram sobre a necessidade de maiores estudos, concluiu-se que:

O curso Método CIS é capaz de viabilizar uma nova perspectiva de vida, libertadora e instigante, que transforma não apenas a relação do sujeito consigo mesmo, bem como suas relações sociais e afetivas. Esta iniciativa se faz necessária no contexto atual da

sociedade, tão precário na expressão e manutenção de sentimentos de amor ao próximo e si mesmo, que está na base do elevado quadro atual de violência, transtornos psiquiátricos, moléstias físicas, dependência química e pobres relações familiares, sociais e trabalhistas, de modo que o curso pode ser importante não só para a transformação do indivíduo e sua saúde física e mental, mas para a sociedade como um todo (Taunay, Souza & Vieira, 2014, p. 13).

Assim, a partir da perspectiva de que tal método promove de “forma sustentada e consistente melhor satisfação com a vida e redução de sintomas de ansiedade e de depressão” (p. 14) para os indivíduos e sociedade, a FEBRACIS oferece cerca de 30 programas distribuídos entre cursos e palestras para que os seus clientes atinjam tal nível de desenvolvimento humano, estruturados pela área de interesse, como familiar, profissional, financeiro e pessoal. Advertem ainda que sujeitos diagnosticados com “esquizofrenia, transtorno de bipolaridade, surtos ou problemas de saúde somente poderão participar do Método CIS mediante autorização médica por escrito. Reafirmamos essa informação, pois o curso possui forte impacto emocional”⁴¹.

Os principais cursos oferecidos pela instituição são o “Poder da ação”, “Geração de riqueza” e “Formações em *coaching*” e o “Método CIS”, o qual em 2014 possuía cerca de 600 participantes por edição (Taunay, Souza & Vieira, 2014). Os outros cursos oferecidos são: foco na prática; formação em orientação vocacional; *power business*; jeito de viver família para *coaches*; poder e alta performance para alunos; decifre e influencie pessoas; o poder da autorresponsabilidade; jogos empresariais; *coaching* financeiro individual; *mindfulness*; *coaching* individual; *coaching* pra metas; como prosperar em qualquer carreira e negócio; como prosperar no mercado do *coaching*; como vender tudo com marketing digital; CIS *assessment*; *intercoaching*; *advanced executive coaching*; *money evolution*; *business*

⁴¹Disponível em: <https://www.febracis.com.br/cursos/>. Acessado em 07/02/20

evolution; CIS *evolution*; formação de oradores e palestrantes; *business high performance*; *coaching for money*.⁴² Ressalta-se a americanização dos termos, deflagrando uma influência previsível, dada a formação norte-americana de Vieira.

Há ainda a formação completa em *coaching*, distribuída em duas modalidades de treinamento, descritas enquanto a “maior formação em *coaching* da América Latina”, sendo estes o “*Green Belt*”, composto por 452h e pelos seguintes cursos: método CIS, formação em *coaching* integral sistêmico, *business high performance*, formação de oradores e palestrantes, *coaching for money*, criação de riqueza e o CIS assessment. Já a segunda modalidade, o “*Golden Belt*”, inclui todos os cursos da primeira modalidade e outros três, o *advanced executive coaching*, *mindfulness*, *master coaching* integral sistêmico, compondo, no total, 697h de formação. Não obstante, é demandado ainda que os indivíduos invistam em sessões individuais de *coaching*, produzam um TCC e façam sessões experimentais como *coachings*. Observa-se que o caráter holístico não é perceptível pelos títulos dos cursos, que fazem referência a aspectos empresariais, levando a concluir que este é o aspecto o qual se sobressai perante outras áreas da vida.

A instituição expõe constantemente que tais cursos e palestras são pautados em teorias científicas, práticas e técnicas da neurociência, programação neurolinguística (PNL), psicologia positiva, física quântica, pedagogia, administração, o treinamento de inteligência emocional do método CIS, entre outros. De um modo geral, o discurso veiculado nos materiais abordados (livros, sites, vídeos etc) é autointitulado como científico, ainda que discorra sobre temáticas complexas de modo breve, superficial, com um uso indiscriminado de jargões científicos que são mesclados com conceitos do método CIS. Tal aspecto é possível de ser ilustrado a partir de uma fala de Paulo Vieira, o qual culpabiliza a vítima em uma

42 Disponível em: <https://www.febracis.com.br/cursos/>. Acessado em 19/09/21

palestra sobre relacionamentos abusivos por meio de um discurso individualista, como pode-se observar no seguinte trecho:

é você quem tem de mudar [...] pessoas que são abusadas são abusadas
recorrentemente, é porque, em você, abusado, existe também uma fratura, e essa
fratura precisa ser corrigida, é um padrão emocional, é uma desestrutura emocional,
são crenças limitantes sobre quem você é. A nossa estrutura, a nossa formação, a nossa
psique, a formação do seu indivíduo é formado por três crenças primais [...] a base da
crença é identidade, é a crença primal, quem eu sou. A crença intermediária é a crença
de capacidade, e última crença é de merecimento⁴³.

Observa-se a recorrência de tais discursos em treinamentos e vídeos, como quando
Vieira pontua que no Brasil o suicídio é uma epidemia, sendo sua principal razão a
dificuldade, por parte do suicida, em lidar com a frustração e a sua falta de “músculos
emocionais”⁴⁴. Vieira ainda considera que o número de casos de suicídio ocorre
preponderantemente na classe média brasileira, pois os pais não permitem que seus filhos se
frustrem, não falam “não” para estes, gerando pessoas “frágeis emocionalmente”. Observa-se
que o discurso propagado faz uso de assertivas dogmáticas pautadas em proposições
simplistas de causa e efeito as quais culpabilizam o indivíduo e oferecem ao público uma
solução por meio do método CIS, como em:

Ele perdeu o emprego por não saber trabalhar em equipe. Ela perdeu a família por não
conseguir abraçar o próprio filho. Ele perdeu a saúde por estar mergulhado em vícios.
Ela perdeu os amigos por nunca ter pedido perdão pelo o que fez. Ele perdeu a esposa
por não conseguir mais dizer eu te amo. Ela perdeu os pais por ser orgulhosa e cheia
de rancor. Ele perdeu grandes oportunidades de crescer na carreira por não ter foco e

43 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JGKquPdeBPY&t=663s>. Acessado em 13/02/20

44 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yqs7JOieX2o&t=6s>. Acessado em 13/02/20

nunca concluir o que começa. Eles perderam a vida inteira por nunca admitir que precisavam de ajuda. O que mais você vai perder por não ter inteligência emocional? Que oportunidades você ainda vai perder porque não aceita que precisa mudar? Seu maior oponente é você mesmo! Método CIS, o maior curso de inteligência emocional do mundo (FEBRACIS, 2017)⁴⁵.

Para Vieira (2017a), indivíduos que possuam inteligência emocional (IE) são dotados de uma “extraordinária capacidade de realizar seus sonhos pessoais e profissionais de maneira equilibrada e consistente” (p. 11). O conceito de IE é importado dos estudos de Daniel Goleman por Vieira (2017a), o qual explicita que a inteligência emocional se divide em dois domínios principais, a competência pessoal e social. No que tange à primeira, entende-se que se refere a “capacidade de se conectar consigo mesmo manifestando o melhor de si e, desse modo, estando apto a crescer e desenvolver de maneira contínua” (Vieira, 2017a, p. 41), já a segunda, compreende a “capacidade de se conectar de maneira positiva e harmônica com as pessoas à sua volta e, dessa maneira, contribuir com o crescimento delas” (p. 47).

Vieira (2017a) expõe que a IE é alcançada apenas quando o indivíduo for capaz de se responsabilizar por todo seu crescimento nas mais diversas áreas da vida. No livro “O Poder da autorresponsabilidade” (Vieira, 2017a), esta é descrita como um conceito basilar para excelência e transformação humana, princípio ativo para potencialização de resultados, “é a crença de que você é o único responsável pela vida que tem levado; sendo assim, é o único que pode mudá-la” (Vieira, 2015, p. 65).

Não obstante, Vieira (2017a) entende que para o indivíduo ser autorresponsável e “transformar a sua vida”, é necessário que possua consciência, caracterizada como a “percepção ou entendimento que permite ao ser humano vivenciar, experienciar e compreender os aspectos do mundo que o cerca e também do seu mundo interior [...] permite

45 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aAKP2wnKju4>. Acessado em 12/02/20

entender os “porquês”, as causas e efeitos do que acontece em nossas vidas” (Vieira, 2017a, p. 54). Em suma, pode-se compreender que o indivíduo, para possuir uma vida plena e feliz, com altos índices de produtividade, deve obter “consciência” e enlaçar todos os âmbitos de sua vida aos conceitos propagados pela instituição, sendo um dos principais a autorresponsabilidade, ou seja, deve responsabilizar-se por todos os âmbitos da sua trajetória pessoal e desenvolvimento.

O modo como a instituição e seu fundador foram apresentados pretendeu descrever como os agentes veiculam suas imagens e falas para melhor ilustrar um discurso a ser problematizado, dadas as confluências entre os valores e crenças meritocráticos e a instituição FEBRACIS, como, por exemplo, ao ressaltarem a valorização e responsabilização no indivíduo enquanto “capitão de seu destino”, no direcionamento massivo para o desenvolvimento de habilidades por meio de técnicas fundamentadas no *coaching* e no foco dado a produtividade e ao ajustamento social. Com isso, a FEBRACIS e seu fundador apresentam-se como uma fonte de materiais profícuos para o aprofundamento dos estudos referentes à meritocracia e a presença de seu discurso no âmbito social, considerando que a amplitude da instituição demonstra também a capacidade de proliferação de uma proposta meritocrática para compreensão do desenvolvimento social e humano.

1.6 Objetivos

1.6.1 Objetivo Geral

O objetivo geral do presente estudo é compreender de que modo a meritocracia aparece em práticas e discursos por meio da análise de materiais de ampla distribuição de uma instituição de ensino e prática de *coaching*.

1.6.2 Objetivos Específicos

Dentre os objetivos específicos busca-se: 1. Contribuir com a construção de conhecimento científico sobre o fenômeno da meritocracia, ainda incipiente, por meio da problematização uma instituição específica que se autodeclara meritocrática e que promove o fenômeno socialmente, a FEBRACIS. 2. Utilizar a metodologia da análise documental para estudar os discursos e práticas da instituição a partir dos materiais dos livros “O poder da ação” (Vieira, 2015), “O poder da autorresponsabilidade” (Vieira, 2017a) e o website institucional. 3. Discutir suas aproximações com alguns dos conceitos foucaultianos, como o poder, mecanismos disciplinares, as práticas de exame e os processos de produção dos corpos.

2. Metodologia

2.1 Tipo de estudo

Considerando os objetivos, fora executada uma pesquisa qualitativa a partir do método da análise documental (Cellard, 2012; Spink et al., 2014), associado à ferramenta da análise temática apresentada por Souza (2019). Ambos os métodos foram escolhidos e associados por compreender que se complementam, de modo a agregar na discussão e no aprofundamento do material estudado, ambos caracterizam-se enquanto métodos voltados para exploração, organização e descrição de documentos visando sua análise (Cellard, 2012; Souza, 2019).

Os materiais delimitados para análise são considerados enquanto documentos, compreendendo-se que este é “tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou “fonte”” (Cellard, 2012, p. 296), mais especificamente, na presente pesquisa foram utilizados apenas documentos públicos, que são

toda e qualquer matéria escrita produzida para a leitura e o uso pelo público em geral ou para um público específico. Por escrita entende-se desde avisos escritos à mão e disponibilizados publicamente, formulários diversos, panfletos, jornais, revistas, livros e relatórios impressos, até páginas da internet, portais e todos os demais repositórios eletrônicos onde o material pode ser livremente acessado e registrado e alguma maneira. Usamos a expressão “documento” no sentido elástico de registro, de algo que tem uma presença física; que fala sobre algo e é também algo (Spink et al., 2014, p. 207)

Ao exposto, Spink et al. (2014) acrescenta que podem ser utilizadas páginas eletrônicas, ressaltando que o pesquisador deve se atentar para a descrição detalhada do objeto, apontando seus pontos importantes e relatando o endereço da fonte acessada e o dia de acesso. Como pode-se observar, neste trabalho tais informações são acrescentadas como notas de rodapé. Ademais, Spink et al. (2014) acrescenta que os documentos eletrônicos devem ser

gravados, de modo que foram tiradas fotos eletrônicas das páginas mencionadas no texto, as quais seguem em anexo.

Optou-se enquanto material (fontes) de análise considerando-se os objetivos propostos, os livros “O poder da ação” (Vieira, 2015) e “O poder da autorresponsabilidade” (Vieira, 2017a), além do *site* institucional da FEBRACIS ⁴⁶.

Delimitou-se o livro “O poder da ação”, pois este demonstrou ser propositivo no que se refere à metodologia e técnicas operadas pela FEBRACIS, ao mesmo tempo em que explica e aplica o método CIS. Já o livro “O poder da autorresponsabilidade” se debruça sobre um dos principais conceitos (também denominado enquanto uma ferramenta) do CIS. No *site*, o indivíduo tem acesso a diversos formatos de informações gratuitas diferentes, como vídeos, *podcasts* e *e-books*, uma loja virtual com livros e *souvenir*, assim como inscrições para palestras e cursos em 23 Estados do país e países no exterior, como Portugal, EUA e Angola.

Entende-se como pertinente a escolha deste material para uma análise dada à contemporaneidade que o *coaching* e a meritocracia possuem, assim como a amplitude geográfica, econômica e social da FEBRACIS, considerando a quantidade de indivíduos que alcança e os fluxos de capital que movimenta. Posto isto, visando compreender e apreender os discursos e práticas meritocráticas não se pode perder de vista sua inserção no atual sistema socioeconômico e as funções que a FEBRACIS opera ao propor o desenvolvimento de um sujeito moldado para a produtividade.

Sendo documentos públicos, livros e *site*, podem constituir-se enquanto materiais relevantes, dado seu amplo alcance a população e facilidade de acesso, posto que para os livros, “a única restrição de acesso é o fato de que alguém precisa comprá-lo [...] o conteúdo é livre para ser descrito, comentado e referenciado para outros também tecerem suas opiniões” (Spink et al., 2014, p. 208). Com isso, ressalta-se a fecundidade dos materiais, posto que ideias, argumentos, sentidos e propostas estão sempre em circulação, sendo tal circulação o

46 Disponível em: <https://febracis.com/>. Acessado em: 23/09/2021

que fomentadora de seu debate a partir da visibilidade fornecida (Spink et al., 2014). O debate é relevante dado que os de domínio público são produtos sociopolíticos de uma ideia radical, os quais possibilitam discussão que se formam novas opiniões (Spink et al., 2014). Neste sentido, considerando apontamentos de Cellard (2012), antes de se dar início aos procedimentos (dimensões) pré-analíticos e analíticos, o primeiro passo para a pesquisa documental consistiu na avaliação da credibilidade e representatividade dos documentos.

2.2 Procedimentos de análise

A análise documental mostra-se vantajosa, pois é um método que se vale de documentos para possibilitar realizar alguns tipos de reconstruções, as quais unicamente a partir da memória não seriam possíveis (Cellard, 2012). Para tais reconstruções e no que se refere à análise temática, foram utilizados temas/categorias visando buscar por padrões, recursividade, flexibilidade, uma homogeneidade interna e uma heterogeneidade externa entre os temas (Souza, 2019). Ainda a partir de Souza (2019), entende-se que a análise temática não é um método que deve ser utilizado isoladamente, mas de modo complementar a outros métodos, como no caso, a análise documental. Com isso, esta será apresentada ao longo da descrição que será feita sobre a análise documental.

Cellard (2012) recomenda uma etapa de pré-análise do material selecionado (fontes) composta por cinco dimensões preliminares à análise propriamente dita: (1) no exame do contexto social global no qual foi produzido o documento, (2) os autores, (3) a confiabilidade do documento, (4) a natureza e os (5) conceitos chaves e a estrutura lógica do texto.

Dimensão 1: No que se refere ao contexto, Cellard (2012) discorre ser imprescindível o exame do contexto social global no qual foi produzido o documento, em que está mergulhado seu autor e aqueles a quem foi destinado, ou seja, é necessário abordar a

conjuntura social, política, econômica, e cultural que propiciou a escrita do documento (Cellard, 2012).

Ao apresentar uma revisão bibliográfica nas seções introdutórias, visa-se abordar as conjunturas que dizem sobre a meritocracia e a FEBRACIS, como fora pontuado por Cellard (2012), delimitando assim o seu contexto. Para construção do referencial teórico sobre meritocracia buscou-se pelo máximo de documentos disponíveis os quais abordassem diretamente o fenômeno em diferentes idiomas (inglês, português e espanhol). Em seguida fora feita uma filtragem dos materiais, visando delimitar as principais referenciais, ou seja, documentos que trouxessem uma percepção geral da meritocracia e seus atravessamentos econômicos, sociais, políticos, culturais. O mesmo procedimento lógico fora executado para o aprofundamento sobre o *coaching* e a FEBRACIS em suas respectivas seções.

Dimensão 2: A segunda dimensão apontada por Cellard (2012), a do autor, pode ser pensada a partir dos questionamentos de Spink et al. (2014), como em:

quem foi seu autor; quais as condições de sua escrita; qual era o contexto; em que e com quem seu autor estava envolvido; quais eram seus valores e crenças? Sendo que, ao mesmo tempo, nosso olhar também pode estar voltado para nós mesmos ao questionarmos quais experiências, crenças, valores e em qual contexto estamos envolvidos no momento dessa leitura (Spink et al., 2014, p. 225)

Cellard (2012) considera que elucidar a identidade do autor possibilita avaliar melhor a credibilidade de um texto, a interpretação que é dada de alguns fatos, a tomada de posição que transparece de uma descrição, as deformações que puderam sobrevir na reconstituição de um acontecimento. Neste sentido, dentre os objetivos propõem-se estudar uma instituição, entretanto, observa-se de antemão a relevância de Paulo Vieira, posto que é autor dos livros, criador do método ofertado e presidente da FEBRACIS. Com isso, tal dimensão torna-se relevante para presente análise, sendo necessário averiguar de que modo isto se dá. Não

obstante, corrobora para o primeiro passo da análise temática, a familiarização com os dados a partir da leitura e releitura do material (Souza, 2019).

Dimensão 3: Por sua vez, a terceira dimensão, refere-se à autenticidade e a confiabilidade do texto, sendo importante assegurar a qualidade das informações utilizadas, a procedência do documento (Cellard, 2012). Cellard (2012) ressalta que é importante estar atento à relação entre o autor e o que é descrito, questionando aspectos como: Ele foi testemunha direta ou indireta do que relata? Ele reportou as falas de alguma outra pessoa? Ele poderia estar enganado? Ele estava em posição de fazer esta ou aquela observação, de estabelecer tal julgamento? (Cellard, 2012). Considerando que os livros foram adquiridos na loja virtual do *website* institucional sua procedência é confiável. Já os questionamentos de Cellard (2012) cooperarão para apontamentos que foram utilizados nos resultados e análise.

Dimensão 4: A quarta dimensão refere-se a natureza do documento, ou seu suporte, posto que a estrutura do texto pode variar de acordo com contexto no qual ele é redigido (Cellard, 2012), a saber entende-se que o por serem documentos públicos, os suportes livro e *website* são relevantes ao considerar seu acesso.

Dimensão 5: A quinta dimensão da análise documental refere-se aos conceitos-chave e a lógica interna do texto analisado, ou seja, ao sentido dos termos empregados pelo autor, sendo necessário delimitar adequadamente os sentidos das palavras e conceitos utilizados a partir de seu contexto, como, por exemplo, os jargões, e pensando na construção argumentativa do documento (Cellard, 2012). É nesta etapa que as ferramentas da análise temática foram principalmente necessários.

Na análise temática são seis os passos delimitados por Braun e Clark (segundo Souza 2019): I - familiarização com os dados; II - geração de códigos iniciais; III - busca por temas; IV - revisão dos temas; V - definição e nomeação dos temas; VI - produção de um relatório (Souza, 2019). É a partir do vaivém constante entre o banco de dados e a constituição destas

dimensões, acrescidas as perspectivas da análise temática, que serão extraídos os temas, ou seja, os padrões a serem considerados para a produção das análises (Souza, 2019). A análise temática fez-se presente em todos os processos metodológicos desenvolvidos, principalmente no aprofundamento da dimensão sobre os conceitos-chave e lógica do texto.

A familiarização, *primeiro passo* apontado da análise temática, se encontra em todas as dimensões da análise documental, pois demanda um contato repetitivo com o material a ser analisado (Souza, 2019), tendo sido feitas leituras e consultas exaustivas ao longo de todo processo metodológico. As etapas seguintes serão apresentadas de modo resumido, de modo a explicitar seu uso. Considerando a aproximação com conceitos chave e com a lógica interna e geral do texto analisado, na *segunda etapa* da análise temática, foram extraídos códigos iniciais a partir de pedaços dos materiais e categorizados considerando os padrões observados a partir da familiarização com o material, visando a posterior divisão nos temas (Souza, 2019). Neste momento foram produzidos os quadros auxiliares I (Apêndice 1), o qual contém os principais pontos abordados em cada capítulo de cada livro e nas abas identificadas no *site*, assim como foram assinalados os *sites* secundários que este direciona.

Em seguida, no *terceiro passo*, os extratos do texto e códigos são agrupados em temas potenciais, de modo mais abrangente, Souza (2019) esclarece que alguns destes podem desaparecer, enquanto outros podem tornar-se temas. Desta forma, considerando os quadros auxiliares I (Apêndice 2), observou-se a prevalência de técnicas, conceitos e ferramentas na construção dos materiais analisados, sendo estes três elementos utilizados enquanto crivo. Delimitado o crivo, as informações dos quadros auxiliares I foram reorganizadas a partir de códigos, palavras chaves as quais remetem aos elementos a serem analisados.

A *quarta etapa* consiste em um refinamento dos temas, devendo considerar-se se estes apresentam um padrão observável e estão coerentes de acordo com o banco de dados (Souza, 2019). Com isso, a partir dos elementos elencados em ambos os quadros, fora possível

observar a recorrência de temáticas, tendo sido delimitados: Argumentos científicos; Autorresponsabilidade; Tipo de indivíduo; Método CIS e suas ferramentas de modelagem; Recursos discursivos e não discursivos para disseminação da FEBRACIS; Paulo Vieira; Religião; Poder. Os temas foram pensados considerando os padrões, as repetições de determinados dos elementos ao longo dos documentos. Para cada tema fora delimitada uma cor e os respectivos trechos considerados equivalentes foram grifados ao longo dos dois quadros auxiliares.

Já a *quinta etapa* consiste na definição e nomeação dos temas a partir dos procedimentos anteriores, identificando a essência do que trata cada tema e produzindo os resultados utilizados na análise. Ao se debruçar sobre os temas, pode-se ser que haja subtemas, temas dentro de um tema, os quais podem ser úteis para estruturar um tema maior e mais complexo, bem como para demonstrar a hierarquia de significados dentro dos dados (Souza, 2019). Neste processo compreendeu-se que alguns dos temas apontados eram abordados de modo associado a temas mais amplos, logo, os temas e subtemas delimitados foram: tipo de indivíduo; os argumentos científicos; o método CIS, subtemas autorresponsabilidade e poder; Paulo Vieira, subtema religião.

Compreendeu-se que o tema “recursos discursivos e não discursivos para disseminação da FEBRACIS” se encontra pulverizado entre os outros temas, não tendo sido utilizado nos temas finais. Com isto, produziu-se os resultados dos materiais analisados, que é uma apresentação dos elementos destacados a partir das leituras da pesquisadora de modo coerente, no intuito de fornecer uma visão geral do que se encontra nos materiais, do método CIS e a percepção de mundo que a instituição passa, perpassando o crivo e os temas.

A *sexta etapa*, e última da análise temática, consiste na escrita da análise em si, o qual precisa explicitar ao leitor a descrição da história que os dados contam, fornecendo evidências destes, mas também uma narrativa analítica que vá além da descrição (Souza, 2019). É na

análise propriamente dita que se reúnem as dimensões anteriores, cabendo ao pesquisador fornecer uma interpretação coerente, tendo em conta a temática ou o questionamento inicial, considerando que, como todo o processo que levou a análise, a abordagem se caracteriza como indutiva e dedutiva (Cellard, 2012). Neste processo o pesquisador desconstrói, tritura seu material à vontade; depois, procede a uma reconstrução, com vista a responder seu questionamento (Cellard, 2012).

Para chegar a isso, ele deve se empenhar em descobrir as ligações entre os fatos acumulados, entre os elementos de informação que parecem, imediatamente, estranhos uns aos outros (Cellard, 2012). É esse encadeamento de ligações entre a problemática do pesquisador e as diversas observações extraídas de sua documentação, o que lhe possibilita formular explicações plausíveis a partir do corpus documental e produzir uma interpretação coerente e realizar uma reconstrução de um aspecto qualquer de uma dada sociedade, neste ou naquele momento (Cellard, 2012).

Entende-se que as ligações foram produzidas a partir da leitura repetida do material e do que foi possível extrair da análise temática, o que permitiu tomar consciência de suas similitudes, relações e diferenças, capazes de levar a uma reconstrução admissível e confiável da análise. Foram as combinações possíveis entre os diferentes elementos contidos nas fontes que estabelecem relação com o contexto, à problemática, ou ao quadro teórico, devendo ser ainda levado em consideração a posição teórica do pesquisador (Cellard, 2012). Considerou-se ser importante formular, desde o princípio, algumas ideias diretrizes, propondo um quadro teórico, mesmo restrito, a fim de orientar as análises minuciosas (Cellard, 2012).

É neste sentido que se recorreu aos escritos e conceitos de Foucault enquanto parte do arcabouço teórico-conceitual para analisar os resultados, pois compreendeu-se que seus estudos sobre o poder e, especificamente o poder disciplinar, contribuiriam para o

desenvolvimento da análise a partir dos temas delimitados e do direcionamento dado pelo autor (Paulo Vieira) e o método CIS.

2.3 Aspectos conceituais a partir de Michel Foucault

Para explorar discurso da meritocracia da instituição FEBRACIS pretende-se fazer uma análise do material coletado a partir do livro “O poder da ação” (Vieira, 2015), “O poder da autorresponsabilidade” (Vieira, 2017a) e o *website* da instituição⁴⁷, que são a fonte de acesso mais direto a um público amplo e fornecem uma concepção geral da teoria e prática da instituição. A trilha metodológica consistirá na análise do material tendo como norteador os resultados apresentados, alinhando-os a meritocracia, e aproximando-os a conceitos de Michel Foucault e os outros teóricos já acionados ao longo deste trabalho, autores como Dardot e Laval (2016), Elias (1994), Weber (2014) entre outros contemporâneos também irão compor os debates que seguirão nas análises dadas suas contribuições para se pensar a sociedade, o indivíduo e o neoliberalismo. Ressalta-se que o foco dado a Foucault nesta metodologia se deve ao interesse em analisar as relações de poder entre sociedade e indivíduo, ou seja, compreender de que modo mecanismos meritocráticos que veiculam, articulam, exercem e movimentam os fluxos de poder se fazem observáveis na subjetividade atual e na instituição FEBRACIS.

No presente trabalho pretende-se propor aproximações entre os estudos sobre o poder disciplinar de controle dos corpos, problematizando as práticas e discursos da instituição FEBRACIS. Foucault (1979/2019a) se detém sobre a questão do que é o poder, sem almejar sua conceituação, como em uma teoria do poder, mas busca saber: quais são “em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos dispositivos de poder que se

47 Disponível em: <https://febracis.com/>. Acessado em: 29/09/21

exercem em níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variadas?” (Foucault, 1979/2019a, p. 272).

O poder é compreendido em sua característica microfísica, que permeia capilarmente os corpos ao ponto de produzi-los, que não se encontra apenas em âmbitos institucionais, que não se detém, não se troca, mas que “se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força” (Foucault, 1979/2019a, p. 274). Com isso o poder não é uno, mas sim múltiplo, são os poderes, em sua pluralidade, que permeiam todos os corpos, todas as relações e todas as coisas.

Tais relações de força ocorrem microfisicamente na sociedade, de modo que o poder se torna, para Foucault (1977/2006), coextensivo ao corpo social, como a “materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpos dos indivíduos”, funcionando como malhas em uma rede sem “praias de liberdades elementares”, sendo as relações de poder intrincadas a outras formas de relação (como de produção, familiares, de sexualidade e etc.) em que desempenham “ao mesmo tempo um papel condicionante e condicionado”, não respondem a uma única forma de manifestação de poder, como o castigo ou a interdição, mas respondem a múltiplas formas (Foucault, 1979/2019a, p. 235).

Foucault (1977/2006) não refuta a característica de dominação do poder, mas não a compreende como em percepções clássicas sobre o poder. Explicita que este serve a relações de dominação, como o interesse econômico, mas que não está “à serviço” de poderes dominadores funcionando, como foi dito, a partir de estratégias e procedimentos heteromorfos, dispersados e locais que são reajustados, transformados em estratégias mais globais de exercício do poder e

que não há relações de poder sem resistências, que estas são tão mais reais e eficazes quanto mais se formem ali mesmo onde se exercem as relações de poder; a resistência ao poder não tem que vir de fora para ser real, mas ela não é pega na armadilha porque ela é compatriota do poder. Ela existe tanto mais quanto ela esteja ali onde está o poder; ela é, portanto, como ele, múltipla e integrável a estratégias globais (Foucault, 1977/2006, pp. 248-249)

As relações de poder interferem na produção dos corpos, de modo que “o domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder” (Foucault, 1979/2019a, p. 235), ou seja, o poder interfere diretamente na forma do corpo, na sua expressão, interpretação e constituição, produzindo efeitos concretos e subjetivos, como os comportamentos, pensamentos e condutas, mas não apenas por meio de coerções e dominações punitivas. O poder é forte “porque produz efeitos positivos no nível do desejo [...] e também no nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz” (p. 239). O corpo responde a uma demanda de sujeito da sociedade atual, “resta estudar de que corpo necessita a sociedade atual” (p. 238)

Para além da oposição “violência-ideologia” que comumente é atribuída ao poder, Foucault (2014, p. 31) propõe uma análise dos investimentos políticos do corpo em suas estratégias microfísicas. É no campo político que as relações de poder alcançam o corpo, moldando-o. Por meio de complexas e recíprocas relações o investimento político do corpo serve à sua utilização econômica e, enquanto força de produção, o corpo é investido por relações de poder e de dominação, ainda que só se organize enquanto força de trabalho por estar preso a um sistema de sujeição que torna a necessidade humana um instrumento político.

Com isso, “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso, essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da

ideologia” (Foucault, 2014, p. 29), pode ser uma sujeição direta, física, ou mesmo agir sobre elementos materiais sem usar a força física, em suma, pode haver um controle sobre o corpo que se constitui no que Foucault denominou como tecnologia política do corpo, uma microfísica do poder que se apresenta por meio de estratégias, com seus efeitos e mecanismos, que são postos em jogo pelos aparelhos e instituições. Assim, tal microfísica se deve ser observada a partir de suas técnicas de funcionamento, em sua característica daquele que se exerce, logo, se observa em seu movimento.

O corpo, mergulhado inerentemente em um campo político, é afetado diretamente pelas relações de poder e de saber, “elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (Foucault, 2014, p. 29), assim, o corpo é via de comunicação, elemento material e ponto de apoio para os investimentos das relações de poder e de saber, fazendo do corpo um objeto de saber. Não se limitando à interdição, como já foi observado, o poder interfere diretamente no nível do desejo, faz com que queiram seguir determinadas condutas, acreditem e (re)produzam determinados saberes. Logo, a alma torna-se prisão do corpo, um efeito e instrumento da anatomia-política atravessada por poderes e que constituem uma subjetividade.

Assim, como coloca Ayub (2015) o poder se faz presente na produção de desejos, gestos e comportamentos, no campo da ação e do subjetivo, atuando sobre a possibilidade de agir dos indivíduos, conferindo-lhes um direcionamento. Por meio da produção de discursos ocorre a produção de indivíduos normatizados, “adequados ao bom funcionamento das instituições sociais. Isso implica o aumento conjunto da produtividade e eficiência econômica, a obediência política dos indivíduos, produção de saberes, normas, instituições e etc.” (Ayub, 2015, p. 32-33)

Neste período de seu trabalho Foucault (1973/2002) compreende que a sociedade contemporânea é disciplinar, dado que visa justamente o controle psicológico, moral, do corpo do indivíduo, suas atitudes e comportamentos. Caracteriza-se assim como um controle de virtualidades, de possibilidades do que o indivíduo possa vir a ser, pensar ou fazer e a representatividade social que possa irromper. Assim, Foucault (1973/2002) situa que se criam instrumentos, dispositivos, presentes na sociedade que visam à correção de tais virtualidades, como uma forma de ortopedia social, representada principalmente pelo panoptismo, uma vigilância que se exerce ao nível “não do que se faz, mas do que se é; não do que se faz, mas do que se pode fazer” (Foucault, 1973/2002, p. 104), individualizando cada vez mais o autor do ato e colocando em evidência para que seja possível uma constante vigilância, seja está por parte do indivíduo ou dos outros, do ser ou estar bem sucedido de acordo com os padrões determinados pelas normas. A disciplina

é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício [...] o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame (Foucault, 2014, p. 167).

A disciplina “fabrica” indivíduos por meio da produção de corpo dóceis, alvo e objeto de poder que o manipula, modela, treina, torna-o hábil a partir de forças ininterruptas especificadas por registros anátomo-metafísicos, objeto científico, e técnico-políticos, “constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo”. Com isso, os “mecanismos de poder”, atuam como forças que permitem o controle minucioso das operações do corpo (sua atenção ao detalhe, sua microfísica) e impõe uma relação de docilidade-utilidade, compreendidas enquanto “disciplinas” (Foucault, 2014, p. 134).

É por meio de práticas de exame que se observam técnicas de uma hierarquia que vigia e sanções que normalizam, “é um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade por meio da qual eles são diferenciados e sancionados” (Foucault, 2014, p. 181), logo, podem ser excluídos. O exame sanciona o aprendizado, a correspondência dos sujeitos para com a norma estabelecida, ele avalia por meio de “provas” e valida aptidões, assim, “o exame supõe um mecanismo que liga um certo tipo de formação de saber a uma certa forma de exercício do poder” (Foucault, 2014, p. 183).

O exame então promove uma objetivação dos indivíduos, torna-os o foco e impõe sua visibilidade, sendo justamente esta que “assegura a garra do poder que se exerce sobre eles. É o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, que mantém sujeito o indivíduo disciplinar” (Foucault, 2014, p. 183). Assim, para manter tal vigília, os corpos necessitam ser acompanhados individualmente, documentados, sendo a acumulação de tais documentos a matéria-prima para organizações que permitam classificar, formar categorias, estabelecer médias e fixar normas, distribuindo uma “população” (Foucault, 2014).

Em 1973, Foucault veio ao Brasil e proferiu a conferência “A verdade e as formas jurídicas” (1973/2002), na qual considera o panóptico uma forma de poder que repousa sobre o exame, se apresenta como uma forma de vigilância permanente do indivíduo e que, ao mesmo tempo que vigia, constitui um saber sobre os indivíduos. O exame serve assim para vigiar como se deve ou não conduzir, se progride ou não, ordenando-se em torno da norma, do que é normal ou não, do correto ou não de ser feito e, o angariar informações sobre os indivíduos, se configura não apenas como uma prática de poder, mas de um mecanismo de controle baseado em um saber-poder. Em suma, pode-se colocar que

o panoptismo é um dos traços característicos da nossa sociedade. É uma forma de poder que se exerce sobre os indivíduos em forma de vigilância individual e contínua, em forma de controle de punição e recompensa e em forma de correção, isto é, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas. [...] vigilância, controle e correção – parece ser uma dimensão fundamental e característica das relações de poder que existem em nossa sociedade (Foucault, 1973/2002, p. 103)

Ao acumular informações, organizá-las e controlar os indivíduos, os dispositivos disciplinares não os excluem, mas os “fixa[m] a um aparelho de transmissão de saber” (Foucault, 1973/2002, p. 114), produzindo e fornecendo base para um processo de normatização das condutas, dos corpos e do pensamento, garantindo assim a produtividade dos homens em função de uma determinada norma.

Para Foucault (2014, p. 168), a disciplina implica a existência de um dispositivo, no qual “as técnicas que permitem ver [a disciplina] induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis”. Entretanto, a construção do conceito foucaultiano de dispositivo encontra-se pulverizado em seu trabalho, período necessário à sua construção, de modo que ao longo de suas grandes obras, como a “História da Sexualidade I – A vontade de saber” (2019b), Foucault delimita os princípios do que é dispositivo e sua indissociabilidade ao poder, sem, no entanto, apontar de modo direto uma conceituação.

Foucault traz uma descrição mais diretiva do que é dispositivo em entrevistas que forneceu, dentre elas, a “Le Jeu de Michael Foucault” (1977), publicado no Brasil na compilação de textos denominada “Microfísica do poder” (1979/2019a). Assim dispositivo é, em primeiro lugar:

Um conjunto decididamente heterogêneo [de elementos] que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas

administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.

Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 1979/2019a, p. 364).

Tais construções sobre o dispositivo se mostraram necessárias ao longo de sua passagem dos estudos da arqueologia do saber, que engloba as pesquisas de Foucault ao longo da década de 60, para a genealogia do poder. Piovezani e Curcino (2014) situam a relevância de tal passagem ao pontuar que

o enfoque, quando da abordagem do *discurso*, na fase arqueológica que se ocupava do *saber*, dizia respeito às condições de possibilidade e controle do dizer. Quando do emprego de *dispositivo*, na fase genealógica, o autor predominantemente focalizou o *poder* e as condições de possibilidade e controle não apenas do dizer, como também do fazer, do ver, logo, do ser (Piovezani e Curcino, 2014, p. 42, grifos dos autores).

Nas palavras do Foucault (2019b) “é justamente no discurso que vêm a se articular poder e saber [...] deve-se conceber o discurso como série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável” (2019b, p. 109), ou seja, é na prática discursiva que é possível observar os caminhos exercidos pelas relações de força e que, ainda a partir do autor, o discurso deve ser compreendido em sua multiplicidade de elementos que podem entrar em estratégias diferentes. Por exemplo, considera-se a posição de poder de quem fala, o contexto em que fala como parte de elementos que compõe um complexo jogo entre discurso e poder em que

o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponte de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo (Foucault, 2019b, p. 110)

Em "A ordem do discurso", Foucault (1970/1999a) coloca que em toda sociedade há uma produção de discursos que é "controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade" (Foucault, 1970/1999a, p. 9), assim, entende-se que há uma produção discursiva presente na sociedade que é atravessada por procedimentos que são determinantes e determinados pelos jogos entre forças do que é possível dizer (ou não), por quem, em que contexto e afins. Logo, o discurso não é neutro, sendo objeto do desejo, tanto quanto aquilo que o oculta ou apresenta, e embrenha-se ao poder.

Dentre os procedimentos presentes no discurso da sociedade contemporânea, Foucault (1970/1999a) pontua que existem os procedimentos de exclusão, os quais podem interditar as possibilidades do dizer, separar o verdadeiro do falso de modo nada arbitrário e são atravessados por uma vontade de verdade historicamente característica, a qual é reforçada e reconduzida pelo modo como "o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído" (Foucault, 1970/1999a, p. 17), sendo que a tal vontade de verdade se apresenta como uma espécie de coerção e pressão sobre o discurso.

Assim, Foucault (1970/1999a) explicita que os procedimentos de exclusão presentes no discurso, tão vinculados ao desejo e ao poder, se exercem do exterior do discurso, mas que, para além, existem procedimentos internos, "visto que são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle [...] que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição" (p. 21) que deslocam o discurso, misturam-nos, sendo que constroem novos discursos, resgatam o velho, e misturam velho e novo, operando ali no que é dito. Há assim menos uma causalidade do discurso do que um controle do mesmo. Foucault situa ainda que existe um terceiro grupo que possibilita o controle dos discursos, "trata-se de determinar as condições de seu funcionamento" (p. 36), ou seja, de

impor aos indivíduos certas regras a serem seguidas para que entrem na ordem do discurso, estipulando certos campos de apropriação social dos discursos que o limita a determinados indivíduos.

É na relação entre discurso e poder que se podem observar os direcionamentos normativos em voga em determinado momento histórico, os procedimentos de controle do discurso são determinados e determinantes da construção de um saber que caracteriza uma verdade sobre o mundo e sobre o homem, como esse deve ser, relacionar-se, o que deve pensar e como deve cooperar para o desenvolvimento social. Veiga-Neto (2009) coloca que

é próprio da modernidade e principalmente do Iluminismo o entendimento de que existe uma perspectiva privilegiada, áurea, perspectiva das perspectivas, a partir da qual se compreenda o que é mesmo o mundo e se explique como ele funciona; em outras palavras, uma posição a partir da qual se chegue às “últimas verdades” ou – numa versão probabilística – se chegue cada vez mais perto das “verdades verdadeiramente verdadeiras (Veiga-Neto, 2009, p. 88)

As “últimas verdades” concebem uma percepção de origem, como se fosse possível apreender de modo totalitário o mundo, a sociedade e o indivíduo. Consagra uma supremacia da razão humana em executar tal feito, construindo um ideal que se pauta nos conhecimentos humanos produzidos (em nossa época principalmente o conhecimento científico) e que, de modo conveniente, propõe um ideal de homem que cooperaria para alcançar tais poderes que advém da “verdade verdadeira”.

Foucault (1979/2019a) compreende que a “verdade não existe fora do poder ou sem poder” (p. 51), que esta é produzida devido a múltiplas coerções presentes no mundo e que produz efeitos regulamentados de poder neste mundo. Foucault (1979/2019a) esclarece que cada sociedade possui seu regime de verdade, uma política geral de verdade que emerge a

partir de tipos de discursos que são acolhidos e funcionam como verdades. Para isso, necessita-se de mecanismos, instâncias, técnicas e procedimentos que diferenciam os enunciados falsos dos verdadeiros.

A verdade enquanto “conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (Foucault, 1979/2019a, p. 53) e enquanto “conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (p. 54) se faz presente e se dissemina por meio de enunciados, veículos em sistemas de poder que a produzem e apoiam tal verdade. Para além, a verdade se liga a efeitos de poder que ela mesma induz e que a reproduzem, criando um regime de verdade. Foucault (1979/2019a) acrescenta ainda que, em nossa sociedade, “esse regime não é simplesmente ideológico ou superestrutural; foi uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo” (p. 54)

Retomando as aproximações entre discurso e dispositivo, Carvalho e Sargentini (2014, p. 30) colocam que, em última instância, há uma estreita relação entre discurso e dispositivo, na medida em que as práticas discursivas seriam os elementos produtores de diferentes dispositivos. Com isso, o discurso tem uma função de produtividade tática, posto que produz efeitos de poder e saber, e de uma integração estratégica, observada no contexto e nas correlações de forças necessárias que são mobilizadas (Foucault, 2019b, p. 111). Com isso, outra semelhança apontada é que tanto o discurso como o dispositivo

compartilham o princípio segundo o qual as ações dos sujeitos não são fruto das escolhas de cada indivíduo nem da condição universal do humano [...] abordam em comum os modos e as razões pelas quais são estabelecidas continuidades e descontinuidades dos saberes, das práticas e, conseqüentemente, dos modos de ‘ser sujeito a’ e de ‘ser sujeito de’, ao longo da história (Piovezani e Curcino, 2014, pp. 41)

Para Fernandes, Conti e Marques (2013) o discurso possibilita a formação de objetos, inclusive a produção da subjetividade e do sujeito, a construção da verdade por meio das relações de poder. Carvalho e Sargentini (2014) acrescentam ainda que o dispositivo são transformadores dos indivíduos e, por consequência, do discurso, sendo que se deve pensar o dispositivo a partir do discurso, e não se sobrepondo a ele, coloca-se ainda que uma de suas principais funções é a capacidade de atuar na produção de subjetivação. Assim, ambos discurso e dispositivo se fazem presentes na rede de elementos por onde flui o poder e a produção da subjetividade do indivíduo, construindo uma complexa estrutura de controle e produção dos corpos.

3. Resultados

No intuito de fornecer uma visão ampla sobre o material em questão, em um primeiro momento, buscar-se-á justificar a pertinência do material de análise e suas articulações, para em seguida fornecer um panorama geral dos livros “O poder da ação” e “O poder da autorresponsabilidade”, correlacionando-os com o *website* institucional. Dar-se-á enfoque as técnicas, ferramentas e aspectos teóricos conceituais do método CIS, da FEBRACIS e de seu criador, Paulo Vieira. Em um segundo momento, pretende-se propor um olhar para os mecanismos que tangem a estruturação do discurso ao longo dos materiais, ou seja, serão apontados a forma como Paulo Vieira constrói discursivamente uma prática que opera ao longo do texto, aplicando o método CIS enquanto explicita o mesmo. A exposição se pautará no intuito posterior de análise a partir da base teórico-conceitual proposta na metodologia da presente pesquisa, em outras palavras, naquilo que concerne as relações e os efeitos de poder que são operados pelo CIS e permeiam os corpos dos que buscam o método

3.1 Resumo dos materiais analisados

Em alguns momentos dos livros, Paulo Vieira menciona a importância da disseminação de seu método e de que, para obter resultados extraordinários, o indivíduo deve passar por todas as ferramentas do CIS, não apenas tendo dedicação na execução dos exercícios propostos, mas também frequentando os cursos, as palestras e as sessões de *coaching* individuais. Para comprovar a eficácia do CIS, o *coach* relata uma história na qual uma aluna do seminário do CIS recorreu a sua ajuda em prantos após uma relação extraconjugal por parte do marido e dificuldades profissionais, questionando se o seu caso possuía possibilidades resolutivas, havendo a seguinte resposta:

Felizmente com a ajuda do método CIS, e de sessões de *coaching* integral sistêmico individuais comigo, ela conseguiu um patamar de resultados melhores do que os que tinha antes do trauma. Ela melhorou não só em termos conjugais como também nos relacionamentos de amizade. Hoje está casada, tem filhos e foi promovida. (Vieira, 2015, p. 223)

O método CIS, primordialmente apresentado no livro “O poder da ação”, consiste em uma proposta metodológica, uma tecnologia (Vieira, 2017a, p. 28) criada por Paulo Vieira em sua pesquisa de doutorado executada na *Florida Christian University*, “nela, o *coaching* tradicional é expandido para trabalhar os lados racional e emocional do ser humano” (Vieira, 2017a, p. 12), voltado para a alta performance em termos de produtividade e abundância em diversas áreas da vida, sendo estas “espiritual, parentes, conjugal, filhos, social, saúde, servir, intelectual, financeiro, profissional e emocional” (Vieira, 2015, p. 111). Por meio da desconstrução de crenças, o método CIS traz em seu bojo um conjunto conceitual de técnicas e ferramentas, que visa reprogramar as crenças dos indivíduos a partir de parâmetros de sucesso, a saber: acorde, aja, autorresponsabilize-se, foque, comunique-se, questione e creia.

Vieira (2015, 2017a) compreende que a sociedade se constitui por meio de indivíduos de sucesso, como aqueles que possuem reconhecimento social (por exemplo, Nelson Mandela e Luther King), e que todos os seres humanos são dotados de um poder inato e destinados a uma vida plena e abundante. Nesta visão, é o esforço, as habilidades e a dedicação individuais que colocam em prática o poder inato humano, assim, os indivíduos de sucesso tornam-se figuras primordiais para o avanço social pois são possuidores de habilidades que articulam tal poder inato, o qual habita o homem. Paulo Vieira, que está apenas cumprindo sua missão predestinada ao impactar vidas e desfrutar de seus sucessos profissionais e pessoais (Vieira, 2017a), constrói uma narrativa individualizante, em que a autorresponsabilidade atua como

um dos veículos de poder para mudança em prol de um sujeito específico, o da produtividade, que pouco se parece com as figuras públicas mencionadas.

Por meio de um discurso emocionante, emocionado, culpabilizador, polarizado entre o bem e o mal, o certo e o errado, e vasto em recursos espetacularizados que buscam mobilizar os afetos dos indivíduos, Paulo Vieira faz amplo uso dos ditos bordões pessoais, conceitos científicos, metáforas, fábulas e analogias para mobilizar as emoções do leitor, ao mesmo tempo em que apresenta seu método em “O poder da ação”, aplicando-o por meio de suas narrativas nos livros, cursos e no *website*. É interessante ressaltar que seu objetivo de modelagem de indivíduos e de uma proposta “certa” de vida é explícita, havendo apenas um caminho para a vida “dar certo”, como é exposto:

[...] não importa a cultura ou a época, a mudança e o progresso humano possuem apenas um caminho, um fluxo. Aqui vou descrever e explicar cada passo do progresso universal para que você possa trilhar sua jornada pessoal de mudança, crescimento e conquistas. (Vieira, 2017a, p. 54)

Não obstante, constrói uma verdade que se diz científica e que deseja que seja concretizada e absorvida por seus leitores, sendo esta verdade constantemente contraposta a problemáticas da vida cotidiana, para as quais são propostas soluções que se pautam, parte em um efeito “mágico”, parte em um esforço, planejamento, dedicação e aplicação aos exercícios do método CIS. O indivíduo, por sua vez, pagará o preço, investirá, para que “suas fichas caiam”, e seu desenvolvimento seja alcançado “por meio de temas que combinam competências emocionais e autorresponsabilidade, descortinar as fragilidades e ineficiências do leitor e fazer com que ele assuma total responsabilidade pelos seus resultados, sejam eles quais forem” (Vieira, 2017a, pp. 11-12).

Paulo Vieira apresenta sua proposta de desenvolvimento humano por meio do método CIS, principalmente em “O poder da ação” (2015), mediante sete passos compostos por crenças a serem reprogramadas em capítulos (acorde, aja, autorresponsabilize-se, foque, comunique-se, questione e creia) que visam impactar afetivamente o leitor para que este desenvolva uma vida abundante e produtiva. De acordo com Vieira (2017a), crenças são as lentes pelas quais enxergamos a nós mesmos e ao mundo, reflexos de nossas vivências familiares, éticas, morais e dos valores que nos são transmitidos desde os primeiros anos de vida, capazes de serem alteradas, haja vista que “toda crença é autorrealizável, portanto, determinam os seus resultados” (Vieira, 2017a, p. 24).

Vieira (2015) expõe que seu objetivo é “produzir estímulos emocionais e cognitivos suficientes para haver novas sinapses neurais, uma nova e diferente maneira de conectar os neurônios [...] e o melhor disso é que todas essas mudanças acontecem depressa, muito depressa” (p. 220). O *coach* argumenta que, ao longo de todo o livro “O poder da ação”, seu intuito é produzir mudanças na programação de crenças que os indivíduos constroem ao longo da infância e da puberdade, que, a partir do CIS, devem ser alteradas para que haja uma vida abundante. Neste sentido, se você “está acordado, responsabilizando-se, comunicando com precisão, focado e se questionando, então já está com boa e grande parte de suas crenças refeitas, pode levantar a cabeça e sonhar com o que há de melhor dentro e fora de você” (Vieira, 2015, p. 229).

Partindo da premissa de que “para o cérebro humano, real = imaginado” (Vieira, 2015, p. 226), argumenta-se que existem indivíduos pobres que melhoram sua qualidade de vida, pois são capazes de pensar e agir como pessoas ricas, mudando sua condição de vida. Assim, neste viés argumentativo, um modelo de exceção daquele que consegue ter mobilidade social é generalizado. Vieira (2015) argumenta que um dos diferenciais do método CIS, que permitiu ao seu criador tornar-se professor nos EUA, fora sua capacidade de colocar em

prática os conceitos da neurociência de rede, sinapse e plasticidade neural por meio do poder da ação presente em suas técnicas, que promovem forte impacto emocional e repetições que dão início a um processo de reprogramação de crenças disfuncionais.

No intuito de correlacionar o método CIS ao discurso da neurociência, Vieira (2015, 2017a) apresenta aproximações, como ao propor uma prática a partir de tal área de saber, e também recorre a citações aparentemente diretas, não fazendo as referências ou articulações necessárias ao campo científico. Tal observação é recorrente, como é melhor ilustrado ao não referenciar uma explicitação de Elenice Ferrari em ambos os materiais, de modo idêntico (Vieira, 2015, p. 219; Vieira, 2017a, p. 25), ainda que seja feita uma ampla citação direta. Para além, apresenta dois pressupostos da reprogramação neurolinguística os quais são aplicados a partir do CIS, sendo o primeiro “todos temos os recursos que necessitamos para prosperar e ser felizes” (Vieira, 2017a, p. 132) e o segundo “se alguém pôde, você também pode” (p. 132)

Vieira (2015) ainda considera que

nosso lado humano, as emoções, a sociabilidade, os comportamentos, a moral, a ética, os valores, e tudo o mais que um indivíduo é e se torna capaz de fazer, vêm do aprendizado de tudo que ele viu, ouviu e sentiu principalmente ao longo da infância [...] fundamentalmente, pais emocionalmente hábeis em educar seus filhos formarão filhos capazes e vencedores não importando o meio em que estes vivem. E se o pai está ou vive em um ambiente caótico é porque suas crenças atraíram e produziram esse ambiente de caos. (p. 236)

O *coach* ainda evoca o teste ACE (*Adverse Childhood Experiences*), desenvolvido nos EUA por Nadine Burke, que identifica dez tipos de traumas na infância, como, por exemplo, o abuso infantil, dependência química parental, negligência física e emocional. É válido

ressaltar que o teste não é propriamente desenvolvido, a ferramenta é apenas disponibilizada ao leitor e são apontados dados quantitativos referentes à pesquisas que fizeram uso desta.

Vieira (2015) convida o leitor a fazer seu próprio teste ACE, que consiste em responder com “sim” ou “não” dez questionamentos e, posteriormente, pontuá-los, não havendo referências que explicitem se tais questionamentos foram desenvolvidos por Vieira ou padronizados a partir de Burke. Ademais, a pontuação obtida pelo indivíduo é apresentada em correlação gráfica ao tabagismo, depressão crônica, comportamentos sexuais de adolescentes, desempenho no trabalho, suicídio e alcoolismo, ou seja, associa traumas infantis a “problemas e doenças físicas, emocionais, sociais e de comportamento” (Vieira, 2015, p. 237).

Tais construções traumáticas infantis são, para Vieira (2015), definidoras da autoestima, que “é o bem querer que uma pessoa tem por si mesma” (p. 229). Assim, utiliza tal conceituação de base para dividir os indivíduos entre aqueles que possuem crenças de identidade, de capacidade e de merecimento. Para o *coach*, a crença do “eu sou” (Vieira, 2015, p. 231) e do seu potencial de realização são determinantes e determinadas para crença de merecimento, ou seja, influenciam-se mutuamente, logo, “quando possuímos crença de capacidade, naturalmente passamos a construir a crença de merecimento” (p. 234), sendo salutar reprogramar as três crenças para que sejam alteradas as crenças disfuncionais geradas por traumas infantis.

Neste sentido, o primeiro passo para o desenvolvimento (reprogramação de crenças) é “conhecer o próprio estado atual em cada área da vida [...] o início de toda jornada e de todas as mudanças” (Vieira, 2017a, p. 31). Associado ao acordar, visa uma “autoanálise profunda, uma vez que o processo de transformação exigirá firmeza de pensamentos e de objetivos” (Vieira, 2015, p. 22). Em outras palavras, refere-se a uma tomada de consciência por parte do

leitor, que deve “cair as fichas” (Vieira, 2017a, p. 73) e que será adquirida por meio de questionamentos propostos pelo autor no intuito de definir o que faz o indivíduo feliz e aquilo que o “derruba em sua vida cotidiana” (Vieira, 2017a, p. 22).

Trazendo perguntas retóricas sobre o corpo, o trabalho e a vida relacional, Vieira (2015), com o intuito de proporcionar que “as fichas caiam”, questiona o leitor: “você tem sido referência na empresa em que trabalha, gerando grandes resultados, desempenho tremendo e, dessa maneira, conduzindo sua carreira e seu sucesso profissional?” (Vieira, 2015, p. 23). Descrito como um momento de dor intensa (fichas caindo), os questionamentos devem cooperar ainda para o processo educativo e empático do reconhecimento de suas ações e os prejuízos que estas podem trazer para si e para os outros ao seu entorno, ou seja, devem possibilitar o reconhecimento dos próprios erros e desejo de mudança (Vieira, 2017a).

A consciência é tida como a parte divina que habita o homem, que o permite se conectar consigo, com o outro e com o mundo, veículo de compreensão para as causas, efeitos e os porquês dos acontecimentos que perpassam uma vida (Vieira, 2017a). De acordo com a “jornada do progresso humano” (Vieira, 2017a, p. 55) e para o desenvolvimento da Inteligência Emocional, a tomada de consciência é o primeiro passo a ser realizado. Em seguida, deve-se adquirir autorresponsabilidade, uma visão positiva de futuro e, como último passo, se apropriar de ferramentas poderosas de progresso, as “ferramentas certas para conduzi-lo até sua visão positiva de futuro” (Vieira, 2017a, p. 87). Aspecto relevante, posto que Vieira (2017a) dedica cerca de um dia ao binômio consciência-ciência e cerca de 14h “apenas para trazer consciência aos alunos” (p. 71).

Para Vieira (2017a) a consciência é dividida em três níveis: a plena, a relativa e a disfuncional. De modo sucinto, ter uma consciência plena tange a uma compreensão adequada e produtiva do mundo, característica de indivíduos de sucesso. A consciência relativa e

imperfeita “torna imprecisa a avaliação de nós mesmos e do mundo ao nosso redor, causando prejuízo a alguém” (Vieira, 2017a, p. 64), sendo indicado o processo de *coaching* integral sistêmico. Já a consciência disfuncional é tida enquanto uma noção irreal e debilitada de mundo, associada a pessoas mentalmente enfermas e indivíduos que tenham passado por intensa dor ou trauma, sendo que apenas estes últimos não são passíveis de serem resgatados pelo método CIS, os outros dois tipos de consciência podem ser resgatados, caso estejam dispostos a se autorresponsabilizar (Vieira, 2017a).

A partir da perspectiva do CIS, Vieira (2017a) traz que, para ser feliz deve-se possuir Inteligência Emocional, sendo imprescindível para o seu alcance haver autorresponsabilidade. Assim, ser feliz é possuir as aptidões “emocionais necessárias à arte de se conectar consigo e com os outros de maneira harmoniosa, construindo redes de relacionamento e trabalho, confiança, realizações e talentos que, no conjunto, constituem a sabedoria humana” (Vieira, 2017a, p. 11).

Almejando sempre os melhores resultados, os mais produtivos, a maior felicidade no percurso para atingi-los e argumentando que “cada um tem a vida que merece” (Vieira, 2015, p. 24), Vieira (2015) propõe ao leitor que seja um sujeito autônomo e voltado para a ação, que pague “o preço das mudanças [e] desperte o gigante adormecido que existe em você” (p. 24). Um dos preços é responder as denominadas “Perguntas Poderosas de Sabedoria” (Vieira, 2015, p. 23), ferramenta aparentemente desenvolvida pelo autor e presente nos dois livros analisados. As “Perguntas Poderosas de Sabedoria” (PPS’s) trazem questionamentos direcionados para tomada de consciência por parte do indivíduo a despeito de possíveis aspectos que tangenciam as áreas do método CIS, como família, trabalho, oportunidades e dificuldades.

Vieira (2015) convida

você a acordar e assumir sua real identidade, e garanto que este livro vai lhe ajudar a descobri-la. Entre nessa viagem para conseguir trazer à tona uma nova atitude desvencilhada dos resultados que você obteve no passado, assim como da autoimagem que o gerou. (Vieira, 2015, p. 24)

Como se observa, a mobilização dos afetos sobre o leitor se faz por meio de uma comunicação simples, direta e que busca implicar o indivíduo a atual condição de vida que possa se encontrar, convocando-o a acordar, a olhar e a agir, retirando-o de uma posição tida como passiva para uma posição ativa perante sua vida (Vieira, 2015, 2017a). Vieira (2015) pontua que a mídia tradicional é a culpada por um distanciamento dos indivíduos da vida abundante e por estarem anestesiados perante sua própria vida.

Para o *coach*, as telenovelas, os telejornais, a maioria dos filmes e diálogos dos indivíduos veiculam conteúdos de “morte, dor, medo, perda, traição, tristeza, mentira, vingança, ódio, violência, cobiça, inveja, inversão de valores, e assim por diante” (Vieira, 2015, p. 29) e que a mídia possui uma

alta precisão cognitiva no que deseja comunicar, vem também abarrotada de forte e impactante conteúdo emocional, que atinge profundamente o ser humano nos dois hemisférios cerebrais, no esquerdo cognitivo e no direito emocional. Fazendo com que pela repetição incessante nosso cérebro passe a acreditar que todo esse lixo de informações compõe uma vida normal. (Vieira, 2015, p. 29)

Assim, ao alienar o indivíduo, que recebe tais materiais com cada vez menos crítica, estes passam a ser percebidos como normais e impeditivos para a vida abundante, tendo se tornado fatos comuns na vida cotidiana, mas que não devem ser normalizados (Vieira, 2015). Tais normalizações vão de encontro a perspectiva de vida abundante, neste sentido, Vieira (2015) defende que “QUALQUER COISA DIFERENTE DE ABUNDÂNCIA É

DISFUNÇÃO” (p. 25, grifos do autor). Para isto, aponta referências bíblicas sobre a predestinação humana para a abundância, ressaltando a inerência de “revezes, quedas e problemas ao longo de nossa vida, isso é algo que não escolhe classe social, raça ou gênero, as dificuldades existem para todos os seres humanos” (Vieira, 2015, p. 25). Acrescenta ainda que

eu acredito que a nossa essência foi criada por Deus e é imutável, até porque é perfeita, porém a criação que tivemos, a educação que recebemos, os ambientes que frequentamos e a quantidade e qualidade de amor que nos foi dada, tudo isso nos tornou pessoas distantes dos nossos sonhos e potenciais [...] podemos ser mais motivados, mais alegres, mais amorosos, mais competitivos, mais vitoriosos [...] podemos ser quase tudo o que quisermos. Isso é ser humano, ou seja, exercer de maneira digna o livre-arbítrio que Deus nos deu. (Vieira, 2017a, pp. 34-35)

Vieira (2015) expõe o método CIS como uma “base teórica, filosófica, ferramental e prática [que] busca em seus processos produzir abundância em todas as áreas” (p. 25), tratando as “disfunções que devem e merecem ser tratadas” (p. 25), ou seja, aquilo que não se encontra no campo da felicidade e da produtividade. Expõe, por exemplo, que não ter dinheiro e não ter um corpo saudável demonstram falta de abundância na vida e que aquele indivíduo que não possui “faltas”, ou seja, que consegue pagar as contas do mês e fazer algum exercício, é egoísta, pois limita suas ações ao atendimento de suas próprias necessidades, já que abundante seria ajudar ao próximo (Vieira, 2015).

Assim, convida o leitor constantemente a uma vida de riquezas e abundância, argumentando que este não deve ser medíocre, mas sim visar a constante superação de seus limites, conquistas e dificuldades. Em resumo, coloca que o estilo de vida abundante é quando o indivíduo:

acorda cedo, vai malhar, faz amor logo de manhã cedo com o homem ou mulher da sua vida, brinca com seu filho, deixa ele no colégio. Vai trabalhar, ama o trabalho e gosta do que faz. E por isso faz com prazer, faz bem-feito, é reconhecido, ganha dinheiro mais do que apenas o suficiente para sua sobrevivência. Despede-se dos colegas de trabalho já com saudade deles. Vai dar uma corrida, encontrar com a família, e ainda encontra os amigos para jantar em um bom restaurante. Depois vai para casa, ama seus filhos, é amado por seu marido ou por sua esposa, dorme gostoso e acorda no dia seguinte e grita: yes! [...] um estilo de vida no qual tudo é abundante: o dinheiro, o amor, a felicidade, a paz. (Vieira, 2015, p. 29)

Na mesma esteira de convidar o leitor a acordar, em “O poder da autorresponsabilidade”, Vieira (2017a) relata uma vivência pessoal de repetidos fracassos e um fatídico acidente automobilístico os quais possibilitaram ao autor se perceber, como coloca “me percebi” (p. 20), ou seja, em seus termos, acordou. Tal acordar vem a partir do encontro com um trecho do mito de Sísifo, presente em um livro de autoajuda o qual não menciona o título, apenas seu autor, Roberto Shinyashiki. Acrescenta ainda que ao longo da “busca por ferramentas, caminhos e métodos para mudar a minha vida, descobri o *Coaching* [...] a partir das minhas mudanças, percebi que poderia contribuir com a vida de outras pessoas” (Vieira, 2017a, p. 88)

Vieira (2017a) descreve como o mito de Sísifo possibilitou a percepção de que “tudo aquilo que estava vivendo nos últimos treze anos não eram fracassos, mas, sim, os resultados das minhas ações e atitudes. Cada resultado negativo era um alerta de Deus” (p. 22), associando diretamente sua responsabilidade perante todos os acontecimentos de sua vida e sua condição de fracasso, descrição que posteriormente desenvolverá no conceito de autorresponsabilidade, e a necessidade de uma tomada de consciência por parte do indivíduo,

posto que, a partir da perspectiva individualista de autorresponsabilidade, o indivíduo é o único que precisa mudar (Vieira, 2017a). Assim,

depois de ter consciência de que eu era o meu sabotador, as coisas foram acontecendo como que por magia. As pessoas que conheci, os livros que li, os filmes a que assisti e, até mesmo, esse acidente de carro me conduziram a um processo profundo de transformação. (Vieira, 2017a, p. 24)

É interessante ressaltar que Roberto Shinyashiki é referenciado em ambos os livros da presente análise, descrito enquanto fonte de inspiração para Paulo Vieira (Vieira, 2017a), sendo autor do prefácio do “O poder da ação”, escritor de livros de autoajuda e proprietário da editora Gente, responsável pela publicação de todos os livros de Vieira, ainda que este afirme que não produz conteúdos de autoajuda, mas sim científicos, se autointitulando um cientista.

A partir da proposta de uma vida abundante, a qual não se limita a alegria passageira, Vieira (2015) expõe a necessidade de se buscar potencializar todas as áreas da vida e afirma que “sua vida não é o que você diz que ela é, e sim o que é percebido, visto e presenciado na prática” (p. 37). Assim, coloca em cheque o saber que os sujeitos possam ter sobre si, a sua visão de si mesmos e do mundo para convocá-los a desejar as mudanças propostas pelo CIS, posto que “o que importa são nossos comportamentos e, em especial, os resultados gerados e percebidos por todos” (p. 37). Para isto, o indivíduo deve agir, temática que explora enquanto parte das crenças a serem reprogramadas.

A segunda crença abordada por Vieira (2015) são as que se referem a ação e o que possivelmente pode impedi-la. Inicia seus argumentos com um provérbio bíblico no qual explicita que aquele que dorme (que não age) é preguiçoso, para em seguida fornecer a metáfora do tonel, no intuito de que o leitor desenvolva o que ele denomina como “Representação Metafórica Interna” (p. 41), sem fazer referências de onde o conceito advém.

É relevante ressaltar que para Vieira (2015, 2017a) as metáforas são representações internas que o indivíduo constrói de si e que podem ser alteradas a partir da introdução de outras metáforas.

A metáfora consiste no leitor imaginar que uma pessoa querida se encontra em cima de um tonel com uma substância fétida, associada a situações ou objetos que fazem mal ao ente querido, como a falta de coragem, o álcool, as dores que tais ações podem gerar em entes familiares e a perda da admiração e amor. Textualmente reproduz enunciados em primeira pessoa, ou seja, como se estivessem sendo pronunciados pelo leitor, para posteriormente propor um exercício de PPS's em que o convoca a identificar o que Vieira (2015) denominou como zona de conforto, sendo esta “o lugar que encontramos desculpas para não fazer o que sabemos que devemos fazer” (p. 43) e que paralisam o indivíduo.

Deste modo, Vieira (2015) constrói uma perspectiva em que o leitor é posto em jogo como o sujeito da metáfora, aquele que poderá agir em prol do outro, uma vez que souber, mediante as PPS's, de que modo é possível ajudar. Vieira (2015) expõe que, caso o indivíduo não aja e saia de sua zona de conforto, seu destino se encontra fadado:

Afinal, não precisamos ser paranormais nem videntes para imaginar qual será o destino daquela pessoa que nunca encarou a vida profissional. Não precisamos ser muito inteligentes para acertar como será o futuro do alcoólatra ou como será a família do adúltero. Ou como será a saúde do glutão sedentário ou a vida daquela mulher que trocou os filhos pelos colegas de balada e seu futuro financeiro por bolsas e sapatos. Certamente é bem mais fácil e cômodo dizer como será a vida das pessoas presas na zona de conforto. (Vieira, 2015, p. 43)

Entendendo a vida enquanto uma jornada predestinada em que a natureza humana é a abundância e, a partir do que Vieira (2015) qualificou como um de seus bordões e se

autocitando, traz que “tem poder quem age, e mais poder ainda quem age certo” (p. 44), o *coach* afirma que

não é correto dizer que uma pessoa passou o dia em casa na frente da televisão, deitada no sofá, tomando cerveja, sem fazer nada. A verdade é que ela fez algo; porém, o que foi desnecessário e improdutivo [...] faça o que é bom, produtivo e benéfico. (Vieira, 2017a, pp. 82-83)

Continua ao trazer que, caso o indivíduo não possua abundância, é porque este se conta historinhas utilizadas para explicar seu fracasso e tolher sua autonomia (zona de conforto), carecendo de autorresponsabilidade e tendo como consequência “o fato de essa historinha ser interpretada como verdade pelo cérebro” (Vieira, 2017a, p. 45). Define por historinhas

estruturas linguísticas, verbais e mentais que validam, explicam e justificam nossos fracassos, nossas falhas e nossos insucessos. Uma maneira às vezes sutil e outras vezes explícita de não nos responsabilizarmos por resultados, ações e comportamentos que não deram certo em nossa vida. (Vieira, 2015, p. 45)

Em seguida, Vieira (2015) traz três casos de historinhas de mentiras, exageros e verdades sobre indivíduos hipotéticos, que, ao final de cada uma, são categorizadas a partir do comportamento que expuseram, dos resultados (primários e secundários) e do tipo de historinha. A título de exemplo, tem-se o Caso 2 (p. 47), no qual descreve um empresário que passa por dificuldades financeiras e utiliza como justificativa a instabilidade governamental do país. Ainda que concorde com tal instabilidade, Vieira (2015) pontua que

entretanto, se o problema da empresa dele era apenas esse, então por que seu concorrente, que na verdade começou bem depois dele e sem capital, está indo tão

bem e crescendo tremendamente apesar do governo e de todo o chamado Custo Brasil? (p. 47)

Assim, o autor faz uso do argumento de concorrência mercadológica para contra argumentar o indivíduo, culpabilizando-o e, na definição de Vieira (2015), autorresponsabilizando-o. Os outros casos expostos redundam na mesma estrutura discursiva do exemplo acima citado, permeando temáticas como o abuso do álcool e a obesidade.

Vieira (2015) afirma que “após 15 anos fazendo *coaching* [...] percebi de forma empírica, porém com muita consistência, que mesmo as mais simples mudanças comportamentais eram impedidas pela contação de historinhas” (p. 49). Ainda que coloque suas supostas averiguações empíricas em oposição a consistência, propõe que por meio do método CIS é possível abandonar tais historinhas, trocando-as por histórias, tidas enquanto “narrativas verdadeiras” (Vieira, 2015, p. 49) que colocam o indivíduo como dono de sua trajetória, capitão de próprio barco, timoneiro de seu leme.

Após tal extensa exposição e desenvolvimento de exemplos que ilustram para o leitor aspectos da vida cotidiana, associados ao fracasso e de modo demeritório, Vieira (2015) discorre sobre a categorização feita ao fim de cada caso e solicita dedicação ao leitor para o preenchimento do exercício posterior, em que as historinhas individuais devem ser identificadas (PPS's), categorizadas e depois alteradas, reescritas, de acordo com exemplos de como, retomando o caso do empresário, deveriam ser pensadas e escritas:

Independentemente do governo, minha empresa é próspera, lucrativa e crescente.

Tenho a melhor equipe e minha liderança é supereficaz. Nos planejamos e executamos com primazia. Minha empresa é a número 1 no seu segmento e eu sou reconhecido pela gestão empresarial que aplico. (Vieira, 2015, p. 51)

Vieira (2015) pontua ainda que as PPS's anteriores devem estar à mão e serem repetidas com ênfase, “essa nova e profética história deve ser repetida cinco vezes por dia em voz alta, até que, por repetição, ela seja uma verdade em seus comportamentos e resultados” (p. 51). As PPS's permeiam desejos futuros do leitor em torno de temáticas como sucesso, relações familiares, corpo, profissão, vícios e a regulação de prazeres e obrigações. Vieira (2015) aponta a importância do sonhar, ressaltando a necessidade da construção de metas e complementando seu bordão ao pontuar que “o que importa é se você está indo na direção certa, com os comportamentos certos e se vai na melhor velocidade possível” (p. 58), afinal, “o fato é que qualquer um pode” (p. 59) e atingir objetivos depende apenas de ações massivas e consistentes.

Vieira (2015) aborda ainda o fator sorte, descaracterizando sua relevância em detrimento das habilidades e do esforço. Para isto, relata uma história pessoal em que se encontrava com dificuldades de atingir suas metas financeiras anuais. Textualmente traz pensamentos mais positivos e enfáticos do que sua esposa, dando a entender que há sorte, como ao correlacionar o ganho posterior de um carro no valor de 120 mil reais e crescimentos empresariais inesperados em um curto espaço de tempo (4 meses) a algo inesperado em dimensão, ainda que compreensível quando se considera o esforço dedicado. Com isso, ressalta que o crescimento da FEBRACIS não se deu por sorte, mas sim devido ao aproveitamento e dedicação que soube dar aos seus talentos e dedicação ao trabalho. Assim, apresenta sua sorte como uma naturalidade advinda do esforço e das habilidades. Ou, como expõe:

Veja bem, que não nos tornamos a maior instituição de *coaching* da América Latina por sorte. A verdade é que agimos com precisão, eficácia e diligência. Atribuir à sorte o crescimento do CIS seria como negar que em 2008 eu já tinha mais de cinco mil horas de sessões de *coaching*. Seria negar que a cada ano a FEBRACIS faz uma

revolução no contexto de inovações e gestão. Acredito que quanto mais trabalho com dedicação, quanto mais aprendo e mais inovo, mais sorte eu tenho. (Vieira, 2015, p. 60)

Ao que parece, o espaço fornecido à sorte dentro do desenvolvimento de si é derivado do esforço e das habilidades, como um prêmio, retomando o exemplo do carro. Para que as ações dos indivíduos sejam direcionadas e acertadas, Vieira (2015) solicita ao leitor escrever novamente (como no exercício supramencionado) quais ações serão mudadas e fornece uma ferramenta denominada plano de ação convencional ou plano de ação modelo 5W 2H, ferramenta que não fornece maiores explicações, apenas relata que esta se encontra no *website*.

Ao consultar o referido material na plataforma *online*, tem-se que se trata de uma ferramenta para planejamento e organização de metas pautadas nas questões: O que? (qual ação), Quando?, Por que?, Onde?, Quem?, Como?, e Quanto?. É fornecido um modelo de tabela em branco a ser preenchido pelo leitor, não sendo aprofundados quaisquer detalhes, referências ou mesmo uma contextualização da ferramenta em questão.

Dando prosseguimento ao desenvolvimento de crenças que necessitam ser reprogramadas, Vieira (2015) apresenta seu conceito de autorresponsabilidade, basilar para a proposta do método CIS e que fornece maior enfoque a meritocracia. O livro “O poder da autorresponsabilidade” expõe como objetivo a propagação de um conceito sobre excelência e transformação humana (de tudo o que precisa ser mudado em sua vida), uma ferramenta a qual potencializa resultados (Vieira, 2017a). Para explicitar o conceito, recorre a uma autocitação:

Você é o único responsável pela vida que tem levado. Você está onde se colocou. A vida que você tem levado é absolutamente mérito seu, seja pelas suas ações

conscientes ou inconscientes, pela qualidade de seus pensamentos, seus comportamentos e suas palavras. Por mais doloroso que seja, foi você que levou a sua vida ao ponto em que está hoje. Sendo assim, só você poderá mudar essa circunstância. (Vieira, 2015, p. 64)

Vieira (2017a) afirma ainda que após 10.800 horas de sessões de *coaching* individual, pôde “comprovar essa receita infalível: o ato de se responsabilizar por tudo o que acontece em sua vida traz a certeza de realização e plenitude” (p. 12). O argumento religioso, de que “de Deus não se zomba. O que você plantou isso sim é o que você vai colher” (Vieira, 2017a, p. 83), é aliado a argumentos científicos para construção de um perfil de pessoas de sucesso, como o fez ao se apropriar de falas e histórias de figuras públicas como Nelson Mandela e Gandhi (Vieira, 2015, 2017a). Neste intuito, faz referência, por exemplo a pesquisa de Amy Cuddy e, sem discorrer sobre a pesquisa, mas citando Harvard como a instituição de onde está provém, argumenta que Cuddy, psicóloga e pesquisadora, afirma que pessoas de sucesso sabem utilizar sua estrutura mental e linguagem corporal de modo mais eficiente.

Vieira (2015) constrói uma perspectiva em que, para se ter sucesso, o indivíduo deve comportar-se como autor de sua própria história, timoneiro de seu barco, acreditando que, desta forma, poderá “se colocar em qualquer outro lugar, poderá escrever e reescrever seus caminhos e suas escolhas” (p. 66), já que “você tem se colocado onde quer que esteja, de forma consciente ou inconsciente” (p. 66), fazendo uma referência descontextualizada a conceitos primordiais da Psicanálise.

Descreve repetidamente o perfil da pessoa de sucesso, necessariamente autorresponsável por seus resultados, que são aqueles “sabem utilizar sua estrutura mental para colher resultados e, quando os resultados são ruins, aprendem com eles, com

responsabilidade, optando por uma estrutura mental correta - passam a falar, pensar e se comportar de modo diferente” (Vieira, 2017a, p. 101)

Ainda que diga que não possua a intenção de parecer culpabilizar o indivíduo (Vieira, 2017a), o *coach* guia o leitor a reformular seus comportamentos, pensamentos e ações de modo a se debruçar sobre seus erros como fatores nocivos e ruins para sua vida, impeditivos para tornar-se uma pessoa de sucesso. Em contrapartida, o indivíduo deve perceber os acontecimentos de sua vida com autorresponsabilidade, como apresenta ao exemplificar de que modo o este deve pensar e complementar: “não trabalhei bem, não dei o meu melhor e fui demitido. Contudo, hoje, reconheço onde errei, afirmo que não vou mais cometer essa falha, e por isso quero muito essa oportunidade para...” (Vieira, 2015, p. 67). O erro é tido enquanto algo do indivíduo exclusivamente e desqualificador de suas ações.

Para Vieira (2017a) “as pessoas que não possuem a crença da autorresponsabilidade, optam por criticar, reclamar e se esconder atrás dos outros, elas estão à margem da própria vida” (p. 160). O discurso aponta para uma perspectiva de submissão do trabalhador perante a empresa, já que o indivíduo autorresponsável assume a posição socioeconômica em que se encontra, mesmo que a empresa não reconheça o valor que acredite possuir, como coloca

os autorresponsáveis são otimistas e motivados, independentemente das circunstâncias. Mesmo que não estejam sendo remunerados a contento, eles dão seu melhor; mesmo que não sejam tão valorizados, continuam sendo produtivos e alegres [...] optam por não reclamar, não criticar, muito menos culpar a empresa ou os dirigentes por se sentirem como se sentem. Eles buscam em si a solução e, se não a encontram, eles simplesmente vão em busca de seus objetivos e de maneira ética pedem licença para fazer seu caminho e criar responsavelmente sua história – e, com certeza, uma história de sucesso. (Vieira, 2015, p. 75)

Acrescenta-se ainda que o indivíduo “autorresponsável não julga o outro, mas sim a atitude dele” (Vieira, 2017a, p. 154), proliferando a visão de que há um olhar externo julgador sobre as ações individuais. Vieira (2015) pontua que para ser um indivíduo autorresponsável deve-se avaliar e desenvolver seu nível de maturidade emocional e, ao fazer isto, o indivíduo aumentará sua capacidade de realização, garantindo “a certeza de possuir uma crença que valida todas as outras crenças fortalecedoras que você possui” (p. 69).

Em seguida, Vieira (2015, 2017a) faz referência a uma pesquisa que aborda a mudança, feita pelo psicólogo e professor Daniel Goleman, trazendo apenas dados conclusivos para argumentar que existem indivíduos os quais são líderes e guiam a humanidade (os que produzem mudança), enquanto há outros que são guiados, não sendo possível discernir se tais argumentos provêm da pesquisa de Goleman ou de sua percepção, dada a falta de aprofundamento sobre os dados apresentados. Vieira (2015) frisa ainda que a capacidade de obter mudanças não se refere a classe social, cultural ou econômica, considerando que os indivíduos que detém a capacidade de mudar se encontram em todas as classes, assim como os incapazes.

Caso, a partir de sua proposta de modelagem por meio do CIS, mudanças não venham a ocorrer, Vieira (2015) fornece duas possíveis soluções: pode-se fazer uso da autorresponsabilidade ou culpar os outros por suas falhas, polarizando a possibilidade de escolha entre ser autorresponsável ou vitimar-se. Na esteira da mudança, retoma seu jargão sobre a necessidade de ação, de o indivíduo não se limitar ao campo das ideias, posto que as pessoas de sucesso geram boas ideias, “talvez não sejam as melhores ideias, talvez nem sejam suas -, porém são capazes de colocá-las em prática, de fazê-las acontecer” (Vieira, 2017a, p. 109). Recorre aos conceitos de QI (quociente intelectual) e QE (quociente emocional), supostamente utilizados por Goleman e Jill Bolte Taylor, para argumentar que o indivíduo

próspero e vitorioso faz uso de ambos os hemisférios cerebrais, ainda que considere não ser possível fazer um uso pleno e igualitário de ambos os hemisférios, como segue:

o hemisfério esquerdo é o lado do cérebro responsável pela lógica, pela memória, pela sistematização e reflexão. É aí que reside toda a nossa capacidade de elaborar ideias, e também é aí que residem nossas habilidades de planejar, criar e compreender. É onde está o tão falado Quociente de Inteligência (QI). O hemisfério esquerdo é o lado matemático, classificador, exato, linear, analítico, estrategista, prático e realista, além de ser o responsável pela linguagem. Já o lado direito do cérebro é o responsável pelas emoções, pelos sentimentos, pelos pensamentos involuntários, pela inconsciência, pela intuição e pelas crenças. É o lado responsável pela nossa capacidade de realização. É onde reside o atualmente famoso Quociente Emocional ou Inteligência Emocional (QE). (Vieira, 2015, p. 73)

Em contrapartida, ainda que se aproprie de argumentos da neuropsicologia, Vieira (2015) descaracteriza argumentos de Marx, Newton, Einstein e Rousseau, qualificando-os enquanto teorias intelectuais que “reforçam que somos meros espectadores e que não podemos mudar ou reescrever nossa história” (p. 74). O autor traz tal fala ilustrando um caso verídico de uma professora universitária que discorda do conceito de autorresponsabilidade. A descreve enquanto uma pessoa aparentemente capacitada que cita tais autores e é refutada por Vieira a partir de uma suposta citação de Einstein em que há a crítica da exaltação do conhecimento intelectual. Posteriormente “ela me confidenciou: ‘Talvez a solução dos meus problemas existenciais esteja por aí...’” (Vieira, 2015, p. 74).

A mesma história, citações e argumentos repetem-se em “O Poder da Autorresponsabilidade” (Vieira, 2017a, p. 113-114), entretanto, acrescenta que a palestra ocorreu em uma instituição de ensino e,

quando essa professora tinha discordado, uma outra tentou puxar aplausos junto aos outros participantes [...] chegou com uma postura totalmente reativa, não participou de nenhuma dinâmica e manteve sua postura e fisiologia corporal em sinal de rejeição à instituição e ao momento. É certo que, para aquelas duas professoras, suas vidas não estavam sob seus controles e as coisas não estavam como desejavam. Talvez elas continuem assim, até que se tornem capazes de se responsabilizar por seus destinos - até que parem de achar culpados para seus insucessos e frustrações [...] eliminando a atitude de autocomiseração (Vieira, 2017a, p. 115)

Dando continuidade a um discurso que visa não apenas a apresentação conceitual, mas também o convencimento do leitor no que tange a autorresponsabilidade e a eficácia do método CIS, Vieira (2015) traz outro caso da vida real para exemplificar o conceito e fornece seis leis (práticas linguísticas e comportamentais) necessárias à obtenção da autorresponsabilidade. As leis repetem-se em ambos os livros analisados e são amplamente descritas, mas passíveis de compreensão a partir da seguinte exposição, sendo estas:

As seis leis para a conquista da autorresponsabilidade:

- 1) Se for criticar as pessoas... cale-se.
- 2) Se for reclamar das circunstâncias... dê sugestão.
- 3) Se for buscar culpados... busque a solução.
- 4) Se for se fazer de vítima... faça-se de vencedor.
- 5) Se for justificar seus erros... aprenda com eles.
- 6) Se for julgar alguém... julgue a atitude dessa pessoa. (Vieira, 2015, p. 80)

Vieira (2015) pontua que ao seguir tais leis haverá uma mudança dos hábitos diários e o surgimento de uma nova pessoa, oportunidades e possibilidades. Os indivíduos “perceberão

que coisas muito boas estão acontecendo sem explicações [...] perceberá que a mágica da autorresponsabilidade chegou” (Vieira, 2015, p. 81). Cada seção descritiva sobre as leis mantém a mesma linha argumentativa, ao descrever suas percepções pessoais sobre comportamentos e pensamentos de pessoas de sucesso e aqueles que acarretarão o fracasso, associando-os a argumentos bíblicos, conceitos científicos, seus jargões pessoais e a construção de um caminho (por meio do CIS) para que seja possível atingir a verdade de uma vida plena.

Em seguida, Vieira (2015, 2017a) pontua que o leitor deve imprimir as leis e deixá-las em lugares de fácil acesso e rotineiramente frequentados para que haja uma manutenção constante da atenção sobre as mesmas, afinal, “com um pouco de esforço racional e disciplina, você pode começar a mudar tais hábitos, mas, para isso, aconselho que imprima as seis leis em papel e cole nos lugares que você mais frequenta” (Vieira, 2017a, p. 158). Para além, convida o leitor a disseminar tais leis, exemplificando como foram executadas em uma empresa (Vieira, 2015, 2017a).

É interessante ressaltar que a seção sobre autorresponsabilidade em “O poder da ação” e ao longo do livro “O poder da autorresponsabilidade” ocorrem menos exercícios e PPS’s, dando enfoque ao desenvolvimento de ideias do autor. Ainda assim, Vieira (2015) solicita, ao final do capítulo, que o leitor assine um termo de compromisso, onde declara que seu sucesso e felicidade estão diretamente conectados a autorresponsabilidade, a cópia de suas leis e a imaginação de resultados que serão colhidos, acrescentando que “depois de escrever você deve decorar sua declaração e verbalizá-la em voz alta por trinta dias seguidos ao acordar” (Vieira, 2015, p. 98) e, assim, haverá a transformação de crenças. O mesmo termo e exercícios se repetem ao final do livro “O Poder da Autorresponsabilidade” (Vieira, 2017a, p. 184)

Vieira (2015) aborda ainda o fator oportunidade, considerando-o como algo que é construído individualmente. Com isso, “gerenciando todos os seus comportamentos, pensamentos, sentimentos e as suas atitudes, os resultados positivos simplesmente acontecerão, e as oportunidades aparecerão [...] isso é poder pessoal ao seu alcance” (p. 93), neste sentido, oportunidades não ocorrem ao acaso, não são fatores externos e distribuídos na e pela humanidade, pois

pessoas de sucesso não esperam as oportunidades aparecerem, muito menos reclamam quando não aparecem, pois sabem que estão no comando do barco de suas vidas, sabem que as coisas não acontecem simplesmente mas são criadas consciente ou inconscientemente. Sabem que nada acontece por acaso, que a nossa atitude diante da vida trará resultados, e que tudo, absolutamente tudo, é resultado dos nossos pensamentos, sentimentos e comportamentos (Vieira, 2017a, p. 165).

Após isto, acrescenta um relato pessoal no qual se depara com um conhecido, que passava por dificuldades familiares e financeiras, e oferta gratuitamente seu curso do método CIS. Relata que o conhecido não aproveitou a oportunidade oferecida pelo destino e, ao encontrá-lo anos depois, o mesmo se mantinha com as mesmas questões. Logo, “pessoas sem autorresponsabilidade culpam a falta de oportunidade como fator imobilizante e responsável pela mediocridade de suas vidas e dizem: “se eu tivesse dinheiro...”” (Vieira, 2017a, p. 122). Entende-se que o indivíduo sem autorresponsabilidade não será capaz de se apropriar, ou mesmo enxergar, as oportunidades que constrói.

Na seção sobre foco, tal a capacidade é posta como essencial para o alcance dos objetivos e metas, logo, para o desenvolvimento a partir do CIS. Foco é definido como “a capacidade de aproveitar as condições naturais disponíveis a qualquer um e produzir poder ao concentrar atenção em um único ponto [...] com força suficiente para produzir mudanças e

realizações rápidas” (Vieira, 2015, p. 102), definição que é textualmente reproduzida duas vezes seguidas.

Compreende-se que as condições naturais disponíveis são as habilidades e oportunidades dos indivíduos, que devem ser alteradas, melhor enfocadas, a partir do direcionamento de energia em um único ponto. A partir da proposta holística do CIS, Vieira (2015) compreende que o foco deve ser múltiplo para que haja o desenvolvimento equilibrado em todas as áreas da vida. No intuito de que isto ocorra, deve-se identificar primeiro os problemas e as limitações existentes. Já a atenção à potencialização se dá com o movimento de instigar o leitor a expor aquilo que deseja conquistar.

Para subsidiar sua afirmação de que pessoas de sucesso não se distraem como os outros indivíduos, Vieira (2015) recorre a Goleman, afirmando que a capacidade de focar está diretamente associada a maturidade emocional, equivalente ao QE. No intuito de que o leitor identifique suas distrações, Vieira (2015) fornece uma tabela com fatores “de distração mais comum relatados por nossos alunos no método CIS” (p. 106), os quais devem ser avaliados de 0 à 10. A título de exemplo, são listados fatores como telejornais, bebida, jogos de azar, *Facebook*, maconha, relacionamentos amorosos improdutivos, hobbies e vitimização. Tais comportamentos são descritos enquanto problemáticos, sendo “responsáveis por destruição de relacionamentos, carreiras profissionais estagnadas, dependência financeira, contas atrasadas, filhos órfãos de pais vivos, empresas quebradas, acidentes e muitos outros danos” (pp. 106-107).

Mais explorado em “O poder da autorresponsabilidade”, o conceito de Inteligência Emocional (IE) de Goleman, é utilizado por Vieira (2017a) em um exercício que faz uso de duas subcategorizações da IE, as competências sociais e pessoais, as quais, aparentemente, foram pesquisadas por Goleman, mas coube a Vieira transformá-las em exercícios. Em tal

exercício é dada uma nota pela qual o indivíduo avalia suas capacidades produtivas, por exemplo, deve avaliar sua capacidade de superação de desempenho antes e depois de ler o livro e elencar seus prejuízos anteriores à mudança.

Ao explicitar o que considera ser nocivo para a capacidade de foco, logo, para o sucesso individual, Vieira (2015) fornece uma nova tabela ilustrativa para que o leitor exercite-se, elencando, primeiramente, o que é relevante para si em cada área explorada pelo método CIS. Em segundo, a distração associada a esta e a ação para eliminar a distração, seguindo sempre o modelo de fornecer exemplos e respostas adequadas para as problemáticas que o próprio autor coloca.

Para que haja uma rotina focada, ou seja, com excelência produtiva, é fornecida outra ferramenta do CIS, a Agenda da Vida Extraordinária, a qual consiste em uma agenda semanal, não de tarefas, “e sim um estilo de vida abundante [...] é como um mapa que conduzirá a resultados realmente extraordinários em muito pouco tempo” (Vieira, 2015, p. 109), que inclui o ócio criativo aos finais de semana. Um modelo desta ferramenta se encontra disponível no *website* e são feitos questionamentos intimidadores ao leitor para que faça uso da ferramenta, como segue:

E você, como está a sua rotina de vida? Onde você tem conseguido colocar seu foco e sua atenção? Você vem tendo uma vida extraordinária e realmente feliz, ou você vive tentando compensar sua vida limitada com alegrias passageiras em festas badaladas? Que tal você montar a sua Agenda da Vida Extraordinária agora? Que tal você acordar para a vida, agir e agir certo, focando o que de fato é bom, proveitoso e valoroso para você e para os seus? No endereço www.febracis.com.br/opoderdaacao, você pode fazer o download de todas as ferramentas contidas neste livro. Então, vamos lá e

monte agora sua Agenda da Vida Extraordinária e produza a melhor de todas as rotinas: a sua rotina de excelência. (Vieira, 2015, p. 114)

Para além, não basta ao leitor utilizar ambas as ferramentas supracitadas, este deve desenvolver a capacidade de foco múltiplo criado por Vieira, a qual consiste em ter três tipos de foco: visionário, comportamental e consistente. Para provar a efetividade de sua técnica, Vieira (2015) apresenta um “estudo de caso” de um “cliente de *coaching* que em oito meses saiu de um salário/pró-labore de 15 mil reais para 180 mil reais por mês” (p. 119). Neste exemplo, o indivíduo que profissionalmente se encontrava em uma condição subalterna, empreende, tornando-se proprietário de sua própria empresa.

Tal trajetória teve início a partir da identificação das metas (curto, médio e longo prazo), os objetivos de cada meta e a definição de prazos para atingi-las (foco visionário). O foco comportamental consistiu na produção de energia necessária “para mudar sua mentalidade e suas crenças internas, como também ele moveu quanticamente o mundo ao seu redor, criando uma gama de acontecimentos não planejados, porém benéficos, que culminaram com a realização de suas metas” (Vieira, 2015, p. 121).

O foco comportamental consiste em falar, escrever e agir em direção às metas, assim como fazer ensaios mentais fortes e constantes sobre estas, englobando na rotina materiais diversos que cooperem para sua efetivação. A partir do exemplo, descrito enquanto um estudo de caso, ao incorporar diversos materiais, o indivíduo em questão “ao entrar no carro, ele ouvia todos os meus [de Vieira] CDs de sucesso financeiro, vendas, negociação e reprogramação mental” (Vieira, 2015, p. 122). O foco consistente refere-se a manutenção contínua dos outros dois até que os objetivos sejam realizados, sem haver um prazo determinado.

Para Vieira (2015), caso as metas não aconteçam, provavelmente deve ter ocorrido uma falha no processo de imersão ou os indivíduos “não aprenderam nada com a experiência” (p. 123), sendo, do modo que é exposto, um sintoma individual. Neste sentido, aponta a influência da inteligência foco-temporal, perspectiva a qual possibilita entender

com toda a clareza o sucesso de pessoas que vieram de baixo e o fracasso das pessoas que vieram de cima e tinham aparentemente tudo. Como também entendemos a depressão de pessoas que vivem em um contexto superpositivo e entendemos a felicidade e a plenitude de pessoas que vivem cercadas de graves problemas e aflições. (Vieira, 2015, p. 125)

Assim, a partir do foco-temporal, o passado é descrito como constituidor das memórias boas e más, o presente como momento efêmero que comporta a ação e o futuro enquanto “uma sequência de cenas criadas nos nossos circuitos neurais do que queremos que aconteça ou do que não queremos que aconteça” (Vieira, 2015, p. 126). Tal visão de um futuro possui “enormes poderes sobre o indivíduo e o mundo real que o cerca [...] é a base da consciência humana. É a nossa porção divina, é o que chamamos de fé” (Vieira, 2015, p. 126), sendo que o autor afirma que tais perspectivas advém da física quântica.

Quanto a inteligência foco-temporal, Vieira (2015) afirma que “existem três tipos de pessoas: as depressivas, as ansiosas e as bem-sucedidas” (p. 127). Resumidamente, “a pessoa depressiva vive do passado e tende a se cercar de negatividade” (Vieira, 2015, p. 127). Nesta perspectiva, é o indivíduo que produz energia física e psíquica de desesperança e mantém-se estagnado no passado, obtendo apenas os resultados de suas próprias ações.

Neste momento, aborda um questionamento trazido por um conhecido sobre como manejar o sofrimento ocasionado pela violência e desigualdade social, Vieira (2015) responde com uma metáfora reflexiva que exprime a ideia de que se deve fazer o que está ao alcance

individual, não desistindo de suas metas, não duvidando dos objetivos, mantendo o foco nos aspectos positivos, nas vitórias. Já os indivíduos ansiosos possuem também um foco em um passado ruim e dedicam-se em demasia ao futuro, desperdiçando sua energia produtiva e produzindo insegurança.

Em contrapartida, o modelo ideal de sucesso, formulado a partir da entrevista de mais de mil pessoas e construído para ser reproduzido como padrão de sucesso, propõe que haja pouca dedicação ao passado, assim, as memórias ruins devem ser utilizadas para gerar mudanças positivas, e a maior parte da energia psíquica e física deve ser dedicada à ação produtiva, enquanto que ao futuro cabe criar imagens do extraordinário (Vieira, 2015).

Vieira (2015) afirma ao leitor que, a partir do que expôs sobre foco-temporal, “muitas fichas caíram e você está entendendo o porquê de muitos dos seus resultados bons e ruins” (p. 130) e que o modelo apresentado “não permite que o mundo determine seu padrão mental [...] você é autorresponsável e o comandante do barco da sua vida” (p. 131), referindo-se à autonomia que supostamente proporciona. Como de praxe, após tais exposições, Vieira (2015) propõe um exercício pautado em PPS’s, que remetem à identificação, à avaliação e à incorporação do processo de foco-temporal.

Considerando que a ação é um dos pontos primordiais de desenvolvimento do método CIS, Vieira (2015) dedica-se amplamente na apresentação de técnicas e ferramentas que reprogramem as crenças e alterem as ações individuais. Com isso, há um enfoque sobre a comunicação individual, visto que Vieira (2015) afirma que “existe grande poder nas palavras ditas como também na estrutura linguística [...] as palavras e suas estruturas são ferramentas, armas poderosas 100% disponíveis a qualquer um que esteja disposto a usá-las” (p. 141). É importante ressaltar que para o autor, o poder, recorrentemente utilizado em toda a sua perspectiva do método CIS, é definido como uma energia que “está inalienavelmente dentro

de todos os seres humanos” (Vieira, 2015, p. 144) e é capaz de criar e alterar a realidade a partir da palavra, a qual engloba sua perspectiva de ação.

No que se refere a comunicação, Vieira (2015) pontua que a linguagem é “o meio pelo qual exprimimos nossas ideias, nossos sentimentos, nossas vontades a nós mesmos e a outras pessoas” (p. 141). Assim, caracteriza que uma comunicação (a linguagem eficiente), definida pelo autor como a perfeita linguagem, é possível a partir do método CIS, o qual proporciona o que denominou enquanto uma linguagem neurológica, ou seja,

uma completa e profunda reprogramação de suas crenças através unicamente de uma nova maneira de se comunicar interna e externamente, verbal e não verbalmente. E, quando falo de reprogramação de crenças, eu me refiro a novas sinapses neurais, novos programas mentais, um novo estilo de vida e conexão humana. E o resultado dessa nova forma de comunicar é a abundância financeira, abundância familiar, saúde física e muito mais. (Vieira, 2015, p. 141)

Neste sentido, Vieira (2015) refere-se ao poder transcendente da palavra, recorrendo a diferentes saberes, como

religiões milenares como hinduísmo, budismo, judaísmo e outras são unânimes em ratificar o poder transcendente das palavras. A mesma ideia se percebe cada vez mais também nos meios científico e acadêmico, como na Física Quântica, na Psicologia, na Neuropsiquiatria e na própria Medicina moderna. Todas concordam que as emoções derivadas de nossa comunicação são decisivas na saúde física e emocional, como também definidoras até dos acontecimentos supostamente aleatórios. (Vieira, 2015, p. 143)

Apesar de manifestar basear-se na Psicologia, Vieira (2017a) descaracteriza seus saberes e prioriza as tecnologias e saberes da neurociência moderna ao trazer que

o método tradicional de desenvolvimento humano passa por uma compreensão da mente de modo muito subjetivo. Contudo, as novas tecnologias e os saberes revelados pela neurociência trazem uma forma mais clara e objetiva de entender o ser humano, seus sentimentos e pensamentos (Vieira, 2017a, p. 84).

No que tange a Física Quântica, Vieira (2015) diz basear-se em Frijtof Capra para embasar a perspectiva sistêmica do CIS, pontuando que “tudo está conectado; assim o que penso, falo e sinto cria uma realidade ao meu redor” (p. 145). Para trazer validade sobre seus argumentos, Vieira (2015) recorre a exemplos como a conhecida citação bíblica onde Deus pronuncia que “haja luz” e assim houve luz.

Fornece ainda outro exemplo, em que Zacarias e Mussum, do programa televisivo “Os trapalhões”, tiveram sua morte profetizada em um episódio gravado em 1983, pois este abordava o falecimento de ambos, tendo movido quanticamente os acontecimentos e fornecendo uma materialização. Com isso, Vieira (2015) afirma que “toda palavra é na verdade uma profecia autorrealizável” (p. 146). Neste momento é citado um vídeo que se encontra disponível no *website*, entretanto, o arquivo referente ao mesmo se encontra danificado, não tendo sido possível visualizá-lo ou mesmo localizá-lo na plataforma de vídeos *YouTube*.

De acordo com a proposta de reprogramação mental do método CIS, deve ser proposto um novo padrão linguístico, abrangendo aspectos verbais e não verbais. Neste sentido, Vieira (2015) mantém o mesmo padrão de escrita no qual explicita suas percepções com embasamentos ditos científicos, bíblicos e de seu cotidiano, associando-os a exercícios, como os de PPS's. Para Vieira (2015), padrão linguístico é a “repetição sistemática do mesmo conjunto de palavras, frases e falas que dizemos audível e verbalmente, como também as falas e os pensamentos que mentalizamos como verdades sobre nós mesmos e sobre o mundo que

nos rodeia” (p. 147). Desta maneira, cada indivíduo possui seu próprio padrão linguístico, sendo uma expressão de sua identidade.

A perspectiva ultrapositiva de alteração dos padrões baseia-se na identificação dos padrões negativos de linguagem, seu “conjunto de frases amaldiçoadas” (Vieira, 2015, p. 147), sua posterior cessação e alteração, buscando remediar as problemáticas que emergirão devido às palavras já pronunciadas, de modo que os exercícios propõem que tais identificações e alterações sejam exercitadas, como a condução de um “tratamento que não só anulará o que já foi dito e os resultados ruins como também produzirá novas crenças e programações mentais capazes de mudar sua existência” (p. 150).

Para isto, deve-se identificar o estilo linguístico, ou seja, todo o conjunto de atitudes e comportamentos que acompanham a palavra dita e reprogramá-los a partir de padrões de gratidão e da perfeita linguagem do amor. No que tange a gratidão, Vieira (2015) ressalta que é um fenômeno amplamente estudado pela Psicologia Social e Positiva, citando, sem maiores explicitações, pesquisas de ambos os campos teóricos que comprovam associações entre a alta performance, a felicidade, a ativação de potencial e a prosperidade por meio de um estilo de vida permeado por falas e comportamentos de gratidão. Há ainda PPS’s propostas para o desenvolvimento de tal postura, voltadas para o passado, presente e futuro (ser grato pelo o que se deseja, mas ainda não se é).

Vieira (2015) frisa que tais reprogramações não devem ser mecânicas, ou seja, sem afeto. Pelo contrário, deve haver também um engajamento afetivo por parte do indivíduo em cada atividade para que estas produzam os efeitos almejados, sendo, desta forma, que se atinge uma vida abundante e repleta de sentido. Nesta esteira, a perfeita linguagem do amor, apesar do enfoque verbal, permeia todo o conjunto comportamental, fornecendo comandos internos e externos. Em outras palavras, afeta o indivíduo e muda o mundo, assim, Vieira

(2015) afirma que tal linguagem “além de mudar a sua sorte (literalmente), pode blindar você e a sua família, seus negócios e a sua carreira” (p. 163).

Ao considerar que os acontecimentos são compreendidos enquanto manifestações quânticas, o conteúdo da perfeita linguagem deve comunicar ao outro sentimentos de pertença, importância, significado e distinção. Em outras palavras, deve propiciar uma comunicação em que o indivíduo se sinta único, importante e que pertença, aproxime seus interlocutores. Entretanto, caso o amor não funcione, deve-se manter a perfeita linguagem acrescida da autorresponsabilidade. Para ilustrar a perfeita linguagem, Vieira (2015) traz um caso verídico em que, após o método CIS e a aprendizagem de uma linguagem que reflete amor, um pai

usou seu novo estilo de comunicar para resgatar o filho das drogas [...] o amor comunicado em atos e palavras. O amor comunicado verbal e não verbalmente. O amor comunicado que altera a psique, a matéria e a própria realidade ao redor de quem o comunica. (Vieira, 2015, p. 165)

Parte do tratamento criado por Vieira (2015) consiste na execução do mais longo exercício do livro “O poder da ação”, no qual são propostos sete passos para reprogramação de crenças negativas verbais. Primeiramente, é fornecido um extenso exemplo de padrões linguísticos negativos os quais o leitor é orientado a se identificar e acrescentar por escrito mais dez possíveis padrões (passo dois) que não foram listados. Em seguida, os padrões identificados devem ser novamente escritos e acrescidos de seus prejuízos (passo três). O passo quatro consiste em, de acordo com a orientação, reescrever cada um dos 10 padrões de modo ultrapositivo a partir dos exemplos fornecidos, ainda que tal reescrita contenha frases irreais.

No passo cinco propõe-se que, por neuroassociação, um reforço negativo deve ser fornecido ao se repetir os padrões linguísticos negativos, assim, um elástico deve ser colocado no pulso e o indivíduo deve repetir verbalmente cinco vezes, os cinco piores padrões descritos anteriormente e, para cada repetição, deve-se esticar o elástico e soltá-lo, produzindo uma dor fina e intensa (Vieira, 2015), ou seja, o indivíduo deve punir-se 25 vezes. O passo seis do tratamento consiste na reprogramação propriamente dita destes padrões. Para isto, cada um dos 10 novos padrões ultrapositivos precisam ser reescritos 50 vezes, “até que seu cérebro por estímulos repetitivos substitua o padrão antigo pelo novo [...] serão 500 linhas de reprogramação de crenças. É importante que cada vez que você escrever um padrão, diga-o em voz alta pelo menos 4 vezes” (Vieira, 2015, p. 151), resultando em 2.000 verbalizações. Orienta-se (passo sete) que, após este exercício, caso o indivíduo volte a repetir os padrões, deve, imediatamente, fazer uso do elástico para punir-se.

Vieira (2015) repetidamente afirma ainda que o indivíduo tem que estar disposto a pagar o preço da mudança. E, de modo intimidador e irônico, visando à execução do exercício supracitado, caso haja resistência, coloca que:

Talvez você esteja preso à zona de conforto e pouco disposto a dedicar tempo e energia mental para cumprir os passos 5 e 6. Se esse é o seu caso, procure ver se neste momento não está criando historinhas para não realizar parte do tratamento.

Historinhas de arrogância, como: “Eu não preciso escrever 50 vezes isso”, ou “não sou idiota para soltar um elástico no meu braço e sentir alguma dor”. A quem pensa assim, vou só dizer uma frase que sempre repito em ocasiões como essa: “Fica tranquilo. Está tudo certo. Cada um tem a vida que merece”. Se você não quer cumprir esses passos, não tem problema, porém, não acredite que terá todos os ganhos e as mudanças propostas. Não se engane achando que um hábito linguístico de muitos anos será substituído apenas pela conscientização intelectual. (Vieira, 2015, p. 152)

No que se refere a comunicação não verbal, ainda que esta já tenha sido anteriormente associada por Vieira (2015) à comunicação verbal, como explicitado na perfeita linguagem do amor e da gratidão, esta é resumida como “todos os maneirismos gestuais, posturais, entonação vocal e expressões faciais etc” (p. 177), o que confere ao indivíduo um padrão linguístico não verbal e deve ser alterado para obtenção de melhores resultados. Vieira (2015) baseia-se amplamente nos estudos da neurociência, trazendo pesquisadores como Amy Cuddy e Robert A. Emmons, para argumentar que a comunicação não verbal influencia na produção (ou não produção) de hormônios, os quais interferem diretamente na mente humana, logo, nos resultados produzidos.

Como de costume, Vieira (2015) recorre a exemplos de casos ocorridos em suas palestras do método CIS. Desta vez, relata como uma senhora de 65 com diagnóstico de depressão e baixa produção serotoninérgica (hormônio da felicidade) curou-se após mudar sua postura com o CIS e o uso de uma ferramenta, o colete elástico corretor, “já no dia seguinte pela manhã, percebeu mudanças na sua atitude e no seu humor. No segundo dia, ela estava se sentindo mais disposta. No quarto dia ela ressurgiu das cinzas” (Vieira, 2015, p. 183). Acrescenta-se ao caso o argumento da neurociência, “afinal, o que todos os experimentos e todas as pesquisas da Neurociência mostram é que podemos definir nossa performance e nossos resultados apenas regulando a postura e a comunicação não verbal” (Vieira, 2015, p. 184).

Cada postura e comunicação não verbal produzem, para Vieira (2015), o que fora denominado enquanto moléculas de emoção (MDEs), “que são um composto químico ou uma combinação de compostos químicos [...] neuropeptídeos, são cadeias de aminoácidos proteicos fabricados” (pp. 184-185). Assim, produzir comportamentos adequados é necessário para impulsionar a produção de bons hormônios, caso contrário, serão sustentados vícios emocionais. Vieira (2015) “faz uma relação dos principais vícios emocionais que tenho

encontrado nesses quase vinte anos de profissão” (p. 186). A lista fornecida se equipara aos padrões linguísticos negativos anteriormente mencionados, a diferença é que, neste momento, listam-se sentimentos, afetos, os quais remontam as mesmas frases do padrão negativo. Para Vieira (2015)

todo ser humano, independentemente de origem, raça, escolaridade, cultura, nacionalidade, inteligência, idade ou genética, possui vícios trazidos do passado, e cada vício pede uma comunicação ou um estilo linguístico não verbal específico, que por sua vez produz a química do vício e o ciclo se reinicia novamente. (Vieira, 2015, pp. 188-189)

A proposta do método CIS é eliminar os vícios emocionais a partir de exercícios repetitivos que produzam novos MDE's, que combatem “com absoluto sucesso os sintomas dos vícios emocionais, [e] tem tido também resultados extraordinários no combate ao vício em drogas lícitas e ilícitas” (Vieira, 2015, p. 190). A proposta do CIS, ou melhor, de Vieira (2015) por meio do CIS, é substituir emoções ruins e sabotadoras por emoções positivas e fortalecedoras. Para isto, deve-se exercitar com intensa emoção e repetidamente os padrões capazes de produzir cinco emoções curativas primárias, sendo estas a vitória, o poder, a paz, a alegria/entusiasmo e o amor.

Para cada padrão, Vieira (2015) fornece imagneticamente as posturas a serem feitas pelo leitor, apresentando os hormônios que são produzidos a partir dos estudos neurocientíficos, as emoções sabotadoras que combatem e por quanto tempo, quantas vezes e de que modo os exercícios devem ser executados. Ressaltando por fim que “nossa observação e nossa modelagem empírica partiram de centenas e centenas de clientes, tanto de *coaching* individual como do seminário do método CIS” (Vieira, 2015, p. 199).

Vieira (2015) ressalta a importância do leitor questionar-se a despeito das falas e conselhos que podem atravessá-lo em seu cotidiano, frisando a necessidade de se fornecer maior relevância àqueles que possuem competência para discursar. Conclama a atenção do leitor para a qualidade das perguntas feitas e hierarquiza os indivíduos de acordo com aqueles que não questionam, os que pouco questionam e os super-humanos. Os super-humanos, indivíduos de sucesso, são descritos enquanto os que ouvem multidões de conselheiros, e, primordialmente, fazem os melhores e verdadeiros questionamentos, que são, por definição, sugestivamente associados às PPS's fornecidas e exercitadas pelo método CIS.

Partindo da premissa que “sua mente responderá a todos os questionamentos que você lhe fizer” (Vieira, 2015, p. 203) a partir do instante que forem feitos de modo verdadeiro, Vieira (2015) aborda relatos pessoais, ressaltando quanto tempo perdeu e as dores que sofreu ao ter “verdades absolutas” (p. 204), as quais poderiam ter sido amenizadas caso ele soubesse saber fazer as perguntas certas, que “direcionam o nosso querer e nos fazem pedir o que é de fato certo [aquelas que] vão nos mostrar os propósitos e os valores por trás do que queremos e de como pensamos em realizar” (p. 204).

Institui como questão social que “as pessoas não param para pensar por que agem, como agem ou por que querem o que querem [...] ora aceitando as verdades de outras pessoas, ora se guiando pelas suas” (Vieira, 2015, p. 205), e afirma que tais indivíduos se encontram na base da pirâmide de maturidade emocional. Vieira (2015) ainda pontua que não está “dizendo que suas verdades [do leitor] ou as verdades de outras pessoas sejam ruins ou boas. Só estou questionando a validade delas para o seu momento presente” (p. 205). Deste modo, convida o leitor a questionar o que lhe é dito, trazendo exemplos de como estes questionamentos devem ser, pontuando que “o bom senso diz que primeiro precisamos confiar na intenção de quem nos aconselha e depois na competência da pessoa na área” (Vieira, 2015, p. 206).

Assim, o indivíduo que se encontra no topo da pirâmide de maturidade emocional, aqueles que possuem uma vida abundante, “os verdadeiros super-humanos sabem questionar a si mesmos a ponto de descobrir seus propósitos e seus porquês. Eles descobrem seus valores pessoais e sua missão de vida, que estão por trás do que pensam, sentem e fazem” (Vieira, 2015, p. 208), estes fazem constantes PPS’s para prevenir a disfuncionalidade em sua vida, sendo que

como nada é por acaso, uma pessoa que havia feito o método CIS surgiu de repente e começou a falar de suas experiências e suas mudanças após o evento. Era como se Deus estivesse dizendo pra ela que suas perguntas também tinham respostas. Ela e o marido fizeram o curso, e as mudanças foram imediatas e continuaram acontecendo. O marido, que era um bom pai, tornou-se um ainda muito melhor. O casamento, que era pacífico, ficou ainda melhor. A empresa de Engenharia do marido, que há dois anos se mantinha com a corda no pescoço, sempre no limite, recentemente faturou em um mês 20% a mais do que nos doze meses do ano anterior. Muitas coisas mais aconteceram em todas as áreas da vida daquela família. (Vieira, 2015, p. 209)

Abordando Luther King e aspectos religiosos, Vieira (2015), mais uma vez, convida o leitor a identificar e elencar seus limites ao questionar o que há de ruim em sua vida e o que falta para ser um super-humano. Para o empresário, as PPS’s possuem, enquanto critério, serem orientadas para o futuro, a ação, a reflexão, a solução, as metas e os objetivos e para a autorresponsabilidade, assim, este garante que perguntas poderosas gerarão plenitude e abundância na vida (Vieira, 2015). O *coach* cita ainda mais uma técnica que desenvolveu, o denominado *autocoaching*, que consiste em seguir nove passos resumidos a partir da capacidade de

questionar as possibilidades como estilo de vida. É perguntar “por que não”. É um processo profundo que usa como base as PPS’s normalmente focadas em um objeto específico, visualizável, temporal e desafiador. O objetivo desse exercício é promover autorresponsabilidade, clareza de propósitos e um pacote de ações e decisões consistentes na direção do objetivo. Como você já sabe, tem poder quem age, e mais poder ainda quem age corretamente. (Vieira, 2015, p. 216)

Após a exposição dos materiais em questão, torna-se possível situar, resumidamente, o discurso geral propagado por Vieira por meio da FEBRACIS, tanto quanto expor a estrutura que embasa o método CIS. De um modo geral, o método é uma proposta de reprogramação de crenças, o qual pauta suas técnicas e ferramentas, primordialmente, nos saberes da neurociência, ainda que traga outras áreas de saber, como a Psicologia social e a Psicologia positiva. Paradoxalmente, também aborda fontes de informação que diz negar, como a autoajuda.

Um primeiro aspecto interessante de ser ressaltado é que, discursivamente, Vieira coloca a FEBRACIS, como a própria sigla delimita, enquanto uma federação. Uma federação, caracteristicamente, é composta por mais de uma instituição, assim como seu escopo de práticas e filosofia devem englobar ideias que vão além de um único pensador. Em contrapartida, o que se observa não é uma aproximação de saberes que advém de diferentes indivíduos, mas sim a aglutinação de saberes de outras áreas em torno e por meio de Paulo Vieira.

Tal afirmação é possível, considerando que todos os livros da instituição são escritos por Vieira, assim como os cursos e as palestras são ministrados por ele, não havendo informações nos livros ou mesmo no *website* sobre a participação de outros *coaches* enquanto palestrantes ou contribuintes do método CIS, pelo contrário, afirma-se que este fora

desenvolvido enquanto tese de doutoramento de Vieira. Tal aspecto não apenas torna a denominação de Federação questionável, mas também aponta a centralização que dá em torno de Vieira e seu nome, sua pessoa em específico. Isto o torna detentor e disseminador deste discurso, assim como coloca Paulo Vieira enquanto um dos indivíduos de sucesso que busca construir e disseminar por meio do método CIS, exemplo que é utilizado em seus espaços de comunicação.

No que se refere às apropriações do discurso científico, principalmente a neurociência, textualmente, considerou-se não ser possível delimitar de modo claro os limites de seu uso, posto que, como fora apresentado, são feitas referências a técnicas e ferramentas em que não é possível discernir de onde estas provêm, como no caso do plano de ação 5W 2H. Em outros momentos, observa-se ainda citações indiretas dos estudos e pesquisas de autores como Goleman e Burke, não sendo possível diferenciar em que momento as construções deixam de fazer referência às pesquisas, dado que isto não fora claramente delimitado na construção textual. Em outras palavras, a separação entre os conteúdos importados das pesquisas e o pensamento de Vieira não fica textualmente explícito em dados momentos dos livros.

O método CIS propõe que sejam desprogramados vícios mentais, traumas infantis, hábitos, comportamentos e pensamentos no que se refere a áreas da vida humana que dizem sobre a relação consigo, com o outro e com o mundo, dando ênfase a sua característica sistêmica. O que se pode observar discursivamente é que os aspectos familiares, religiosos e profissionais são priorizados, emergindo com maior preponderância nas histórias, historinhas, metáforas e analogias. Estes aspectos são também pontos que o CIS busca reprogramar para que o indivíduo tenha um desenvolvimento voltado para produtividade e alta performance. Majoritariamente ocorrem críticas nos exemplos fornecidos no que tange a pensamentos e comportamentos que possam intervir na produtividade humana, a qual é correlacionada a uma perspectiva de vida abundante e feliz.

Nesta esteira, constrói-se um pensamento em que crenças específicas devem ser reprogramadas para que emergja um tipo igualmente específico de indivíduo, o indivíduo de sucesso, ou, como também é descrito, o super-humano. Vieira reitera em seu discurso a capacidade do CIS em desenvolver este indivíduo, mas, explicita ainda o quanto as possibilidades disto estão diretamente atreladas ao próprio indivíduo. Assim, o indivíduo deve desejar mudar seu comportamento, deve questionar-se sobre si e sobre o mundo (mas apenas as perguntas corretas), deve propor alterar suas ações e comportamentos compreendendo que apenas ele é quem tem o poder de modificar sua condição de vida.

Para que seja possível alterar suas crenças e modificar a si, e por consequência quântica o mundo, tal indivíduo deve se esforçar no desenvolvimento do foco e da comunicação, habilidades imprescindíveis aos super-humanos, pois os torna capazes de atingir suas metas e objetivos. Com isto, fica claro que o método CIS compartilha sua perspectiva de desenvolvimento com características basilares da meritocracia, como o foco individualista, posto que atribui as possibilidades e os fracassos apenas aos indivíduos, assim como sua perspectiva de que é apenas por meio do esforço, da repetição e do contato com o sofrimento que o sucesso pode, e será, alcançado (como é garantido por Vieira).

A autorresponsabilidade se apresenta como a única possibilidade deste caminho de sucesso e que possui certa mágica, modificando a vida de um indivíduo. Conceito descrito enquanto atemporal, se sobressai perante aspectos sociais, históricos, econômicos, genéticos, de gênero e afins. Equiparável ao que é apresentado na ideologia do mérito, a qual também desconsidera a relevância de tais aspectos em detrimento das habilidades e esforços individuais. Inclusive, argumenta-se que advém da reprogramação neurolinguística, a crença de que se alguém pode, todo mundo pode, diretamente associável à meritocracia.

Os argumentos científicos de Vieira são utilizados recorrentemente para hierarquizar os indivíduos, assim como é função da meritocracia, referindo-se às diferenças individuais em relação aos campos da produtividade e da competitividade. Isto se dá, por exemplo, ao distribuir os indivíduos em categorias progressivas entre aqueles possuidores de crenças de identidade, capacidade e merecimento. A mesma lógica ocorre ao discernir os indivíduos entre os possuidores de uma consciência plena, relativa ou disfuncional. Observa-se um padrão de categorias progressivas, ou seja, em que se pode progredir de uma categoria descrita enquanto nociva para uma superior, assim, hierarquizando os indivíduos entre melhores e piores, aptos ou inaptos.

Vieira engendra uma narrativa em que o desejo de abundância é correlato ao sucesso produtivo em diversas áreas relacionais humanas, cabendo ao indivíduo construir suas oportunidades e desenvolver suas habilidades e talentos. Fornecendo suporte ideológico a tal método de reprogramação humana, Vieira apresenta ao longo dos materiais sua filosofia e teoria. Estas colocam em prática valores éticos e morais meritocráticos, cristãos e neoliberais os quais buscam alterar os corpos, normatizando-o a partir de seus padrões. Exemplo disto é que Vieira não busca intervir apenas por meio de seus cursos e livros, mas busca ampliar sua presença na rotina individual. Logo, ainda que declare o discurso da mídia enquanto alienante, Vieira faz uso dos mesmos recursos culturais para veicular suas ideias e perspectivas de vida.

Por meio de um discurso que se dá de modo disciplinador e punitivo e dando ênfase a função da linguagem no processo de modelagem do homem, o método CIS almeja gerar afetos que produzam um indivíduo ultrapositivo, superprodutivo, empreendedor, amoroso e grato. Neste sentido, para a análise que segue, pretende-se explorar as relações de poder que se exercem no discurso de Paulo Vieira e dos efeitos de poder que interferem na subjetividade, nos corpos, a partir das práticas do CIS em correlação ao ensejo socioeconômico de nossa época.

4. Análise

4.1 Sobre o indivíduo

Entendendo-se que o foco do discurso FEBRACIS se encontra na reprogramação mental, a presente análise dará enfoque ao tipo de indivíduo que busca ser construído a partir dos modelos propostos pela instituição, aprofundando-se no modo em que o método CIS executa tal reprogramação. Para isto, primeiro será abordado o indivíduo de sucesso, seguido pela explanação dos discursos e das práticas que compõem o processo de modelagem. Dos discursos entendeu-se ser de suma relevância analisar o discurso religioso e científico e a função da figura de Paulo Vieira. Quanto as práticas, haverá um aprofundamento nos procedimentos do método CIS. O caminho percorrido retoma os teóricos desenvolvidos no intuito de se pensar as relações de poder que permeiam a definição e constituição do indivíduo de sucesso a partir do mérito e a meritocracia.

Neste sentido, buscar-se-á compreender como o método CIS funciona enquanto um mecanismo disciplinar, a partir de procedimentos e técnicas de mesma ordem, fabricando corpos dóceis voltados para produtividade (Foucault, 2014). Por mecanismos disciplinares, entende-se técnicas voltadas para a gestão dos homens, para “controlar suas multiplicidades, utilizá-las ao máximo e majorar o efeito útil de seu trabalho e sua atividade, graças a um sistema de poder suscetível de controlá-las” (Foucault, 1979/2019a, p. 180).

Logo, os mecanismos disciplinares propõem uma arte de distribuição espacial dos homens voltada para sua máxima eficácia, exercendo um controle mais sobre o desenvolvimento do que sobre o resultado, visando gestos mais adaptados, decompondo-os no tempo para apreendê-los (Foucault, 1979/2019a). Isto implica uma vigilância perpétua, demandando práticas de exame, ou seja, um registro contínuo (individual e individualizante) que classifica, distribui, mede, julga e localiza os indivíduos (Foucault, 1979/2019a). Desta

forma a individualidade é utilizada como um elemento pertinente para o exercício do poder (Foucault, 2014).

Ressalta-se que apesar de Vieira (2015, 2017a) discorrer amplamente sobre resultados individuais, o seu foco e objetivo da FEBRACIS por meio do CIS é fornecer uma proposta para o desenvolvimento de um indivíduo de sucesso, o super-humano. Logo, compreende-se que a FEBRACIS é uma instituição disciplinar que detém procedimentos e técnicas que possibilitam um controle microscópico do corpo por meio de um aparelho de observação, de registro e treinamento que se apropria do espaço e do tempo dos indivíduos (Foucault, 2014).

Por procedimentos compreende-se que a instituição possui uma proposta linearizada de desenvolvimento (Foucault, 2014), o “caminho universal do progresso humano” (Vieira, 2017a, p. 53), o qual institui um único caminho para um progresso que é serial, orientado e cumulativo, em que há um tempo evolutivo que é controlado (Foucault, 2014), ou seja, são instituídas etapas em sequência que devem ser progressivamente cumpridas e expandidas para todas as áreas da vida. Já as técnicas revelam uma serialização dos indivíduos, uma gestão de seu tempo para torná-lo útil por meio de exercícios semelhantes a exercícios militares, religiosos e universitários (Foucault, 2014). Por exemplo, Vieira (2015, 2017a) faz uso de exercícios padronizados de escrita e verbalização prezando por sua repetição enquanto técnicas de reprogramação mental.

Com isso, os procedimentos e técnicas analisados são aqueles adotados pelo método CIS, que é formado por uma “base teórica, filosófica, ferramental e prática [que] busca em seus processos produzir abundância em todas as áreas” (Vieira, 2015, p. 25). Em outras palavras, possui procedimentos e técnicas os quais observam, registram e treinam os corpos, sendo a “... Logo, compreendeu-se que o método CIS pode ser dividido em duas partes, a saber: seus discursos e práticas.

Entende-se que os aspectos conceituais e filosóficos abarcam os discursos, sendo os basilares: o do próprio método, o religioso e o científico. Permeando tais discursos, observa-se a presença de outras duas temáticas recorrentes, a do poder e a do posicionamento de Paulo Vieira na instituição. No que tange às práticas, estas se encontram nos exercícios, questionários, testes retirados de fontes científicas, nas ferramentas, e nas técnicas como a repetição escrita e oral dos exercícios, os modelos, a rotinização (planejamento do tempo) e o direcionamento discursivo que fornecido ao leitor para acrescentar conteúdos do CIS ao cotidiano por meio de impressões dos exercícios, atividades de lazer e a utilização de conteúdos da instituição, como *podcasts*, livros, vídeos e afins em momentos em que o tempo não estiver sendo utilizado de modo produtivo.

A título didático, práticas e discursos serão abordados separadamente, assim como se buscará discernir os pontos delimitados em cada um. Isso se dá para que seja possível explicitar ao leitor o pensamento desenvolvido. Entretanto, nos materiais analisados essa separação não ocorre, o que se observa é uma articulação estratégica, ou seja, a partir de Foucault (1977/2006), há uma organização de procedimentos e técnicas dispersados, heteromorfos e locais de poder. O *coach* Paulo Vieira promove a articulação do heterogêneo por meio de práticas e discursos do seu método. A articulação do heterogêneo significa que em seu discurso Vieira (2015, 2017a) fornece um entrecruzamento que delineia fatos gerais de dominação (Foucault, 1977/2006) ao englobar o discurso científico, religioso, pessoal e institucional. Isto se dá de um modo em que o leitor tenha delimitações sobre como se comportar, pensar e sentir, que acompanha ferramentas para fabricação de corpos produtivos. Dessa forma, a separação entre práticas e discursos se dá apenas para melhor explicitação ao leitor.

Antes de aprofundar os discursos e as práticas do método CIS, compreende-se ser necessário explanar sobre o modelo de indivíduo que é almejado, posto que as relações de

poder que se fazem presentes em seus procedimentos e técnicas voltam-se para constituição de um indivíduo específico. Em outras palavras, primeiro será exposto o que é o indivíduo do sucesso, quais são suas características, para em seguida explicitar como os discursos e práticas o atravessam e constituem.

O método CIS fornece ao seu leitor uma visão de mundo e de diversas áreas da vida em que traz leis, regras de uma norma, de como as pessoas devem pensar, agir e ser, definindo o que é certo e o que é errado, em outras palavras, o que traz sucesso e o que não traz. Assim, o objetivo é fornecer um caminho ao leitor sobre como ser um super-humano, um indivíduo de sucesso, que possui como propósito de vida obter conquistas de modo prazeroso, posto que a felicidade não pode ser adiada (Vieira, 2015). O super-humano, aquele que “deixa um legado na Terra” (Vieira, 2015, p. 208), é descrito a partir de histórias de indivíduos específicos, como, por exemplo, o próprio Vieira (2015, 2017a), Gandhi, Luther King e Nelson Mandela.

Tomando a trajetória de Mandela como exemplo, Vieira (2015) descreve que 27 anos de prisão, muitos em solitária e o *apartheid*, não foram impeditivos para ele se preparar para ser o primeiro presidente negro da África do Sul. Ele “estudou Administração Pública, aprofundou-se em Direito Internacional e Direito Penal e em muitas outras matérias importantes para seu futuro, e tudo isso enquanto estava encarcerado” (Vieira, 2015, p. 71), acrescenta ainda que “ele se considerava o único responsável por seus sentimentos, seus pensamentos e suas atitudes” (Vieira, 2015, p. 71).

Como se observa, o indivíduo de sucesso descrito por PV a partir de sua interpretação da história de Mandela é resiliente, sobrevive a difíceis e adversas situações com foco no futuro e no esforço produtivo. Vieira (2015, 2017a) aponta que tais indivíduos são pessoas que possuem um estilo de vida abundante em, pelo menos, nove das áreas delimitadas pelo

CIS, sendo estas: espiritual, parentes, conjugal, filhos, social, saúde, servir, intelectual, financeiro, profissional e emocional (Vieira, 2015).

Dessa forma, para Vieira (2015), o indivíduo de sucesso é aquele feliz, que deve potencializar tais áreas. Isso significa aumentar a abundância, a produtividade. O indivíduo tem de se ater aos seus objetivos e questionar os resultados (bons e ruins) de modo autorresponsável, “questionam tudo o que pode de alguma maneira ser melhor” (Vieira, 2015, p. 210) para assim serem capazes de mudar a si e agir da melhor forma possível na velocidade mais rápida e, ainda que seja um longo caminho, sem atalhos. Assim, a sociedade é constituída por indivíduos de sucesso neste perfil.

Elias (1994) situa que considerar a sociedade enquanto formada por indivíduos pode ser uma visão errônea, mas disseminada por alguns. Visão que se faz atual, posto que pode ser observada no discurso de Paulo Vieira. Elias (1994) explicita uma possível concepção de sociedade em que indivíduos abordam as formações sócio-históricas como se tivessem sido concebidas, planejadas e criadas, tal como agora se apresentam ao observador retrospectivo, por diversos indivíduos. Acrescenta que esse modelo conceitual de criação de uma obra por pessoas individuais resulta de um pensamento racional e deliberado.

Nessa perspectiva, as ações individuais se encontram no centro do interesse e qualquer fenômeno que não seja explicável como algo planejado e criado por indivíduos mais ou menos se perde de vista, entretanto, “permanece obscuro as ligações existentes entre os atos e os objetivos individuais e essas formações sociais” (Elias, 1994, p. 15). Elias (1994) aponta que nesta visão de sociedade construída por indivíduos, há um ramo científico que pensa as funções psicológicas a partir do indivíduo singular como algo que pode ser isolado e independe de suas relações com as demais pessoas, sendo necessário apenas elucidar a estrutura de suas funções psicológicas.

Com isso, Vieira (2015, 2017a) dá enfoque à formação de tais funções psicológicas. O *coach* parte do princípio de que todos os indivíduos são predestinados a uma vida abundante, caso contrário, não estão valorizando de modo adequado os talentos, dons e o livre-arbítrio dados por Deus e são disfuncionais. Por disfuncional, Vieira (2015) explicita, por exemplo, que é não ter dinheiro para fazer investimentos, é não ter um corpo saudável e forte independentemente de sua idade, corpo o qual deve trazer prazer e ser funcional para alcançar objetivos. Disfuncional ainda é aquele que mantém níveis medíocres e estagnados de desenvolvimento profissional, aquele que não possui amor, afeto, respeito, paz e proximidade nas relações familiares e de amizade (Vieira, 2015).

Para Vieira (2015, 2017a) a tomada de consciência das disfunções acima mencionadas deve vir acompanhada da percepção de que estes são resultados das ações individuais e que pessoas de sucesso optam pela correção de seus erros a partir de uma estrutura mental correta. Neste sentido, o indivíduo deve pagar o preço da mudança, seja este material ou imaterial, e não deve “culpar seus pais, o ambiente em que vivem ou até o governo” (Vieira, 2015, p. 218), mas ser o único responsável pela sua condição de vida, como é caracterizado na autorresponsabilidade. Metaforicamente, o “pagar o preço” a que Vieira (2017a) se refere é o do esforço necessário perante o processo de mudança ofertado pelo CIS, como se observa em:

Muitas pessoas estão buscando formas rápidas e fáceis de ganhar dinheiro. Elas esperam que, por um passe de mágica ou um golpe de sorte, de repente, se vejam com todo o sucesso que sempre sonharam. Não seja ingênuo: ninguém chega no topo por atalho. Para subir a montanha, você vai ter que trilhar o caminho e pagar o preço da escalada (Vieira, 2017a, p. 93).

Neste sentido, Vieira (2015) afirma “o fato é que qualquer um pode” (p. 59), apontando para uma igualdade entre os indivíduos e para reafirmar seu bordão de que o poder está na ação. Para além, a “abordagem é muito simples; cada um tem a vida que merece”

(Vieira, 2015, p. 24). Dessa forma pode-se observar que há aproximações entre o indivíduo do mérito, da meritocracia, e o indivíduo de sucesso almejado pelo método CIS. No que se refere às articulações com o indivíduo do mérito, pode-se observar que este deve fazer bom uso de seu livre-arbítrio e se esforçar para o desenvolvimento de seus talentos e habilidades.

Retomando Young (1958) e McNamee e Miller Jr (2014), o indivíduo da meritocracia, assemelhando-se às perspectivas apresentadas do método CIS, é igual civilmente, é livre e autônomo. Logo, assim como no conceito de autorresponsabilidade (Vieira, 2015, 2017a), cabe ao indivíduo se esforçar para desenvolver seus talentos e habilidades por meio de técnicas voltadas para produtividade. Entretanto, McNamee e Miller Jr. (2014) afirmam que “não é apenas a capacidade inata, ou apenas o trabalho árduo, ou apenas o estado de espírito adequado que faz a diferença. Em vez disso, é a combinação de oportunidade e esses outros fatores que fazem a diferença”⁴⁸ (p. 55).

Ademais, a proposta do método CIS de abarcar diversas áreas da vida de um indivíduo se aproxima do afirmado pelos autores ao entender-se que é necessário haver uma relação dinâmica entre fatores como o esforço, as habilidades, os talentos e as oportunidades que são conjugados entre as áreas descritas pelo CIS para o desenvolvimento. É necessário ressaltar que McNamee e Miller Jr. (2014) desenvolvem ainda análises sobre, por exemplo, as correlações entre o racismo, sexismo e heranças e os limites do mérito individual (McNamee & Miller Jr., 2014), acrescentando que tais fatores não podem ser desconsiderados ao se analisar a meritocracia.

Porém, tais fatores são desconsiderados pelo método CIS, como também se observa na faceta negativa da meritocracia apresentada por Barbosa (2003), na qual há uma desconsideração de privilégios hereditários e origem socioeconômica, em detrimento de fatores políticos, sociais e econômicos que possam ser determinantes para os privilégios

48 It is not innate capacity alone, or hard work alone, or the proper frame of mind alone that makes a difference. Rather, it is the combination of opportunity and these other factors that makes a difference (McNamee & Miller Jr., 2014, p.55)

individuais, e a favor de uma perspectiva individualista moderna, a meritocracia e o método CIS baseiam-se na valorização das virtudes.

Como apontou Maquiavel (1996) e Sadek (1999), a virtude (força e sabedoria) pode dominar a fortuna, ou seja, é o livre-arbítrio e as ações possíveis a partir deste que demonstram virtudes que conquistam bens, glória, honra e riqueza. Ao contrário da perspectiva cristã de predestinação adotada por Vieira (2015, 2017a), entende-se que para Maquiavel (1996) o livre-arbítrio é natural do homem, o qual deve lutar com sabedoria pelo que almeja, sendo tais virtudes necessárias para a manutenção das conquistas de sucesso e do poder.

Por sua vez, Vieira (2015, 2017a) se diferencia de Maquiavel (1996) ao considerar a predestinação, já que o livre-arbítrio e os talentos são concedidos por Deus, porém, se aproxima do filósofo ao acrescentar que se encontra no homem o poder para executar o livre-arbítrio, ou seja, a possibilidade de conquistar bens, riquezas e honra dependerá de suas ações individuais e do reconhecimento que estas possam ter. Com isso, Vieira (2015, 2017a) ainda se aproxima de Maquiavel (1996) ao ter se adaptado as condições de sua época para manutenção de seu poder. Dessa forma, constrói um discurso em que se mantém a origem divina do homem ao mesmo tempo em que torna possível afirmar que o poder se encontra neste mesmo homem.

Tanto o indivíduo descrito pelo CIS quanto o apresentado por Barbosa (2003) devem ser autônomos, criativos, esforçados, produtivos, detentores de uma responsabilidade exclusiva por suas vidas, por seus fracassos e progressos, tendo o trabalho como ponto central. Vieira (2015, 2017a) vai além da meritocracia, pois este detalha outras características ao indivíduo de sucesso, como a linguagem positiva, permeada por amor e gratidão, assim como expõe quais os comportamentos, pensamentos e afetos são reprováveis, associando-os ao insucesso.

Para Vieira (2015) o normal é a abundância e “tudo diferente disso é anormal, disfuncional e medíocre” (p. 35), em outras palavras, o *coach* delimita uma divisão entre o normal e o patológico em que indivíduos que não são de sucesso estão doentes e demandam tratamento. Ao longo dos livros analisados Vieira (2015, 2017a) fornece modelos de características, ações, pensamentos e falas sobre fatores que são impeditivos para o desenvolvimento do sucesso e patologizados. Por exemplo, a falta de empatia, falta de caráter (adultério, promiscuidade, mentira, egoísmo), consumos excessivos (álcool, drogas, compras, lazer, comida), falas que apresentem afetos negativos (rancor, raiva, tristeza, magoa, medo), arrogância, vaidade, preguiça e autocomiseração (Vieira, 2015, 2017a).

A partir de Vieira (2015, 2017a) as recompensas e os reconhecimentos advindos do mérito abarcam um sentimento de abundância e plenitude na relação com os filhos, com o cônjuge, com a saúde, o trabalho, com a religiosidade, com a rotina etc. Já as características entendidas como demeritórias nessas mesmas áreas são apresentadas como disfunções. Com isso, o discurso de Vieira (2015, 2017a) se aproxima da percepção de mérito apresentada a partir de Smith (1999), na qual há um reconhecimento a partir do outro, uma percepção de gratidão perante as benesses que a ação trouxe, construindo uma relação de reconhecimento que não abarca apenas a remuneração, mas ainda o reconhecimento social.

Entretanto, Vieira (2015, 2017a) não apenas afirma o indivíduo como responsável pelos seus bônus e ônus. Ele também patologiza aqueles que não correspondem às perspectivas de abundância apresentadas por seu discurso, dividindo os indivíduos entre os que correspondem à norma e os desviantes, sendo que há uma necessidade de corrigir os últimos a partir de uma estrutura mental correta. Assim como a meritocracia é um processo de diferenciação entre os indivíduos a partir de seus ônus e bônus (Kreimer, 2000), o discurso de Vieira (2015, 2017a) propõe uma mesma diferenciação em todas as áreas da vida.

Entende-se que isso é possível dada a função de adestramento presente no poder disciplinar, poder este que liga forças para multiplicá-las e utilizá-las. Não se trata de tornar uma massa de indivíduos em algo homogêneo, mas de separar, analisar, diferenciar por meio de processos de decomposição até as singularidades necessárias e suficientes (Foucault, 2014). Ademais, o sucesso do poder disciplinar se dá devido ao uso de instrumentos como o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e a sua combinação a partir do procedimento de exame (Foucault, 2014), como se entende que funciona o método CIS. Com isso, torna-se necessário explorar o discurso e as práticas anteriormente delimitadas para melhor discernir qual a norma instituída por Vieira.

De acordo com Foucault (1978/2008b), as técnicas de normalização disciplinar se constituem a partir de uma lei que tem por papel e função codificar a norma em suas prescrições. Entende-se que a lei remete a um poder soberano que, no caso do método CIS, é um código que se pauta primordialmente na ciência e na religião para prescrição das normas. Há assim um arcabouço de leis que normalizam por meio de técnicas que analisam, “decompõe os indivíduos, os lugares, os tempos, os gestos, os atos, as operações” (Foucault, 1978/2008b, p. 74), que é o método CIS.

Nesse sentido as técnicas se dividem em quatro aspectos. Primeiro, o intuito é que seja possível perceber os indivíduos, identificá-los; em segundo lugar deve-se classificar os elementos identificados em função de objetivos determinados (Foucault, 1978/2008b). Os dois primeiros passos ocorrem no processo de tomada de consciência e de autorresponsabilidade (considerando que ambos possuem práticas que os constituem), posto que ambos se voltam para identificação e classificação (categorização) dos indivíduos a partir de sua produtividade.

Em terceiro lugar, são estabelecidas as sequências, ou as coordenações ótimas, ou seja, entende-se que se determina o que os indivíduos devem fazer e qual sequência de

procedimentos devem seguir para atingir o objetivo (Foucault, 1978/2008b), de modo a corresponder à proposta de uma visão positiva de futuro (Vieira, 2017a). O quarto aspecto refere-se a procedimentos de adestramento progressivo e de controle permanente, estabelecendo a “demarcação entre os que serão considerados como inaptos, incapazes e outros. Ou seja, é a partir daí que se faz a demarcação entre o normal e o anormal” (Foucault, 1978/2008b, p. 75). Deste último aspecto, pode-se ressaltar a relevância das diversas práticas (exercícios, modelos, testes, etc.) que classificam e hierarquizam os indivíduos em aptos e inaptos, normais ou desviantes.

Assim, a normalização disciplinar visa colocar um modelo construído em função de certo resultado. Por sua vez, suas operações consistem em tornar as pessoas, os gestos e os atos conforme o modelo, sendo normais apenas aqueles indivíduos que estiverem aptos a corresponder (Foucault, 1978/2008b). Para se compreender como o método CIS exerce poderes que visam concretizar tais procedimentos no corpo do indivíduo em prol dos resultados almejados buscar-se-á apresentar de que modo Vieira (2015, 2017a) delimita o caminho universal do progresso. Para isso, primeiro será analisada a função de Vieira na instituição FEBRACIS, dando enfoque ao papel exercido pelo *coach* e suas aproximações com o discurso religioso.

4.2 Dos discursos

4.2.1 A religião e o presidente da instituição

Dar-se-á início às explicitações sobre o discurso a partir das considerações necessárias a despeito do papel e função de Paulo Vieira na constituição do método. Isso ocorre pois, ainda que o objetivo geral seja estudar o discurso de uma instituição, o que se observou é que seu criador detém funções singulares e centralizadas desde a constituição discursiva até execução prática da proposta do método, estando presente em todas as etapas.

Observa-se que, contraditoriamente à descrição de uma Federação, Vieira (2017a) afirma que a FEBRACIS é a sua empresa de sucesso, abordando ainda seu viés religioso e descrevendo como sua missão de vida é impactar as pessoas através da FEBRACIS. Vieira (2017a) vende sua própria história ao leitor como um exemplo de possibilidades de mudanças oferecidas pelo método que ele mesmo criou, ressaltando ainda suas qualificações acadêmicas, posto que se formou e criou o método a partir de um programa de pós-graduação em uma universidade católica norte-americana.

Vieira (2015) ensina e compartilha com seus alunos e leitores suas descobertas sobre as possibilidades de mudanças a partir da reprogramação de crenças, guiando os indivíduos, exercendo um poder sobre estes ao apontar os desvios e caminhos. Isso pode ser ilustrado a partir de um exemplo trazido por Vieira (2017a), em que este autorresponsabiliza um vendedor de carros pelo seu insucesso e aponta sua autocomiseração, afirmando que após isto:

Presenteei-o com um livro de minha autoria e, em pouco tempo, pude apreciar e me deleitar com uma nova pessoa surgindo, um novo profissional, um cabedal de mudanças que redirecionaram a vida dele: familiar, conjugal, social e, até mesmo, a saúde e a aparência física (Vieira, 2017a, p. 134)

Outro elemento que demonstra a dificuldade de separação entre Vieira e a FEBRACIS se faz presente no título do seu canal no *Youtube*: Paulo Vieira – Febracis⁴⁹, o qual apresenta de modo conjunto a instituição e seu fundador. Vieira é o presidente internacional da FEBRACIS⁵⁰, a principal face e voz da instituição e do método CIS, sendo que seu currículo enquanto *coach* é mais destacado nos materiais analisados do que a instituição em si. Isso se observa a partir da correlação entre as menções que vangloriam a instituição como “a maior instituição de *coaching* do mundo⁵¹” e aquelas que dão enfoque à quantidade de horas exercidas por Vieira em sessões de *coaching*, a criação do CIS e sua formação, como ocorre

49 Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCrXwk3lBrIw36KOsxUcon0g>. Acessado em: 21/07/21

50 Disponível em: <https://febracis.com/equipes/>. Acessado em: 21/07/21

51 Disponível em: <https://febracis.com/>. Acessado em: 22/07/21

na aba “quem somos nós”⁵², na página inicial⁷, na aba “instituto Paulo Vieira”⁵³ e na aba “quem é Paulo Vieira”⁵⁴, todos disponíveis no *website*.

Logo, ainda que o método CIS seja compreendido enquanto uma prática da FEBRACIS, é necessário ressaltar que não é possível discernir claramente entre a imagem de Paulo Vieira e a instituição, pois também se observa que a empresa possui vínculos estreitos com Vieira e sua família. Afirmar-se isso dado que Camila Saraiva (esposa de Vieira) é mencionada em exemplos dos livros analisados, é diretora-geral da FEBRACIS⁵⁵, e, de modo específico, da unidade de Fortaleza (CE)⁵⁶. Camila ainda é palestrante e possui diversos vídeos no canal institucional na plataforma *Youtube*⁵⁷, fato que não ocorre com diretores de outras unidades.

O casal possui três filhos que são mencionados de modo geral, já que uma das áreas abordadas pelo método CIS é a família e Vieira faz uso de relatos pessoais em seus livros. Em um documentário sobre o método CIS, sua filha mais velha fornece um depoimento que é transmitido no curso. Neste, a filha de Vieira elogia amplamente o pai, verbaliza que a família é imperfeita, traz o discurso religioso e afirma o quanto a família, enquanto grupo, evoluiu. A filha ainda se coloca como aquela que tem um legado a assumir e construir, dados os empreendimentos do pai a partir da FEBRACIS. Após o depoimento são emitidas imagens da família inteira andando de bicicleta e depois em um lago, próximo ao fim da tarde (com música ao fundo), logo em seguida Vieira faz um discurso emocionado sobre sua família e um momento amoroso compartilhado⁵⁸.

52 Disponível em: <https://febracis.com/sobre/>. Acessado em 22/07/21

53 Disponível em: <https://febracis.com/instituto-paulo-vieira/>. Acessado em 22/07/21

54 Disponível em: <https://febracis.com/sobre-paulo-vieira/>. Acessado em 22/07/21

55 Disponível em: <https://febracis.com/equipe/camila-saraiva/>. Acessado em: 21/07/21

56 Disponível em: <https://febracis.com/equipes/>. Acessado em: 21/07/21

57 Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLqhCb-FgTbjkGvaUmHKjUA4Pu0t3E2Ivw>. Acessado em: 21/07/21

58 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s0-2cFrZ2b4&t=3673s>. Tempo: 37’12”- 42’10”. Acessado em: 21/07/21

McNamee e Miller Jr. (2014) e Milanovic (2020) ressaltam a relevância de uniões afetivas na perpetuação da herança como um fator não meritocrático que interfere no desenvolvimento humano e no acúmulo de bens econômicos. Dessa forma, considerando a empresa FEBRACIS, percebe-se que prevalece a homogamia, na qual há um acasalamento preferencial, ou seja, uma correlação direta entre os rendimentos do marido e da esposa, garantindo a transmissão de vantagens adquiridas para os filhos, em especial a riqueza e o capital humano (Milanovic, 2020).

A herança é apenas uma das vantagens que as crianças de pais ricos e bem formados desfrutam, Milanovic (2020) discorre que há uma correlação entre o acasalamento preferencial e o crescimento de investimento para com os filhos, de modo que os pais passam a propiciar uma atmosfera de desenvolvimento dos estudos, de experiências culturais, atividades físicas e ainda tem a possibilidade de ter um maior tempo passado com as crianças.

Dessa forma, pode-se afirmar que Vieira se declara como um empreendedor de sucesso, proprietário de uma empresa a qual possui a intenção de ter sua continuidade no meio familiar, sendo uma herança familiar para seus filhos. A presença que sua família possui na instituição traz características de uma empresa familiar, passada entre gerações e com seus membros atuando nesta, de algum modo. Para além, Vieira não se posiciona apenas como o presidente de uma empresa, mas como exemplo a ser seguido, missionário (quase divino) de mudanças na terra que se deleita ao observar as alterações dos indivíduos que seguem suas palavras e método.

O destaque dado à figura de Vieira ainda é observável na autoria dos livros comercializados pela instituição, posto que este é o único autor. Dos livros analisados, percebe-se que Vieira (2015, 2017a) situa para o leitor seus bordões e os menciona repetidas vezes. Pode-se afirmar que Vieira promove sua própria imagem enquanto um indivíduo de sucesso. De modo estratégico, no primeiro capítulo de “O poder da autorresponsabilidade”,

Vieira (2017a) relata brevemente sua história de vida anterior ao método CIS, trazendo um relato de fracasso, tendo renascido para uma vida extraordinária. Como coloca:

Após um ano desse renascimento, me vi dono de um negócio próspero, casado, com um patrimônio crescente, viajando o mundo inteiro cumprindo minha missão de impactar vidas e desfrutando o sucesso pessoal e profissional. Eu venci! Aos 29 anos iniciei a minha caminhada para a vitória – caminhada essa que continuo e continuarei por toda a vida. Hoje, meu casamento é ainda melhor do que há vinte anos, também me sinto mais saudável fisicamente (já corri quatro meias maratonas), tenho mais e melhores amigos e a minha empresa – onde eu também aplico e ensino a autorresponsabilidade aos meus parceiros e funcionários – já está presente em todo o Brasil e também em outros países da América do Sul e da América do Norte. Atualmente, consigo impactar milhões de pessoas ao ano com o Método CIS® (Coaching Integral Sistêmico), curso criado por mim e que se tornou o maior treinamento de inteligência emocional das Américas – as turmas mensais chegam a mais de 3.500 pessoas. E o melhor de tudo, minha relação com Deus está mais próxima e mais forte, hoje consigo chamá-lo de Pai – meu Pai (Vieira, 2017a, pp. 27-28).

Vieira se autodeclara enquanto cristão e deixa explícita a devoção por Deus em diversos momentos de seus livros, isso se observa a partir da gratidão que demonstra em “Deus, que me concedeu e me permitiu ter as crenças e os valores necessários para trilhar essa jornada, que me dão energia e entusiasmo para alçar voos ainda maiores e crescer e contribuir imensamente mais” (Vieira, 2017a, p. 5). Tal crescer e contribuir envolve o método CIS, o qual guia os indivíduos para mudança e evidencia ainda nos valores da FEBRACIS sua base judaico-cristã⁵⁹ e sua devoção a Deus por meio do CIS.

59 Disponível em: <https://febracis.com/sobre/>. Acessado em 19/07/21

Foucault (1978/2008b) desenvolve a metáfora do pastor e analisa a moral judaico-cristã a partir da perspectiva dos procedimentos e técnicas de condução das condutas existentes na relação entre pastor e seu rebanho, ou seja, um modo de governo sobre os homens pelos homens, uma arte de conduzir coletiva e individualmente. Logo, se Deus é o pastor de todos os homens, o indivíduo-pastor será seu subalterno direto e assim como um médico, pedagogo e um professor de ginástica (Foucault, 1978/2008b), Vieira (2015) se coloca na posição daquele que oferece um método de aprendizagem (reprogramação), um treinamento e um tratamento, guiando os indivíduos.

Para Foucault (1978/2008b), o pastor é um gerenciador, um administrador de trajetórias, circuitos e reviravoltas. Tais circuitos e reviravoltas pauta-se em um cálculo econômico dos méritos e deméritos dos indivíduos que visa, necessariamente, o caminho da salvação, da garantia da abundância dos meios de subsistência (Foucault, 1978/2008b). A partir da metáfora do pastorado, a relação entre pastor e ovelhas não é global (igual para com todos) e a salvação deve ser integral, ou seja, todos que compõem o rebanho devem ser salvos. Nesse sentido, também a relação *coach* e *coachee* é uma relação singularizada, que se dá por meio de sessões para o aprofundamento do indivíduo que busca o serviço (Reis, 2014). Ademais, o método CIS é descrito por seus resultados, como se observa em algumas das histórias de sucesso dos mais de 1 milhão de pessoas impactadas pela metodologia⁶⁰.

Vieira (2015) considera que ao impactar pessoas por meio do CIS está cumprindo sua missão, seu destino designado por Deus, ao apresentar um método que pode fornecer abundância e ganhos extraordinários, de méritos dignos do reconhecimento divino, logo, de salvação. Assim como apontado por Foucault (1978/2008b), o pastor, é um devoto que cuida daqueles que pastoreia e deve prestar contas a Deus, posto que Deus “não governa no modo pastoral. Ele reina soberanamente sobre o mundo através de seus princípios” (Foucault, 1978/2008b, p. 314), de suas leis universais, simples e inteligíveis, as quais são seguidas por

60 Disponível em: <https://febracis.com/historias-de-gigantes/>. Acessado em: 23/08/21.

Vieira. Acrescenta-se que o pastor não é a lei, nem um representante dela, pois sua figura não se aproxima da de um juiz, mas sim de um médico, que cuida e que se encontra submetido às mesmas instâncias de ordem.

O *coach* acrescenta que “...só Deus pode julgar os vivos e os mortos” (Vieira, 2017a, p. 156). A nós só compete julgar as atitudes e ações, “e de preferência começando por julgar as nossas próprias” (p. 156). Assim, observa-se que há um julgamento primordial, uma avaliação entre o bem e o mal que é feita por Deus e ao indivíduo cabe julgar apenas ações e atitudes de outrem, mas estar constantemente atento a um autojulgamento, sendo que o mesmo cabe ao pastor, o qual apenas prescreve as leis de Deus (Foucault, 1978/2008b), dessa forma, considerando a onipresença de Deus, a vigilância deve ser permanente.

Assim, a partir de Foucault (1978/2008b) o pastor deve prestar contas a Deus sobre suas ovelhas por meio de uma distribuição numérica e individual. Por sua vez, Vieira (2015, 2017a) sinaliza os indivíduos ao adotar, em alguns de seus exemplos, uma abordagem direta por seus nomes e sobrenomes, além de contabilizar quantas pessoas participam de seus cursos. Desta forma, Vieira (2015) utiliza-se de depoimentos reais em que apresenta os resultados do CIS para dar credibilidade ao método.

Exemplo disso é o caso de Vânia Barroso, a qual declara em depoimento registrado por Vieira (2015), ter mudado sua vida após o CIS, tendo conseguido perceber que não estava sendo uma boa mãe, demitindo a babá (agradecendo por seus serviços), passando a acordar cedo, e organizar a rotina dos filhos para a escola. No relato apresentado, Vânia ainda declara ter se tornado uma empreendedora, dona de uma gelateria e pontuando que “sempre falo para as pessoas que Deus usa anjos, e Ele usou o Paulo Vieira na minha vida e na da minha família. Sou muito grata” (Vieira, 2015, p. 19). Assim, Vieira (2015) aproxima a sua pessoa e o método CIS a Deus, que é divino, por meio do depoimento de pessoas que impactou e dos resultados em seus relatos.

Ao explorar os princípios do pastorado, Foucault (1978/2008b) explicita que o pastor compartilha dos méritos e deméritos de todas as ovelhas, por um princípio de transferência exaustiva e instantânea, assim como deve se dispor ao sacrifício pelo seu rebanho, ou seja, os ônus e os bônus são responsabilidade do pastor e este deve se perder por seu rebanho. Entretanto, caso as ovelhas sejam indóceis, o pastor será absolvido, “e, inversamente, pode-se dizer que as fraquezas do pastor podem contribuir para a salvação do rebanho, assim como as fraquezas do rebanho podem contribuir para salvação do pastor” (Foucault, 1978/2008b, p. 227). Desta forma, o cálculo dos méritos e deméritos para salvação implica a submissão às ordens de Deus, uma obediência pura.

Entende-se que nessa perspectiva o pastor é responsável pelos resultados de cada ovelha, porém, estes mesmos resultados podem reverberar na salvação de uma das partes e não da outra, caso haja uma condução adequada a partir das leis de Deus. Nesse sentido, os erros do pastor não devem gerar ônus ao rebanho, mas “o exemplo do pastor é fundamental, essencial para virtude, o mérito e a salvação do rebanho” (Foucault, 1978/2008b, p. 227), do modo como Vieira fora descrito nos exemplos acima.

Porém, ainda que Vieira (2015, 2017a) se coloque enquanto um exemplo a ser seguido, como aquele que conduz ao caminho da salvação e se pautar nas leis de Deus, este não se responsabiliza pelos deméritos dos indivíduos; ao contrário, seu conceito de autorresponsabilidade delega ao indivíduo a completa responsabilidade por todos os seus resultados, não devendo culpar ninguém (inclusive Deus). Entretanto, mantém-se a perspectiva de um cálculo dos méritos e deméritos, de uma distribuição das recompensas e das punições, posto que Vieira (2015) se apropria dos méritos dos indivíduos, já que os bons resultados são utilizados para divulgar o método CIS e o caminho para o sucesso que oferece enquanto produto, os chamados casos de sucesso.

Dessa forma, instaura-se por meio do método CIS um sistema de distribuição das punições e das recompensas, dos méritos e dos deméritos, posto que haverá nos exercícios uma série de avaliações por notas e níveis de formação diferentes a depender dos cursos já executados no CIS, assim, "a todo momento se pune e se recompensa, se avalia, se classifica, se diz quem é o melhor, quem é o pior" (Foucault, 1973/2002, p. 120). A hierarquização que opera no CIS se dá a partir de uma distribuição dos indivíduos de acordo com sua capacidade produtiva, seus resultados, logo, as punições operam por meio de representações que exprimem a ideia de uma dor, do sofrimento, de um desprazer, não agindo necessariamente sobre o corpo, mas dizendo também sobre este (Foucault, 2014).

Os cálculos dos méritos e deméritos articulam as forças que mobilizam as representações, Vieira (2015, 2017a) faz isso por meio de metáforas, analogias ou mesmo falas diretas para discorrer sobre as punições, os deméritos, que podem sofrer aqueles que não busquem a abundância em todas as áreas, como se observa em:

Afinal, não precisamos ser paranormais nem videntes para imaginar qual será o destino daquela pessoa que nunca encarou a vida profissional. Não precisamos ser muito inteligentes para acertar como será o futuro do alcóolatra ou como será a família do adúltero. Ou como será a saúde do glutão sedentário ou a vida daquela mulher que trocou os filhos pelos colegas de balada e seu futuro financeiro por bolsas e sapatos. Certamente é bem mais fácil e cômodo dizer como será a vida das pessoas presas na zona de conforto. Afinal, estamos de fora, analisando suas ações e as consequências de seus atos e de suas omissões (Vieira, 2015, p. 43)

Por meio de uma passagem metafórica bíblica em que um senhor concede seus bens (dons e talentos) aos seus servos, Vieira (2015) explicita como o senhor puniu um dos servos por este não ter feito o talento prosperar, multiplicar-se, tendo lançado “o servo inútil nas

trevas exteriores, ali haverá choro e ranger de dentes” (Vieira, 2015, p. 61). Em seguida Vieira (2015) acrescenta

e você, o que tem feito com seus dons e talentos? Tem agido e aproveitado? Ou tem ficado estático, inerte e acomodado? E suas ações e seus comportamentos são cheios de dedicação e esforço? Ou você age de qualquer maneira sem se preocupar com a qualidade ou o resultado? [...] pague o preço, aja na direção certa e vá na maior velocidade possível [...] nós estamos falando de ação. Só tem poder quem age (Vieira, 2015, p. 61)

Deste modo, pode-se observar que a essência humana, seus poderosos talentos, foram concedidos por Deus e devem ser aproveitados (produtivo) e desenvolvido de modo autorresponsável; caso contrário, é como negar a lei Deus e correr o risco de sofrer punições. A partir de Kreimer (2000) pode-se observar que Vieira (2015, 2017a) se afasta de uma proposta judaico-cristã, pois sua ética não visa apenas alcançar a salvação eterna e o reconhecimento de Deus; para o *coach* a gratidão pela criação humana advém de ações que são reconhecidas em terra, que trazem ganhos materiais e imateriais neste plano. Como se observa por meio do exemplo, os talentos devem ser valorizados através de ações, principalmente pelo trabalho, aproximando-se de uma perspectiva protestante.

Kreimer (2000) aponta que a transição do mérito católico para o mérito protestante se deu com a passagem para o mundo moderno em que o pecado passa a ser entendido como erro e o trabalho passa a ser ponto central na vida de um indivíduo. Considerando a perspectiva holística do método CIS (referente a toda as áreas da vida) entende-se que a razão da vida do indivíduo proposto por Vieira (2015) não é necessariamente o trabalho, mas este se apresenta enquanto ponto preponderante nos exemplos e essencial para o sucesso. No mais, Vieira (2015) ainda orienta o leitor sobre a importância do erro e da aprendizagem, posto que para haver desenvolvimento deve-se aprender com seus resultados e se questionar: “o que eu

devo fazer de modo diferente para que da próxima vez os resultados sejam melhores?” (Vieira, 2015, p. 67). Tal questionamento é seguido por uma descrição sobre a responsabilidade individual daqueles que buscam recolocar-se no mercado de trabalho.

Weber (2004) esclarece que, de um modo geral, mas não generalizável, a ascese católica não priorizava o fomento das atividades econômicas, focalizando a salvação divina, ao contrário da racionalização da conduta de vida da ascese protestante, a qual se atenta ao mundo espiritual e material, compreendendo a vocação profissional enquanto uma missão que glorifica a Deus e também está a serviço da “vida intramundana da coletividade” (p. 99), devendo ser um indivíduo útil ao gênero humano.

Não obstante, protestantes ainda partem do princípio da predestinação, segundo o qual há os eleitos e não eleitos por Deus em suas qualidades, seus talentos, aptidões, sendo que o destino de cada indivíduo já foi previamente traçado, não havendo uma consideração dos méritos ou deméritos terrenos, ao indivíduo cabe apenas gerenciar os bens que lhe foram dispensados por Deus (Weber, 2004). Logo, o que Weber (2004) traz é que “torna-se pura e simplesmente um dever *considerar-se* eleito e repudiar toda e qualquer dúvida como tentação do diabo, pois a falta de convicção, afinal, resultaria de uma fé insuficiente e, portanto, de uma atuação insuficiente da graça” (p. 101, grifo do autor), assim, deve-se conquistar na luta do dia a dia a confiança para a eleição divina por meio do trabalho profissional sem descanso, valorizando suas aptidões, reconhecendo o que Deus lhe concebeu.

Para além, Foucault (1973/2002) complementa que o trabalho não é absolutamente a essência concreta do homem, ou a existência do homem em sua forma concreta. Para que os homens sejam efetivamente colocados no trabalho, ligados ao trabalho, é preciso uma operação ou uma série de operações complexas pelas quais os homens se encontram efetivamente, não de uma maneira analítica, mas sintética, ligados ao aparelho de produção para o qual trabalham. É

preciso a operação ou a síntese operada por um poder político para que a essência do homem possa aparecer como sendo a do trabalho (Foucault, 1973/2002, p. 124)

Neste sentido entende-se que Vieira (2015, 2017a) agrega argumentos judaico-cristãos (por declarar-se enquanto tal) a protestantes e constrói seu próprio arcabouço teórico-conceitual que será ainda associado a argumentos científicos para construção de um discurso do indivíduo produtivo, ligando os indivíduos a aparelhos de produção, ao trabalho. Desta forma, pensando a partir de Foucault (1999b), Vieira (2015, 2017a) parte de princípios de uma lei, no caso, divina, a qual exerce um poder e se articula ao discurso científico e gera efeitos de verdade, a produção de uma verdade, observáveis na relação de poder pastoral entre *coach* e *coachee*. Ademais, a FEBRACIS é suplantada pela figura de Vieira, considerado enquanto um pastor a partir da metáfora foucaultiana apresentada. Ao se dispor enquanto um gerenciador do caminho da salvação, o *coach* exerce poderes por meio de argumentos religiosos (cristão e/ou protestante) ao propor um caminho do progresso, sendo este caminho também regulado pelas leis divinas as quais estão preservadas no método CIS.

4.2.2 Sobre a ciência

Outro aspecto que embasa o método CIS é a ciência, considerando que a veracidade e a eficácia pautam-se em argumentos que partem da Neurociência, da Física Quântica, da Psicologia Social e da Psicologia Positiva para explicitar os erros e o direcionamento da correção que os indivíduos devem tomar. Ao que parece a escolha de Vieira (2017a) por tais áreas, principalmente a neurociência, se dá devido à possibilidade de obter informações objetivas sobre o ser humano, cooperando para a construção de técnicas que possibilitam a mudança de comportamento. Vieira (2017a) ainda pontua que o “método tradicional de desenvolvimento” (p. 84), não mencionando especificamente ao que se refere, possui uma compreensão da mente de forma muito subjetiva,

contudo, as novas tecnologias e os saberes revelados pela neurociência moderna trazem uma forma mais clara e objetiva de entender o ser humano, seus sentimentos e pensamentos. Para o Coaching Integral Sistêmico, o pensamento não é algo subjetivo, mas uma dualidade por imagens mentais e um diálogo interno mental, e, por isso, é um poderoso ingrediente de geração de consciência, reprogramação de crenças e mudança de comportamento (Vieira, 2017a, p. 84)

Desta forma, a proposta corretiva para o sucesso consiste em um método com práticas concretas voltadas para reprogramação mental das crenças individuais, tais práticas se dão por meio de discursos que recorrem a saberes das áreas supracitadas, exercícios originais e menções religiosas para mobilizar os afetos de seus adeptos e criar um campo fértil para propagar seu discurso de mudança pautada no progresso. Nas palavras de Vieira (2015)

meu objetivo com este livro é produzir estímulos emocionais e cognitivos suficientes para haver novas sinapses neurais, ou seja, uma nova e diferente maneira de conectar os neurônios. E o melhor disso tudo é que as mudanças ocorrem depressa, muito depressa (Vieira, 2015, p. 220)

Ao que parece a aproximação entre o método e a ciência é algo de suma importância para Vieira (2015). De modo complementar, Anthony Portigliatti (presidente da FCU) pontua que “o livro *O poder da ação* apresenta ampla investigação científica resultante da dedicação de Paulo Vieira ao longo do seu programa de doutorado em *coaching*, realizado na *Florida Christian University* (FCU)” (Vieira, 2015, p.13, grifos do autor). Sobre o mesmo livro, Vieira (2015) instrui o leitor que

o encare não apenas como uma leitura racional e explicativa, e sim como um manual prático para alta performance e grandes conquistas. Aqui, além de um conteúdo profundo, moderno e embasado cientificamente, você encontrará muitos exercícios, questionários e testes. E para que você tenha os melhores e maiores resultados, peço

que sublinhe e marque tudo o que achar necessário, mas, sobretudo, que você faça e responda dedicadamente cada um dos exercícios propostos. Desejo uma ótima leitura e grandes mudanças (Vieira, 2015, p. 21)

Em suma, Vieira (2015, 2017a) aglutina diversos discursos, como o religioso, o da autoajuda e de sua própria história, mas, o principal discurso a que recorre para afirmar a eficácia de seu método, é o científico. Paulo Vieira não apenas se pauta em saberes científicos, mas busca se afirmar discursivamente como alguém que teve uma formação acadêmica que lhe proporcionou tais conhecimentos. Como coloca:

Eu faço mestrado, doutorado, pós-doutorado, pro cara vir me chamar de motivador? Não, eu não sou motivador. Eu sou *coach*, eu sou um treinador, eu sou um pesquisador, pode-se até dizer que eu sou um cientista. Mas, com todo respeito, motivador eu não sou, nem sou esotérico, nem sou autoajuda. [...] se autoajuda é uma forma pejorativa que não está baseada na ciência, não, não sou. Tudo meu é científico. No método CIS, hora após hora, eu dou uma base bibliográfica, uma base científica, eu digo o autor, eu digo o cientista, digo o livro, eu mostro o vídeo dos cientistas. Todo tempo trazendo uma base científica, eu não falo nada que eu não traga o embasamento científico profundo. As pessoas saem de lá com mais de trinta citações de livros, onde eu tenho meu escopo de estudo, de pesquisa. As pessoas saem com, pelo menos, sete vídeos de cientistas, que balizam toda a minha pesquisa, onde o método CIS está inserido. Então, é ciência, o método CIS é ciência.⁶¹

O que se compreende é que Vieira discursivamente ressalta, por exemplo, aspectos como títulos acadêmicos, conceitos neurocientíficos (especificamente a inteligência emocional, que será abordada) e instituições de origem dos cientistas que menciona, visando da credibilidade ao seu discurso. Porém, para Vieira, a prova da cientificidade do CIS e sua

61 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s0-2cFrZ2b4&t=2536s>. Minutagem: 53'15"-55'03". Acessado em: 14/09/21

contribuição se detêm na aplicabilidade que fornece aos saberes científicos, sendo presente nos exercícios, palestras, cursos e sessões de *coaching*. Entende-se que seu objetivo primordial é apropriar-se dos conhecimentos que forem necessários apenas para propor meios de alterar os indivíduos, corrigir suas ineficiências, seus erros e os aspectos que possam afastá-lo de uma produtividade constante.

Assim, observa-se que Vieira (2015) busca dar embasamento científico às ferramentas que propõe no método CIS, entretanto os exercícios são os principais aspectos ressaltados para reprogramação mental. É necessário pontuar que, apesar de negar o vínculo com a autoajuda, Vieira (2017a) situa que sua trajetória teve início a partir de um livro dessa temática, com autoria de Roberto Shinyashiki (proprietário da editora Gente). Afirma que foi a partir deste “que minha vida começou a mudar de forma extraordinária. Ali, a minha chave ligou, os faróis se acenderam e comecei a andar; porém, daquela vez, na direção certa” (Vieira, 2017a, p. 17).

Logo, ainda que a presença da autoajuda não seja associada diretamente ao método, entende-se que por esta ter feito parte das leituras de Vieira e ainda possuir presença em sua vida (posto que o editor de seus livros é o autor do livro que o impactou) infere-se que esta se faz presente em seu método de modo indireto, já que é um elemento que o impactou afetivamente. Não obstante, isso ainda pode ser afirmado ao ser observável citações de Napoleon Hill, autor de livros classificados como de autoajuda, ao final de capítulos (Vieira, 2017a, p. 52 e p. 162)

Entende-se que, apesar de contraditório, Vieira (2015, 2017a) apresenta uma trajetória que se assemelha tanto ao intelectual universal quanto ao específico caracterizados por Foucault (1979/2019a). Para o filósofo, o intelectual universal faz uso de seu saber, de sua competência, de sua verdade, portador de significações e valores em que todos podem se reconhecer, já o intelectual específico, contemporâneo (ao contrário do universal, que fora

ultrapassado), remete ao cientista-perito (Foucault, 1979/2019a). Foucault (1979/2019a) discorre sobre como a biologia e a física foram, de maneira privilegiada, as zonas de formação desse novo personagem, de modo que a extensão das “estruturas técnico-científicas na ordem da economia e da estratégia lhe deram sua real importância. A figura em que se concentram as funções e os prestígios do novo intelectual não é mais do “escritor genial”, mas a do ‘cientista absoluto’” (p. 50).

Com isso, considerando o que fora exposto a partir de Vieira (2015, 2017a), como o método CIS abrange diversas áreas da vida e se refere a problemáticas cotidianas (dificuldades familiares, falta de dinheiro e afins), as quais podem ser reconhecidas por diversas pessoas, Vieira (2015, 2017a) faz uso de seus saberes e de sua competência enquanto treinador, assemelhando-se ao intelectual universal. Do que se refere ao intelectual específico, Vieira privilegia os conhecimentos da física e da biologia, colocando-se como um perito (e criador) no treinamento que fornece, como um cientista que, pelo menos pretende e, de algum modo, faz parte da estrutura técnico-científica.

Foucault (1979/2019a) adverte que seria perigoso desqualificar o intelectual específico em sua relação com um saber local,

sob pretexto de que se trata de um problema de especialistas que não interessa às massas (o que é definitivamente falso, pois não só elas têm consciência deles como também neles estão implicadas) ou de que ele serve aos interesses do capital e do Estado (o que é verdade, mas mostra, ao mesmo tempo, o lugar estratégico que ele ocupa) ou ainda de que ele veicula uma ideologia cientificista (o que nem sempre é verdade e tem apenas uma importância secundária com relação ao que é primordial: os efeitos do discurso verdadeiro) (Foucault, 1979/2019a, p. 51).

Vieira (2015, 2017a) tem por objetivo impactar as pessoas, as massas, veiculando uma ideologia cientificista ao apoiar este caminho como o do progresso em detrimento de outros

modos de pensar (como explicita ao discorrer sobre outras teorias) e ocupando um lugar estratégico que ser aos interesses do capital e do Estado ao estimular uma produtividade e ganhos constantes. A verdade que Vieira (2015, 2017a) busca veicular é a da ciência, tendo a neurociência como a principal fonte, da qual se ressaltam os conceitos de Inteligência Emocional (IE), QI e QE (quociente de inteligência e quociente emocional).

O conceito de Inteligência Emocional de Daniel Goleman é um conceito entendido como essencial ao CIS, posto que é utilizado como parte do título “Método CIS® (Coaching Integral Sistêmico), curso criado por mim [Vieira] e que se tornou o maior treinamento de inteligência emocional das Américas” (Vieira, 2017a, p. 28). Vieira estabelece tais aproximações fornecendo a conotação de que o CIS é científico, pois aplica e dissemina um conceito científico de um profissional formado em uma instituição mundialmente renomada.

Vieira (2017a) associa seu método a conceitos científicos, entretanto, as citações se dão de modo livre, o conceito de Goleman não é desenvolvido ou mesmo melhor explicitado ao leitor. É válido ressaltar que na aba de referência científica do método apontado pelo *website*⁶² enquanto uma pesquisa sobre o CIS, não há uma conceituação de IE, mas menções sobre o CIS. Como em: “uma metodologia de desenvolvimento pessoal orientada à conquista de objetivos, desenvolvimento da inteligência emocional e mudança de estilo de vida, baseado na metodologia de *coaching* e conhecimento de neurociências, operando no âmbito do paradigma holístico (sistêmico)” (Taunay, Souza & Vieira, 2014, p. 2).

Assim, ainda que Goleman seja um Psicólogo, pode-se afirmar suas aproximações com o discurso neurocientífico, sendo este também mencionado enquanto uma das bases científicas do método CIS. A neurociência é abordada nos materiais de análise majoritariamente como disciplina, de modo amplo, utilizando apenas a palavra em si e eventuais menções por parte de Vieira (2015, 2017a) a neurocientistas e seus estudos. Por exemplo, o estudo desenvolvido pelo “doutor Rene Hurlemann” (Vieira, 2015, p. 198) que

62 Disponível em: <https://metodocis.com/referencia-cientifica/>. Acessado em: 26/07/21.

visou averiguar a relação entre homens heterossexuais, o hormônio ocitocina e fidelidade conjugal. Entretanto, o estudo mencionado não é referenciado ao final do livro.

A partir de Vieira (2015), a Inteligência Emocional abordada por Goleman é equivalente ao conceito de Quociente Emocional, “localizado” no hemisfério direito do cérebro e

é o responsável pelas emoções, pelos sentimentos, pelos pensamentos involuntários, pela inconsciência, pela intuição e pelas crenças. É o lado responsável pela nossa capacidade de realização. É onde reside o atualmente famoso Quociente Emocional ou Inteligência Emocional (QE), assunto tão abordado hoje em dia pelo famoso psicólogo, Ph.D. de Harvard, Daniel Goleman e muitos outros cientistas e pesquisadores pelo mundo. O hemisfério direito é o lado criativo, que desenvolve a arte e a poesia. É o lado que sente paixão, saudade, tristeza, além de ser o responsável pela imaginação (Vieira, 2015, p. 73).

Do conceito de Goleman, Vieira (2015) atém-se ao aspecto de que a IE está associada a capacidade de realização, logo, ao seu bordão e foco do método, tem poder quem age, afirmando que: “se eu tivesse de escolher entre ter grandes ideias e reflexões ou ser realizador, eu elegeria o hemisfério direito e a capacidade de realização, mesmo que fosse um realizador de ideias medíocres” (Vieira, 2015, p. 73). No intuito de fornecer o caminho para a ação, para se adquirir IE, Vieira (2017a) vincula tal conceito ao de autorresponsabilidade, afirmando que a “inteligência emocional só será atingida quando o indivíduo for capaz de se responsabilizar pelo seu crescimento nas mais diversas áreas da vida” (Vieira, 2017a, p. 12).

Assim como coloca Vieira (2015) sobre as conceituações de QI e QE, ser inteligente, ter talento e esforço não bastam para atingir seus objetivos, como apontam McNamee e Miller Jr. (2014). Estes elementos devem ser cultivados e treinados a partir das oportunidades, mas ressaltam que nem todo treinamento é uma opção amplamente acessível de formação. Ao

priorizar a capacidade de realização, a criatividade e as emoções Vieira (2015), se aproxima do que McNamee e Miller Jr. (2014) denominaram enquanto talento bruto a ser desenvolvido, entretanto, para os autores, por mais que os talentos sejam fatores relevantes, a complexidade da questão se centra em saber de que modo a interação entre fatores inatos e fatores ambientais influenciam nos resultados individuais.

Confluindo com McNamee e Miller Jr. (2014), Vieira (2015), também considera que a inteligência, o QI, isoladamente não é um fator que por si só pode trazer sucesso para vida do indivíduo, considerando a interação holística entre todas as áreas da vida. Entretanto, Vieira (2015) desconsidera fatores ambientais em prol de um foco sobre o desenvolvimento individual, sobre os quais McNamee e Miller Jr (2014) afirmam que

a maioria dos cientistas sociais e neurocientistas agora concluem que tentar isolar os efeitos da “natureza” da “criação” ao prever as probabilidades de resultados na vida é uma perseguição inútil; em vez de um ou outro, o que importa é uma combinação de ambos e como esses fatores interagem de maneiras complexas. É claro, entretanto, que a capacidade inata por si só não conta para nada (McNamee & Miller Jr., 2014, p. 28)⁶³.

A partir de Foucault (1979/2019a) entende-se que este o discurso científico, cuja especificidade está ligada às funções gerais do dispositivo de verdade em nossa sociedade, é um portador de valores universais, e possui uma economia política da verdade que tem cinco características historicamente importantes:

a “verdade” é centrada na forma do discurso e das instituições que o produzem; está submetida a uma constante excitação política e econômica (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias

⁶³ most social scientists and neuroscientists now conclude that trying to isolate the effects of “nature” from “nurture” in predicting the probabilities of life outcomes is a wild goose chase; rather than one or the other, what matters is a combination of both and how those factors interact in complex ways. It is clear, however, that innate capacity alone accounts for nothing. (McNamee & Miller Jr., 2014, p.28)

formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns dos grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exercito, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas “ideológicas”) (Foucault, 1979/2019a, p. 52)

Com isso, é ao se apropriar do discurso científico por meio de conceitos como o de Goleman que Vieira busca se aproximar de tal verdade, colocando-se no papel de seu reprodutor ao propor um treinamento a partir desenvolvimento de IE como se dá no método CIS a partir de sua aplicabilidade por meio de exercícios. Por exemplo, em um exercício, Vieira (2017a) propõe ao leitor adquirir IE ao aplicar a autorresponsabilidade, para isso este deve avaliar suas competências pessoais e sociais, conceitos de Goleman.

De acordo com Vieira (2017a), competência pessoal refere-se à capacidade de conectar-se consigo, já a competência social diz respeito à capacidade de conectar-se com o outro de modo harmônico. Ambos são necessários para desenvolvimento de aptidões. O intuito do exercício é evidenciar pontos frágeis e prejuízos do indivíduo para que este possa corrigi-los, a depender da pontuação avaliada poderá ser um indicativo de que “você poderia estar fazendo e produzindo muito mais, mas não está. Como consequência sua vida provavelmente carece de realizações e conquistas” (Vieira, 2017a, p. 44).

Associando diretamente o saber ao poder, ao pontuar que não é possível dissociar a constituição do saber sem considerar os efeitos e ensejos do poder, Foucault (2014) aponta que “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (p. 31). Nesse sentido, ainda que não se situe no campo científico propriamente dito, ao estabelecer um arcabouço conceitual (de algum modo), um método, uma instituição e uma forma de reprodução daquilo

que denominou como uma proposta de desenvolvimento humano de inteligência emocional, Paulo Vieira e a FEBRACIS se situam no campo de um saber o qual, por meio de suas técnicas, exerce e produz efeitos de poder.

Assim, os autores e pesquisas resgatados por Paulo Vieira, são condizentes com sua trajetória americanizada e cristã de formação, estes (os autores resgatados) são de áreas científicas como a neurociência, a psicologia positiva, psicologia social e afins. Tais áreas de conhecimento e uso descontextualizado de seus saberes são constantemente articulados por Paulo Vieira às demandas produtivas do mercado e a flexibilidade que esta almeja do indivíduo. Não obstante, o público ao qual se direciona em seu discurso são indivíduos inseridos em empresas ou proprietários de empresas, com famílias heteronormativas em um espaço urbano, possuidores de recursos materiais e inseridos em redes de sociabilidade que os possibilita ter acesso aos cursos e materiais fornecidos pela instituição.

4.2.3 O método CIS

Pensando a partir de Foucault (2014), enquanto um arcabouço conceitual que se integra a uma verdade, entende-se que especificamente o método CIS funciona de modo a produzir um saber e exercer um poder sobre o indivíduo, posto que é uma prática de exame que combina técnicas disciplinares, ou seja, uma hierarquia que vigia e uma sanção que normaliza,

é um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade (Foucault, 2014, p. 181)

Dessa forma, o método é uma proposta de reprogramação mental que visa adquirir informações sobre os indivíduos e que tem por objetivo controlá-los integralmente, seja abordando o passado, o presente ou o futuro, configurando um modo de vigilância posto que há uma visibilidade fornecida pelas informações e um olhar constante sobre estas, como se observa nas práticas e exercícios que devem ser executados a partir de etapas ou mesmo considerando o processo de desenvolvimento humano um todo. O método também é descrito enquanto uma

abordagem biopsicossocioespiritual de atenção à saúde e o paradigma sistêmico de compreensão do homem, utilizando conceitos derivados de pesquisas em ciências biológicas, incluindo neurociências e genética, e psicologia positiva e cognitiva. Trata-se de um conceito promissor de reformulação de hábitos de vida e reprogramação de crenças disfuncionais com resultados considerados rápidos e consistentes, segundo relatos de inúmeros usuários desta metodologia (Taunay, Souza & Vieira, 2014, p. 12)

O método CIS consiste em uma proposta de correção dos desvios dos indivíduos que se debruça sobre aspectos biopsicossocioespirituais, ou seja, sua subjetividade, sociabilidade, seu corpo e suas crenças religiosas, para isso recorre a saberes principalmente da Psicologia e da Neurociência. Sendo o CIS posto enquanto uma abordagem de atenção à saúde, Vieira (2015), posteriormente à pesquisa citada, coloca o método enquanto um tratamento, evidenciando sua proposta corretiva. O CIS se debruça sobre o tempo, o corpo, os gestos e as atividades de todos os dias, “a alma também, mas na medida em que é sede de hábitos” (Foucault, 2014, p. 127).

Como colocam Dardot e Laval (2016), “diferentes técnicas, como o *coaching*, programação neurolinguística (PNL), análise transacional (AT) e múltiplos procedimentos ligados a uma “escola” ou um “guru” visam a um melhor “domínio de si mesmo”, das emoções, do estresse” (p. 339). Assim, os *coaches* têm por objetivo fortalecer o indivíduo ou

adaptá-lo melhor à realidade, utilizando saberes psicológicos, metodologias particulares, modos de argumentação de feição empírica e racional para aplicação de técnicas de transformação do indivíduo utilizadas para a condução das condutas individuais, sendo suas metodologias um objeto de comércio intenso (Dardot & Laval, 2016).

Nessa perspectiva, Vieira (2015) considera que o indivíduo é como um disco-rígido de computador, um *hard disk* (HD), que necessita ter espaço liberado para novas informações e saberes entrarem por osmose, enquadrando o ser humano em possibilidades mecânicas de existência por meio de programações mentais, colocando tal corpo como “máquina no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos” (Foucault, 2014, p. 150).

Entende-se que o corpo visado e constituído pelo método deve possuir em suas técnicas e procedimentos um cálculo, uma economia, voltada para eficácia e organização dos movimentos internos, havendo uma sujeição que impõe relações de docilidade-utilidade, uma “manipulação calculada de seus gestos e comportamentos” (Foucault, 2014, p. 135), voltadas para o aumento de aptidões. Para isto, é proposta a jornada do progresso humano (Vieira, 2017a), que se divide em quatro etapas: consciência, autorresponsabilidade, visão positiva de futuro e ferramentas poderosas de progresso.

Consciência

Assim como descrito na meritocracia, todo o foco é posto nas ações individuais, sendo o sucesso determinado pelo mérito individual, o que apresenta um individualismo enraizado nas tradições políticas, culturais, religiosas e econômicas (McNamee e Miller Jr., 2014). Tais tradições deixam como herança para o indivíduo uma ética e moral protestante voltada para o trabalho, principalmente o esforço; uma política de liberdade individual regulada por um

Estado, ou seja, igualdade civil; uma economia capitalista pautada no livre mercado, enfatizando a competitividade, a propriedade privada, e o interesse próprio; e a uma cultura que crê ser possível alcançar objetivos ao tê-los como metas (McNamee e Miller Jr., 2014). Logo, a meritocracia recorre apenas a características dos indivíduos para explicar o que acontece com estes (McNamee e Miller Jr., 2014).

Vieira (2015) discorre que Deus habita o homem por meio de uma voz que convida o indivíduo a acordar (tomar consciência), conectando-se com sua parte divina, explicitando que não há sorte, há a recompensa de Deus pelos esforços em criar abundância. Assim, para Vieira (2015), o indivíduo deve ter ações voltadas para um posicionamento autônomo por meio de perguntas poderosas de progresso (PPS's), autoquestionamentos que visam identificar quem é o timoneiro do barco de sua vida e em quais áreas se localizam seus prejuízos. É por meio destas questões, que são feitas e refeitas por um tempo indeterminado, que há um modo de vigilância, dado que há uma visibilidade que individualiza constituindo um saber e assegurando o poder que se exerce sobre os indivíduos (Foucault, 2014).

Ainda Vieira (2015, 2017a) dê relevância da autonomia, é o *coach* que traz definições de sucesso e que se coloca em uma posição daquele que explicita a verdade dos fatos, que fornece o caminho para tratar as disfunções a partir de modelos de questionamentos, como: “Os resultados que você tem colhido na sua vida estão de acordo com o que você gostaria de ver para si mesmo?” (Vieira, 2015, p. 24).

Retomando o poder pastoral, este volta-se ainda a consciência, a qual, na prática do pastorado nem sempre é voluntária, podendo ser obrigatória e necessariamente deve ocorrer de modo permanente, ou seja, deve haver um exame permanente da consciência (Foucault, 1978/2008b). Um dos aspectos que o pastorado identifica enquanto meritório é a capacidade de haver uma obediência integral, de submissão, de um indivíduo para com outro, assim a ovelha deve ser capaz de ter humildade e renunciar às suas próprias vontades, entendendo-se

que estas são ruins (Foucault, 1978/2008b). Neste sentido, no pastorado há um modo de individualização que demanda a anulação do eu, posto que o pastor atua a partir da verdade, ou seja, sua função é mostrar a direção correta da conduta cotidiana, passando por uma observação, uma vigilância e uma direção exercida a cada instante. Como coloca Vieira (2015)

Então, fique alerta. Sua vida não é o que você diz que ela é, e sim o que é percebido, visto e presenciado na prática. Não adianta você dizer que é um bom pai e que seus filhos são felizes se você não dedica tempo, e tempo de qualidade, a eles. Não adianta dizer que você é um bom pai, se seus filhos não são fortes emocionalmente, vigorosos e felizes. Então, não importa o que eu ou você dizemos, não importa nossa visão, às vezes até nossas certezas sobre o que acontece no dia a dia. O que importa são nossos comportamentos e, em especial, os resultados gerados e percebidos por todos (Vieira, 2015, p. 37)

Com isso, o poder que opera nesta relação *coach* e *coachee*, pastor e ovelha, busca no exame da consciência individual a modelagem e um discurso de si que converge com a verdade postulada pela abundância divina, sucesso material e imaterial, e resultados individuais em todas as áreas da vida. A partir de Foucault (1999b) entende-se que “somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar; temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la” (p. 29). Entende-se que tais autoquestionamentos exercem um poder de coação e submissão a tal verdade, devendo segui-la enquanto parte de uma norma.

Ainda pensando a partir de Foucault (1999b), a solicitação divina e de Vieira para a tomada de uma consciência por meio de questionamentos e modelos exerce no indivíduo um poder que indaga para apontar o desvio. Há um registro escrito da identificação resultante dos

questionamentos das áreas da vida que estão produtivamente insuficientes, ou, ao menos, não funcionando de acordo com a sua possibilidade de máxima produtividade e corrigi-las.

Compreende-se que o indivíduo deve “estar disposto a construir um padrão de vida baseado em uma rotina de excelência” (Vieira, 2015, p. 36). Logo, entende-se que tal verdade se atrela ao explicitado por Foucault (1999b), para o qual: “temos de produzir a verdade como, afinal de contas, temos de produzir a riquezas, temos de produzir a verdade para produzir riquezas” (p. 29). Desta forma, a tomada de consciência é apresentada por meio de padrões que variam entre a excelência e a disfunção, visando concretizar a primeira e identificar a segunda. A título de ilustração, segue abaixo a descrição de Vieira da rotina do indivíduo abundante, de excelência:

Ele dorme cedo com uma sensação de preenchimento, de completude, de que sua vida vale a pena ser vivida. No dia seguinte, acorda cedo, pensa em seus planos e sonhos futuros, vai fazer atividade física e depois saboreia um saudável café da manhã com boa parte da família. Depois vai trabalhar com entusiasmo e energia. Como isso é maravilhosamente normal. Ao chegar à empresa, ele entra de maneira triunfal.

Cumprimenta cada colega de trabalho com olhar sorridente, sorriso sincero e palavras de otimismo. Ele é solícito e apoiador, querido, respeitado e reconhecido por todos como um perito no que faz. Esse homem sente enorme prazer em trabalhar e produzir.

Ao acabar sua jornada de trabalho, ele é invadido por uma sensação gostosa de dever cumprido, de um dia superprodutivo. E, antes de sair do trabalho, despede-se dos colegas e sai com um sorriso no rosto e ávido para chegar em casa, sabendo que existem pessoas que esperam por ele no aconchego do seu lar. Isso é de fato normal.

Quando ele chega em casa, tudo se repete, de maneiras diferentes, mas com a mesma qualidade emocional, com os mesmos sentimentos (Vieira, 2015, p. 36)

A verdade que Vieira (re)produz é a da ação produtiva, esta diz sobre o indivíduo que deve ser produtivo e como este deve ser. Com isso, é importante ressaltar a função da ação, pois com a tomada de consciência é necessário que se aja, que o indivíduo faça algo a respeito da sua condição, saia da zona de conforto improdutivo e de narrativas que justifiquem sua improdutividade ou insucesso por versões aprimoradas e positivas, prontas para mudança comportamental, como Vieira (2015, 2017a) coloca (repetidas vezes) em seu bordão: “TEM PODER QUEM AGE E MAIS PODER AINDA QUEM AGE CERTO E MASSIVAMENTE” (Vieira, 2015, p. 55, destaques do autor).

Para Foucault (1999b) o poder se exerce no nível de intenção ou da decisão, ou seja, no pensamento ou na ação, inteiramente concentrado em práticas efetivas, desta forma se aproxima de Vieira (2015, 2017a) até certo ponto, posto que ambos percebem nas ações individuais um espaço em que o poder é possível de ser observado e exercido. Porém, distanciam-se neste mesmo ponto, posto que para Foucault (1999b) o poder se dá necessariamente nas relações, não sendo um fator detido pelo indivíduo ou mesmo substância divina. Assim, por mais que as ações individuais façam parte da percepção de poder em Foucault (1999b), entende-se que tais elementos devem ser analisados a partir de suas relações com outros elementos, considerando a função que exercem dentro de mecanismos de poder. Para Foucault (1999b) o poder deve ser analisado como

uma coisa que circula, ou melhor, uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição a ser submetidos por esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles (Foucault, 1999b, p. 35)

Logo, para Foucault (1999b) o poder transita pelo indivíduo, sendo este ao mesmo seu constituidor (por meio do corpo) e intermediário (seu efeito), considerando-se que “o domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder” (Foucault, 2019b, p. 235). Em contrapartida, Vieira (2015, 2017a) constrói sua perspectiva de “poder” de modo a exercer um poder sobre o indivíduo (a partir de Foucault, 2019b).

Ao dizer que o indivíduo detém o “poder de criar e alterar drasticamente a realidade também está em pessoas comuns, independentemente de idade, grau de instrução, poder aquisitivo” (Vieira, 2015, p. 144), o *coach* delega aos indivíduos o poder de mudar sua realidade, independentemente de fatores externos. Com isso, a responsabilidade é apenas do indivíduo por seus ônus e bônus, assim como no discurso meritocrático de que cabe o indivíduo ter as ações necessárias para alterar sua realidade, anulando a possibilidade de se considerar outros fatores.

Como coloca Littler (2018), a meritocracia proclama a igualdade de oportunidades independentemente de suas origens socioeconômicas, gênero, raça, já que tais fatores não são barreiras para o sucesso, basta que o indivíduo libere seus talentos interiores por meio do esforço, do desenvolvimento de habilidades e da forma como indivíduo se publiciza. Ainda a partir da autora, é no talento e na inteligência, fatores considerados inatos para meritocracia e para Vieira (2015, 2017a), que reside a possibilidade de desenvolvimento a partir dos esforços, ou seja, da ação, assemelhando-se a definição do *coach* de poder. Em outras palavras, há poder na ação que acompanha o aprimoramento das habilidades, sendo imprescindível a tomada de consciência para isto.

Para além, o poder exercido busca guiar o indivíduo para um caminho sempre positivo e produtivo, como se a essência humana fosse esta, como se observar em:

nossa essência foi criada por Deus e é imutável, até porque é perfeita, porém a criação que tivemos, a educação que recebemos, os ambientes que frequentamos e a quantidade e qualidade de amor que nos foi dada, tudo isso nos tornou pessoas distantes dos nossos sonhos e potenciais [...] podemos ser mais motivados, mais alegres, mais amorosos, mais competitivos, mais vitoriosos, mais entusiasmados, mais felizes, enfim, podemos ser quase tudo o que quisermos. Isso é ser humano, ou seja, exercer de forma digna o livre-arbítrio que Deus nos deu. Acredite, você pode optar por uma vida muito melhor, mais farta de amor, conquistas e realizações (Vieira, 2017a, p. 35)

Assim, a abundância da essência humana, inata, se faz presente, entretanto é o mundo que construímos que deturpa o potencial humano, como se a sociedade fosse necessariamente nociva e o livre-arbítrio concedido devesse ser utilizado para vitória, competitividade e sentimentos positivos. Com isso, considera-se o poder exercido enquanto coercitivo, mas também em sua positividade, pois possui efeitos positivos no nível do desejo e do saber, produzindo um saber sobre o indivíduo que visa à produção de corpos (Foucault, 2019b). Em outras palavras, o ser humano é bom, vitorioso e competitivo por natureza, é a própria sociedade que, contraditoriamente construída por humanos, nos deturpa. Para obter tal abundância, o indivíduo deve desenvolver autorresponsabilidade, compreendendo que “você é o único responsável pela vida que tem vivido” (Vieira, 2017a, p. 82)

Autorresponsabilidade

Com a identificação consciente dos elementos ressaltados nos exercícios do método CIS, os indivíduos devem necessariamente partir do princípio da autorresponsabilidade para se apropriar de seus ônus e seus bônus, ou seja, todas as suas ações e pensamentos, assim como suas reverberações são mérito ou demérito próprio. A autorresponsabilidade é um

conceito basilar criado e disseminado no método CIS e pela FEBRACIS, que também é uma ferramenta, configurando-se como uma prática e discurso, que tem por intuito explícito a modelagem do indivíduo produtivo (de sucesso) a partir de um arcabouço de ideias e ações voltadas para que este compreenda a si enquanto força motriz de mudanças e das consequências de suas ações.

Como colocam Dardot e Laval (2016) “a partir do momento que o sujeito é plenamente consciente e mestre de suas escolhas, ele é plenamente responsável por aquilo que lhe acontece” (p. 344). Entende-se que tanto os procedimentos voltados para examinar a consciência quanto os referentes à autorresponsabilidade configuram-se como procedimentos de confissão, pois ao responder as questões sobre si há a produção de uma verdade que é reconhecida por outrem, ou seja, é na confissão que há o reconhecimento das ações e pensamentos individuais (Foucault, 2014), logo, do que é meritório ou não. Evidenciam-se as insuficiências e se constrói um saber sobre o indivíduo, pois também se identifica quais elementos o indivíduo possui.

Em outras palavras, a autorresponsabilidade e a consciência primordialmente exercem poderes que “extraem dos indivíduos um saber e extraem um saber sobre estes indivíduos submetidos ao olhar e controlados [...] se forma um saber extraído dos próprios indivíduos, a partir de seu comportamento” (Foucault, 1973/2002, p. 121) e se identifica o saber que tais indivíduos carregam. Assim,

confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito [...] fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem. Confessa-se – ou se é obrigado a confessar (Foucault, 2014, p. 66)

Entende-se que a autorresponsabilidade é possível apenas “depois de viver o prejuízo e a dor, e sem ter o que fazer, [o indivíduo] reconhece seus caminhos errados, se arrepende e muda” (Vieira, 2017a, p. 73), isto é responsabilizar-se pelos seus erros, aceitar suas punições. Como ainda acrescenta em um de seus relatos sobre experiências reais, Vieira descreve como ele fez a dor aparecer no intuito de “experimentar mentalmente as consequências dos seus atos” (Vieira, 2017a, p. 80). Nos exemplos utilizados como frases modelo de autorresponsabilidade, observa-se que fatores socioeconômicos (ou de qualquer outra ordem) devem ser desconsiderados, assim como aponta para submissão as demandas de produtividade e à empresa, como se observa em:

Houve um corte por causa da crise e, por não estar batendo minhas metas, eu fui demitido. A partir de agora, estou disposto a fazer tudo de modo diferente, alcançar minhas metas e ser motivo de orgulho para as pessoas que me amam (Vieira, 2015, p. 68)

Entende-se que Vieira e o CIS têm como parte do método se colocar na posição de quem gera punições ao indivíduo, gera a dor, e em seguida fornece a norma, a solução e um modo de expiação para tal sofrimento. Neste sentido, a autorresponsabilidade parte necessariamente da culpabilização do indivíduo, entretanto, o que se pode pontuar a partir do próprio conceito é que, ao compreender que tudo é responsabilidade individual, Vieira (2015) é apenas aquele que expõe um fato, não considerando tais posturas como culpabilizadoras.

O conceito, enquanto parte de uma norma, estabelece parâmetros de avaliação, como as “seis leis da autorresponsabilidade” (Vieira, 2015, Vieira, 2017a), estas definem como o indivíduo deve conduzir suas ações e pensamentos para ser autorresponsável. De um modo geral, descrevem que o indivíduo não deve criticar e julgar os outros, reclamar de suas circunstâncias, buscar culpados, se fazer de vítima, julgar ou mesmo justificar seus próprios erros, pois, caso o faça, o indivíduo estará criando historinhas e sendo improdutivo.

Observa-se que as ações consideradas enquanto não produtivas, como a crítica, a reclamação, o julgamento e afins, são explicitados de modo a dizer para o leitor o que este deve ou não fazer, o foco em que deve direcionar suas ações (objetivos e resultados) e de que modo deve ater-se a ações pacíficas e positivas, afinal, argumenta-se que o indivíduo deve buscar a solução, dar sugestão, ter postura de vencedor e aprender com seus erros (Vieira, 2017a).

Como exemplo, são abordadas três diferentes historinhas em que o indivíduo é obeso, possui hábitos sedentários e não possui bons ganhos econômicos, exemplos do cotidiano que tangenciam relações domésticas e de trabalho para ilustrar maus hábitos (não produtivos) para que posteriormente o leitor identifique e avalie (nos exercícios) quais são os seus. Tal discurso é compreendido enquanto uma técnica utilizada pela FEBRACIS, pois o indivíduo se documenta de modo específico, se associa a este discurso, já que coloca todas as suas ações, pensamentos e afetos que não cooperam para uma maior produtividade.

Vieira (2015) descreve que os “autorresponsáveis são otimistas e motivados, independentemente das circunstâncias. Mesmo que não estejam sendo remunerados a contento, eles dão seu melhor, mesmo que não sejam tão valorizados, continuam sendo produtivos e alegres” (Vieira, 2015, p. 75). A partir disto, observa-se que seu conceito se pauta em perspectivas individualistas para apontar que o sucesso, a abundância e a capacidade de desenvolvimento de habilidades estão associadas diretamente ao movimento disciplinado e consciente por parte do indivíduo em compreender que sua vida é um resultado direto apenas de suas ações, devendo conformar-se com seus resultados, sem esta percepção, pontua-se que a pessoa será incapaz de atingir o sucesso.

De modo semelhante, McNamee e Miller Jr. (2014) descrevem o indivíduo que de sucesso econômico enquanto aquele que possui habilidades cognitivas, como a inteligência,

diversas atitudes e traços comportamentais específicos, resumidos pela expressão “ter atitude certa” (p. 29), como descrevem em:

Ter a atitude certa está associado a qualidades como ambição, energia, motivação e confiabilidade. Também pode envolver traços mais sutis como bom senso, senso de responsabilidade pessoal, disposição para adiar a gratificação, persistência diante da adversidade, disposição para assumir riscos, conviver com os outros, assertividade, independência e assim por diante. Por outro lado, a falta de atitudes adequadas, conforme evidenciado por preguiça, falta de movimento, indolência, autodisciplina deficiente, falta de confiabilidade, disrupção e assim por diante, está associada ao fracasso em conseguir (McNamee & Miller Jr., 2014, p. 29)

McNamee e Miller Jr. (2014) ainda acrescentam que as atitudes corretas podem cooperar no progresso individual, tanto quanto as atitudes erradas são impeditivas do progresso, assemelhando-se ao que Vieira (2015, 2017a) descreve a partir da autorresponsabilidade. Assim, a autorresponsabilidade organiza suas leis de modo a incluir determinados indivíduos (os positivos, produtivos) e exclui, no próprio local, outros indivíduos por meio de um “isolamento no interior do espaço moral, psicológico, público, constituído pela opinião” (Foucault, 1973/2002, p. 82).

Desta forma, ao descrever os indivíduos obesos, que não ganham muito dinheiro e que não fazem exercícios físicos enquanto aqueles que não possuem um estilo de vida abundante Vieira (2015) os desqualifica. Tal desqualificação pode ser compreendida como uma forma de vergonha, de humilhação, sendo este um modo de culpar, de punir, o indivíduo por suas características (Foucault, 1973/2002).

Isto pode ser exemplificado a partir da 4ª lei da autorresponsabilidade, que traz que caso a pessoa se vitime isso se dá devido a traumas infantis, uma falta de amor e atenção por parte dos pais ao longo do seu desenvolvimento, que culminam em comportamentos de

autocomiseração quando adultos (Vieira, 2017a). Não obstante, Vieira (2015), ao discorrer sobre o teste ACE, associa os traumas infantis à depressão, ansiedade, comportamentos sexuais na adolescência, tabagismo e alcoolismo.

Caso este venha a ser o tipo de conduta do indivíduo, o mesmo deve constituir autorresponsabilidade e executar os exercícios para reprogramar suas crenças, seus traumas infantis, tomando consciência destes e responsabilizando-se (Vieira, 2017a). Pode-se observar que a autorresponsabilidade é um conceito que visa à correção dos desvios e estabelece um modo de punição ao colocar que o indivíduo que escapa a norma é detentor de uma disfunção, sendo esta sua responsabilidade e é ofertada uma solução para corrigir, no caso do exemplo, seus traumas, caso contrário, o indivíduo não obterá o sucesso (Vieira, 2015).

Com isso, o método CIS se adéqua a arranjos panópticos de funcionamento, posto que é um modo de poder que se “exerce sobre os indivíduos sobre forma de vigilância individual e contínua, em forma de controle de punição e recompensa e em forma de correção, isto é, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas” (Foucault, 1973/2002). Assim ocorre uma vigilância, um controle e uma correção (bases do panóptico) no nível mais simples e no funcionamento quotidiano de instituições que enquadram a vida e os corpos dos indivíduos (Foucault, 1973/2002), como na FEBRACIS.

Ao propor um acompanhamento coletivo (curso e palestras) e individual (sessões de *coaching*) e fornecendo uma estrutura que conta com profissionais formados pela própria instituição, material didático e uma estrutura arquitetônica que possui salas de treinamento, cafeteria, biblioteca e salas de sessões individuais⁶⁴ entende-se que a instituição possui aparatos que possibilitam uma vigilância que individualiza o autor dos atos, ou seja, dá foco, uma visibilidade, ao indivíduo.

Em outras palavras, os indivíduos são tomados em sua singularidade e serão integrados à coletividade que compõe a instituição, formando um grupo (Foucault,

64 Disponível em: <https://febracis.com/centro-de-coaching-febracis/>. Acessado em 03/09/21

1973/2002), assim, “é justamente por ser um indivíduo que ele se encontra colocado em uma instituição, sendo esta instituição que vai construir o grupo, a coletividade que será vigiada” (Foucault, 1973/2002), ligando-os a um aparelho de correção e de normalização, sendo que no fundo, trata-se de garantir a produção ou os produtores em função de uma determinada norma, a qual pode operar uma inclusão por exclusões (Foucault, 1973/2002).

No que se refere à operação de uma inclusão por exclusão, Sawaia (1999) discorre que o indivíduo “é constantemente incluído, por mediações de diferentes ordens, no nós que o exclui, gerando o sentimento de culpa individual pela exclusão” (p. 9). Nessa análise psicológica há uma inversão da noção de inclusão social, desatrelando-a da noção de adaptação e normatização para ligá-la a mecanismos de coerção que culpabilizam o indivíduo, desconsiderando que a operação inclusão/exclusão é condição de transmutação da desigualdade prevaiente na ordem social (Sawaia, 1999).

Nesse sentido, considera-se que há um sofrimento ético-político, uma exclusão que opera a partir da afetividade, utilizando-se dos sentimentos negativos, como a vergonha e a culpa, sentimentos morais generativos e ideologizados com a função de manter a ordem social excludente, de forma que a vergonha das pessoas e a exploração social constituem duas faces da mesma questão (Sawaia, 1999). Entende-se que Vieira (2015, 2017a) opera a partir desta perspectiva, posto que faz uso deste conceito para diferenciar os indivíduos entre aqueles de sucesso e os desqualificados, inferiores e subalternos.

A autorresponsabilidade opera como um modo de coerção que compõe um mecanismo de mesma ordem, o método CIS. Esse aparelho de correção e de normalização inclui os indivíduos a partir de sua aproximação com os discursos de Paulo Vieira e os exclui em diferentes camadas hierárquicas a partir do momento que não correspondem a norma. Dessa forma, a autorresponsabilidade opera a partir de exclusões progressivas de modo à

culpabilizar o indivíduo ao responsabilizá-lo por todos os seus resultados, sendo estes resultados os elementos avaliados para hierarquizar os indivíduos.

Considerando que para o método CIS a oportunidade é um dos fatores que expressa o resultado individual, Vieira (2015, 2017a) discorre que o indivíduo não deve aguardar as oportunidades. Pelo contrário, parte das mudanças e perspectivas positivas de futuro remetem a construção de suas próprias oportunidades, sendo um fator relacionado ao desenvolvimento de si, ao, como já fora mencionado, “plantar sementes” para colher oportunidades. Como o *coach* coloca: “acredite, estamos plantando a todo instante. Se estou ereto e alegre, certamente estou plantando tais sementes. E com pensamentos, sentimentos e palavras positivas colherei alegrias e conquistas” (Vieira, 2017a, p. 165).

Vieira (2017a) ainda acrescenta que ao gerenciar de forma consciente todos os pensamentos, atitudes e sentimentos “os resultados positivos irão simplesmente acontecer, as oportunidades aparecerão” (Vieira, 2017a, p. 166). Observa-se também que os discursos da neurociência e da mágica emergem em uma mesma sentença, já que Vieira (2015, 2017a) associa posturas físicas à produção hormonal e desassocia, contraditoriamente, ao próprio plantar sementes e ao gerenciamento de si, expondo que oportunidades simplesmente emergirão.

Por sua vez, para McNamee e Miller Jr. (2014) a oportunidade envolve dois fatores não meritocráticos, o capital social e cultural. Os autores discorrem que a oportunidade não é um fator individual, ou seja, em que a partir das habilidades o indivíduo seja capaz de construir oportunidades, como expõe Vieira (2015, 2017a). Para McNamee e Miller Jr. (2014), ainda que a oportunidade não seja dissociada de fatores como as capacidades individuais, esta depende de fatores como quem o indivíduo conhece, suas relações interpessoais e familiares (capital social), que garantem um acesso a oportunidades diferenciadas. Assim, “as conexões sociais individuais e familiares medeiam o acesso a

oportunidades educacionais, ocupacionais e econômicas”⁶⁵ (p. 77). Já o capital cultural se refere a

ao conhecimento das normas, valores, crenças e modos de vida dos grupos aos quais as pessoas pertencem. É a informação, muitas vezes esotérica, especializada, cara e demorada para acumular, que, como o capital social, medeia o acesso à oportunidade. É um fator de mobilidade social porque, à medida que as pessoas entram em diferentes segmentos da sociedade, precisam adquirir os recursos culturais para viajar em diferentes círculos sociais. Em essência, o capital cultural é um conjunto de credenciais culturais que certificam a elegibilidade para associação a grupos sociais que conferem status (McNamee & Miller Jr., 2014, p. 77)⁶⁶

Ambos os capitais mencionados são constituídos primordialmente por fatores que não são passíveis de controle individual, posto que se referem aos espaços e indivíduos que se tem acesso e a adequação as normas, valores, crenças de determinados grupos para que seja possível navegar em determinados círculos sociais. Ambos os fatores inferem nas oportunidades e logo, na mobilidade social, mais do que as capacidades individuais tem de fazer surgir oportunidades, como coloca Vieira (2015, 2017a), pois demandam uma adequação aos valores de grupos determinados, as regras e normas para ser possível ter acesso ao meio. Nesse sentido, as oportunidades assemelham-se mais aos privilégios, da sorte e das demandas de mercado, do que a construção de oportunidades por meio do desenvolvimento de si, em outras palavras:

Os grupos de classe, status, gênero, raça e etnia têm acesso diferente ao capital social por causa de suas posições estruturais favorecidas ou desfavorecidas e redes sociais

65 Individual and family social connections mediate access to educational, occupational, and economic opportunity (McNamee & Miller Jr., 2014, p.78)

66 knowledge of the norms, values, beliefs, and ways of life of the groups to which people belong. It is information, often esoteric, specialized, costly, and time consuming to accumulate, that, like social capital, mediates access to opportunity. It is a factor in social mobility because as people move into different segments of society, they need to acquire the cultural wherewithal to travel in different social circles. In essence, cultural capital is a set of cultural credentials that certify eligibility for membership in status-conferring social groups (McNamee & Miller Jr., 2014, p.77)

associadas. Indivíduos com origens socioeconômicas mais altas têm maior probabilidade de acessar melhores recursos sociais nas redes sociais ou de encontrar contatos com melhor posição social (McNamee & Miller Jr., 2014, p. 83)⁶⁷

Littler (2018) discorre que a meritocracia endossa um sistema competitivo, linear e hierárquico, no qual, por definição, algumas pessoas ficam necessariamente para trás. A partir de Scalon (1999) entende-se que há diferenças nas oportunidades de aquisição de posições dentro do sistema de estratificação, do modo de distribuição dos bens e valores, as posições dos atores sociais e as relações que os constituem. Entende-se que tais relações de competitividade influenciam não apenas ao acesso a melhores recursos sociais e materiais, mas também nas possibilidades de ter acesso a oportunidades que permitam a mobilidade social.

Compreende-se que a mobilidade social opera enquanto um mecanismo que alivia as tensões e as pressões suscitadas pelas diferenças, pelas desigualdades, logo, também é seu grau que explicita as distribuições de oportunidades (Scalon, 1999). Assim, Scalon (1999) discorre sobre a função da mobilidade social na distribuição apropriada de talentos, a qual assegura a eficiência e a ordem mediante o bom desempenho dos indivíduos, sendo que, o que garante uma alocação eficaz dos talentos. Por exemplo, instituições de treinamento e organizações profissionais, como se observa na FEBRACIS, tais instituições testam, selecionam e distribuem os indivíduos segundo suas habilidades (Scalon, 1999). É justamente a necessidade de mão de obra qualificada, a partir do que o mercado demanda, que favorece a mobilidade baseada nas habilidades individuais.

Com o foco dado ao indivíduo por Vieira (2015, 2017a), este desconsidera fatores não meritocráticos, externos ao indivíduo, para se pensar a oportunidade e vai além. A partir da

⁶⁷ Class, status, gender, racial, and ethnic groups have different access to social capital because of their advantaged or disadvantaged structural positions and associated social networks. Individuals with higher socioeconomic origins are more likely to access better social resources in social networks or to find contacts with better social standing (McNamee & Miller Jr., 2014, p.78)

metáfora que remete ao cultivo de sementes ainda aproxima a autorresponsabilidade de perspectivas religiosas cristãs, mas apresentando a faceta punitiva da oportunidade.

Ao se referir aos indivíduos improdutivos e preguiçosos, de um modo ameaçador, Vieira (2017a) pontua que “como diz na Bíblia: “De Deus não se zomba. O que você plantou isso sim é o que você vai colher [...] então faça o que é bom, produtivo e benéfico” (p. 83). Novamente, entende-se que no discurso culpabilizador da autorresponsabilidade as punições não são distribuídas por Vieira (este se coloca apenas como articular do discurso punitivo, dissociando-se enquanto autor da punição), mas sim por Deus ou por Jesus Cristo, utilizadas para responsabilizar o próximo por meio da verdade, como coloca:

Ele [Jesus Cristo] de fato era completamente autorresponsável, não criticava, não reclamava, não buscava culpados, não se fazia de vítima, de modo algum julgava os outros; entretanto, Ele confrontava as pessoas e as situações com a verdade, era genuíno. Não fugia, nem se calava diante da mentira (Vieira, 2017a, p. 180)

Apesar disto, Vieira (2015) pontua que não deve responsabilizar a Deus por sua condição de vida, que este não está trabalhando contra os indivíduos e não deve ser responsabilizado pelo azar e erro alheio, mas, considerando a metáfora do semear, pode-se inferir que Deus também recompensará o indivíduo a partir do que este plantar, com as oportunidades que aparecerão. Entende-se assim que caso o indivíduo plante a improdutividade, será punido com falta de abundância, consequência de seus próprios atos e distribuída por Deus, sendo apenas os resultados das ações do indivíduo. Com isso, Vieira utiliza indiretamente o argumento de que Deus é onipresente, mas as consequências do que é feito com seus presentes são responsabilidades individuais.

Nessa perspectiva, o indivíduo deve estar constantemente vigiando e avaliando a si, seus pensamentos, afetos e comportamentos para que seja possível mudar, reconhecendo suas zonas de conforto e alterando as “historinhas” (mentiras que conta para si, mas que são

verdades para o cérebro) e construindo novas histórias (novas verdades sobre si) com uma visão positiva de futuro (Vieira, 2015). Logo, ao se debruçar sobre seus erros, historinhas e ineficiências o indivíduo entra em contato com a verdade, faz uso de sua autonomia, se esforça e direciona suas habilidades para mudanças que tragam a plenitude e a produtividade, não reclamando e colocando-se como timoneiro de sua vida de modo sempre positivo, não ocupando o lugar de vítima (Vieira, 2015).

Assim, a autorresponsabilidade sustenta determinadas ações, trazendo a ideia de que a abundância (ligada a uma vida extraordinária) só é possível de ser alcançada caso haja uma consciência e uma responsabilização por parte do indivíduo de todos os resultados em sua vida, característica e caráter, inerentes aos indivíduos de sucesso. Compreende-se que seu intuito é evidenciar as ineficiências dos indivíduos, sua falta de produtividade, para que, por meio do poder que o habita este altere seus comportamentos ao se assumir enquanto o único responsável por onde se encontra hoje, e o único que deve mudar, para isto ser possível, Vieira (2017a) construiu a FEBRACIS, ou seja, institucionalizou tais mecanismos disciplinares.

Ao configurar práticas e discursos que visam a vigilância individual, que demandam uma confissão, uma culpabilizam de si e ferramentas para o planejamento (controle) das horas do dia pode-se observar que, enquanto uma instituição disciplinar, a FEBRACIS sequestra o tempo e produtividade do indivíduo por meio de jogos de poder e de saber, poder múltiplo e saber que interfere e se exerce simultaneamente na instituição (Foucault, 1973/2002). Com isso, procura-se que “o tempo da vida se torne tempo de trabalho, que o tempo de trabalho se torne força produtiva; tudo isto é possível pelo jogo de uma série de instituições” de sequestro (Foucault, 1973/2002, p. 122), tendo como objetivo “fazer do tempo e do corpo dos homens, da vida dos homens, algo que seja força produtiva” (Foucault, 1973/2002, p. 122).

Visão positiva de futuro

A partir do método CIS (Vieira, 2017a), para mudar não basta apenas a consciência e a autorresponsabilidade para o embasamento das ações individuais. É necessário possuir uma visão positiva de futuro, terceira etapa do progresso humano. Nesta, Vieira (2017a) aponta a importância do pensamento a partir do discurso da Neurociência e questiona o leitor sobre quais imagens têm sido cultivadas, “imagens de paz, amor, prosperidade e felicidade, ou de dor, medo, angústia, frustração, perda e tristeza?” (Vieira, 2017a, p. 86). Para o *coach* é necessário reprogramar tais imagens negativas e construir uma visão positiva de futuro bem definida por meio das ferramentas ofertadas pelo CIS, como o foco.

Ao pontuar que se deve agir massivamente e na direção certa, Vieira (2015) afirma que apenas o esforço não basta, é necessário que também haja um planejamento, um conjunto de metas e objetivos a serem delimitados entre *coach* e *coachee* estruturando-se um foco. Tal foco é tido como uma expressão do poder que advém das capacidades individuais que necessitam ser aprimoradas, como Vieira (2015) coloca “é a capacidade de aproveitar as condições naturais disponíveis a qualquer um e produzir poder ao concentrar atenção em um único ponto” (p. 102).

Entende-se que tal expressão de poder que remonta ao planejamento, metas e objetivos aproveitando-se as condições naturais remete ao esforço, considerado por McNamee e Miller Jr. (2014) enquanto um dos fatores essenciais para o sucesso, posto que se refere a efeitos de atitudes, como motivação, laboriosidade e ambição. Porém, McNamee e Miller Jr. (2014) ressaltam que para além de atitudes isoladas é necessário haver um conjunto de comportamentos coordenados, planejados, que remonte ao esforço, aspecto também ressaltado por Vieira (2015). O *coach* discorre que o esforço por si apenas não basta, aspecto ilustrado por McNamee e Miller Jr. (2014), os quais afirmam que aqueles que trabalham mais duro não são especificamente os mais bem remunerados, como colocam:

O trabalho duro é importante, mas em termos de remuneração, o que as pessoas fazem é muito mais importante do que o quão “duro” elas o fazem. Quando as pessoas citam o trabalho árduo como um fator para progredir, elas realmente significam trabalho árduo em combinação com outros fatores, especialmente oportunidades e habilidades adquiridas, ambos os quais estão mais relacionados à origem social do que às capacidades individuais (McNamee & Miller Jr., 2014, p. 36)⁶⁸

O intuito da concentração de poder em um único ponto é que a mudança seja produzida de modo rápido para “potencializar a vida em todas as suas nuances” (Vieira, 2015, p. 103). Para isso, é necessário que o indivíduo identifique quais são os fatores que o afastam, que o distraem de seus objetivos. Entende-se que tais fatores referem-se a momentos de lazer, hábitos, relações e pensamentos, planejados ou não, mas que não possuem um propósito produtivo. Em um exercício, cabe ao leitor identificar e pontuar de 0 a 10 quais são os fatores de distração que precisam ser regulados, como, por exemplo, festas, televisão, jogos, redes sociais, drogas lícitas e ilícitas, pornografia, dedicação a igreja, amizades e relacionamentos amorosos improdutivos, insegurança, depressão e “só fazer o que dá prazer” (Vieira, 2015, p. 106).

Vejo ainda com frequência pessoas que assistem apenas uma “novelinha” todas as noites. Isso quer dizer que essa pessoa passa mais de uma hora por dia na frente da TV. Sete horas por semana, trinta horas por mês, 360 horas por ano. Em termos de tempo, é a mesma duração de uma pós-graduação (Vieira, 2015, p. 107)

Vieira (2015) promove um discurso em que tais comportamentos não são apenas inibidores da produtividade, mas ainda são comportamentos “responsáveis por destruição de relacionamentos, carreiras profissionais estagnadas, dependência financeira, contas atrasadas,

⁶⁸ Hard work matters, but in terms of compensation, what people do matters much more than how “hard” they do it. When people cite hard work as a factor in getting ahead, they really mean hard work in combination with other factors, especially opportunity and acquired skills, both of which are more related to social background than individual capacities (McNamee & Miller Jr., 2014, p.36)

filhos órfãos de pais vivos, empresas quebradas, acidentes e muitos outros danos” (p. 106).

Com isso, constrói-se uma perspectiva em que o lazer, atividades prazerosas e as relações devem ser constantemente regulados e pensados a partir da capacidade produtiva que fomentam. Cada atividade deve ser necessariamente avaliada a partir da possibilidade de desenvolvimento que proporciona, como na citação acima, em que ver 1 hora de novela por dia é um fator improdutivo que poderia ser substituído por uma pós-graduação.

Como fora pontuado, o mecanismo da FEBRACIS necessita que o tempo dos homens seja oferecido ao aparelho de produção, para que possa utilizar “o tempo de existência dos homens. É para isso e dessa forma que o controle se exerce [...] é preciso que o tempo dos homens seja colocado no mercado, oferecido aos que querem comprar, e comprá-lo em troca de um salário” (Foucault, 1973/2002, p. 116).

O tempo sequestrado não é apenas o do dia de trabalho, mas o da vida como um todo; no caso da FEBRACIS, inclui o tempo cotidiano como um tempo e o passado, presente e futuro, ou seja, controla-se o corpo em todas as instâncias possíveis. Isso “implica uma disciplina geral da existência que ultrapassa amplamente as suas finalidades aparentemente precisas” (Foucault, 1973/2002, p. 118).

O intuito é “de controlar, de formar, de valorizar, segundo um determinado sistema, o corpo do indivíduo” (p. 119), posto que na modernidade industrial o corpo deve “adquirir aptidões, receber um certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar” (Foucault, 1973/2002, p. 119). Assim a função da FEBRACIS é controlar o tempo e formar o corpo para o trabalho, todo o tempo possível deve ser em prol desenvolvimento de aptidões em todas as áreas da vida, considerando principalmente o aspecto produtivo.

Nesse sentido, o foco múltiplo (visionário, comportamental e consistente), conceito aparentemente do CIS, acompanha a perspectiva para construção de uma rotina de excelência, utilizando-se de ferramentas como a “agenda da vida extraordinária” (Vieira, 2015, p. 112),

que define, em um exemplo, quais atividades devem ser feitas a cada hora, isto entre as 7h e as 23h, sendo que o único dia que não possui uma rotina é o domingo. As atividades delimitadas na ferramenta são: trabalho, refeições, estudos, atividades físicas, leituras bíblicas, organização financeira, trabalhos caritativos, contato com a família extensa e tempo com a família nuclear.

Delimitadas as áreas que devem compor a rotina do indivíduo Vieira (2015) apresenta argumentos e ferramentas que controlem, se apropriem, do tempo cotidiano, do presente, desta forma, a vida é então repartida de acordo com um horário absolutamente estrito, sob uma vigilância ininterrupta posto que cada instante do dia é destinado para alguma coisa, prescrevem-se atividades e implica-se obrigações (Foucault, 2014). Constrói-se um saber sobre o indivíduo, já que se têm informações sobre toda sua rotina.

Ademais, o foco ainda deve ser múltiplo (visionário, comportamental e consistente) engloba um discurso que demanda a construção de uma visão do futuro pautada em metas produtivas, no controle comportamental (considerado como o dito, sentido e feito) somados à consistência, ou seja, necessidade de repetição até que o objetivo tenha sido alcançado (Vieira, 2015). O saber documentado individualiza, toma conhecimento das condutas, dos hábitos, assim como sobre o passado e as possibilidades de repetições futuras, de suas virtualidades, para discernir onde é necessário operar para sua alteração (Foucault, 2014). Há uma apropriação do tempo do indivíduo não apenas em seu aspecto cotidiano, mas ainda, se apropria e cria ferramentas para manutenção do controle dos corpos em suas histórias e virtualidades, ou seja, seu passado, presente e futuro.

Enquanto exemplo de foco, Vieira (2015) aborda um caso acompanhado por ele em que o indivíduo passou de um pró-labore de 15 mil reais para 180 mil reais em 8 meses. Primeiro (foco visionário) o *coach* apresenta as metas e a visão que indivíduo construiu, estipulando metas mensais, anuais e de empreendedorismo, como se observa em “2ª meta:

fechar o ano com uma renda de 50 mil por mês. Visão: mostrando para a esposa o contracheque de 50 mil referente a suas vendas” (Vieira, 2015, p. 120).

A segunda etapa, o foco comportamental, consistiu em treinamentos e na utilização de instrumentos para falar, escrever, agir, pensar, refletir, ler, ouvir, assistir e imaginar sempre em prol das metas (Vieira, 2015). A terceira, o foco consistente, visava cumprir uma agenda programada, construída com o Paulo Vieira, para dar continuidade aos outros dois tipos de foco até que a meta final tenha sido cumprida (Vieira, 2015).

Com isso, ao partir dos sonhos, da visão de futuro almejada pelo indivíduo, o *coach* faz uso de instrumentos coercitivos, esquemas de limitação aplicados e repetidos, “exercícios, e não sinais: horários, distribuição do tempo, movimentos obrigatórios, atividades regulares, mediação solitário, trabalho em comum, silêncio, aplicação, respeito e bons hábitos [...] o treinamento do comportamento pelo pleno emprego do tempo, a aquisição de hábitos” (Foucault, 2014, p. 128). O que se propõe explicitamente no discurso de Vieira (2015, 2017a) é o que de fato suas técnicas podem proporcionar, ou seja, a formação de indivíduos submissos, adestrados, voltados para produtividade.

Pensando a partir de Foucault (2014), tais indivíduos possuem seu tempo capitalizado e controlado através de processos que dividem serialmente as etapas, como no modo como divide o tempo e que propõe formações que vão além do método CIS e se combinam segundo uma complexidade crescente e uma demanda de avaliação do longo de todo o processo, caracterizando uma série de atividades sucessivas e todo um investimento da duração pelo poder. Como fora apresentada na seção FEBRACIS, há uma proposta de desenvolvimento integral do indivíduo com formações voltadas para todas as áreas abordadas pelo CIS, seja executando a formação completa Green e Golden Belt ou mesmo desenvolvendo-se por meio de cursos separados e específicos, como o Criação de Riqueza⁶⁹

69 Disponível em: <https://febracis.com/cursos/>. Acessado em 08/09/21.

Outro aspecto abordado que se refere à visão positiva de futuro é a linguagem, que busca modificar a comunicação verbal e não verbal. Vieira (2015) parte do princípio da abundância e da neurociência para propor exercícios que reprogramem novas sinapses neurais, produzam hormônios específicos, que comuniquem a perfeita linguagem do amor e da gratidão. Não obstante, as posturas e aparência física devem comunicar poder, paz, vitória, amor, alegria e entusiasmo. “O resultado dessa nova forma de comunicar é a abundância financeira, abundância familiar, saúde física e muito mais” (Vieira, 2015, p. 141).

A proposta de reprogramação de crenças de Vieira (2015) baseada na neurociência afirma o indivíduo deve produzir uma nova maneira de se “comunicar interna e externamente, verbal e não verbalmente [...] me refiro a novas sinapses neurais, novos programas mentais, um novo estilo de vida e conexão humana” (Vieira, 2015, p. 141). Ao caracterizar esta nova linguagem neurológica, Vieira (2015) pretende que o leitor aprenda a produzir “o comando perfeito que seu cérebro entenderá e prontamente obedecerá” (Vieira, 2015, p. 142).

Vieira (2015, 2017a) visa o controle dos discursos individuais. Como coloca Littler (2018), discurso significa

um conjunto de significados compartilhados em uma "formação discursiva" historicamente específica, e poderia ser transmitido por meio de instituições, imagens e comportamento, bem como linguagem. Discursos particulares reivindicam a verdade e atuam por meio de instituições para estabelecer os limites do comportamento aceitável (Littler, 2018, p. 10)

Observa-se que se visa um controle do que se diz e como se diz, principalmente no que pode se referir aos desejos dos indivíduos. A partir de Foucault (1999) o discurso opera, também, por meio de procedimentos de exclusão, como a interdição, em que se entende que todos os indivíduos não têm direitos iguais sobre o que se pode falar ou em qualquer circunstância, nem sobre qualquer assunto. Interdições estas que evidenciam a ligação entre

desejo e poder, posto que o discurso “não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é objeto de desejo” (Foucault, 1999, p. 10).

Em vez de evidenciar sobre a separação entre o verdadeiro e o falso, no caso, o certo e o errado a ser dito, Foucault (1999) discorre sobre a vontade de verdade, que se apoia em um aparato institucional, sendo reforçada e reconduzida por um conjunto de práticas que dependem do modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e que exerce uma forma de coerção. Ao abordar tal aspecto, Foucault (1999) pontua que “as práticas econômicas, codificadas como preceitos ou receitas, eventualmente como moral, procuraram desde o século XVI, fundamentar-se, racionalizar-se e justificar-se a partir de uma teoria das riquezas e da produção” (p. 18), assim, neste discurso a verdade se encontra no próprio enunciado, no seu sentido, na sua forma, no seu objeto, na sua relação a sua referência.

Com isso, a proposta de Vieira (2015, 2017a) de produção de programação de novas sinapses neurais consiste em alterar os valores éticos e morais do indivíduo sobre o mundo ao seu entorno a partir da modificação de como este se comunica por meio da linguagem verbal e comportamental, assim como o que pensa e sente. Para abordar aspectos específicos à linguagem verbal, Vieira (2015) vincula os argumentos neurocientíficos a exercícios do CIS a pesquisas da Psicologia Social e da Psicologia Positiva que associam a produção da felicidade em indivíduos a partir de uma comunicação que transmita a gratidão. A título de exemplo, Vieira (2015) aponta que na pesquisa de Emmons e Michael E. McCullough “a gratidão tem papel fundamental na ativação do potencial e da performance humana, como também é impossível atingir um alto nível de felicidade sem tê-la como estilo de vida” (Vieira, 2015, p. 154).

Observa-se que a alta produtividade e performance em todas as áreas da vida está associada a felicidade, sendo vinculadas intrinsecamente, assim seu discurso faz uso de

argumentos científicos para afirmar que sem um alto nível de produtividade não haverá a felicidade. No que se refere à comunicação não verbal, Vieira (2015) pontua que esta “inclui todos os maneirismos gestuais, posturais, entonação vocal e expressões faciais etc” (Vieira, 2015, p. 177) e acrescenta ainda que “o que todos os experimentos e todas as pesquisas da Neurociência mostram é que podemos definir nossa performance e nossos resultados apenas regulando a postura e a comunicação não verbal” (Vieira, 2015, p. 184).

Assim, a partir de argumentos científicos, religiosos e pessoais, Vieira (2015) discorre que para o desenvolvimento de um novo padrão linguístico, o indivíduo deve eliminar falas que contenham palavras, expressões ou entonações negativas e em seguida deve-se corrigir tais falas, instalando um novo padrão ultrapositivo o qual produzirá os hormônios necessários. Para Vieira (2015) as palavras são proféticas, logo, mesmo uma situação que não seja benéfica ao indivíduo deve ser manejada de modo positivo, caso contrário o mesmo sofrerá os efeitos nocivos de sua fala. Observa-se que os discursos mencionados produzem uma compreensão em que os indivíduos devem ser necessariamente pacíficos, positivos, otimistas e que apenas assim poderão ter abundância, que equivale a uma vida produtiva, com isso, o indivíduo produtivo é dócil, já que, nesta perspectiva, ações negativas não são autorizadas.

Para Foucault (1999) a “disciplina é um princípio de controle da produção no discurso” (p. 36), dessa forma há uma produtividade, já que há uma multiplicidade de discursos que são produzidos, não deixando de haver uma coerção, tratando-se de determinar suas condições de funcionamento, como se observa no ritual. Entende-se que o ritual define a qualificação que os indivíduos falantes devem possuir, devendo ocupar determinada posição e formular determinado discurso, este

define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aquele os quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção [...]

determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades e papéis preestabelecidos (Foucault, 1999, p. 39)

O enfoque dado às palavras é contundente com o discurso de reprogramação de crenças do CIS, posto que este possui exercícios (verbais e escritos) que se debruçam primordialmente sobre as palavras, considerando que “são ferramentas, armas poderosas 100% disponíveis a qualquer um que esteja disposto a usá-las” (Vieira, 2015, p. 141). Não obstante, a dimensão do pensamento é tida enquanto um aspecto que pode ser alterado pelos comportamentos. Vieira (2015) cita diretamente (em itálico e com recuo no parágrafo) Amy Cuddy, psicóloga de Harvard, que demonstra que posturas produzem hormônios, como, especificamente a postura do poder, e isso altera a mente humana.

Sabemos que nossa mente muda nosso corpo, o que não sabíamos é que nosso corpo muda nossa mente ainda mais rápido. Como também fazer poses ou posturas de poder por alguns minutos pode realmente mudar sua vida de maneira significativa, aumentando o nível de testosterona e diminuindo o cortisol. (Amy Cuddy) (Vieira, 2015, p. 178)

De um modo geral, Vieira (2015) entende que “quando gerenciamos nosso estado presente (comportamentos, pensamentos, palavras e sentimentos), nós nos tornamos capazes de direcionar com grande margem de acerto nossa vida ao alvo desejado. Isso é poder pessoal ao seu alcance” (Vieira, 2015, p. 93). Tal citação ilustra a percepção geral de poder disseminada por Vieira, assim, tem-se que o poder é algo associado à conexão divina do homem com Deus e que foi descoberto como utilizá-lo através da ciência. Percebe-se que quem não fizer uso do poder poderá ser punido e perder este, mas que aqueles que o fizerem terão sucesso, serão reconhecidos por seus dons e talentos e (de acordo com o bordão) serão detentores do poder.

Dessa forma, o corpo como objeto de representação é atravessado por técnicas de correção individualizantes, estabelecendo uma relação de apossamento do corpo por meio de instrumentos que utiliza para transformá-lo (Foucault, 2014). Compreende-se que a força do poder se dá

porque produz efeitos positivos no nível do desejo – como se começa a conhecer – e também no nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. Foi a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico (Foucault, 1979/2019a, p. 239)

É isso que permite que o poder se mantenha e que seja aceito, este não é simplesmente uma força que diz não, mas que de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso (Foucault, 1979/2019a). Deve-se considerá-lo como uma “rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir” (Foucault, 1979/2019a, p. 45). Desta forma, ao caracterizar como o indivíduo deve pensar, agir e ser limitando isto a aspectos positivos e produtivos, Vieira (2015, 2017a) produz discursos que devem ser reproduzidos pelos indivíduos, cooptando seus desejos.

4.3 Das práticas: Ferramentas poderosas de progresso

A última etapa do progresso humano corresponde às ferramentas poderosas de progresso (Vieira, 2017a), sendo o método CIS “um composto de ferramentas que leva o cliente a resultados extraordinários em tempo recorde, porque consegue modificar profundamente as crenças enraizadas” (p. 89) e aplicar sua visão positiva de progresso. Dessa forma, Vieira (2015, 2017a) fornece um arcabouço prático próprio para construir a trajetória e características do indivíduo de sucesso, que apenas será alcançado pela reprogramação do método CIS e, ao mesmo tempo, traz o método como uma etapa final da jornada do

desenvolvimento humano, compreendendo-se que este é separado das outras três etapas, sendo estas sobrepostas aos outros discursos utilizados por Vieira. Nesta etapa o enfoque é dado aos exercícios e treinamentos, logo, faz-se coerente abordá-la no tópico que se refere às práticas.

Entende-se que o treinamento proposto é um modo de aprendizagem, de transmissão de um saber, assim, McNamee e Miller Jr. (2014) pontuam que a “educação identifica e seleciona indivíduos inteligentes, talentosos e motivados e fornece treinamento educacional em proporção indireta ao mérito individual” (p. 101)⁷⁰. Os autores continuam que os tipos e a quantidade de treinamentos recebidos são utilizados para contabilizar o mérito e enquanto critério de elegibilidade para ocupações e recompensas materiais, que são parte da chave do sucesso (McNamee & Miller Jr., 2014).

Associando processos de aprendizagem à demanda que surge a partir do desenvolvimento tecnológico e científico, McNamee e Miller Jr. (2014) situam que novas oportunidades emergem com novos caminhos para o sucesso, sendo imprescindível na modernidade haver um processo educacional para inclusão no atual mercado, para ter oportunidades e ser recompensado pelas capacidades que apresentam, sendo o mérito individual, um modo de subir as escadas da mobilidade social a partir do capital humano desenvolvido. Assim, a educação envolve fatores meritocráticos e não meritocráticos, pois diz sobre as capacidades individuais desenvolvidas, mas também sobre as possibilidades materiais e imateriais de frequentar espaços de formação profissional.

Vieira (2015, 2017a) utiliza o discurso da Neurociência para argumentar que por meio de exercícios repetitivos e diversificados, assim como pela implementação de determinados recursos culturais no cotidiano do indivíduo, possa haver a reprogramação de crenças. Nesta

⁷⁰ education identifies and selects intelligent, talented, and motivated individuals and provides educational training indirect proportion to individual merit (McNamee & Miller Jr., 2014, p.101)

perspectiva, a linguagem (pensada ou falada) e as posturas corporais são produzidas a partir dos exercícios, interferindo diretamente na produção de hormônios que compõe parte essencial do processo de mudança. Para Foucault (2014) o exercício é

a técnica pela qual se impõe aos corpos tarefas ao mesmo tempo repetitivas e diferentes, mas sempre graduadas. Dirigindo o comportamento para um estado terminal, o exercício permite uma perpétua caracterização do indivíduo, seja em relação aos outros indivíduos, seja em relação a um tipo de percurso. Assim, realiza, na forma da continuidade e da coerção, um crescimento, uma observação, uma qualificação (Foucault, 2014, p. 158)

A partir de Foucault (2014), entende-se que há no método CIS uma organização linear, continuamente progressiva dos exercícios, nestes existem etapas a serem executadas, as quais rememoram os exercícios rigorosos propostos pela vida ascética, tornando-se tarefas de complexidade crescente que marcam a aquisição progressiva do saber e do bom comportamento, tarefas que demandam um esforço voltado, no caso, para abundância (salvação), e que determina um concurso constante entre os indivíduos que se classificam e buscam produzir aptidões, tornando-se mais competitivos.

De um modo geral, ao observar as técnicas e ferramentas aplicadas nos materiais de análise (Vieira, 2015, 2017a), o processo prático de re(programação) de crenças do CIS percorre o seguinte caminho: primeiro há a identificação dos elementos que pretendem ser modificados, estes são categorizados e postos em comparação a modelos da norma apresentada pelo CIS. Em seguida o que fora identificado e categorizado deve ser escrito e reescrito com os prejuízos que acarreta.

A primeira alteração de escrita deve ser a correção em si dos desvios apresentados a partir dos modelos, tal alteração da escrita ainda aciona os desejos e imaginação de futuro dos indivíduos (Vieira, 2015, 2017a). Com o emparelhamento a partir da norma há uma avaliação

dos prejuízos e hierarquização do indivíduo em relação aos modelos, seguido por técnicas que acrescentam os resultados ou modelos de exercícios ao cotidiano, havendo novamente uma repetição, mas que se diferencia da repetição na escrita.

A primeira etapa consiste em Vieira (2015) guiar discursivamente o leitor para identificar, dar visibilidade, a seus aspectos nocivos e positivos, tanto por meio de exercícios com questões, como as perguntas poderosas de sabedoria (PPS's), os autoquestionamentos na tomada de consciência, autorresponsabilidade, foco, enfim, todas as etapas demandam que o indivíduo identifique seus pontos positivos, mas principalmente seus pontos negativos em relação à abundância. Entende-se que as PPS's são um modo de vigilância de si que se pauta em uma documentação constante que fixa e acumula conhecimentos sobre os indivíduos, sempre retomando os parâmetros estabelecidos pela norma presente nos modelos fornecidos (Foucault, 2014). A escrita e a reescrita que englobam o processo mantêm suas características documentárias e as expandem, já que passam a compor um ritual (Foucault, 2014).

A título de exemplo, no exercício 4 do livro “O poder da autorresponsabilidade” (Vieira, 2017a, p. 99), o leitor deve reescrever em primeira pessoa e com suas palavras três vezes a seguinte frase: “Autorresponsabilidade é a crença de que você é o único responsável pela vida que tem levado, sendo assim, é o único que pode mudá-la” (Vieira, 2017a, p. 99). Temos aqui um modelo direcionado a partir da norma. Este é seguido pelo exercício 5, que solicita ao leitor responder as questões: “o que você gostaria de ter, ser ou fazer? Quais são seus sonhos mais ousados (pense nisso sem críticas e sem limitar suas possibilidades)? Apenas escreva a visão da sua vida extraordinária” (Vieira, 2017a, p. 105).

Exercícios com as mesmas questões repetem-se em “O poder da ação” nas páginas 66 e 70 (Vieira, 2015), respectivamente. Para além destes dois exercícios, em ambos os livros se faz presente o termo de responsabilidade (Vieira, 2015, 2017a), nestes o leitor deve declarar que é responsável por seu sucesso e felicidade, reescrevendo novamente as respostas

fornecidas nos dois exercícios mencionados. Não obstante, outros exercícios sobre a autorresponsabilidade solicitam ao indivíduo identificar: “em que áreas da minha vida me percebo na zona de conforto? Como será minha vida se continuar, por ação ou omissão, na zona de conforto?” (Vieira, 2015, p. 43).

Em seguida as respostas de tais questionamentos são utilizadas para categorizar, separar as diferentes zonas de conforto, dividindo as historinhas mentirosas, verdadeiras (mas que culpam o outro) e brincadeiras (que impossibilitam enxergar o problema), para cada elemento deve-se identificar o comportamento que o acompanha, seus resultados primários e secundários (Vieira, 2015).

Vieira (2015, 2017a) preenche seus textos com exemplos que apontam hábitos, pensamentos e falas que são criticados como ações improdutivas e que “validam, explicam e justificam nossos fracassos, nossas falhas e nossos insucessos” (Vieira, 2015, p. 45), as historinhas. Com isso, entende-se que há uma acumulação de documentações sobre o indivíduo, sua “seriação, à organização de campos comparativos que permitam classificar, formar categorias, estabelecer médias, fixar normas” (Foucault, 2014, p. 186), sendo que o registro geral de fixação das normas são os padrões do indivíduo de sucesso.

Além das PPS's e outros exercícios do método CIS existentes ao longo dos materiais analisados, são abordados testes como o “ACE” (Vieira, 2015, p. 239) e o “5W2H” (Vieira, 2015, p. 63). Essas ferramentas são propostas como científicas, sendo que o teste 5W2H visa atuar como um “plano de ação convencional” (Vieira, 2015, p. 63) por meio da identificação e categorização para construção de um planejamento em prol de metas. Já o teste ACE (o qual são apenas mencionadas pesquisas, mas não os autores) visa a identificar e avaliar (por nota) os traumas infantis, associando-os a modelos de tabagismo, depressão, comportamentos sexuais em adolescentes, indicadores de desempenho no trabalho, suicídio e alcoolismo.

Como se observa, com a identificação, os elementos que emergem são categorizados, ou seja, o que fora identificado é subdividido a partir de critérios que melhor delimitam os prejuízos, sendo que outros exercícios ainda separam o que é o comportamento prejudicial do pensamento prejudicial. A partir dessa categorização são fornecidas listas com modelos de comportamentos, pensamentos e ações, assim como exemplos de casos reais, histórias bíblicas, histórias de pessoas de sucesso, enfim, modelos de uma norma para serem seguidos. Neste processo o indivíduo é instruído a avaliar a si, isso significa observar seus comportamentos, falas e pensamentos e compará-los aos modelos, é instruído a estar também atento a avaliação externa, dado que é ressaltada a importância do feedback, a interpretação pelo outro dos resultados do indivíduo. Ou seja, instrui-se sobre a necessidade de vigilância de si e do outro.

Vigilância que busca controlar microscopicamente o comportamento, esta observa, registra e treina, decompondo as instâncias “para aumentar sua função produtora” (Foucault, 2014, p. 171). Entende-se que a vigilância está integrada a uma relação de treinamento, havendo uma fiscalização de si e também podendo haver por parte de outro indivíduo, no caso o *coach*. Como coloca Foucault (2014) o que se dá na vigilância é uma divisão segundo as classificações ou os graus, exercendo um duplo papel disciplinador de “marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também de recompensar e castigar [...] a disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e dos lugares; pune rebaixando e degradando” (p. 178).

Vieira (2017a), ao aplicar o conceito de Inteligência Emocional, desenvolve quatro exercícios em que o indivíduo deve identificar e avaliar por nota quais são suas competências pessoais e sociais, acompanhados de seus prejuízos. Para as competências pessoais estabelece categorias como autoconsciência emocional, autoavaliação precisa, autoconfiança, autocontrole emocional, superação, iniciativa, transparência, adaptabilidade e otimismo.

Esse exercício é seguido por outros dois exercícios do mesmo modelo, os quais identificam e avaliam as competências sociais e seus prejuízos, mas desta vez a partir das categorias empatia, consciência organizacional, serviço, liderança inspiradora, influência, desenvolvimento dos demais, catalisação de mudanças, gerenciamento de conflitos e trabalho em equipe (Vieira, 2017a). Como se observa, o conceito de Inteligência Emocional é utilizado ainda para construir modos de controle e vigilância por e no indivíduo já que este, de um modo geral, deve se autocontrolar positivamente, produtivamente e fazer o mesmo no que se refere às suas relações de trabalho, otimizando seu serviço em prol da organização, que implica abdicar de afetos, percepções e opiniões para construção de um pensamento positivo e submisso em relação à organização.

Assim, a avaliação compara os resultados individuais à norma e/ou ao grupo que for utilizado como referência. Essa comparação serve para hierarquizar os indivíduos entre si, sendo exercida uma diferenciação entre seus resultados. No caso da FEBRACIS, a produtividade, desempenho e eficiência é sempre o fator-critério para diferenciação. O processo de avaliação é recorrente, não se dá apenas uma vez, mas é o mecanismo que justifica, altera ou evidencia novos elementos, é o modo de funcionamento que garante a dinamicidade do mecanismo de exame (Foucault, 2014), presente no método CIS, faz com que o processo de avaliação não tenha fim.

Desta forma o mecanismo de exame funciona de modo a relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de regra a seguir.

Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto – que se deve fazer funcionar como base mínima, como media a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. Media em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” dos indivíduos.

Fazer funcionar, através dessa medida “valorizadora”, a coação de uma conformidade a realizar [...] compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza (Foucault, 2014, pp. 179-180)

O processo de avaliação e hierarquização do método CIS distribuem e organizam os resultados individuais ou os próprios indivíduos, mas o processo de modelagem em si remete a repetições e rotinização, o qual demanda sua interação integral por meio de técnicas verbais, de escrita, de escuta, de execução. Para além, há ainda exercícios que demandam a repetição da reescrita com as alterações a partir do modelo e outros que solicitam a repetição oralmente, assim como a impressão de conceitos, ferramentas e exercícios para visualização e repetição ao longo da rotina cotidiana (Vieira, 2015, 2017a). As técnicas em questão não são necessariamente utilizadas em conjunto ou nesta ordem, observa-se que sua utilização se dá de acordo com as demandas do procedimento executado.

Um exemplo de repetição demandada pelo método CIS se resume a partir do mais extenso exercício presente no “O Poder da Ação” (Vieira, 2015), composto por sete passos. No intuito de modelar um novo padrão linguístico, Vieira (2015) afirma que as falas negativas devem cessar e tem-se de impedir os efeitos das palavras negativas já ditas, em seguida é necessário substituir, corrigir, o antigo padrão linguístico por um novo, ultrapositivo, permeado por amor, gratidão.

O primeiro passo consiste na identificação de padrões negativos a partir de modelos listados, como “nada dá certo pra certo pra mim” (Vieira, 2015, p. 148). Segundo, deve-se identificar mais dez padrões negativos não listados e escrevê-los. No terceiro passo o indivíduo precisa escolher dez padrões mais negativos e prejudiciais anteriormente identificados, escrevendo-os, para cada um deve-se também escrever abaixo os respectivos prejuízos.

O quarto passo consiste em “conduzir o tratamento que não só anulará o que já foi dito e os resultados ruins como também produzirá novas crenças e programações mentais capazes de mudar a sua existência” (Vieira, 2015, p. 150), ou seja, entende-se que, para Vieira, é a partir desse momento que a modelagem começa. Neste passo, a partir de um modelo, Vieira (2015) solicita ao leitor escrever novamente os dez padrões dos passos um e/ou dois e reescrevê-los de modo ultrapositivo.

No quinto passo Vieira (2015) utiliza o argumento da neuroassociação para justificar um exercício de reforço negativo, ou seja, punitivo. O exercício consiste em gerar uma dor fina e intensa ao puxar e soltar um elástico sobre o pulso cinco vezes para cada repetição dos padrões negativos. No sexto passo Vieira (2015) orienta o leitor a escrever, pelo menos, 50 vezes cada um dos dez novos padrões, sendo que cada linha escrita tem de ser verbalizada, em voz alta, quatro vezes. O último passo consiste em manter o elástico no pulso e utilizá-lo imediatamente sempre que padrões negativos forem verbalizados. Vieira (2015) ainda adverte que:

Talvez você esteja preso à zona de conforto e pouco disposto a dedicar tempo e energia mental para cumprir os passos 6 e 7. Se esse é o seu caso, procure ver se neste momento não está criando historinhas para não realizar parte do tratamento.

Historinhas de arrogância, como: “Eu não preciso escrever 50 vezes isso”, ou “não sou idiota para soltar um elástico no meu braço e sentir alguma dor”. A quem pensa assim, vou só dizer uma frase que sempre repito em ocasiões como essa: “Fica tranquilo. Está tudo certo. Cada um tem a vida que merece”. Se você não quer cumprir esses passos, não tem problema, porém, não acredite que terá todos os ganhos e as mudanças propostos. Não se engane achando que um hábito linguístico de muitos anos será substituído apenas pela conscientização intelectual (Vieira, 2015, p. 152)

Pensando a partir de Foucault (2014) percebe-se que o exercício possui um ritual, etapas que devem ser seguidas a partir de uma determinação sancionada pela norma e operando de modo a tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, como punições disciplinares. Como o tempo, caso o indivíduo não faça o exercício ou atrase ao puxar o elástico, assim como a atividade, se esta for feita sem zelo e com desatenção. Ademais, ainda se penaliza a maneira de ser, os discursos e o corpo, posto que o indivíduo não pode ser grosseiro ou desobediente, não deve falar de modo negativo e precisa se comportar de modo coerente a esta fala (Foucault, 2019b).

Assim, de modo disciplinar, o método CIS penaliza “tudo que está inadequado à regra, tudo que se afasta dela, os desvios” (Foucault, 2014, p. 176). A repetição tem relevância enquanto procedimento de controle dentro destas técnicas, sendo uma forma de relação de poder em que a visão da FEBRACIS se baseia. É pela repetição que as relações de poder se reforçam, reproduzem e, logo, se mantêm. Compreende-se que sua função é reduzir os desvios de modo essencialmente corretivo por meio de exercícios que produzem um aprendizado intensificado, multiplicado, muitas vezes repetido, tornando-se uma obrigação (Foucault, 2014).

Com isso a correção se dá a partir da expiação e do arrependimento, configurando um sistema de gratificação-sanção, operante no treinamento e na correção, de modo a qualificar os comportamentos e desempenhos a partir de valores opostos entre o bem e o mal (Foucault, 2014). É por meio dessa microeconomia das penalidades e das recompensas (Foucault, 2014) que, por exemplo, os indivíduos são avaliados a partir de seus padrões linguísticos, necessitando ter uma linguagem ultrapositiva para haver a recompensa e um arrependimento das palavras nocivas já ditas.

Para isso, não basta haver uma repetição nos exercícios e nos livros, mas essa deve estar presente na rotina do indivíduo. Deve fazer parte de sua rotina nos exercícios impressos,

nas mentalizações, nas ferramentas de organização dos horários das pessoas, nos hábitos que determina (escutar podcasts, ler, incrementar as atividades da FEBRACIS no lazer), enfim, há uma apropriação do tempo da pessoa, seu tempo é controlado e dito como deve ser utilizado, distribuído, os elementos que devem compô-lo; há uma vigilância, mas também um gerenciamento de si.

Com isso, a partir de Foucault (2014) há um controle do horário por meio de processos que estabelecem as cesuras (como na Agenda Extraordinária de progresso), obriga ocupações determinadas e regulamenta os ciclos de repetição. Assim como fora apresentado sobre o foco, o tempo deve ser integralmente útil, pautado em metas, voltado para eficiência e para rapidez, visando a composição de um corpo mecânico, penetrado pelo tempo e com este todos os controles minuciosos do poder (Foucault, 2014).

Não obstante, observa-se que o controle do corpo também se dá no campo dos gestos, seja de uma coletividade ou apenas do indivíduo. Posto que Vieira (2015), ao abordar os exercícios de comunicação não verbal, fornece imagens e orienta ao leitor a execução de posturas específicas que geram MDE's (moléculas de emoção) de vitória, paz, amor, poder, felicidade, alegria e entusiasmo, produzindo de modo rápido tais emoções. O leitor deve, por exemplo, praticar a felicidade abraçando durante 40 segundos indivíduos importantes e dar brados de alegria em forma de *yes* 30 vezes seguidas, repetindo tais movimentos 10 vezes ao dia (Vieira, 2015).

Os mesmos exercícios são executados por um público de cerca de 600 pessoas nos cursos do método CIS, como se observa no vídeo institucional⁷¹, no qual os indivíduos se movimentam de modo coordenado a partir dos comandos de Vieira. Compreende-se que há um ritmo coletivo e obrigatório, tanto quanto um esmiuçamento do ato, o qual é controlado do seu interior no desenrolar de suas fases, sendo “definida a posição do corpo, dos membros,

71 Disponível em: <https://febracis.com/sobre/>. Acessado em 08/09/21.

das articulações; para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração” (Foucault, 2014, p.149).

Tendo exposto os modos de modelagem do método CIS, pode-se observar que seus discursos e práticas voltam-se para constituições de um corpo produtivo em todas as áreas da vida por meio de mecanismo de coerção e de controle. Corpo individual que deve estar apto e desenvolvido para a competitividade existente na sociedade. Porém, McNamee e Miller Jr. (2014) apontam que há, pelo menos nos EUA, uma crescente de desemprego dos jovens diplomados, entretanto, “nessas condições, muitos alunos percebem que obter uma educação universitária não os ajudará tanto quanto a falta de uma educação universitária os prejudicará”⁷²(p.14), fazendo com que os profissionais busquem formações profissionalizantes, além de graduações universitárias, para tornarem-se mais competitivos.

Ainda que o treinamento do método CIS não seja um curso profissionalizante, entende-se que sua proposta visa o aprimoramento profissional de modo a tornar os indivíduos mais competitivos no mercado de trabalho, mais produtivos, mas o que se observa é um descompasso entre a quantidade de profissionais qualificados e a capacidade do mercado em absorver tais indivíduos.

Como McNamee e Miller Jr. (2014, p. 38) colocam, ao adquirir habilidades, conhecimento ou experiência os indivíduos passam a deter capacidades (o capital humano) as quais podem ser trocadas no mercado de trabalho. O capital humano é comumente incluído na fórmula do mérito para o sucesso, sendo um modo de investimento em si mesmo que visa o acúmulo de aprendizados e treinamentos, fatores que supostamente vão aumentar as habilidades e a capacidade produtiva (McNamee e Miller Jr., 2014). Os autores ainda ressaltam que não basta desenvolver as habilidades do interesse individual, estas devem estar alinhadas a demanda de quais habilidades o mercado necessita.

⁷² under these conditions, many students perceive that getting a college education will not help them so much as the lack of a college education will hurt them (McNamee & Miller Jr., 2014, p.14)

Após a explanação do processo de modelagem do método CIS, pode-se observar que Vieira (2015, 2017a) visa justamente o desenvolvimento de capital humano que melhor de adapte e flua com as demandas de mercado. Porém, como ressaltaram McNamee e Miller Jr. (2014), por mais que o processo de seleção dos indivíduos a partir de suas habilidades possa selecionar a partir do mérito, a hierarquização dos selecionados provavelmente será parcial ao definir o mais meritório entre eles, posto que se será selecionado aquele que melhor corresponda à demanda da empresa, não necessariamente aquele que seja o melhor de todos.

Tal indivíduo corresponde, é produzido e produz, a partir das demandas do neoliberalismo. Para Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo é mais do que um sistema socioeconômico, este é uma racionalidade que estrutura e organiza não apenas as ações dos governantes, mas até a própria conduta dos governados, tendo como principal característica a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação.

Nesse sentido há uma atomização “das pessoas como indivíduos que devem competir entre si para ter sucesso, estendendo o comportamento empreendedor para os cantos e recantos da vida cotidiana⁷³” (Littler, 2018, p. 2). É por meio de narrativas como essa e práticas como a da FEBRACIS que se argumenta sobre a mobilidade social ser acessível a todos e um fator que depende do indivíduo. Ainda pensando a partir de Littler (2018), para que haja tal mobilidade é inerente que haja desigualdade e que os indivíduos interajam de modo competitivo pelos espaços no mercado. Littler (2018) afirma que:

a meritocracia hoje, em sua forma neoliberal, tende a endossar um sistema competitivo e linear de mobilidade social e a funcionar como um mito ideológico para obscurecer as desigualdades, incluindo o papel que esse próprio discurso da meritocracia

⁷³ atomise people as individuals who must compete with each other to succeed, by extending entrepreneurial behaviour into the nooks and crannies of everyday life (Littler, 2018, p. 2)

desempenha na restrição efetiva da mobilidade social. Seu mito da mobilidade é usado para criar a ideia de um campo de jogo nivelado que não existe (Littler, 2018, p. 50)⁷⁴

Como colocam Dardot e Laval (2016), para que tal indivíduo competitivo tenha se tornado possível foram necessárias técnicas e dispositivos disciplinares, “sistemas de coação, tanto econômicos como sociais, cuja função era obrigar indivíduos a governar a si mesmos sob a pressão da competição, segundo os princípios do cálculo maximizador e uma lógica de valorização de capital” (p.193). Consequência disto é a capitalização da vida individual, “cada sujeito foi levado a conceber-se e comportar-se, em todas as dimensões da vida, como um capital que devia valorizar-se” (Dardot & Laval, 2016, p. 201), como investir na sua própria educação e profissionalização, o indivíduo é responsável por seu desenvolvimento.

O discurso da autorresponsabilidade pode ser compreendido como um modo de culpabilizar que coaduna com o discurso neoliberal. Littler (2018) observa que:

No entanto, notavelmente, são as pessoas que enfrentam uma perda significativa de poder em termos da extensão de seus recursos e da gama de opções disponíveis que são mais intensamente incitadas a construir um eu neoliberal meritocrático [...] Os constituintes menos privilegiados são então posicionados como particularmente receptivos a um discurso meritocrático de empoderamento, tornando-se “eus empreendedores”, enquanto, ao mesmo tempo, esses constituintes continuam a enfrentar dificuldades muito maiores em termos de reconhecimento e redistribuição (Littler, 2018, p. 70)⁷⁵

⁷⁴as we have seen, meritocracy today, in its neoliberal form, tends to endorse a competitive, linear system of social mobility and to function as an ideological myth to obscure inequalities, including the role this discourse of meritocracy itself plays in actually curtailing social mobility. Its myth of mobility is used to create the idea of a level playing field that does not exist (Littler, 2018, p.50)

⁷⁵Yet notably it is often people who face significant disempowerment in terms of the extent of their resources and the range of available choices who are most intensely incited to construct a neoliberal meritocratic self. [...] Less privileged constituencies are then positioned as particularly amenable to a meritocratic discourse of empowerment by becoming ‘entrepreneurial selves’, whilst, at the very same time, these constituencies continue to face far greater difficulties in terms of both recognition and redistribution (Littler, 2018, p. 70)

O homem neoliberal é necessariamente o homem competitivo, empresa de si mesmo, indivíduo calculador e trabalhador produtivo, com um corpo apto a funcionar no grande circuito da produção e do consumo (Dardot & Laval, 2016). O objetivo do controle que é exercido é a produção de maior felicidade, “a lei da eficácia é intensificar os esforços e os resultados e minimizar os gastos inúteis. Fabricar homens úteis, dóceis ao trabalho, dispostos ao consumo” (Dardot & Laval, 2016, p. 325).

Para os autores, a grande novidade do neoliberalismo reside na modelagem que torna os indivíduos aptos a suportar as novas condições que lhe são impostas, enfim, são produzidos sujeitos empreendedores que reproduzirão e ampliarão as relações de competição, o que exigirá um processo de autorrealização em que os indivíduos se adaptam subjetivamente a condições cada vez mais duras que eles mesmos ajudam a produzir (Dardot & Laval, 2016). No neoliberalismo empresarial, a responsabilidade individual e o autocontrole não são considerados faculdades adquiridas uma verdade por todas, mas vistas como

resultado de uma interiorização de coerções. O indivíduo deve governar-se a partir de dentro por uma racionalização técnica de sua relação consigo mesmo. Ser “empreendedor de si mesmo” significa conseguir ser o instrumento ótimo de seu próprio sucesso social e profissional (Dardot & Laval, 2016, p. 350)

Por fim, pode-se concluir que o corpo modelado pelo método de Vieira (2015, 2017a) é um corpo coagido, disciplinado, controlado a ser empreendedor de si mesmo. Corpo docilizado que deve aprender a gerenciar a si mesmo nos mínimos detalhes de seu tempo. O indivíduo deve estar constantemente atento e vigilante a seus pensamentos, comportamentos e afetos, assim como em suas relações. Deve medir-se, limitar-se e construir seus desejos a partir da produtividade, da abundância, em suma, um instrumento do neoliberalismo.

5. Considerações Finais

Considerando o objetivo geral do presente trabalho, buscou-se apresentar aproximações entre o discurso meritocrático e a prática do *coaching*. Entende-se que a partir dos materiais selecionados fora possível delimitar de que modo uma instituição específica, a FEBRACIS, propõem um método de modelagem por meio de treinamentos voltados para a modificação do indivíduo. Dentre os objetivos específicos entende-se que ao abordar uma instituição a qual propõem um método com valores meritocráticos contribui-se com os estudos que abordam tal temática.

Assim, entende-se que ao ter abordado a “jornada do progresso humano”, contemplando as quatro etapas do desenvolvimento, fora possível esclarecer quais os discursos e práticas que são veiculados para modelagem do indivíduo de sucesso almejado. Neste sentido foi possível observar de que modo mecanismos disciplinares, principalmente por meio de práticas de exame, produzem um corpo docilizado, voltado para produtividade.

Ainda que o objetivo consistisse primordialmente em analisar uma instituição e seu discurso, dentre as contribuições do trabalho, pode-se observar que a FEBRACIS não ocupa a principal posição na construção das práticas e dos discursos disseminados. Em outras palavras, não é um grupo de indivíduos ou mesmo um conjunto de instituições que constroem as técnicas, escrevem os livros ou ministram os cursos oferecidos pela instituição, posto que quem ocupa esse papel, primordialmente, é Paulo Vieira. Por meio do método de desenvolvimento construído pelo *coach* e empresário foi possível observar qual indivíduo meritocrático é almejado na atualidade, quais as características e resultados são necessários para que o indivíduo seja considerado enquanto alguém de sucesso, o indivíduo produtivo.

Considera-se que a principal contribuição do presente trabalho tenha sido evidenciar o funcionamento de um método que vigia, controla, avalia, hierarquiza e corrige os corpos, padronizando-os a partir de uma norma que se volta para a produtividade. Produtividade esta

que ao encontro do indivíduo empreendedor de si mesmo, preconizado pelo neoliberalismo. Com isso, compreende-se a partir do aprofundamento no método CIS fora possível compreender de que modo são constituídas as técnicas e métodos disciplinares que exercem poderes sobre os indivíduos.

Dentre os limites da pesquisa, entende-se que o foco dado foi ao método e aos mecanismos que o atravessam; entretanto, compreende-se que o discurso acessado fora apenas veiculado pela instituição e por Paulo Vieira, não tendo sido analisados percepções desvinculadas destes. Isto se deu pois os materiais selecionados para análise impuseram tais limitações. Para que fosse possível analisar as outras percepções sobre o método CIS seria necessário ter acesso a informações, falas ou materiais que discorressem sobre este, mas que não tenham sido produzidos pela FEBRACIS ou por Paulo Vieira, pois, como pode ser observado, na maioria dos materiais constavam apenas os casos de sucesso, exemplos que elogiavam e vangloriavam a instituição, Vieira e/ou o método. Ressalta-se que os materiais analisados são públicos, de amplo acesso e fornecidos pela instituição, fatores relevantes para sua escolha, mas que também implicam limitações, como o acesso à diversidade de informações pontuadas.

No que tange à especificamente instituição e ao *coaching*, no presente trabalhou estudou-se apenas a FEBRACIS, mas como foi apresentado na seção sobre o tema, o fenômeno é amplo, havendo outras instituições, como o Instituto Brasileiro de *Coaching*⁷⁶ e a Sociedade Brasileira de *Coaching*⁷⁷. Ambas são empresas que oferecem produtos semelhantes ao da FEBRACIS. Como o processo de *coaching* envolve necessariamente um treinamento voltado para o aprimoramento de habilidades, compreende-se que outras instituições podem constituir-se a partir de técnicas e procedimentos disciplinares, logo, sendo mecanismos disciplinares. Considera-se que seria relevante pesquisar sobre a multiplicidade de instituições

76 Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/>. Acessado em: 22/09/21

77 Disponível em: <https://www.sbcoaching.com.br/>. Acessado em: 22/09/21

de *coaching* e de que modo as relações de poder agenciadas podem referir-se a mecanismos de segurança, seus dispositivos e a governamentalidade neoliberal.

6. Referências

- Allen, A. (2011). Michael Young's the rise of the meritocracy: a philosophical critique. *British Journal of Educational Studies*, 59(4), 367-382. Recuperado de: <https://www.jstor.org/stable/41427674?seq=1>
- Ayub, J.P. (2015). *Introdução à analítica do poder de Michel Foucault*. São Paulo: Editora Intermeios.
- Bachkirova, T., Cox, E. & Clutterbuck, D. (2010). Introduction. In T. Bachkirova, E. Cox & D, Clutterbuck (Org.), *The Complete Handbook of Coaching* (pp.1-20). London, UK: SAGE.
- Barbosa, L. (2003). *Igualdade e Meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas* (4ª ed). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Batista, K. & Cançado, V.L. (2017). Competências requeridas para a atuação em *coaching*: a percepção de profissionais *coaches* no Brasil. *REGE – Revista de Gestão*, 24(1), 24-34. Recuperado de: <http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/131522>
- Baudrillard, J. (1995). A lógica do consumo. In J. Baudrillard. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Becker, G.S. (1993). *Human Capital: A theoretical and empirical analysis with special reference to education*. USA, Chicago, Chicago Press. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226041223.001.0001>.
- Béhar, A.H. (2019). Meritocracia enquanto ferramenta da ideologia gerencialista na captura da subjetividade e individualização das relações de trabalho: uma reflexão crítica.

- Revista Organizações & Sociedade*, 26(89), 249-268. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/kMjf3rSYzdyZDzt9jnYt54C/abstract/?lang=pt>.
- Bell, D. (1972). On Meritocracy and Equality. *The Public Interest*, 29 (1), 29-68. Recuperado de: <https://eric.ed.gov/?id=EJ065658>
- Bernardo, M.H. & Pereira, M.S. (2017). O trabalho no contexto brasileiro atual e os desafios da Psicologia. In E.F. Raser, M.S. Pereira & D. Galindo (Org.). *Democracia participativa, Estado e Laicidade: Psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção* (pp.143-158). Porto Alegre: ABRAPSO Editora. Recuperado de: https://www.abrapso.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1175
- Bloodworth, J. (2017). *The Myth of Meritocracy: Why Working-Class Kids Still Get Working-Class Jobs*. Londres, RU: Biteback Publishing.
- Bourdieu, P. (2007). Condição de classe e posição de classe. In Pierre, B. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Bovens, M., & Wille, A. (2017). *Diploma democracy: The rise of political meritocracy*. Oxford, UK: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780198790631.003.0001>
- Carvalho, P.H.V. & Sargentini, V.M.O. (2014). Dispositivo, discurso e produção de subjetividades. In A.F. Júnior & K.M. de Sousa (Org.). *Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade* (pp. 23-34). Goiânia, GO: CEGRAF UFG.
- Celarent, B. (2009) The Rise of the Meritocracy: 1870–2033 by Michael Young. *American Journal of Sociology*, Chicago, 115 (1), 322-326. <https://doi.org/10.1086/605763>

- Cellard, A. (2012). A análise documental. In J. Poupart, J-P. Deslauriers, L-H. Groulx et al. (3^a ed.; A.C.A Nasser, Trad.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 295-316). Rio de Janeiro: Vozes.
- Dardot, P. & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- De Borba, E. (2017). *Sobre a Meritocracia: uma investigação*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Florianópolis. Florianópolis, Brasil.
- Eagleton, T. (1997). Ideologia: Uma introdução. *O que é ideologia?* (pp. 15-40). São Paulo: Unesp/Boitempo.
- Elias, N. (1994). A Sociedade dos Indivíduos (V. Ribeiro, Trad.). *A sociedade dos indivíduos* (pp. 11-59). Rio de Janeiro: Zahar.
- Fazenda, I.C.A. (2008). Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In I. Fazenda (Org.). *O que é interdisciplinaridade?* (pp.12-17). São Paulo: Cortez.
- Fernandes, C.A., Conti, M.A. & Marques, W. (2013). O título de um livro: um enunciado inscrito na história. In W. Marques, M.A. Conti & C.A. Fernandes (Org.). *Michel Foucault e o discurso: aportes teóricos e metodológicos* (pp. 7-20). Uberlândia, MG: EDUFU.
- Foucault, M. (1999a). *A ordem do discurso* (5^a ed.; L.F.A. Sampaio, Trad.). São Paulo: Loyola. Originalmente publicado em 1970.

Foucault, M. (1999b). *Em defesa da sociedade* (4ªed; M.E. Galvão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2002). *A verdade e as formas jurídicas* (3ª ed.; R.C.M. Machado & E.J. Moraes, Trad.). Rio de Janeiro: Editora NAU. Obra originalmente publicada em 1973.

Foucault, M. (2006). Poderes e estratégias. In 2ª.ed.; M.B. da Motta (Org.), *Estratégia, poder-saber* (pp. 241-252). Rio de Janeiro: Forense Universitária. Obra originalmente publicada em 1977.

Foucault, M. (2008a). *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France 1978-1979* (E. Brandão, Trad). São Paulo: Martins Fontes. Originalmente publicado em 1979.

Foucault, M. (2008b). *Segurança, território e população: curso dado no Collège de France 1977-1978* (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. Originalmente publicado em 1978.

Foucault, M. (2014). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (42ª ed.; R. Ramallete, Trad.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Foucault, M. (2019a). *Microfísica do poder*. (9ª.ed.; R. Machado, Org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1979)

Foucault, M. (2019b). *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (9ª ed.; M.T.C. Albuquerque & J.A.G. Albuquerque, Trad.). Rio de janeiro: Editora Paz e Terra.

Frank Besser Consultant. (2009). *Global Coaching Survey Report* (Relatório de Pesquisa/20089), Cologne, Alemanha, Frang Basser Consultant.

- Frank, R. H. (2016). *Success and Luck: Good Fortune and the Myth of Meritocracy*. Princeton, NJ: Princeton University Press. <https://doi.org/10.1515/9781400880270>
- Grant, A.M. (2005). What is Evidence-Based Executive, Workplace and Life *Coaching*?. In M. Cavanagh, A. Grant & T. Kemp. (Org.). *Evidence-Based Coaching: Theory, research and practice from the behavioural sciences* (pp. 1-12). Sidney, Austrália: Australian Academic Press.
- Giddens, A. (2003). Elementos da teoria da estruturação. In A, Giddens. *A constituição da sociedade* (pp. 1-40). São Paulo: Martins Fontes.
- Grant, A.M. & Cavanagh, M.J. (2004). Toward a profession of *coaching*: Sixty-five years of progress and challenges for the future. *International Journal of Evidence Based Coaching and Mentoring*, 2(1), 1-16. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/255667407_Toward_a_Profession_of_Coaching_Sixty-Five_Years_of_Progress_and_Challenges_for_the_Future
- Guilherme, C.A.S.A. (2018). A imprensa como partido político-ideológico: o caso do jornal O Estado de S. Paulo. *Revista Dimensões*, 40(1), 199-223. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/17905>.
- Guinier, L. (2015). *The tyranny of the meritocracy: democratizing higher education in America*. Boston, EUA: Beacon Press.
- Hall, S. (2006). A identidade em questão. In Stuart, H. (11ª). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hayes, C. L. (2012). *Twilight of the elites: America after meritocracy*. New York, NY: Crown Publishers.

Hobsbawm, E.J. (2016). *A era das revoluções* (36ª ed, M.T. Teixeira & M. Penchel, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

International Coaching Federation. (2012). *Global coaching study* (Relatório de Pesquisa/2012), EUA, International Coaching Federation. Recuperado de: <https://coachfederation.org/research/global-coaching-study>.

International Coaching Federation. (2016). *Global coaching study* (Relatório de Pesquisa/2016), EUA, International Coaching Federation. Recuperado de: <https://coachfederation.org/research/global-coaching-study>

Japiassu, H. (1976). Introdução. *Interdisciplinaridade e patologia do saber* (pp.29-35). Rio de Janeiro: Editora Imago.

Kant, E. (1990). Resposta à pergunta: o que é o iluminismo?. In Emmanuel, K. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70. Originalmente publicado em 1784.

Karawejczyk, T.C. & Cardoso, A.P. (2012). Atuação profissional em *coaching* e os desafios presentes e futuros nesta nova carreira. *Boletim Técnico Senac*, 38(1), 47-59. Recuperado de <http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/175>

Koury, M.G.P. (2013). Emoções e Sociedade: Um passeio na obra de Norbet Elias. *História: questões & debates*, 59(1), 79-98. Recuperado de: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/37034>

Kreimer, R. (2000). *Historia del mérito*. Recuperado de: https://www.academia.edu/3738487/Historia_del_m%C3%A9rito_libro

Leme, A.A. (2006). Estrutura e ação nas Ciências Sociais: um debate preliminar em Marx, Weber, Durkheim, Bourdieu, Giddens, Anselm Strauss e Norbert Elias. *Tempo da*

Ciência, 13 (25), 9-38. Recuperado de:
<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/1526>

Littler, J. (2018). *Against Meritocracy: Culture, Power and the myths of mobility*. New York, EUA: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315712802>

Liu, Y. (2016). *Higher Education in Asia: Quality, Excellence and Governance*. Singapura: Springer.

Loli, F. & Treff, M.A. (2018). O *coaching* de carreira como recurso facilitador da transição de carreira. *Recape: Revista de carreiras e pessoas*, 8(1), 41-60. Recuperado de:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/34980>

Maquiavel, N. (1996). *O Príncipe*. (15ª ed.; M.L. Cumo, Trad.). São Paulo: Paz e Terra. (Obra originalmente publicada em 1532)

McLean, P. (2012). *The completely revised Handbook of coaching: a developmental approach*. (2ªed). California, EUA: Jossey-Bass Publisher.

McNamee, S.J. & Miller Jr., R.K. (2014). *The Myth of Meritocracy*. (3ªed.). EUA: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.

Milanovic, B. (2020). *Capitalismo sem rivais: o futuro do sistema que domina o mundo*. (B. Ajzenberg, Trad.). São Paulo: Todavia. <https://doi.org/10.3917/dec.milan.2020.01>

Minasi, G., Vecci, G., & de Sá, L.M.B. (2013). O processo de meritocracia em Goiás: seleção de gerentes por capacitação e mérito. In *Resumos VI Congresso CONSAD de Gestão Pública* (p. 1-15). Brasília: CONSAD. Disponível em: <http://consad.org.br/wp-content/uploads/2013/05/120-O-PROCESSO-DE-MERITOCRACIA-EM-GOI>

[%C3%81S-SELE%C3%87%C3%83O-DE-GERENTES-POR-CAPACITA
%C3%87%C3%83O-E-M%C3%89RITO.pdf](#)

Nascimento, E.P. (1994). Hipóteses Sobre a Nova Exclusão Social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. *Caderno CRH*, 7(21), 29-47. Recuperado de: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18772>

O'Dwyer, G. & de Mattos, R.A. (2010). Teoria da estruturação de Giddens e os estudos de práticas avaliativas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 20 (2), 609-623. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/240973091_Teoria_da_Estruturacao_de_Giddens_e_os_estudos_de_praticas_avaliativas

Oliveira-Silva, L. C., Werneck-Leite, C. D. S. N., Carvalho, P. S. F., Anjos, A. C., & Brandão, H. I. M. (2018). Desvendando o *Coaching*: uma revisão sob a ótica da psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(2), 363-377. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000942017>

Ozelame, N.J.K. (2017). *Coaching: a importância de sua prática pelos líderes e seus resultados para uma empresa eficaz*. Trabalho de Conclusão em MBA em Gestão Financeira e Controladoria, Universidade La Salle, Canoas, Rio Grande do Sul. Recuperado de: http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/pos_graduacaomba_gestao_financeira_e_controladoria/2017/njkozelame.pdf.

Pastore, J. & Silva, N do V. (2001). Análise dos processos de mobilidade social no Brasil no último século. Resumo apresentado no XXV Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, Minas Gerais, 28p.

- Pereira, M.S. (2018). Os Processos de Precarização do Trabalho e seus Reflexos no Adoecimento de Trabalhadores Brasileiros: Um Estudo de Caso. *Gerais Revista Interinstitucional de Psicologia*, 11(2), 208-220. DOI: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019110203>
- Piovezani, C. & Curcino, L. (2014). Fazer, pensar, dizer e olhar: dispositivos de fala pública e de leitura da mídia. In A.F. Júnior & K.M. de Sousa (Org.). *Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade* (pp. 35-52). Goiânia, GO: CEGRAF UFG.
- Reis, F.P. (2014). Uma história do *coaching*. *Revista Científica Brasileira de Coaching*, 1(3), 23-30. Recuperado de: https://www.academia.edu/20837765/Uma_historia_do_coaching
- Ribeiro, C.A.C. (2000). Dois estudos de mobilidade social no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 15 (44), 178-184. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000300011>
- Rivera, L.A. (2015). *Pedigree: How Elite Students Get Elite Jobs*. Princeton, NJ: Princeton University Press. <https://doi.org/10.1515/9781400865895>
- Sadek, M.T. (1999). Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtú. In F. C. Weffort (Org.). *Os Clássicos da Política* (pp. 11-25). São Paulo: Editora Atica.
- Sandel, M.J. (2020). Grandioso porque é bom: uma breve história moral do mérito. In M.J. Sandel (B. Libanio, Trad.). *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* (pp. 49-86). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Satolo, V.P.X., Bernardo, C.H.C., Lourenzani, A.E.B.S. & Morales, A.G. (2019). Um panorama histórico-conceitual da pesquisa interdisciplinar: Uma análise a partir da

- pós-graduação da área interdisciplinar. *Educação em Revista*, 35(1), 1-25. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/01024698185294>
- Sawaia, B. (2001). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (2ªed.; B. Sawaia, Org.). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Scalon, M.C. (1999). Notas sobre esquemas de classe. In Celi, M.S. *Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências*. Rio de Janeiro: Revan.
- Smith, A. (1999). *Teoria dos Sentimentos Morais* (1723-1790). São Paulo: Martins Fontes.
- Soares, K.S. & Baczinski, A.V.M. (2018). A meritocracia na educação brasileira. *Revista Temas e Matizes*, 12 (22), 36-50. Recuperado de: <http://erevista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/download/20121/13052>
- Souza, L.K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005
- Spink, P., Ribeiro, M.A.T., Conejo, S.P. & Souza, E. (2014). Documentos de domínio público e a produção de informações. In M.J. Spink, J. Brigagão., V. Nascimento. & M. Cordeiro (Org.). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas* (pp. 207-228). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Taunay, T., Souza, P. & Vieira, P. (2014). Efeitos do método *coaching* integral sistêmico sobre qualidade e satisfação com a vida (Pesquisa da instituição FEBRACIS). Recuperado de: <https://febracis.com/material/pesquisa-efeitos-do-metodo-cis-sobre-qualidade-e-satisfacao-de-vida/>

- Thompson, J. B. (2011). Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa (9ª ed). *O conceito de ideologia* (pp. 71-99). Petrópolis: Vozes.
- Veiga-Neto, A. (2009). Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. *Cadernos de educação*, 34(1), 83-94. Recuperado de: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1635>
- Veras, M.P.B. (2001). Exclusão social – um problema brasileiro de 500 anos (notas preliminares). In B. Sawaia (2ª ed.; Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 27-50). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Vieira, P. (2015). *O poder da ação: faça sua vida ideal sair do papel*. São Paulo: Editora Gente.
- Vieira, P. (2016). *Fator de Enriquecimento*. São Paulo: Editora Gente.
- Vieira, P. (2017b). *Poder e Altar performance: O manual prático para reprogramar seus hábitos e promover mudanças profundas em sua vida*. São Paulo: Editora Gente.
- Vieira, P. (2017a). *O poder da autorresponsabilidade: a ferramenta comprovada que gera alta performance e resultados em pouco tempo*. São Paulo: Editora Gente.
- Vieira, P. (2017c). *Foco na prática: manual prático para uma vida extraordinária*. São Paulo: Editora Gente.
- Vieira, P. (2019). *Geração de riqueza: Uma metodologia simples e poderosa que vai enriquecê-lo e fazer você atingir seus objetivos*. São Paulo: Editora Gente.

- Vieira, P. & Souza de, M. (2018). *O poder da ação para crianças: Como aprender sobre autorresponsabilidade e preparar seus filhos para uma vida feliz e completa*. São Paulo: Editora Gente.
- Walker, I. (1995). The social psychological study of ideology. In M. Augoustinos & I. Walker (Org.). *Social cognition: an integrated introduction* (pp. 289-312). Londres: Sage Publications.
- Wanderley, M.B. (2001). Refletindo sobre a noção de exclusão. In B. Sawaia (2ª ed.; Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 16-26). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Weber, M. (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. (1ª.ed; J.M.M. de Macedo). São Paulo: Companhia das Letras.
- Young, M. (1958). *The Rise of Meritocracy 1870-2033: an essay on education and equality*. United Kingdom: Penguin Books.
- Young, M. (2001, 29 de junho). Down with meritocracy. *The Guardian*. Recuperado de: <https://www.theguardian.com/politics/2001/jun/29/comment>
- Zioni, F. (2006). Exclusão social: noção ou conceito?. *Saúde e Sociedade*, 15(3), 15-29. Recuperado de: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2006.v15n3/15-29/>

7. Apêndices

7.1 Apêndice 1

Quadros-auxiliares 1 – Estrutura das fontes

Legenda: Argumentos científicos - Azul ; Autorresponsabilidade – Vermelho; Tipo de indivíduo – Amarelo; Método CIS e suas ferramentas de modelagem - Verde ; Recursos discursivos e não discursivos para disseminação da FEBRACIS – Purpura; PV – Laranja; Religião – Cinza; Poder - Verde Limão

(A) Resumo da estrutura de capítulos do livro “O poder da ação”	
Prefácio	Escrito por Shinyashiki, apresenta o livro trazendo os principais aspectos que Viera aborda para construção de um homem de sucesso
Apresentação	Escrito pelo presidente da FCU (instituição do doutorado); Formação de Vieira; Apresentação dos capítulos
Introdução	Repete formação; depoimentos de pessoas que superaram adversidades na vida com o CIS; instruções e comunicação direto com o leitor sobre as transformações do livro
Cap. 1 – Acorde	Como fazer autoanálise/tomada de consciência (fichas caem); exercícios para apropriação do próprio discurso; abundância como estilo de vida (dinheiro, desempenho, corpo, casamento, trabalho, tudo); mediocridade como tudo aquilo que se opõe a abundância; retórica para o leitor questionar pontos específicos que devem ser mudados
Cap. 2 – Aja	Metáforas e PPS's (perguntas poderosas de sabedoria) sobre a zona de conforto (aquilo que impede a ação); negação dos problemas e a representação de si; casos para exemplificar e exercícios de categorização; exercícios de reprogramação para o sucesso (PPS's); tem poder quem age rápido, com metas e massivamente; qualquer um pode, difícil é pagar o preço da abdicação dos prazeres; argumentos bíblicos sobre dons e talentos e supostamente científicos (teste 5W 2H)
Cap. 3 – Autorresponsabilize-se	Reconhecimento de si enquanto responsável por tudo que compõe a sua vida, seja do passado, presente e futuro, assim como sentimentos, pensamentos e comportamentos; exercícios para apropriação da responsabilidade e alteração das crenças; perfil das pessoas de sucesso (autorresponsável), maturidade emocional (QI e QE) e argumentos científicos; sociedade de grandes indivíduos; comunicação com o leitor por meio de casos; associações bíblicas, deus lhe deu o livre-arbítrio; retórica de culpabilização e oferta de uma solução (o CIS) para o sucesso; as seis leis da autorresponsabilidade (novo padrão discursivo); repetição das técnicas, incorporação das ferramentas ao

	cotidiano; oportunidade se constrói; cuidado ao autorresponsabilizar os outros, mas faça; contrato de compromisso
Cap. 4 – Foque	Definição das metas e objetivos para eliminar os problemas a partir do foco; mudanças rápidas e intensas; exercício para identificar o que afasta o foco; conceito científico (Inteligência emocional) e o sucesso; prazeres, vícios e excessos são distrações; exercícios para identificação e eliminação dos prejuízos para o foco; foco deve ser usado na rotina de excelência, sucesso e produtividade; ferramenta agenda vida extraordinária; conceito de foco múltiplo (visionário, comportamental e consistente); estudos de caso; conceito inteligência foco-temporal (passado/presente/futuro e a reprogramação de crenças ruins); foco é poder; utilização dos conceitos de foco para apresentar três perfis de pessoas (ansiosas, depressiva e de sucesso); exercícios (PPS's) para pessoa aplicar os conceitos e teoria a sua vida; casos reais (exemplos dos resultados que focar no ruim traz e do focar no bom, regra 10/90)
Cap. 5 – Comunique-se	<p>Maior cap. do livro, muitos exercícios; dividido em duas partes, a saber: comunicação verbal e não verbal; reprogramação de crenças como estruturação de novas sinapses; conceito de linguagem; a perfeita linguagem (do amor e gratidão) /comunicação verbal; metáforas bíblicas associadas a conceitos científicos; palavras tem o poder de criar realidades (profecia autorrealizável); parece mágica mas não é, é ciência (física quântica); novo padrão linguísticos (identificar o que é ruim, parar de dizer e mudar pra um padrão ultrapositivo, corrigido e aperfeiçoado [sic]), exercícios repetitivos (exemplos de padrões p/ corrigir, identificação, associação com prejuízos, alteração com nova escrita); exercício com punição; conceito de estilo linguístico, gratidão, amor e argumentos científicos; defeitos que inibem a perfeita linguagem; não se pode só falar, tem que de haver afeto (impacto) sempre envolvidos para as técnicas funcionarem; exercícios para identificar seus inibidores e alterar para linguagem de amor e gratidão; fundamentos e exemplos da perfeita linguagem (conteúdo + afeto) deve gerar pertencimento, importância, significado e distinção; tabela linguagem x pessoas da vida; comunicação de luz e trevas; quando o amor não funciona, usar autorresponsabilidade; argumento científico para avaliar matematicamente os resultados de qualquer relacionamento;</p> <p>Comunicação não verbal (comportamentos, roupas, voz, expressão) como tudo que não é verbal; discurso da neurociência, produção hormonal e os comportamentos; exercícios para identificação de posturas, expressões faciais, associações a psicopatologias e correções com ferramentas (colete corretor); vícios emocionais, moléculas de emoção (MDE's); exercícios de identificação dos seus vícios; CIS como solução pra reprogramação mental de tais vícios (resolve o vício em drogas e a depressão; seis padrões comportamentais que liberam boas MDE e alteram os vícios (poder, vitória, felicidade, alegria e entusiasmo, paz e amor); como práticas os padrões: necessidade, intensidade e repetição (repetição, afeto e rotinização); estresse inibe um bom desenvolvimento</p>
Cap. 6 – Questione	Questionar as suas verdades; mente humana como um HD que absorve coisas por osmose; tem que saber fazer boas perguntas (aquelas que apresentam seus valores e propósitos); perguntas tem poder, principalmente as PPS's; três

	tipos de pessoas, os questionadores, os +- e os que não questionam (perspectiva linear, de pirâmide); qualificar as perguntas é avaliar as informações que chegam do outro, contextualizar a fala a partir dos objetivos e necessidades; a verdade está na ciência; exemplos de perguntas são voltados para produtividade, alcance de objetivos e metas; super-humanos (grandes indivíduos, de sucesso) usam PPS's, como Mandela, Ganghi, Einsteins; perguntas devem ser para o futuro, para questionar o presente e para solucioná-lo; autocoaching
Cap. 7 – Creia	Conceito de crença (circuito neural), reprogramação graças a sinapses e plasticidade neural; objetivo do CIS é produzir fortes estímulos emocionais e cognitivos para reprogramação, aprendizagem de novas crenças; conceitos são associados a esperança e liberdade; ser rico e ser pobre é algo que se aprende; o CIS resolve os problemas, e depressa; a fixação está na repetição; funciona porque o nosso cérebro entende que “real = imaginado”; crenças devem mexer com a percepção de si, existem três (merecimento, capacidade e identidade) que são associados a tipos de comportamento (ter, fazer, ser); exercícios para identificação; homofilia (relação entre pessoas que se parecem); reprogramação de crenças (traumas) infantis, identificação de doenças física, emocionais, comportamentais e sociais a partir do teste ACE; associação entre traumas e problemas na vida adulta
Mensagem Final	Resumo do que foi apresentado resgatando alguns conceitos e afirmando que agora o processo de mudança para o desenvolvimento começou; comunica-se com entusiasmo característico
Referências	Não são referenciados todas as citações do texto

(B) Resumo da estrutura de capítulos do livro “O poder da autorresponsabilidade”	
Introdução	Justifica-se que o motivo para ler o livro se encontra na importância da inteligência Emocional (IE) para ser feliz e ter aptidões; não se tem IE sem autorresponsabilidade, que também traz abundância; poder está dentro de você; a jornada da vida deve ser direcionada para direção certa;
Cap. 1 – Como tudo começou	História de trajetória pessoal de sucesso do PV; cita encontro com livro do Shinyashiki; mito de Sisífo (castigo e punição pra quem não “paga o preço” do esforço e trabalho duro; mas o que o PV diz é que o mito o acordou, porque ele percebeu que se importava mais com o esforço do que com as conquistas (faltava foco), foi um recado de Deus; descreve como se impactou, começou a mudar, estudou, adquiriu autorresponsabilidade e em um curto espaço de tempo mudou toda a sua vida, virando um indivíduo de sucesso; repete citação do poder da ação sobre plasticidade neural; neurociência ajudou a mudar sua vida; o CIS é apenas o PV cumprindo seu destino de vida; no CIS há um caminho e tecnologias para reprogramação de crenças
Cap. 2 – Identificando seu	Objetivo da vida são suas conquistas; trajetória tem que ser prazerosa; há a necessidade de consciência,

estado atual	identificação do estado atual de sua vida; PPS's para identificar; essência humana é criada por Deus, somos predestinados a abundância, se você não tem isso, falta Deus e mais esforços; você tem que desenvolver seus potenciais para ser mais competitivo, vitorioso e feliz, fazer valer o livre-arbítrio dado por Deus; PPS's para identificar o que você é, o que tem e o que faz para alterá-las em padrões de futuro, das metas, sonhos e objetivos; avaliar (dando uma nota a partir de modelo) sua competência emocional e social (antes e depois) e elencar seus prejuízos
Cap. 3 – O caminho universal do progresso humano	Descarta trajetória socioeconômica, cultural e histórica para afirmar que existe apenas um caminho pro progresso, que se dá em 4 etapas; 1º é a consciência, compreensão e interpretação individual do mundo, parte de conexão com Deus e se subdivide em plena, relativa e disfuncional; PPS's para identificação do seu nível de consciência e associação dos três níveis a comportamentos produtivos, improdutivos e prejudiciais; CIS traz a consciência e as dores necessárias para “cair as fichas”; impeditivos para ativação de consciência são associados ao “mau caratismo” (adultério, vícios e afins); 2º autorresponsabilidade é compreendida como livre-arbítrio ou a responsabilidade individual por tudo que acontece em sua vida; PPS's de autorresponsabilidade e; 3º Visão positiva de futuro; métodos clássicos de desenvolvimento (não cita o que são) são subjetivos demais, agora o que vale é a neurociência; pensamento não é subjetivo, é só um dialogo interno que precisa ser utilizado para reprogramação de crenças e mudança comportamental, por isso tem-se que ter uma visão positiva de futuro; 4º ferramentas poderosas de progresso é um mindset que vai te trazer uma visão positiva de futuro, o coaching é uma delas, mas insuficiente, por isso o PV criou o CIS; As armadilhas que dificultam as mudanças são a zona de conforto, arrogância, vaidade e busca de atalhos
Cap. 4 - Autorresponsabilidade	Tudo é mérito individual (ônus e bônus); PPS's para autorresponsabilizar; se autorresponsabilizar traz liberdade para mudar seu futuro; pessoas de sucesso usam sua estrutura mental para ter os melhores pensamentos e comportamentos; pessoas de sucesso assumem seus resultados; gera desenvolvimento de maturidade emocional; PPS's para sonhar sobre desejos; história real de autorresponsabilidade (do Mandela); não se deve achar culpados; pessoas de sucesso usam os dois lados do cérebro (QI + QE); pessoas de sucesso são sempre positivos e motivos, não importa o que esteja acontecendo; exemplos de casos reais (traz 1 caso, fecha o capítulo e continua no próximo com o caso 2)
Cap. 5 – Usando metáforas para mudar a si mesmo	Falar que não existem oportunidades é falta de autorresponsabilidade; caso 2 (método cis resolve os problemas que impediam a autorresponsabilidade); caso 3; pressupostos da reprogramação neurolinguística (se alguém pode, eu também / todos temos os recursos para mudar)
Cap. 6 – As seis leis para conquista da autorresponsabilidade	1ª não critique, fique calado (os padrões de linguagem tem que ser positivos e o foco no acerto); 2ª não reclame, dê sugestão (metáfora bíblica / quem reclama está fugindo da autorresponsabilidade e não focando nas soluções); 3ª não culpe, busque solução (culpar evita a autorresponsabilidade e a mudança, vitoriosos criam as soluções e

	oportunidades); 4ª não seja vítima, seja vencedor (vítimas querem atenção e amor e repetem comportamentos infantis); 5ª não justifique erros, aprenda com eles (errar faz parte da aprendizagem, logo, são resultados, utilizados pro progresso por pessoas de sucesso); 6ª só julgue as atitudes e comportamentos das pessoas (julgar a atitude do momento e não usa isso pra desmoralizar a pessoa), traz analogia da bíblia
Cap. 7 – Como usar as leis da autorresponsabilidade	Deve-se começar a optar pelo o que faz bem, fazer uso do racional, ter disciplina e esforço para mudar hábitos; a repetição é primordial, as leis devem estar coladas em lugares de fácil acesso para serem lidas todos os dias; analogia sem muitas explicitações para justificar a responsabilização e a não usar o outro imaginário como desculpa pros seus erros
Cap. 8 – Ah, se eu tivesse oportunidade	Falta de oportunidade não pode ser usado como justificativa para o insucesso, isso é falta de autorresponsabilidade; pessoas de sucesso plantam oportunidades; o livro vai te ajudar a ver as oportunidades (resultados) brotarem a partir do gerenciamento de pensamentos, comportamentos e atitudes; não é que as oportunidades não existem, as pessoas é que estão cegas por causa de suas crenças limitantes;
Cap. 9 – Mudando minha existência sem mudar as pessoas	Se você mudar a si mesmo (for autorresponsável) não precisa se preocupar em mudar o outro e nem deve preocupar-se com isso (é infrutífero e improdutivo), porque a partir da mudança de si mesmo seu entorno também se alterará
Mensagem final – confrontando a si e aos outros com a verdade	Jesus (grande inspiração de Vieira) confrontava os outros com a verdade, era genuíno e não presenciava uma mentira sem se manifestar. O mesmo vale para os autorresponsáveis, que devem ser alegres e não temer a verdade. Afirma que não somos Jesus e temos que tomar cuidado com a confrontação, resgatando as seis leis da autorresponsabilidade
Exercício final	É o mesmo contrato que aparece no poder da ação, você deve colocar seu nome e declarar para todos os fins que seus sucessos e felicidade dependem só de você, acrescentando uma cópia das seis leis; parabeniza o leitor por ter começado sua mudança. Obs: o livro não possui referências, nem notas de rodapé referenciando as citações

(C) Resumo da estrutura do website (abas/conteúdos)

Datas de acesso: 04, 05 e 06 de Junho de 2021

Home - <https://FEBRACIS.com/>

- anúncio publicitário da venda de uma nova ferramenta (caderno de capa preta) para escrever suas metas e objetivos;
- apresentação de números e palavras que engrandecem a instituição como de sucesso. Ex: maior instituição de coaching do mundo, mais de 30 mil coaches formados e afins;
- caixa para cadastrar seus dados e receber informações;
- apresentação de breve calendário dos próximos cursos;
- apresentação do PV como o maior coaching do Brasil;
- certificações green e Golden belt para formação em coaching (saiba mais direciona para respectiva aba);
- presença em 3 continentes;
- publicidade do método CIS a qual direciona para outro site específico do método;
- destaques de notícias FEBRACIS;
- topo da página tem botões para acessar as abas: home, quem somos, cursos, agenda, blog, loja virtual e dúvidas
- final da página tem telefones de contato, CNPJ, horários de atendimento e links para redes sociais e direcionamento para outros links de acesso que se encontram em 4 colunas (cada uma com suas respectivas divisões): Sobre a FEBRACIS; Nossos Cursos; Material Gratuito; Outros. Cada um se segmenta da seguinte forma:
 - Sobre a FEBRACIS: Instituto Paulo Vieira; Quem é Paulo Vieira?; Nossa Equipe; Depoimentos; Encontre seu Coach; Trabalhe conosco; Referências científicas
 - Nossos Cursos: Agenda de Cursos; Método CIS; Historia de Gigantes; Curso de Coaching; Green Belt e Golden Belt; Monitoria
 - Material Gratuito: Materiais Ricos; Artigos; Podcast;

	<p>O que é Coaching?; O que é Coach? O Guia Definitivo</p> <p>- Outros: Unidades FEBRACIS; Loja Virtual; Centro de Coaching; Seja um Franqueado; Sistema de Coaching; Autenticidade de Certificados</p>
<p>Quem somos - https://FEBRACIS.com/sobre/</p>	<p>- vídeo institucional de 2020; texto de apresentação “mudando vidas a partir do CIS” (contém informações quantitativas sobre a instituição, quantas pessoas impactou, quantos coaches formou, em quantas cidades está e sobre o PV e sobre o CIS); apresentação dos valores e missão da instituição; seção “resultados em números”</p>
<p>Cursos - https://FEBRACIS.com/cursos/</p>	<p>- cursos: Advanced executive coaching; Business evolution; Business high performance; Business high performance com Paulo Vieira; CIS evolution; Coaching individual; Coaching para metas; Como prosperar em qualquer carreira e negócio; Como prosperar no mercado de coaching; Como vender tudo com marketing digital; Criação de riqueza; Decifre e influencie pessoas; Foco na prática; Formação de oradores e palestrantes; Formação para oradores e palestrantes com Paulo Vieira; Formação em coaching de carreira; Formação em coaching integral sistêmico; Formação em gestão de perfil comportamental CIS assessment; Geração de riqueza; Green e golden belt; Independência financeira; Intercoaching; Jeito de viver família; Jogos empresariais; Master coaching integral sistêmico; Método CIS; Mindfulness; Money evolution; O poder da ação com Paulo Vieira; O poder da ação para coaches; O poder da autorresponsabilidade; Power business</p> <p>- cada curso tem um botão “saiba mais” que direciona para respectivas páginas, as quais contém descrições, carga horária, benefícios, especificidades agregadas a formação dos coaches, diferenciais do curso, objetivos e perguntas</p>

	frequentes.
Loja Virtual - https://www.lojaFEBRACIS.com.br/?utm_source=Febracis.com	- plataforma específica para a venda dos produtos FEBRACIS; são vendidos livros, acessórios, roupas, produtos de casa e escritório e cursos apenas online
Blog - https://FEBRACIS.com/blog/	- a aba “artigos” no menu da parte inferior direciona para página blog - são artigos gerais sobre as temáticas abordadas pela FEBRACIS; as vezes possuem vídeos e uma versão em áudio da matéria (acessível apenas mediante inscrição com e-mail); possuem também vínculo com os posts das redes sociais - na página inicial há 12 artigos, no total são cerca de 310 artigos, mas, ao tentar acessar as páginas o site não funcionou (tentei em dois navegadores diferentes)
Dúvidas? - https://FEBRACIS.zendesk.com/hc/pt-br	- aba com botões que respondem perguntas sobre aspectos financeiros, pedagógicos, plataformas online, cursos online, cursos e a loja online
Solicitação de atendimento	- abre-se um formulário para preenchimento de dados pessoais, curso de interesse, unidade mais próxima e necessidade (aquilo que a pessoa busca)
Referências Científicas - https://metodocis.com/referencia-cientifica/	- é a pesquisa que eu usei na seção FEBRACIS da dissertação (eles que fizeram, não tem vínculo com revistas, instituições nem nada), não existem tantos detalhes descritivos e não foi publicada em lugar algum, é uma pesquisa sem avaliação dos pares e sem possibilidade de verificação dos dados trazidos
Agenda de cursos - https://FEBRACIS.com/eventos/	- a aba possui duas formas de acesso diferentes. Uma no menu superior, simplesmente como “Agenda” e outra na parte inferior, como “Agenda de cursos” - os cursos se alteram com o tempo, no momento o ofertado é “Formação de oradores e palestrantes”, serão 39 cursos, ministrados em cidades diferentes, em um mesmo dia (04/08) - cada curso possui um acesso de link para “saiba mais” no qual cada uma informa o telefone de contato de cada cidade

	<p>para ter mais informações do curso e vários botões para solicitar atendimento;</p> <ul style="list-style-type: none"> - há uma descrição breve do curso informando que o Paulo Vieira irá mostrar técnicas e ferramentas (então acho que é ele que dá o curso) e ocorrerá ao vivo e online; - é informado ainda os diferenciais do curso, o que será visto, objetivos, carga horária (3 dias, 33h), o que será ensinado, ferramentas e metodologia; - tem um vídeo sobre inteligência emocional em que ele fala o que é abordado principalmente nos cap. 5 e 7 do poder da ação (no vídeo faz exercícios guiados)
Método CIS - https://metodocis.com/	<ul style="list-style-type: none"> - direciona para outra plataforma, específica do curso do CIS; - nela constam as datas do próximo curso (Junho/2021); o site tem informações diversas sobre o curso (mas não o preço), descrição do Paulo Vieira e vários depoimentos (de pessoas famosas também)
Histórias de Gigantes - https://FEBRACIS.com/historias-de-gigantes/	<ul style="list-style-type: none"> - aba interativa onde você pode escolher assistir vídeos de histórias das experiências de indivíduos que fizeram os cursos da FEBRACIS; - os vídeos podem ser escolhidos a partir de temáticas como financeiro, carreira e negócios, emocional, relacionamentos e saúde; - tem ainda vídeos com depoimentos categorizados a partir de cursos específicos, como o método CIS, formação em coaching integral sistêmico, golden e green belt e eu vou te decifrar - +- 50 vídeos - há uma caixa para que você entre em contato caso queira compartilhar sua história também
Curso de coaching - https://FEBRACIS.com/curso/curso-de-coaching/	<ul style="list-style-type: none"> - descrição do curso formação em coaching, como apresentado ao final da descrição acima das “agendas do curso”, acrescida de 6 depoimentos

<p>Green e Golden Belt - https://FEBRACIS.com/curso/green-belt-e-golden-belt/</p>	<ul style="list-style-type: none"> - vídeo de apresentação do Green e Golden Belt – imagens da festa de gala de formação, do JEEP que é presenteado ao final, do PV e sua esposa posando pra foto, dos troféus e canudos de formação; info maior formação de coaching; imersão no CIS; infos sobre horas de certificação; imagens de todos comemorando felizes e música emocionante - apresentação de todos os cursos do que compõem a formação com respectivas abas “saiba mais” - cursos Green Belt: Método CIS; Formação em Coaching integral sistêmico; Business High Performance; Formação de oradores e plestrantes; Independência financeira; Criação de Riqueza; CIS Assesment; - cursos Golden Belt: os do green belt + Advanced Executive Coaching; Master Coaching Integral Sistêmico; Mindfulness
<p>Monitoria - https://FEBRACIS.com/monitoria-FEBRACIS/</p>	<ul style="list-style-type: none"> - aba em que as pessoas podem se inscrever para ser monitor voluntariamente nos eventos da FEBRACIS - formulário breve com questões sobre localidade, cursos FEBRACIS que já fez, dados pessoais e mensagem
<p>Materiais Gratuitos - https://FEBRACIS.com/materiais/</p>	<ul style="list-style-type: none"> - aba em que se encontram as ferramentas citadas nos livros, a pesquisa anteriormente mencionada na aba “referências científicas”, e-books, guias e testes - as temáticas são sobre relações, emoções, gestão empresarial e gestão de si, liderança, foco, sucesso, vícios emocionais, inteligência emocional
<p>Podcast - https://soundcloud.com/FEBRACIScast</p>	<ul style="list-style-type: none"> - direciona para outra plataforma com diversas playlist sobre as diversas temáticas abordadas pela FEBRACIS
<p>O que é coaching? - https://FEBRACIS.com/o-que-e-coaching/</p>	<ul style="list-style-type: none"> - aba com conteúdo sobre o processo que o coaching propõe, aborda: origem; coaching pessoal; coaching profissional; coaching integral sistêmico; definições de coaching; razões para se fazer a formação; como funcionam as sessões; cuidados ao procurar um coaching; diferença entre coaching e mentoring; coaching não é autoajuda; benefícios do

	<p>coaching; benefícios profissionais; onde pode se qualificar para ser coaching</p> <p>- ao final da página há um formulário para ser preenchido se a pessoa quiser mais informações sobre cursos</p>
<p>O que é o coach? O guia definitivo - https://FEBRACIS.com/o-guia-completo-sobre-o-que-e-coach/</p>	<p>- aba com conteúdo sobre o profissional coach, contém: O que significa coach?; Diferença de coach e coachee; Definições de Coaching?; O que faz um coach?; Como se tornar um coach?; Nichos de atuação do coach; Requisitos para ser um coach</p> <p>- ao final da página há um formulário para se inscrever no curso formação em coaching</p>
<p>Unidades - https://FEBRACIS.com/unidades/</p>	<p>- Aracaju (SE); Belém (PA); Belo Horizonte (MG); Blumenau (SC); Boston (MA); Brasília (DF); Campo Grande (MS); Campinas (SP); Campina Grande (PB); Curitiba (PR); Chapecó (SC); Caruaru (PE); Foz do Iguaçu (PR); Florianópolis (SC); Fortaleza (CE); Juiz de Fora (MG); Goiânia (GO); Joinville (SC); Maceió (AL); Luanda (AO); Lisboa (PT); Mossoró (RN); Manaus (AM); Maringá (PR); Orlando (FL); Natal (RN); Niterói (RJ); Porto Velho (RO); Palmas (TO); Porto Alegre (RS); Rio de Janeiro (RJ); Recife (PE); São José dos Campos (SP); Ribeirão Preto (SP); Salvador (BA); Teresina (PI); Santo André (SP); São Luís (MA); São Paulo (SP); Uberlândia (MG); Vitória (ES)</p> <p>- cada unidade possui uma aba específica que contém informações sobre a unidade, fotos, telefone, endereço e link para o maps; não há uma uniformização dos textos das unidades, algumas não possuem texto (como Aracaju)</p>
<p>Centro de coaching - https://FEBRACIS.com/centro-de-coaching-FEBRACIS/</p>	<p>- aba em que é apresentado a estrutura e suporte das unidades FEBRACIS, sendo estes: salas de treinamento equipadas; salas para sessões de coaching; café; livraria</p> <p>- há uma galeria de fotos e um botão para conhecer os cursos</p>
<p>Seja um franqueado - https://FEBRACIS.com/seja-um-franqueado/</p>	<p>- aba em que a FEBRACIS é apresentada como uma</p>

	<p>franquia, um investimento</p> <ul style="list-style-type: none"> - trazem informações de artigos como da revista Fortune para argumentar sobre a posição da empresa no mercado - explicam “o negócio” que consiste na apresentação dos cursos: o método CIS; formação em coaching integral sistêmico; master coaching integral sistêmico; team coaching life and business - explicitam a estrutura do negócio (descrição das unidades) - apresentam as vantagens e requisitos (um deles é ter feito o golden belt) - há 2 depoimentos (diretores de Brasília e Curitiba) - no final da página tem um formulário com um pré-cadastro
Sistema de coaching - https://www.scisapp.com/	- portal específico com o software para o desenvolvimento do trabalho dos coaches e coachees integrais sistêmicos
<p>Autenticidade dos certificados -</p> <p>http://apps.FEBRACIS.com.br/Corpore.Net/Source/Rpt-GeradorRelatoriosNet/RM.Rpt.Reports/Anonymous/RptFindReportByGuid.aspx</p>	- direciona para uma plataforma da TOTVS para emissão de certificados

7.2 Apêndice 2

Quadro-auxiliar 2 – Recortes das três fontes quanto a técnicas, ferramentas e aspectos teórico-conceituais

Aspectos/ Fontes	Livro “O poder da ação”	Livro “O poder da autorresponsabilidade”	Website
Técnicas	<ul style="list-style-type: none"> - método CIS - autoanálise - autorresponsabilidade - metáforas e analogias - identificação de problemas, prejuízos, falta de produtividade, vícios e afins - exemplificação para execução dos exercícios, de modos corretos de pensar, agir e sentir - estímulo do sonhar - apresentação de histórias de indivíduos de sucesso (casos reais) - apresentação de histórias problemáticas (casos reais) - as seis leis da autorresponsabilidade - gerenciamento de si - repetição massiva de frases dos exercícios, do termo de compromisso, das leis e etc - reprogramação de crenças, hábitos e comportamentos - modelagem humana - foco - foco Múltiplo (visionário, comportamental e consistente) 	<ul style="list-style-type: none"> - metáforas e mitos - descrição de PV da sua história de sucesso - autoanálise - método CIS - momentos de reflexão* - páginas do livro exclusivas para destaque de texto - questões reflexivas (sem espaço para resposta) - imagens descritivas da jornada do progresso humano e das etapas da consciência - figura representativa dos estímulos negativos dos três níveis de consciência - estímulo ao sonhar e desejar - apresentações de histórias problemas e histórias de sucesso - aceitação da dor - questões para ativação da consciência - autorresponsabilização do indivíduo - argumentação científica 	<ul style="list-style-type: none"> - apresentação de vídeos promocionais dos cursos, da instituição, do método CIS com efeitos sonoros, visuais e de roteiro que visam o impacto afetivo* - apresentação de vídeos dos depoimentos de pessoas que fizeram o(s) cursos da FEBRACIS - apresentação de informações quantitativas sobre a instituição (pessoas impactadas, unidades, coaches formados, etc) - uso da imagem do Paulo Vieira (suas qualificações técnicas como coaching e formação) e sua família - seção "resultado em números", da aba quem somos* - apresentações detalhadas dos cursos pelos botões "saiba mais" contemplando uma diversidade de informações - acesso facilitado para redes sociais garantindo a disseminação de informações em diversos veículos* - disponibilidade de acesso geográfico as unidades* - franqueamento da empresa FEBRACIS

	<ul style="list-style-type: none"> - regulação e organização do tempo - definição de metas e objetivos - identificar e cessar padrões linguísticos negativos - substituição para um padrão ultrapositivo e aperfeiçoado - produção de afetos intensos - comunicação da perfeita linguagem: gerar afetos de pertencimentos, importância, significado e distinção - experiência da caneta na boca para apresentar as alterações faciais - articulação entre discurso neurocientífico (hormônios) e as posições corporais: argumenta sobre o que as posturas combatem - repetição (exercício) dos novos padrões: necessidade (incluir no dia a dia); repetição com intensidade emocional - aprimoramento das perguntas feitas - ponderação do que as outras pessoas falam - exemplos de casos reais em que houve o desenvolvimento de pessoas questionadoras - descrição das etapas do autocoaching - rememoração de impactos emocionais; causar estímulos sensoriais (auditivos, visual e sinestésico) - tabela da relação entre crenças de merecimento, identidade, capacidade e o comportamento associado 	<ul style="list-style-type: none"> - reprogramação de crenças - citações de outros autores ao final dos capítulos (estilo epígrafes) * - autocitação do PV - repetição - histórias de pessoas de sucesso - desqualificação de outras áreas de saber* - questionamentos para autorresponsabilizar o indivíduo - seis leis da autorresponsabilidade - modelos de falas que impedem a autorresponsabilização - utilização de textos de terceiros como metáfora* 	
--	--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> - identificação dos traumas infantis - gráficos que associam traumas infantis ao tabagismo, depressão crônica, comportamentos sexuais de adolescentes e desempenho no trabalho - sessões de coaching individuais 		
Ferramentas	<ul style="list-style-type: none"> - perguntas Poderosas de Sabedoria (PPS's) - questionário de categorização das historinhas (estruturas linguísticas) - plano de ação convencional 5W2H - reescrita das historinhas (PPSs + categorização) - reescrita de ações antigas - reescrita do que não se responsabilizou - escrita dos desejos (sonhos), responsabilidades, objetivos - escrita de aspectos problemáticos, prejuízos, erros e afins - impressão (dos exercícios, das leis, dos termos de compromisso) - termo de compromisso - tabela de avaliação (por nota) dos fatores de distração (que tiram o foco) - tabela de identificação dos pilares da vida - agenda da vida extraordinária - planejamento (projeto) das metas e objetivos em curto, médio e longo prazo; escrever, falar e agir na direção da meta; refletir, ouvir, assistir e ler sobre a meta; imaginar constantemente a realização das 	<ul style="list-style-type: none"> - método CIS - escrita da autoanálise dos seguintes campos da vida no momento atual: familiar, profissional, saúde, social, financeiro e emocional - escrita da autoanálise do que se tem (bens), é e faz - avaliação (por nota) e identificação das competências emocionais e sociais a partir de modelo fornecido - escrita e reprodução da nota dos prejuízos trazidos pelas falhas em competência emocional e social - coaching - escrita das armadilhas que impedem o progresso, a área que se relaciona, o comportamento negativo e a ação positiva para modificá-la - escrita do conceito de autorresponsabilidade a partir da adaptação de modelo - escrita da visão extraordinária de futuro 	<ul style="list-style-type: none"> - vídeos - e-books - podcasts - produtos e materiais - livros impressos - caixas de cadastro dos indivíduos para maiores informações sobre os cursos, livros, para contar sua história - calendário dos cursos - plataforma para inscrição nos cursos - plataforma para trabalhar na FEBRACIS - site e software de coaching integral sistêmico - certificações de coaching e certificados - cursos em si são ferramentas* - loja virtual para que as pessoas tenham acesso facilitado aos produtos FEBRACIS* - vídeos de casos reais que apresentam os resultados dos cursos, livros e método - vídeo de apresentação da festa de formatura do green e golden belt* - inscrição de monitores voluntários* - disponibilização de materiais gratuitos e ferramentas dos livros - centros de coaching FEBRACIS

	<p>metas; repetir tais ações até a meta dar certo</p> <ul style="list-style-type: none"> - tabela de qualificação da inteligência foco-temporal - lista modelo de padrões linguísticos negativos - escrita dos padrões linguísticos negativos do indivíduo - reescrita dos padrões negativos e escrita dos seus prejuízos - modelo de reescrita dos padrões negativos para ultrapositivos - reescrita ultrapositiva dos padrões negativos individuais - repetição verbal dos padrões linguísticos negativos seguidos por punição com elástico no pulso - reescrita repetitiva do padrão linguístico negativo - tabela modelo dos estilos de gratidão e não gratidão - lista de frases para avaliação (por nota) da gratidão - lista de frases para avaliação (por nota) dos impeditivos para gratidão - listagem do que se é grato por - tabela de avaliação (nota) da comunicação com pessoas próximas - tabela para avaliação de comunicação entre luz ou trevas - Escrita dos afetos que surgem a partir do modelo de posturas corporais 	<ul style="list-style-type: none"> - descrições de casos reais - metáforas como ferramenta para mudar a si - termo de compromisso 	
--	--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> - lista para avaliação (nota) de vícios emocionais - escrita para identificação de 5 vícios e seus respectivos 3 prejuízos - apresentação imagética de modelos de padrões comportamentais de: poder, vitória, paz, alegria/entusiasmo e amor - descrição de modos de contato físico para comunicar determinados afetos - lista de questões modelo para qualificar a fala de outrem - lista de modelos para questões de acordo com a hierarquia entre super questionadores, bons questionadores, mal questionadores, não questionadores - escrita das verdades de si a serem questionadas* - escrita de 10 questões a partir de um questionamento geral - questão de evento impactante com data específica - questões para identificação das crenças de merecimento, capacidade, identidade - teste ACE - sessões de coaching individuais - livros 		
Aspectos teórico-conceituais	<ul style="list-style-type: none"> - método CIS - autoanálise (com PPS's) - PPS's - metas e objetivos (sonhos e desejos) - desempenho - sucesso 	<ul style="list-style-type: none"> - inteligência emocional - aptidões emocionais - autorresponsabilidade - poder como algo do indivíduo - autossabotagem - crenças 	<ul style="list-style-type: none"> - presentes nos artigos: inteligência emocional; coaching online; coaching; riqueza; autoanálise; gratidão; resultados - presentes no vídeo institucional da aba "quem somos": vida extraordinária (abundante); coaching integral sistêmico;

	<ul style="list-style-type: none"> - crença - crenças limitantes - reprogramação de crenças - modelagem humana - super-humano (indivíduo de sucesso) - autorresponsabilidade - poder (na ação, na pessoa, no pensamento, no comportamento) - autoimagem - estilo de vida abundante (extraordinária) - oportunidades (possibilidades) - representação Metafórica Interna - zona de conforto - historinhas (estruturas linguísticas) - história (narrativas verdadeiras e autorresponsáveis) - todo humano é igual e divinamente criado - dons e talentos - sorte - consciente/inconsciente - maturidade emocional - quociente de inteligência (QI) e quociente emocional (QE) - as seis leis da autorresponsabilidade - resultado (erros, aprendizagem) - foco - inteligência Emocional - rotina de excelência - foco Múltiplo (visionário, comportamental e consistente) - inteligência foco-temporal 	<ul style="list-style-type: none"> - programações mentais - plasticidade neural - método CIS - metas e objetivos - essência humana é divina - livre-arbítrio é fornecido por Deus - competência emocional e social - consciência (plena, relativa e disfuncional) - visão positiva de futuro - ferramentas poderosas de progresso - jornada do progresso humano - estímulos traumáticos - produtividade e eficiência - mudanças rápidas - outras técnicas de desenvolvimento humano são subjetivas demais - reprogramação de crenças - programação mental (mindset) - sucesso - zona de conforto - armadilhas que impedem a jornada do progresso humano - consciência / inconsciência - pessoas de sucesso - resultados (erros) - maturidade emocional - quociente de inteligência (QI) e quociente emocional (QE) - oportunidade 	<ul style="list-style-type: none"> autorresponsabilidade; método CIS; sessão de coaching; desenvolvimento humano; alta performance - valores e missão da FEBRACIS - aba agenda: inteligência emocional - aba materiais gratuitos: foco, sucesso, vícios emocionais, inteligência emocional - aba o que é coaching: coaching integral sistêmico; coaching pessoal; coaching profissional; mentoring; autoajuda; - aba o que é coach: coach; coachee; coaching
--	--	---	--

	<ul style="list-style-type: none"> - modelo de depressão, ansiedade e sucesso - perfeita linguagem (amor e gratidão) - comunicação verbal - estruturas linguísticas - linguagem - programação neurolinguística - tudo é sistêmico (física quântica) - palavras são profecias autorrealizáveis - padrão linguístico - neuroassociação - reforço negativo - estilo linguístico - gratidão - aspectos que impedem a pessoa de ser grata - amor - comunicação não verbal - associação da postura a depressão e uso de colete corretor para cura - vícios emocionais - moléculas de emoção (MDE's) - CIS ajuda em ser manter abstinente de drogas - emoções curativas primárias: comunicadas através de posturas corporais vitória, paz, poder, alegria/entusiasmo e amor - associação dos padrões a estímulos cerebrais - estresse não coopera na reprogramação - hierarquização das pessoas a partir da 	<ul style="list-style-type: none"> - programação neurolinguística - seis leis da autorresponsabilidade - impeditivos para autorresponsabilidade - se for confrontar alguém com a verdade, use a autorresponsabilidade e o elogio 	
--	--	--	--

	<p>qualificação de suas perguntas (super questionadores, bons questionadores, mal questionadores, não questionadores)</p> <ul style="list-style-type: none"> - fundamentos das PPS's - autocoaching - circuitos neurais - plasticidade neural - sinapses neurais - aprendizagem da pobreza e da riqueza - trauma - estímulos auditivos e visuais - programação mental - autoestima (combinação de três crenças: merecimento, capacidade, Identidade) - homofilia (relacionamento entre pessoas parecidas) - autossabotagem - crenças/traumas infantis 		
--	--	--	--